



# ERICO VERISSIMO NA UNIÃO PAN-AMERICANA

DISCURSOS  
1953-1956

Organizadores  
MARIA DA GLÓRIA BORDINI  
ANA LETICIA FAURI



# edições makunaima

## Coordenador

José Luís Jobim

## Revisão

Maria da Glória Bordini

## Diagramação

Casa Doze Projetos e Edições

Copyright © 2020 by Acervo Literário de Erico Verissimo (ALEV)

Todos os direitos reservados.

Associação Cultural Acervo Literário Erico Verissimo.

Rua Felipe de Oliveira, 1415, 90630-000, Porto Alegre, RS, Brasil

Esta edição foi realizada com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que patrocinou o projeto de pesquisa de que é um dos resultados, e que se intitula *Um diplomata a contagosto: Erico Verissimo na União Pan-Americana (1953-1956)*.



### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

V516e Verissimo, Érico, 1905-1975.  
Érico Verissimo na União Pan-Americana [recurso eletrônico] : discursos 1953-1956 / Organizadoras Maria da Glória Bordini, Ana Leticia Fauri; transcrição Gabriela Ruwe Guindani, Juliana Kiszewski Pauletto; tradução Grace Costa. – Rio de Janeiro, RJ: Makunaima, 2020.

256 p.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Digital Editions  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-87250-05-2

1. Verissimo, Érico, 1905-1975 – Discursos, ensaios e conferências. I. Bordini, Maria da Glória. II. Fauri, Ana Leticia. III. Título.

CDD 810.9

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

# ERICO VERISSIMO NA UNIÃO PAN-AMERICANA

## Discursos

### 1953-1956

Organização  
MARIA DA GLÓRIA BORDINI  
e  
ANA LETÍCIA FAURI

Transcrição  
GABRIELA RUWERGUINDANI  
e  
JULIANA KISZEWSKI PAULETTO

Tradução  
GRACE COSTA

Rio de Janeiro

2020



## **Conselho Consultivo**

Alcir Pécora (Universidade de Campinas, Brasil)  
Alckmar Luiz dos Santos (NUPILL, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)  
Amélia Sanz Cabrerizo (Universidade Complutense de Madrid, Espanha)  
Benjamin Abdala Jr. (Universidade de São Paulo, Brasil)  
Bethania Mariani (Universidade Federal Fluminense, Brasil)  
Cristián Montes (Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Chile)  
Eduardo Coutinho (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)  
Guillermo Mariaca (Universidad Mayor de San Andrés, Bolívia)  
Horst Nitschack (Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Chile)  
Ítalo Moriconi (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)  
João Cezar de Castro Rocha (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)  
Jorge Fonet (Centro de Investigaciones Literárias – Casa de las Américas, Cuba)  
Lívia Reis (Universidade Federal Fluminense, Brasil)  
Luiz Gonzaga Marchezan (Universidade Estadual Paulista, Brasil)  
Luisa Campuzano (Universidad de La Habana, Cuba)  
Luiz Fernando Valente (Brown University, EUA)  
Marcelo Villena Alvarado (Universidad Mayor de San Andrés, Bolívia)  
Márcia Abreu (Universidade de Campinas, Brasil)  
Maria da Glória Bordini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)  
Maria Elizabeth Chaves de Mello (Universidade Federal Fluminense, Brasil)  
Marisa Lajolo (Universidade de Campinas/Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil)  
Marli de Oliveira Fantini Scarpelli (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)  
Pablo Rocca (Universidad de la Republica, Uruguai)  
Regina Zilberman (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)  
Roberto Acízelo de Souza (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)  
Roberto Fernández Retamar (Casa de las Américas, Cuba)  
Salette de Almeida Cara (Universidade de São Paulo, Brasil)  
Sandra Guardini Vasconcelos (Universidade de São Paulo, Brasil)  
Silvano Peloso (Universidade de Roma La Sapienza, Itália)  
Sonia Neto Salomão (Universidade de Roma La Sapienza, Itália)

## Sumário

<b>Introdução</b>	<b>8</b>
<b>Critérios de Organização</b>	<b>25</b>
<b>Discursos de Erico Verissimo</b>	
Reflexiones sobre un enigma literario: Machado de Assis (1953)	<b>28</b>
Reflexões sobre um enigma literário: Machado de Assis (Tradução do espanhol)	<b>44</b>
Reflexions on a literary enigma: Machado de Assis (03/12/1953)	<b>61</b>
Reflexões sobre um enigma literário: Machado de Assis (Tradução do inglês)	<b>77</b>
Address to the X Inter-American Conference in Caracas: What has the OAS been doing along practical lines in the sixty-five years of its existence? (01/04/1954).	<b>93</b>
Discurso na X Conferência Interamericana de 1954 em Caracas: O que a OEA tem feito na prática nos sessenta e cinco anos de sua existência? (Tradução do inglês)	<b>105</b>
Freedom in Latin America (21/02/1955)	<b>120</b>
A liberdade na América Latina (Tradução do inglês)	<b>134</b>
X Congreso Panamericano del Niño at Panama (02/1955)	<b>148</b>
X Congresso Pan-Americano da Criança no Panamá: pronunciamento de abertura (Tradução do espanhol)	
Address Before the Meeting of the International Institute of Ibero-American Literature at Mexico City (1955)	<b>157</b>
Pronunciamento na Reunião do Instituto Internacional de Literatura Ibero-Americana na cidade do México (Tradução do espanhol)	<b>167</b>

Pan-Americanism: It works (04/04/1955)	<b>179</b>
Pan-Americanismo: Ele funciona (Tradução do inglês)	<b>189</b>
South America and the American South (04/1955)	<b>200</b>
A América do Sul e o Sul americano (Tradução do inglês)	<b>211</b>
UCLA Round Table on Latin American Studies (05/1955)	<b>223</b>
Mesa Redonda sobre Estudos Latino-Americanos na UCLA (Tradução do inglês)	<b>228</b>
Discurso na II Reunião do Conselho Cultural Interame- ricano em Lima: Erico Verissimo's speech (12/05/1956)	<b>234</b>
Palavras pronunciadas pelo Secretário Executivo Sr. Dr. Erico Verissimo (Original em português)	<b>243</b>
Speech at the US National Commission for UNESCO at Milwaukee / Dr. Verissimo's Speech (s.d.)	<b>246</b>
Discurso na Comissão Nacional dos Estados Unidos para a UNESCO em Milwaukee / Discurso do Dr. Verissimo (Tradução do inglês)	<b>251</b>



Erico Verissimo em seu gabinete na União Pan-Americana, em 1953.  
(ALEV 06a0192-1953)

## Introdução

Nos anos 1950, Erico Verissimo vivia uma situação tranquila. Com a abertura política ao fim da ditadura Vargas em 1945, não havia motivo para buscar refúgio em outro país, como fizera em 1941 e 1943, quando o regime o perseguira, vigiando-o e censurando suas atividades de escritor. As duas estadas nos Estados Unidos haviam colaborado decisivamente para seu crescimento cultural e para que as desconfianças que o cercavam, sejam da direita ou da esquerda, fossem amenizadas. Seu romance mais recente, *O Resto É Silêncio*, de 1943, lhe trouxera acusações do regime e a simpatia dos socialistas. Seus dois livros de viagem, *Gato Preto em Campo de Neve* e *A Volta do Gato Preto*, respectivamente de 1941 e 1946, haviam dividido o público. Uma parte se encantara com o engenho narrativo de Verissimo no primeiro livro, enquanto outra considerava-o um ingênuo apaixonado pelos norte-americanos. O segundo livro, porém, conquistara as duas metades, uma vez que comprovava o espírito crítico do autor, sem perder seu toque magistral de contador de histórias.

8

Erico se encontrava, pois, num ambiente mais propício a voltar ao romance, e a um romance que estava latente nos seus planos e que nunca realizara. Por fim, animava-se a colocar o Rio Grande do Sul sob sua lente de aumento e mostrar, sob forma de romance histórico, como seu estado natal chegara a 1945, no plano sociopolítico. Começou a redigir, lentamente, o primeiro volume de *O Tempo e o Vento: O Continente*. Lançado em 1949, a história da família Terra-Cambará alcançou um sucesso inédito. A crítica o julgou unanimemente uma obra-prima e os leitores passaram a ter Ana Terra e o Capitão Rodrigo como parte da família. O êxito o



encorajou a escrever o segundo volume planejado, *O Retrato*, que veio à luz em 1951. Desta vez, houve certa decepção: o elemento épico fora deixado de lado, em favor da formação de um caudilho aburguesado, o médico Rodrigo Terra-Cambará. A acolhida morna interrompeu o andamento do processo criativo da trilogia, e Erico passou por um período de hesitações, avanços e recuos em relação ao terceiro volume: *O Arquipélago*. Tanto foi assim que o volume saiu apenas em 1961 e a obra só foi concluída no ano seguinte, custando ao escritor um grave enfarte no caminho.

Acontece que, em dezembro de 1952, Erico recebeu um convite inesperado. O Ministro das Relações Exteriores do Brasil, João Neves da Fontoura, velho editado da Globo, insistiu em que assumisse o posto de Alceu Amoroso Lima (conhecido literariamente como Tristão de Athaide) na direção do Departamento de Assuntos Culturais da Organização dos Estados Americanos. E argumentava: “Quero que o Brasil tenha nos Estados Unidos alguém que possa dar em suas universidades cursos sobre nossa literatura”<sup>1</sup>. Erico não ficou entusiasmado com a ideia de regressar à América do Norte, pois há muito sonhava em conhecer a Europa. Mas ante a insistência do Ministro, consultou a família, e todos, menos Clarissa, que não queria deixar os amigos, votaram por irem.

Embarcaram em março de 1953, para um período de dois anos. Conta o escritor que, ao redor de maio, já haviam alugado uma casa na Upshur Street, de um adido de imprensa do Departamento de Estado que fora nomeado embaixador em El Salvador. Na União Pan-Americana, o então Secretário-Geral lhe deu posse, sem grande cerimônia, e apresentou-o aos seus novos colaboradores. E Erico viu-se encerrado num gabinete bege, de portas de aço verde-oliva, num edifício branco – que ele viria a chamar de Mausoléu de Mármore – na Constitution Avenue, perto da Casa Branca, ladeado pelo

---

1 VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*: memórias. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. v.1, p. 279.

Departamento da Marinha, pelo Departamento do Interior e pela Comissão de Energia Atômica. Ao toque de um botão do telefone, poderia ter a sua disposição o Dr. Ralph E. Dimmick, seu assistente, ou sua secretária Mary (cujo sobrenome holandês ele nunca decorou).<sup>2</sup> Preocupado com sua completa inexperiência, pôs-se a examinar a lista de nomes que Amoroso Lima lhe dera de seus subordinados, com anotações sobre como era cada um deles. Depois leu uma monografia explicativa sobre a OEA e a UPA, assustando-se com suas desconhecidas atribuições administrativas, que incluíam as cinco divisões e setores do Departamento: Educação, Filosofia e Letras, Música e Artes Visuais, Ciências Sociais e a Biblioteca de Colombo. Sua função era fazer com que todos cumprissem os programas do Conselho Cultural Interamericano e prestar contas à Comissão Administrativa da OEA, junto com os demais diretores dos outros Departamentos. Cercado por uma equipe altamente competente de especialistas, Erico logo aprendeu a delegar tarefas e conquistar seus funcionários. Seu desempenho no cargo foi plenamente satisfatório – tanto que não queriam que deixasse a UPA em 1956.

10

### **Erico Verissimo conferencista**

Na direção do DAC/UPA, os deveres de Erico não eram somente burocráticos, embora estes lhe tomassem o dia inteiro. Um deles era o de realizar conferências sobre o papel da OEA na união das nações americanas e cumprir o mandado de Neves da Fontoura de divulgar a literatura brasileira. Sua experiência de contato com públicos diversos, que adquirira em suas estadas anteriores nos Estados Unidos, tornou-se uma feliz tarefa – podia circular por diversas cidades, e ele sempre apreciara viajar, e sair do ambiente administrativo que o esgotava. Palestrou em diversas universidades e *colleges*, sobre o pan-americanismo, as realizações de seu

---

<sup>2</sup> Cf. VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. v.1, p. 283.

Departamento e sobre as culturas e literaturas latino-americanas. Embora tivesse a obrigação de defender a política de relações culturais interamericanas –, por vezes, inadequada às necessidades dos países-membros da OEA –, Erico se valeu desses espaços livres para manifestar suas próprias convicções e princípios sobre questões de direitos humanos, ditaduras, cultura, literatura, educação e alfabetização. Suas conferências, pronunciadas em diferentes estabelecimentos norte-americanos de ensino superior e outras instituições culturais, permitem delinear as questões que o motivavam e atestam seu empenho pela unidade e emancipação das Américas.

Sobre literatura brasileira, é exemplar a conferência que realizou primeiro em espanhol, no clube Ateneo, de Washington, e depois repetiu, com algumas modificações, na Universidade de Harvard, em 3 de dezembro de 1953 e que intitulou *Reflexões sobre Machado de Assis*. Seu estilo é de um romancista, realçando os traços humanos da trajetória de sua personagem, algumas curiosidades, os problemas de cor e saúde – mais enfatizados na versão em espanhol do que na em inglês – mas principalmente o que pensa, ao lado de alguns críticos, sobre a obra do mestre, de quem se tornara cada vez mais admirador. Compara Machado a Eça de Queiroz, de quem sempre fora aficionado, realçando suas diferenças. A assombrosa sondagem das almas que o Bruxo do Cosme Velho realiza o induz a colocá-lo ao lado de Freud, Kafka e Proust. A amargura e o ceticismo de Machado em *D. Casmurro* e *Memórias Póstumas de Braz Cubas* lhe chamam a atenção, pela inclinação do mestre ao lutuoso, assim como a limpeza do estilo de linguagem, ao modo do romance inglês, segundo a qual gostaria de modelar sua escrita.

Em 21 de fevereiro de 1955, Erico é convidado a palestrar sobre *A liberdade na América Latina* no tradicional Hollins College<sup>3</sup>. Convém lembrar que em diversos países, por exemplo no Paraguai de

<sup>3</sup> Pioneiro entre as escolas superiores para moças, transformou-se em uma prestigiada universidade da Virginia, dedicada às artes liberais.

Alfredo Stroessner (1954-1989), na Colômbia de Rojas Pinilla (1953 – 1957), na Nicarágua de Anastasio Somoza (1936-1956) e no Brasil de Getúlio Vargas (1930-1945), haviam prosperado regimes ditatoriais, muitos apoiados pelos Estados Unidos, por interesses comerciais e de combate à infiltração comunista. Erico aceitou o convite, desenvolvendo a ideia de que liberdade e democracia andam juntas e que deveriam ser defendidas, não para que as nações latino-americanas se tornassem capitalistas, mas para que houvesse mais justiça social, de modo que os mais abastados deixassem seus excessos de fortuna para que a maioria do povo contasse com o essencial.



Erico e Mafalda Verissimo no Hollins College, em 1955.  
(ALEV 06a0228-1955)

No mesmo ano, em abril, Erico se apresenta na Universidade da Geórgia<sup>4</sup>, para uma conferência sobre as duas Américas, a Latina e a do Norte, com o título de *A América do Sul e o Sul Americano*.

---

<sup>4</sup> A Universidade situa-se na cidade de Athens. Foi fundada em 1785, antes da Guerra Civil, e é a mais antiga universidade estadual, tendo inaugurado o sistema norte-americano de educação de ensino superior.

Ao dirigir-se ao público acadêmico, observa que um paralelo entre os latino-americanos e os estadunidenses normalmente causa polêmicas, em vista da diversidade dos dois povos, mas que procurará similaridades possíveis. Ele as encontra não entre os sul-americanos e os habitantes do Leste ou Oeste norte-americanos e sim no Sul, usando as características da região menos adiantada daquele país para aproximá-la das condições de vida e cultura da América do Sul. Com isso, tenta demonstrar que uma compreensão maior é viável, tendo em vista que o Sul medeia os extremos e poderia formar uma ponte para o entendimento de todos os americanos.

Ainda no ano de 1955, em 4 de abril, no University Women's Club, em Washington, D.C.,<sup>5</sup> Verissimo realizou uma conferência que, como o título sugere, *Pan-Americanismo: it works*, buscou historiar a necessidade de união entre as Américas, respondendo ao interesse de época sobre o progresso do comunismo no Hemisfério. Enfatizando o papel de Simon Bolívar na história das relações interamericanas, Erico explana como, desde o Congresso do Panamá, por ele convocado, as sucessivas tentativas de unificação das repúblicas americanas vieram a constituir a Organização dos Estados Americanos, em 1948. A partir daí, historia todas as Conferências Interamericanas até 1954 e suas resoluções, chegando à conclusão que, mais importante que o combate ao comunismo, foram as tratativas culturais sobre erradicação do analfabetismo, da miséria e das doenças, para ele as verdadeiras causas que levam às revoluções socialistas.

13

---

5 Segundo consta, o Clube se chamava Sulgrave, fundado no começo do século XX, na Wadsworth House, uma residência de inverno do novo-iorquino Herbert Wadsworth e sua esposa Martha Blow Wadsworth, na Massachusetts Avenue. Fora usado em 1918 pela Cruz Vermelha e em 1932 foi adquirido por um grupo de distinguidas senhoras, chefiado por Mabel Boardman. Era e é filiado ao tradicional University Women's Club, de Londres, fundado em 1886, com sede em 2 Audley Square, o que explica o nome empregado por Erico. In: <https://www.sulgraveclub.org/Default.aspx?p=dynamicmodule&pageid=383687&ssid=305837&vnf=1>

Em maio do mesmo ano, Erico Verissimo compareceu a uma mesa redonda na Universidade da Califórnia em Los Angeles, sobre Estudos Latino-Americanos. Ele lecionara Literatura Brasileira na sede da Universidade em Berkeley, durante sua estada de 1943-44, e era como voltasse ao lar acadêmico. O campus de Los Angeles havia se expandido largamente<sup>6</sup>. Verissimo fora convidado na qualidade de diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana e denunciou veementemente o anti-intelectualismo que então grassava sobre as democracias, em especial sobre os Estados Unidos, ameaçando escritores, artistas, cientistas, professores, com censura, expurgos, queima de livros e assassinato de caráter, no auge do Macarthismo. Sua tese é que deveria haver liberdade antes de tudo, para que as relações com a América Latina chegassem a um entendimento verdadeiro, fundado no conhecimento e não em preconceitos ideológicos.

14 Nos discursos que a nossa pesquisa conseguiu recuperar pode-se inferir o quanto a Erico interessava diminuir a distância e os conflitos entre América do Norte e do Sul, por meio do conhecimento mútuo. É assim que, ao defrontar-se com plateias acadêmicas, procura evidenciar que as diferenças não podem ser apagadas, já que são questões de identidade, mas que a informação séria, baseada nas ciências, especialmente as humanas, e nas artes, poderia fortalecer laços de compreensão e respeito, sem implicar em dominação cultural, algo que nos anos 50 abastecia as resistências de parte a parte.

Nesse período, as democracias ocidentais estavam ameaçadas, pelas assimetrias econômico-sociais entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos e devido à ascensão da Guerra Fria entre EUA e URSS. O clima se acirrava e Erico percebe a urgência da defesa da liberdade política e da liberdade de ideias. Nunca compactuara com

---

6 Está hoje no 31º. lugar entre as melhores universidades do mundo, segundo o QS World University Rankings de 2017. Entre seus egressos aparecem quatorze Prêmios Nobel.

regimes ou medidas que cerceassem o pensamento e a livre expressão ou os direitos fundamentais do Homem. E, mesmo na condição de representante da OEA nesses ambientes acadêmicos, fez valer seus princípios pessoais, mostrando, sem imposições ou retórica oficial, o que poderia ser feito para amenizar as divergências existentes e manter a paz social.

### **Erico Verissimo diplomata**

Além do circuito de palestras e conferências que realizou nos Estados Unidos durante sua estada na União Pan-americana, Erico Verissimo foi chamado muitas vezes a prestar contas de sua administração em encontros oficiais e principalmente nas Conferências Interamericanas da OEA. Nessas ocasiões, as exigências eram bem maiores. Era sua responsabilidade comandar uma equipe altamente especializada, cujas atribuições regulamentares incidiam em diversas áreas do conhecimento, que exigiam pesquisa, produção de conhecimento e resultados correspondentes aos desígnios da Organização.

Embora inexperiente nas lides diplomáticas que enlaçam as relações internacionais, campo minado por interesses e sujeito a abalos ao menor sinal de interferência indevida, Erico conseguiu se movimentar nos círculos diplomáticos de Washington e nas reuniões e conferências de cúpula da OEA de que teve de participar, sempre apoiado por seus assessores, e desempenhar suas funções sem causar atritos internacionais. Não é pouco, tendo em vista que a conduta de alguém em missão diplomática requer preparo, cautela e sensibilidade para o momento, mais ainda para um escritor de ficção que representava também o seu país.

15

Em 1954, ao representar seu Departamento na X Conferência Interamericana de Ministros do Exterior, em Caracas, ele cumpre seu papel, explanando objetivamente o que a OEA realizou em seus 65 anos de existência. Mas também encontra tempo para saudar o discurso do chanceler da Guatemala, Guillermo Toriello, que acusa

os Estados Unidos de tentarem derrubar o governo legítimo de Jacobo Arbenz (sob os olhos desdenhosos do Secretário de Estado John Foster Dulles). Na festa oferecida no Círculo Militar, não hesita em deixar a fila de cumprimentos de Pérez Jiménez, ao perceber que a homenagem era para o ditador da Venezuela. Numa das tardes, junto com o diretor da Divisão de Educação e seu assessor, pôs-se a redigir o documento *Campanha contra o analfabetismo*, de que Erico se orgulha ter sido aprovado sem emendas na Conferência.<sup>7</sup>

16 Por solicitação de Carlos Dávila, substituto de Lleras Camargo na Secretaria Geral, que não se encontrava bem, representa-o no X Congresso Pan-americano da Criança, na cidade do Panamá, em fevereiro de 1955. Abre a sessão inaugural, em espanhol, diante de membros do governo panamenho, de diplomatas, do núncio apostólico e dos delegados ao Congresso. Ataca as ditaduras em geral, a desumanidade coetânea, em especial ante a miséria dos povos latino-americanos, que só a promoção da justiça social poderia vencer, e chama à luta pela manutenção da paz mundial, ante as ameaças iminentes de uma Terceira Guerra Mundial, armada de bombas atômicas. Vale salientar o apelo que dirige aos presentes pela preservação da vida das futuras gerações, evitando que venham a ser sacrificadas em novas guerras.

---

7 VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*: memórias. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. v.1, p.295-6.





Erico na Conferência Interamericana da Criança, em 1955.  
(ALEV o6a0230-1955)

No Encontro do Instituto Internacional de Literatura Ibero-Americana, no México, ainda em 1955, Erico reconhece a importância das organizações internacionais pelo trabalho que realizam, por vezes desconhecido, que prestam à sociedade: elaborando os textos de futuros tratados e convenções, preparando projetos, publicando informativos e livros, promovendo o intercâmbio de especialistas e estudiosos, centros de pesquisa e seminários. E trata de expor as realizações de seu Departamento em prol da cultura das Américas: duas coleções dedicadas, uma à literatura e outra ao pensamento da América. Destaca, na primeira, a antologia de Torres-Rioseco e a da prosa de José Martí, entre outras; e, na segunda, a coletânea *A Filosofia Latino-americana Contemporânea* e a da *Escola de Recife*.

Em 12 de maio de 1956, Erico comparece à II Reunião do Conselho Cultural Interamericano da OEA, que congregou Ministros de Educação de 21 países-membros, para fins de avaliar o trabalho do DAC e elaborar seu novo programa de atividades, que contemplasse o fomento da educação fundamental, através de meios e métodos, o qual deveria ser desenvolvido em conjunto com a Comissão de Ação

Cultural mexicana. O Ministro da Educação do Peru, um general, presidia o encontro, e a UNESCO se fez presente através de seus observadores. Esta recém levava a cabo sua conferência regional com o tema “Ensino Gratuito e Obrigatório na América Latina”, cujos resultados seriam repassados à Conferência dos Ministros.

Em sua fala, Erico salienta a necessidade de que a Reunião articule um programa de erradicação do analfabetismo, já que na América Latina havia 45 milhões de pessoas que não sabiam ler nem escrever, e mais 15 milhões de crianças sem escolas. Informa que seu Departamento já tinha instalado 500 bibliotecas na Nicarágua e outras 500 em Costa Rica e que haviam sido despachados materiais instrucionais para outras no Equador e na Bolívia, além do Peru. E pede suporte para o programa de produção de livros para adultos recém alfabetizados, apoiado na criação de bibliotecas populares, estimulando a leitura e, com isso, a melhoria da vida de suas comunidades.

18 Ao longo de sua defesa do programa de atividades DAC/CAC, invoca suporte financeiro para os projetos da Seção de Artes e Filosofia, com o término do Dicionário de Literatura Latino-Americana e a continuidade da tradução de obras significativas dessa literatura; a promoção de seminários e reuniões sobre problemas sociológicos e antropológicos, proposta pela sua Seção de Ciências Sociais; iniciativas para o uso pacífico da energia nuclear, em que a Seção de Ciência e Tecnologia poderia cooperar; apoio à Biblioteca Colombo, especializada em assuntos americanos; fomento de filмотecas circulantes, de apresentações interamericanas de artes musicais e visuais; e por fim, o que considera de suma importância, a Carta Cultural da América, que abrangeria todas as normas aprovadas pelas Conferências desde o início até o ano em curso.

Esse vasto programa esclarece o intento de Erico em dar ao Departamento que dirigia um caráter eminentemente humanístico, orientado pela função primordial da cultura e das artes, mas

também das ciências sociais e ciências aplicadas. Ele não trai sua antiga experiência de editor, ao insistir em publicações que viriam a beneficiar a união das nações americanas, a compreensão mútua e a manutenção da paz.

Ao final do tríplice evento, ele se despede comovido, anunciando sua demissão para agosto do mesmo ano, e agradece ao Governo do Peru, aos delegados ao Congresso, a seus colaboradores do Departamento de Assuntos Culturais, pelo convívio amigo – e pelo trabalho desenvolvido na efetivação do evento. Também apresenta seus agradecimentos aos funcionários do governo peruano, que os auxiliaram, e a todos que se envolveram no Congresso, de tradutores e taquígrafos a arquivistas. Para ele, aquela era a melhor oportunidade para “dizer aos representantes dos Estados Membrados da Organização dos Estados Americanos que, dificilmente, se encontrará organismo nacional e internacional composto de gente mais competente, leal e dedicada que a União Pan-Americana”. E encerra seu pronunciamento com a proposição, que reconhece como da imaginação de um escritor, “Que os povos da América se encontrem, se visitem, se compreendam e se ajudem mutuamente e, como resultado de tudo isso, se estimem e se amem”.

19

Os mesmos termos de seu pronunciamento no Peru são mais tarde repetidos, em inglês, numa espécie de prestação de contas ante a U.S National Commission for UNESCO, reunida em Milwaukee.<sup>8</sup> Ao documento-base de Lima, Erico acresce informações sobre a participação da sua Seção de Música na constituição do Conselho Internacional de Música, patrocinado pela UNESCO, e sobre a contribuição da sua Divisão de Sociologia ao Boletim Internacional de Ciências Sociais da UNESCO para a América Latina. Ele se empenha em defender o seu Departamento quanto à colaboração com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência

<sup>8</sup> Não foi possível datar esse evento da UNESCO, que não consta em sua página.

e a Cultura <sup>9</sup>, pois a UNESCO era responsável pelos objetivos da ONU de contribuir para a paz e segurança mundiais, desenvolvendo áreas como educação, ciências e tecnologia, ciências humanas, artes e comunicação/informação.

### **Um diplomata à contragosto**

Os discursos aqui apresentados tornam claro o ponto de vista de um romancista que, ao enfrentar plateias tanto acadêmicas quanto oficiais, nunca se desviou de seu empenho, desde jovem, na radicação de regimes democráticos. Mesmo sem familiaridade com as exigências da diplomacia, tentou, de acordo com seus princípios, pacificar as interações entre Estados Unidos e países da Centro e Sul-América, através da defesa da cultura. Deu especial atenção às literaturas e artes de parte a parte, considerou primordiais as questões educacionais, científicas e tecnológicas, no sentido de emancipar os povos latino-americanos, mas também não fugiu aos aspectos de espoliação econômica e conflito ideológico evidentes em suas visitas, numa fase da política externa norte-americana que, no <sup>20</sup> governo Eisenhower, após a vitória dos aliados na Segunda Grande Guerra, dedicou-se ao combate do comunismo na Guerra Fria e buscou conquistar alianças mais estreitas do que as realizadas no governo de Franklin Delano Roosevelt nas demais Américas.

Seus discursos revelam a posição política progressista de um escritor proveniente do sul do Brasil, próximo de países como a Argentina e o Uruguai, que conhecia o espanhol e era fluente em inglês, permitindo-lhe adotar um lugar de fala com a autoridade de quem vivia a condição latina. O fato de ter circulado pelas três Américas levou-o a perceber melhor os efeitos díspares, tanto internos quanto externos, das relações de poder na época. Preocupado, ao mesmo tempo, em obedecer às atribuições que seu cargo na OEA

---

<sup>9</sup> A sede atual da UNESCO se situa em Paris. A Comissão Nacional dos Estados Unidos se divide por diversas cidades norte-americanas.

determinava e em empreender, na medida de suas limitações e possibilidades, intervenções que sustentassem a paz e o bem-estar entre as Américas, como gostaria que fossem, ele se utilizou principalmente de comparações entre identidades culturais para dirimir preconceitos e relatou o trabalho de seu Departamento fielmente, sem trair a Organização de que fazia parte e os colaboradores que o assessoravam. Imprimiu um sinete muito seu às atividades que estavam ao seu alcance propor e realizar, como assinalam iniciativas ligadas à leitura, à erradicação do analfabetismo, a publicação de coleções temáticas sobre o mundo latino-americano, a valorização da Biblioteca Colombo, como seria de esperar de um escritor e de um ex-editor. Pugnou pela formação de professores e pelo intercâmbio de especialistas e estudantes, tanto para melhorar as situações de comunidades muito destituídas quanto para incentivar o encontro com o Outro temido ou ignorado.

Não renunciou a sua escrita criativa. Embora não encontrasse tempo ou disposição para terminar o último volume de *O Tempo e o Vento*, não desperdiçou a experiência adquirida nessas lides administrativas e diplomáticas para alimentar sua produção literária. Seu encantamento com o México, que visitou com a família, mas também as vezes em que teve de se deslocar para resolver problemas com o Comitê de Ação Cultural, desaguaram em México, narrativa de viagem pouco lida hoje em dia, embora valorizada no exterior, traduzida na Itália e premiada pelos mexicanos. Ter vivido pessoalmente as problemáticas relações interamericanas permitiu-lhe, por um lado, retratá-las mais tarde em *O Senhor Embaixador*, em que as tediosas festas nas embaixadas e a subserviência latino-americana aos Estados Unidos aparecem sob forma de uma paródia cruel na figura do Embaixador Gabriel Alvarado e do governo ditatorial de Sacramento. Por outro lado, suas obrigações de representante da OEA levaram-no a observar algumas ditaduras latino-americanas, vivência que já trazia dos tempos de Getúlio Vargas, e a traçar a história de como próceres

corruptos e violentos encaminham suas comunidades a regimes de exceção, como acontece em *Incidente em Antares*.

A noção de tradução cultural, de Homi H. Bhabha,<sup>10</sup> de que a mensagem que refere um objeto aos sujeitos emissores e receptores se abre em possibilidades de sentido que não são intencionais, que derivam de construções culturais e históricas e que se imiscuem no processo de comunicação, tornando-o multissignificativo e capaz de atuação política, possibilita entender como Erico evitou os processos discursivos de dominação herdados dos imperialismos. Abordando, em seus discursos e conferências, questões delicadas como as de identidade étnica, racial, de gênero ou nacionalidade, e interesses econômicos, numa situação de caráter diplomático, em que a discrição e cautela se faziam indispensáveis, traduziu-os conforme sua própria pauta de valores. Deve-se lembrar que ele preferia a franqueza aos rodeios de linguagem e que, nesse sentido, sua expertise de escritor facilitava seus pronunciamentos: contava histórias, transmitia fatos do passado com leveza, sem omitir os aspectos de dominação implicados tanto na colonização da América

22 Ibérica quanto nas próprias políticas da OEA.

Acima de tudo, os discursos de Erico delineiam a problemática internacional entre Estados Unidos e a América Latina, marcada pela Guerra Fria e pela conquista de territórios culturais entre povos colonizados já emancipados, mas ainda tutelados pelas duas superpotências mundiais, Estados Unidos e União Soviética, na “era dos extremos”, na expressão de Eric Hobsbawm<sup>11</sup>. Erico Verissimo foi alterando seus pontos de vista benévolos sobre as relações Estados Unidos-América Latina, expressas na narrativa

---

10 Cf. BHABHA, Homi K. Culture's in between. In: BENNETT, David (Ed.) *Multicultural states: rethinking difference and identity*. London: Routledge, 1998.

11 Cf. HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

de viagem *Gato Preto em Campo de Neve*, tornando-se um crítico sutil não só das mesmas, mas inclusive da própria instituição de que fazia parte, a União Pan-Americana, como insinuam esses discursos. Tanto é assim que chega a recomendar um socialismo suave, como solução para os países subdesenvolvidos.

Erico Verissimo, em seus pronunciamentos, não só representou a territorialidade das Américas, com seu passado de conflitos, suas identidades e os diversos acordos promovidos pela OEA, buscando sua união, mas também se auto-representou tanto como falante e como conferencista<sup>12</sup>. Nota-se em suas falas um primeiro estado de desconfiança em sua capacidade administrativa, superada pelo bom entendimento que manteve com seus colegas da UPA/OAS, fossem eles seus subordinados e superiores. Sua timidez inicial foi gradativamente vencida pelo sucesso que obteve em suas conferências pelas universidades norte-americanas e, igualmente pelo seu êxito nas conferências oficiais da OEA. Soube mostrar autoridade, sem cair no autoritarismo, e proficiência nos encargos diplomáticos.

---

12 Cf. LEFEBVRE, Henri. *The production of space*. Trad. D. Nicholson-Smith. Oxford: Basil Blackwell, 1991.



Erico com José Moura, diretor-geral da OEA, em 1956  
(ALEV 06a0250-1956)

24

A reunião desses discursos possibilita a revisão das relações de Verissimo com as três Américas, em geral pouco conhecidas e mal interpretadas, e fornece dados inéditos à história cultural brasileira no que diz respeito à intervenção de um escritor nacional em culturas estrangeiras. Altera o que se sabia sobre a atuação de Verissimo na política cultural da União Pan-Americana em diversos países centro e sul-americanos, e abre a pesquisadores e interessados novos incentivos para a descoberta de outros aspectos e temas correlatos ainda lacunares em sua biografia e na da Organização dos Estados Americanos.

**Maria da Glória Bordini**  
UFRGS/CNPq



## Critérios de organização

Os discursos de Erico Verissimo proferidos no contexto da União Pan-Americana, durante os anos de 1953 a 1956, quando dirigiu o Departamento de Assuntos Culturais Pan-americanos desse Secretariado da Organização dos Estados Americanos, são aqui trazidos ao público de língua portuguesa pela primeira vez.

Estes documentos foram coligidos pela Profa. Dra. Ana Letícia Fauri, hoje na University of Notre Dame (South Bend, IN), quando era estudante de pós-graduação realizando uma bolsa-sanduíche na Brown University. A primeira coleção foi utilizada fragmentariamente em sua tese de doutoramento, *O pensamento político de Erico Verissimo: questões de identidade e ideologia*, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Defendida a tese, a Dra. Fauri doou ao Acervo Literário de Erico Verissimo, então sediado na PUCRS, as cópias que havia obtido na Columbus Memorial Library, da OEA, em Washington, DC.

25

O Acervo sofreu algumas vicissitudes desde então, com duas mudanças de sede. Hoje integra as coleções do Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro. Os originais foram várias vezes transferidos, mas sua integridade se manteve. Algumas páginas já não haviam sido localizadas de início, mas a Dra. Fauri, que decidira cursar novo doutorado na Brown University (Providence, RI), durante sua estada, tentou diversas vezes recuperar as faltantes.

Quando se decidiu que os discursos eram de importância não só como documentos de uma fase ignorada da atividade profissional de Erico Verissimo, merecendo uma divulgação mais ampla, algumas providências foram tomadas. Em primeiro lugar, as cópias originais foram digitalizadas, para sua preservação. Em segundo lugar, era imperativo que os originais, vários deles com passagens pouco

legíveis ou semiapagadas, fossem transcritos, no rigor da letra. Com o concurso de bolsistas do CNPq, de Iniciação Científica e de Apoio Técnico, vinculadas ao projeto *Um diplomata a contragosto: Erico Verissimo na União Pan-Americana, 1953-1956*, a saber, Gabriela Ruwer Guindani e Juliana Kiszewski Pauletto, essa transcrição se deu em 2018-2019, sendo cada texto cotejado palavra por palavra com os originais, que se apresentavam em inglês, ou em espanhol e mesmo em português.

A distribuição dos textos foi ordenada por ordem cronológica, para que fosse possível acompanhar a evolução de ideias e valores de Verissimo. Como a tradução se fizesse conveniente, de maneira a alcançar todos os leitores interessados, sem discriminações, decidiu-se que cada discurso seria seguido de sua versão em português.

Assim, numa terceira etapa, em 2019-2020, as transcrições em inglês e espanhol foram traduzidas pela doutoranda Grace Costa e devidamente revistas por nós. O critério fundamental foi manter o tom, ora oficial, ora coloquial dos discursos, em língua portuguesa, obedecendo-se o Acordo Ortográfico mais recente. Essa foi uma etapa com várias dificuldades, visto que determinadas menções a particularidades da OEA e às Conferências e Reuniões de Cúpula não podiam ser comparadas com os registros históricos da Organização, os quais são muito gerais.

Um obstáculo se fez intransponível: as páginas faltantes, que diversas outras tentativas com contatos norte-americanos buscaram recuperar e que continuavam ausentes. Para suprir as lacunas, sem qualquer ambição de interferir no trabalho de Verissimo, mas a bem de dar continuidade e maior legibilidade aos textos, optamos por preenchê-las com passagens semelhantes encontradas em outros discursos, devidamente assinaladas em grifo.

Além disso, nas versões para o português, com o auxílio das mesmas bolsistas, esclarecemos nomes de autores, obras ou menções a fatos pouco conhecidos em notas de rodapé, cujas informações na

sua grande maioria foram extraídas e adaptadas de fontes reconhecidas. Fontes de outra natureza estão consignadas nas notas.

Com o concurso da Editora Makunaima e da Casa Doze Projetos e Edições, entregamos, pois, aos leitores de Erico Verissimo, aos historiadores brasileiros e norte-americanos, bem como aos estudantes de Diplomacia e Relações Exteriores, essa compilação online das falas de Erico Verissimo. Elas expressam sua reconhecida coerência de pontos de vista e princípios, bem como testemunham em que medida um romancista sem experiência política colaborou para os esforços da Organização dos Estados Americanos na manutenção da paz social e do entendimento intercultural das Américas.

**Maria da Glória Bordini**  
**Ana Letícia Fauri**

## Reflexiones sobre un enigma literario: Machado de Assis<sup>1</sup>

En un cierto día del año de 1912 un niño brasileño que mal empezaba a aprender a leer y escribir, quitó de la biblioteca de su padre un volumen, lo abrió, lo hojeó, leyó algunas líneas y, al cabo de graves reflexiones, escribió a lápiz en el margen de una de las páginas: “Este libro no vale nada. No tiene grabados.” Y firmó valerosamente su nombre. El niño era yo; el libro, *Dom Casmurro*; el autor, Machado de Assis.

28 En aquel tiempo vivía yo en viajes maravillosos por tierras exploradas e inexploradas a través de las novelas de Julio Verne. Bajé al centro de la tierra, crucé el Africa en un globo, di con Phileas Fogg una vuelta al mundo en ochenta días, y compartí las aventuras del capitán Nemo en veinte mil leguas de viaje submarino. Más tarde mi adolescencia me llevó hacia otros libros y otros autores. En las novelas realistas de Zola y Eça de Queiroz he obtenido mi certificado de hombría. Cuando yo tenía siete años el estante de libros de mi padre me parecía muy alto. Necesitaba subirme a una silla para alcanzar ciertos volúmenes. Ahora que había crecido, no tenía más que alzar el brazo para llegar a la última hilera de libros. Tomé otra vez una novela de Machado de Assis, la hojeé con un aire un tanto superior, posiblemente atusando mi bozo, y no sé cómo me sorprendí interesado en la historia. ¿El título del libro? *Memórias Póstumas de Braz Cubas*. ¿El autor? Aquel mismo tipo sobre cuya obra prima diez años antes yo me había manifestado de manera tan decisiva y desfavorable. Bueno. Este señor no escribe nada mal, reflexioné. Tenía, claro, ciertas peculiaridades de estilo, la manía de cortar el hilo de la historia simplemente para charlar con el lector o hacer

---

1 Conferência proferida no Ateneo, em Washington, D.C., em 03 de dezembro de 1953 [escrito no final do documento].

divagaciones que nada tenían que ver con la intriga. Sin grandes entusiasmos, leí el libro entero, y cuando mi padre me preguntó si me había gustado, le contesté encogiendo los hombros: “Más o menos...” Y volví a otros autores y a otros intereses extra-literarios.

Cinco años más tarde volví a encontrarme con Machado de Assis. Ya en ese tiempo yo empezaba a hacer mi literaturita particular, y el trato con Ibsen, Balzac, Tolstoy, Flaubert, me había dado una conciencia muy aguda de mi pequeñez intelectual y consecuente sentimiento de humildad. Por otro lado, la lectura de los humoristas ingleses me había preparado para comprender mejor a Machado de Assis. La verdad es que devoré ávidamente la obra de ese escritor brasileño, y desde entonces el autor de *Dom Casmurro* ha sido una de mis pasiones literarias más profundas, sin que eso signifique una traición de mi parte a Eça de Queiroz, un amor más antiguo.

Decir que esos dos novelistas se encuentran en polos opuestos sería no solamente un lugar común sino también una exageración. Sin embargo, la verdad es que en muchos aspectos uno es la antítesis del otro. El portugués es dionisiaco; el brasileño, apolíneo. Eça de Queiroz era un extrovertido; Machado, un introvertido. El estilo del lusitano es pulposo, sanguíneo, oleoso, rico de colores; el del brasileño es descarnado, seco, sobrio, exacto. Ambos amaban la vida, pero cada uno de ellos a su modo. Eça abrazaba y besaba la vida, tratándola con una intimidad ruidosa; Machado limitábase a saludarla de lejos, con desconfianza y sin familiaridad, mirándola siempre con un implacable ojo analítico, menos interesado en lo que ella le enseñaba que en lo que ella le escondía.

El portugués, ciudadano del mundo, tenía en Francia su patria espiritual y consideraba el francés su segunda lengua, razón por la cual nunca le pareció mal emplear galicismos en su prosa. El brasileño nunca viajó al extranjero, raramente salía de Rio de Janeiro, y los pudores que tanto le inhibían cuando trataba de cuestiones sexuales en sus libros, también regían su idioma, haciendo de él un

purista. Las novelas de Eça de Queiroz, generalmente más voluminosas que las de su colega de ultramar, están llenas de descripciones de paisajes, indumentarias e interiores. Las novelas de Machado, por lo contrario, están “desamuebladas”, son sucintas en las descripciones, el paisaje está casi siempre ausente. (Un escritor de mi país afirmó que “la casa de Machado no tiene patio”. Y una dama me confesó que cuando lee las novelas del maestro le falta aire.) La ironía del portugués es amable, burlona y sus dardos raramente penetran hondo en la carne. La ironía del brasileño es amarga y a veces cáustica, su bisturí penetra frío hasta el alma. Cuando se termina la lectura de una novela de Eça de Queiroz, uno llega a la conclusión de que con todos sus contrastes de luz y sombra, de felicidad y desgracia, la vida, al fin y al cabo, es buena y digna de ser vivida. Las novelas de Machado dejan en nosotros un resabio de hiel y nos infectan el espíritu con el microbio de la duda, contra el cual, en mi opinión, hasta hoy no se descubrió un antibiótico infalible.

30

La vida del hombre sobre el cual les estoy hablando puede ser resumida en pocas palabras. Joaquim Maria Machado de Assis nació en un suburbio de Rio de Janeiro, en el año de 1838, hijo de un pintor de brocha gorda y de una lavandera. Tuvo una infancia pobre, apagada y triste. Cuando no andaba por las calles de la ciudad vendiendo en una canasta los dulces que su madre hacía, quedábase en los rincones de su casa leyendo, pues la literatura era su pasión dominante. Obtuvo un empleo como tipógrafo en un periódico, y más tarde fue corrector de pruebas. A los veinte años publicó su primer trabajo literario. Hasta los treinta no produjo nada verdaderamente notable. De los treinta a los cuarenta escribió poemas, piezas de teatro, crónicas y algunas novelas, que hoy día son consideradas la parte menos importante de su obra. Solamente a los cuarenta dio el salto que lo levantó a la cumbre en que su nombre se encuentra. (Tengo la impresión de que con el pasar del tiempo la reputación de Machado de Assis no sólo se ha mantenido sino que ha aumentado).

Y ese muchacho nacido en un barrio miserable, y que a duras penas se abrió camino en la vida social y literaria de su país, llegando a presidente de la Academia Brasileña de Letras, murió casi a los setenta años de edad, rodeado por la admiración y la estima de sus contemporáneos, que lo consideraban la figura más alta de la literatura del Brasil, y quizás uno de los más consumados cultivadores de la lengua portuguesa en todos los tiempos.

¿Un “success story”? No. Mucho más que eso: un enigma. Pero ¿dónde está el misterio?

El escritor brasileño Graça Aranha, refiriéndose a Machado de Assis, pregunta: ¿”De dónde le viene este sentido agudo de la vida? ¿Qué legado de genio o imaginación recibió? Nadie lo sabe. ¿De dónde esa amargura y ese desencanto? ¿De dónde esa risa cansada? ¿De dónde la dulzura? ¿La voluptuosidad? ¿El pudor? ¿De dónde ese tedio de los humanos? Esas cualidades y esos defectos están en la sangre, no son adquiridos por la cultura individual.”

¿En la sangre? Demasiado vago. Los escritores en general pretenden resolver con imágenes literarias problemas de psicología y genética. (Debo confesar que yo no escapo a la regla.)

31

Pero volvamos al enigma o, mejor dicho, a la sangre. Machado de Assis tenía en sus venas sangre negra. Era un mulato, lo que constituía un estorbo serio a su carrera social y literaria. Esa, sin embargo, no fue su única cruz. Era también pobre, feo, flaco, tartamudo, y, como se no bastaran todas esas dificultades, sentía de vez en cuando “unas cosas extrañas” que, más tarde agravadas, quedaron claras: eran ataques epilépticos.

Los que estudian la psicología y la conducta social del mulato están unánimes en reconocer en ese tipo de mestizo una tendencia a la pedantería y al exhibicionismo, una sensualidad agudizada, una vanidad desmesurada, y hasta una cierta debilidad de carácter. Discreto, retraído, moderado y austero, Machado de Assis era la negación de todo eso. El ha traído una sobriedad digna a una literatura

generalmente declamatoria y ditirámica, y ha dado profundidad a una novelística bi-dimensional que hasta entonces nada más había hecho si no reflejar pálidamente primero el romanticismo y después el naturalismo europeo.

¿Pero qué mano misteriosa habrá empujado al joven Machado a la compañía de autores británicos como Sterne, Swift, Thackeray y Dickens, en un país y en un tiempo en que la mayoría de los intelectuales todavía leía a Chateaubriand, Víctor Hugo, Fenimore Cooper, y apenas poquísimos ensayaban la lectura de Flaubert y Zola? Está claro que la pureza del estilo del maestro se debe al estudio de los clásicos portugueses, especialmente de Garrett; pero parece haber sido inglesa la semilla que hizo brotar en el espíritu del antiguo tipógrafo la rara y extraña flor del humorismo. Porque el humor no es tan sólo una reacción o una actitud filosófica frente a la vida; puede ser también, como en el caso de Machado, una emanación de la propia forma literaria, y a veces incluso de la disposición tipográfica de los períodos y capítulos.

32 Hay algo que me seduce y al mismo tiempo me asusta en ese prodigioso buzo de almas. Es su casi mágica intuición, que en cierta manera – una manera literaria, medio vaga y siempre moderada, como convenía a su temperamento – ha hecho de él un precursor de Freud, Proust y Kafka. En una época en que los personajes de novela aparecían psicológicamente como hechos de una sola pieza, siempre consecuentes consigo mismos, Machado escribía: “No faltará quien afirme que el alma de este hombre es una colcha de retazos. Puede ser. Moralmente las colchas de una pieza son tan raras! Lo principal es que los colores no se desmientan unos a otros, cuando no puedan obedecer a la simetría y a la regularidad. Era el caso de nuestro hombre. Tenía un aspecto de mezcla a primera vista; pero cuando uno miraba bien, por más opuestos que fuesen los matices, podía verse la unidad moral de la persona.” Analizando la sinceridad de una de sus heroínas, cuyas acciones parecen al lector contradictorias,



al autor concluye que ella ha sido sincera “cuando se casó, cuando traicionó al marido y cuando lloró su muerte.” En otro libro afirma que “el hombre es una errata pensante. Cada estación de la vida es una edición que corrige a la anterior, y que será corregida también hasta la edición definitiva, que el editor dá gratuitamente a los gusanos”. Hay personas – aun el escéptico afirma – que son “buenas por apatía”, puesto que “la pereza amamanta mucha virtud.” “¿Y que es el vicio? El vicio, contesta el novelista a través de un de sus personajes, es el “estiércol de la virtud.”

Cuéntase que Machado de Assis asistió indiferente a la liberación de los esclavos y a la proclamación de la República. Tal actitud, especialmente en esta nuestra época de literatura políticamente “interesada” es considerada por algunos críticos y lectores como un feo pecado. Sí, como muy bien ha observado el agudo ensayista brasileño Augusto Meyer, Machado de Assis “era el gran ausente”. Braz Cubas, personaje que parece reflejar el pensamiento del autor, habla de la “afirmación desdeñosa de nuestra libertad espiritual”, y en sus memorias póstumas escribe: “Es voluptuoso y exquisito el aislarse el hombre en medio de un mar de acciones y palabras, de nervios y pasiones, decretarse ajeno, inaccesible, ausente.” Me imagino que Machado debía pensar como aquel personaje del *Espíritu Subterráneo* de Dostoievsky, que declaró “una inercia conciente” como la mejor cosa del mundo.

33

¡Bien! Tal vez podamos llamar a Machado de Assis el “hombre del subterráneo”. En cartas a amigos íntimos él mismo muchas veces se llamó de “caramujo”. ¿Y no será natural que un hombre que se sabe feo, que tartamudea, y que de vez en cuando tiene ataques epilépticos, trate de esconderse por lo menos psicológicamente en un subterráneo?

Eça de Queiroz parecía eludirse con las apariencias del mundo. Un paisaje, un pedazo de cielo azul, una curva de río, un árbol o una rosa, lo hacían feliz. Deleitábase en la descripción de comidas y bebi-

das, y el lector tiene la impresión de *ver* los ojos del autor brillar de malicia, alegría y deseo cada vez que describe una mujer bonita. Eça tenía el placer de vivir. Con Machado la cosa era distinta. El paisaje lo dejaba frío, las personas lo aburrían. Parecía faltarle ese don de simpatía humana que hace un novelista como Balzac identificarse con una estupidísima *concierge* o con un avaro. Machado mantenía entre su persona y sus personajes una cautelosa distancia, que en lo hondo no dejaba de ser también una forma de ausencia. Es como si, al contrario de Eça de Queiroz, él describiera la vida de fuera para dentro – afirmación esta aparentemente paradójica, puesto que pocos autores conseguirán penetrar tan profundamente en sus personajes como Machado de Assis.

34 Su vida intelectual es un permanente soliloquio. ¿Qué otra cosa podría hacer el hombre del subsuelo, si no hablar consigo mismo y con sus fantasmas? Como una especie de dios cruel, parece crear a sus personajes solamente para después disecarlos sin piedad, como el siniestro héroe de uno de sus cuentos, que torturaba animales y personas por el simple placer de verlos sufrir. Pero afirmar que Machado de Assis era un sádico sería una solución demasiado fácil y barata además de insultante.

La verdad es que ese novelista escéptico, que nunca se contentaba con un vislumbre de las conciencias ajenas, sino que quería ver todo cuanto encerraban, ese cazador de almas, jamás se entregaba al lector, a pesar de tratarlo siempre con cortesía. Lo que tenemos de su alma son fragmentos capturados aquí y allí en su obra, en las palabras, ademanes o reflexiones de sus personajes. Y si descubrimos contradicciones es porque, como ha dicho Mme. Rémusat “uno no es nunca únicamente aquello que es sobretodo.”

El tono predominante en ese escritor y en sus personajes casi autobiográficos es la ironía o el tedio. Uno de sus héroes habla de la “voluptuosidad del aburrimiento”. En otra página de su obra el maestro sugiere que reír es una manera de llorar o gritar. Como

observó Augusto Meyer, “el humorismo transcendente desconoce las limitaciones del mundo ético, está mucho más allá del mal y del bien, pues rompió las amarras que lo prendían a la solidaridad humana.”

La obra de Machado me parece una tentativa para revelar lo avieso de las cosas, de las caras y de las almas. El autor declaró guerra a muerte a la ilusión. Todo – parece insinuar él – no pasa de apariencia. Nada es sagrado. Y de nada sirve gritar o llorar. Estamos condenados. Lo mejor es reír. La ventaja que nosotros los humanos tenemos sobre los animales es la capacidad de reír.

Y él rió. Rió su risa amarilla, sardónica y ajenada. No es de admirar que en uno de sus libros más discutidos y personales – *Memórias Póstumas de Braz Cubas* – el maestro ponga al imaginario autor escribiendo sus memorias en el otro mundo. ¿No era acaso esa la posición que él más deseaba: la del observador que se encuentra fuera del tiempo, mas allá del bien, del mal y de las vanidades humanas, distante, superior, olvidado de sus defectos físicos, del color de su epidermis, de su tartamudeo, de todo? (Machado encontró una compensación para su tartamudeo en un estilo fluente, puro y claro.) Dice el difunto-autor que escribe aquel libro para distraerse de la eternidad. Machado escribía para distraerse del tiempo. Era en el tiempo que estaban sus dolores y angustias. La eternidad era el olvido, un bostezo inmenso, la nada.

Recurro otra vez a mi amigo Meyer para citar lo que escribió respecto a la feroz “autofagia psicológica” de Machado de Assis. Era él como esos analistas que “se deshumanizaran lentamente, devorados por la lepra de las ideas, suicidas monstruosos que cultivan la angustia sistemática y que, acostados sobre un lecho de clavos, abren el propio vientre con la misma avidez de los niños que despachurran sus muñecos.” Es que el viejo Machado, al contrario de Eça de Queiroz, sólo sabía mirar la vida “sub specie mortis.”

Pero el enigma continúa. Tenemos muchas piecitas del *jig-saw puzzle*. Tratamos de combinarlas para formar un dibujo

significativo... Inútil. Lo que conseguimos es muy poco.

¿Cómo se explica que ese misántropo, que ese “verdugo de si mismo”, fuese en la vida un hombre de conducta tan ejemplar, funcionario público puntual y escrupuloso, marido fiel y amoroso, amigo tierno y dedicado? ¿Cómo se explica que ese realista sin ilusiones creyese en la Academia Brasileña de Letras con toda su pompa, formalismo y ritual? Más aún, ¿cómo se explica que, habiendo sido tan feliz en el casamiento, habiendo encontrado una compañera tan dulce, virtuosa y delicada como su Carolina, haya el pintado en sus novelas una galería de mujeres falsas, hipócritas y adúlteras, como esa perturbadora Capitu, la “gitana de ojos oblicuos y disimulados”?

Pasemos a otro capítulo. Hagamos un resumen del único libro que hasta hoy ha tratado de estudiar el “caso Machado de Assis” bajo el punto de vista médico. Me refiero a la obra del Dr. Peregrino Junior, *Enfermedad y Constitución de Machado de Assis*. No creo que en ese ensayo se encuentre la clave del enigma, pero lo encuentro fascinante por lo que arroja de luz nueva sobre ese territorio misterioso que es la obra de Machado de Assis.

36

¿Quieren oír, en términos generales, lo que dice Peregrino Junior? Bueno.

Si aceptamos la teoría unitaria y correlacional de la psicología, debe existir una relación entre la constitución de un autor y su obra. Tenía Machado frecuentes ataques de epilepsia, y como Flaubert, que sufría del mismo mal, evitaba mencionar la palabra maldita. Una única vez la empleó en un libro en el cual describió un personaje “rolar por el suelo, epiléptica...” En las ediciones subsecuentes la palabra *epiléptica* fue substituida por *convulsa*.

Era Machado de Assis un esquizoide, un introvertido. Al contrario de los ciclotímicos, que son simples, adaptables y superficiales, los esquizoides son difíciles, rebeldes y profundos, sujetos a variaciones y sorpresas. Don Quijote era un esquizotímico; Sancho Panza un ciclotímico. Ciclotímicos también parecen haber sido

Santo Tomás de Aquino, Kant, Spinoza, Goethe y Byron. Y anotados como ejemplos ilustres de tipos esquizotímicos están Dante, Pascal, Nietzsche y Shelley.

Estudiando a los escritores y artistas, Kretschmer llegó a la conclusión de que el expresionismo es una forma de arte puramente esquizotímica.

Hago aquí un paréntesis para hablar de unas pinturas hechas por locos y que me fueron enseñadas por un psiquiatra. Noté que ciertos esquizoides tienen una tendencia muy pronunciada para la extrema estilización. Son cubistas. Otros tienden a la exageración de colores, una distorsión de los rasgos de las personas y de las cosas. Son caricaturistas. (Un crítico un día me clasificó a mí de esquizoide. Le contesté: “Usted se engaña, amigo. Puedo ser loco, si, pero de otra categoría.”) Entre los cuadros producidos por los pacientes de mi amigo el psiquiatra, los más interesantes eran los de los artistas que, rehusándose a aceptar la realidad, la transformaban por completo.

Pero volvamos a Machado de Assis. Según Mme. Minkowska, los epilépticos son – tímidos, metódicos, afectivos, fieles a sus amistades, dubitativos, escrupulosos, corteses, obsequiosos, preocupados con lo accesorio, apegados a hábitos, lugares y cosas; son también dominados por un instinto de muerte, y revelan una tendencia reiterativa, eso es, retorno obstinado a determinados temas e ideas; más aún: su espíritu está impregnado de imágenes e representaciones, como en los sueños.

Descubre Peregrino Junior en la vida y en la obra del viejo Machado frases, escenas, intenciones y actitudes reveladoras de todas las tendencias enumeradas por Mme. Minkowska, que confieso no ser persona de mis relaciones.

Machado era afectivo, dedicado a los amigos, por los cuales mantenía una fidelidad inalterable. Era cortés y obsequioso hasta el punto de hacerse ceremonioso. Tenía gran apego a su tierra; raramente o nunca dejaba Rio de Janeiro; era hombre de hábitos

arraigados, caminaba siempre por las mismas calles, iba en ciertos días y horas a los mismos lugares: la librería Garnier, la redacción de la *Marmota*, la Academia...

Era también conservador en el dominio de las ideas. En opinión de Graça Aranha: Machado era el más libre de los escritores y el más conservador de los hombres. Admiraba Inglaterra por su “ordenación social y solidez mayestática.” Recomendaba el orden en la vida pública y nunca se hizo paladín de ningún movimiento revolucionario, pues ¿no es acaso la revolución un rompimiento del orden, de la paz, de los hábitos?

A pesar de su calma apariencia, de sus modales de hombre bien educado, Machado era impulsivo. Cuéntase que habiendo sido presentado un día a una actriz famosa, ésta al oírlo hablar con fluencia, le dijo: “Pero, Sr. Machado, me habían contado que usted era muy tartamudo pero ahora veo que no es tanto como dicen.” Y el escritor, irritado, le replicó: “Calumnias, señora, calumnias. A mí me habían dicho que usted era muy estúpida, pero ahora veo que no le es tanto como dicen.”

38

Peregrino Junior estudia el carácter ambivalente de Machado de Assis, pretendiendo probar que era a un tiempo ambicioso y modesto, pues habiendo hecho en el comienzo de su vida un esfuerzo tremendo para huir del barrio miserable donde vivía, hacerse un nombre literario y ascender socialmente – una vez alcanzados sus objetivos hizo alto y pasó a detestar los honores, llegando hasta a irritarse cuando lo elogiaban en su presencia.

Esa observación no me parece buena. No creo que en ese caso haya una antinomia. Cualquier espíritu medianamente cultivado, o, mejor dicho, cualquier persona normal capaz de distinguir entre la miseria y el confort, las ventajas físicas y espirituales que ofrece el plano humano sobre el plano animal – cualquier persona en tales condiciones, repito, haría lo que Machado hizo: lucharía en pro de una vida mejor y más bella. El hecho de haberse quedado volunta-

riamente en un determinado escalón social significa que, hombre equilibrado, consideraba su objetivo cumplido y pasaba a dedicarse a cosas más importantes, como por ejemplo su mujer y su obra. Y no creo que jamás, ni siquiera por amor de su imagen literaria, Machado haya manifestado su arrepentimiento de haber huído del mundo sombrío de su niñez.

Pero reconozco que hay pasajes en la obra del maestro en las cuales, a través de su estilo o del pensamiento y acción de sus personajes, él ha revelado una tendencia ambivalente. Su propia forma literaria es a veces un modelo de ambivalencia, pues ora afirma ora niega, aquí avanza para más adelante retroceder. No solamente el estilo, sino también las ideas. (Nosotros los escritores legos damos a lo que los psicólogos llaman *ambivalencia* el viejo nombre de *duda*.) Los personajes de Machado son también ambivalentes. Uno de ellos, Jacobina, cree que “cada ser humano trae consigo dos almas: una que mira de dentro para fuera y otra que mira de fuera para dentro.”

En las *Memórias Póstumas de Braz Cubas* hay una escena que vale la pena reproducir aquí no solamente por lo que revela como caso típico de ambivalencia sino también como un ejemplo del tipo de raciocinio cínico del autor. Es el caso que un arriero salva la vida del narrador, y este cuenta: “Decidí darle tres monedas de oro de las cinco que tenía conmigo; no porque fuese el precio de mi vida, pues esa era inestimable, sino porque era una recompensa digna de la dedicación con que él me había salvado. Está resuelto; le doy tres monedas.” Sigue un diálogo rápido entre el arriero y el autor, y por fin este se acerca a las alforjas, donde estaban las monedas, y piensa si tres monedas no será una gratificación excesiva. Quizás bastasen dos. Incluso una... Examinó el traje del arriero. Era un pobre diablo que quizá no había visto jamás una moneda de oro. Por lo tanto iba darle solamente una moneda... Rió, dudó, y acabó poniendo en la mano del hombre una monedita de plata. Montó en su jumento y siguió al trote largo, un poco vejado o, más bien dicho, un poco incierto sobre el efecto de

la platita. Y el narrador finaliza la escena: “pero a algunas brazas de distancia volví la cabeza para atrás y oí que el arriero me hacía grandes reverencias, con evidentes muestras de contento. Comprendí que debía ser así; yo le pagué bien; le pagué quizá demasiado. Metí los dedos en el bolsillo del chaleco y palpé unas moneditas de cobre: eran los centavos que yo debía haber dado al arriero en lugar de la moneda de plata. Quedéme desconsolado con esa reflexión, me llamé pródigo, lancé la moneda de plata a la cuenta de mis disipaciones antiguas; y tuve (¿por qué no decirlo todo?) tuve remordimientos.”

Describiéndose a sí mismo, Braz Cubas se llama “ambicioso y retraído, vanidoso y displicente, apasionado e indiferente.” Y afirma que él mismo fue “un tablado en que se representaron piezas de todo género, el drama sacro, el austero, el sentimental, la comedia loca, la desgredada farsa, los autos y las bufonadas”.

Refiriéndose a un personaje femenino dice que ella tenía “un pedazo de pampa y otro de pampero”. Era una mujer divorciada, cuyo marido estaba combatiendo en el sur del país. Insinuó ella al hombre que la amaba que fuese al teatro de operaciones, matase al competidor y volviese para desposarla. El obedeció, mató al marido y volvió con la cabellera que cortó al cadáver. Paso a transcribir las palabras del autor: “cuando le enseñe los cabellos del marido, arrojóse a ellos, los recibió, los besó, llorando, llorando, llorando...” Y después dijo al pretendiente: “Usted comprende que no puedo aceptar la mano del hombre que, aunque legalmente, mató a mi marido.”

Otra característica del epileptoide que se encuentra en la obra de Machado es su tendencia a explicar. En las *Memórias Póstumas* el lector a veces se cansa y hasta se irrita ante los constantes apartes y digresiones del autor, que parece estar más preocupado con explicar cosas al lector que en contarle una historia. Hay capítulos enteros que son puros paréntesis.

El Dr. Peregrino Junior estudia también la reiteración de los temas y imágenes sensuales en la obra de Machado. Este es



un punto que, con el debido respecto al Dr. Kinsey, me gustaría discutir más profundamente o, por lo menos, más largamente. Por desgracia me falta tiempo para eso (la hora ya va avanzada), tiempo y competencia, principalmente competencia. El ensayista muestra la frecuencia con que el maestro habla de los ojos, de los cabellos y de los brazos de sus mujeres, principalmente de los brazos. Para nosotros que vivimos en el siglo de Marilyn Monroe, nada hay más inocente en un autor que mencionar esas partes tan respetables del cuerpo de sus personajes femeninos. Estoy convencido de que si había sensualidad en el viejo Machado, ésa era una sensualidad tímida y reservada. No hay en toda su vasta obra una página siquiera verdaderamente erótica donde palpite el deseo carnal. Braz Cubas un día exclamó: “¡Gran lascivo, espera la voluptuosidad de la nada!” Eso parece confirmar mi sospecha de que la sensualidad del autor pertenecía más al dominio del espíritu que al del cuerpo. El ejercicio del análisis psicológico y el puro juego de las ideas quizás llegasen a producirle una especie de orgasmo.

Machado tenía también gusto de las imágenes zoomórficas, lo que es una tendencia común a los borrachos inveterados. Eso parece indicar – escribe Peregrino Junior – la existencia, entre los antepasados de Machado, de personas dadas al alcoholismo. (¡Esos doctores!) Con bastante frecuencia surgen en la obra del maestro imágenes zoológicas. Ahora compara el espíritu con un pájaro; poco después habla de una mariposita de alas de oro y ojos de diamante que volaba en su cerebro. “¿Qué dirían de nosotros los gavilanes” – pregunta en otra página – “si Buffon hubiera nacido gavilán?”

41

Creo que esa relación entre zoomorfia y alcoholismo es pura fantasía. A todos los niños sin distinción les gustan las imágenes zoológicas y las historias de bichos. ¿Podremos afirmar, sólo por eso, que todos los niños tienen ascendientes borrachos?

Machado preocupábase mucho con el tiempo. Su concepto de tiempo era bergsonian, aunque el novelista brasileño es anterior

al filósofo francés. Machado aceptaba la irreversibilidad del tiempo y creía que el tiempo tenía el poder de modificar las sensaciones. Una carta de amor que ayer nos parecía sublime, hoy nos parece ridícula. “El pasado es todavía la mejor parte del presente” – escribió a un amigo. Y en uno de sus libros hace esta reflexión: “Matamos el tiempo; el tiempo nos entierra.” Tenía, como Proust, la nostalgia del tiempo perdido.

Uno de los capítulos más interesantes de la obra de Peregrino Junior es aquel en que estudia el “instinto de muerte” en Machado de Assis.

42 Schilder habla de la “ausencia” epiléptica, en el predominio de las representaciones de destrucción y renacimiento, las cuales se caracterizan por dos fases distintas: una de destrucción, otra de renovación. Ambas surgen a veces bajo la forma de “fantasías cósmicas”. (La famosa página antológica de Machado que describe el delirio de Braz Cubas es un ejemplo de fantasía cósmica.) El epiléptico se aproxima un poco al esquizofrénico en la fuga del mundo externo, en la intensa repercusión de los acontecimientos internos y también en una tendencia al narcisismo. Para el epiléptico, la muerte es anterior a la vida. Hay algo que impele lo que es vivo hacia la muerte. Cierto, en la obra de Machado uno nota la obsesión del autor en cuanto la idea de muerte, destrucción, aniquilamiento. Braz Cubas declara que su libro es “aburrido, huele a sepulcro y trae una cierta contracción cadavérica”.

Sin embargo, tengo la impresión de que el viejo Machado venció el temor de la muerte, no con el auxilio de la fe en Dios y la esperanza en la vida eterna, como suele acontecer, sino con las frías armas del humor y de la ironía. Cuando la muerte llegó, Machado la esperaba con una tranquilidad resignada y triste en su casa entonces desierta de la presencia de su amada Carolina que había muerto antes que él. Ya en su lecho de agonía, cuando un amigo le preguntó si deseaba ver un sacerdote, el escritor le contestó: “Mejor no... sería hipocresía.”

Con relación al estilo de Machado, observa Peregrino Junior que hay en él un ritmo ternario de repetición. Aquí van algunos ejemplos: “Serás siempre la misma cosa, siempre la misma cosa, siempre la misma cosa” ... “me incliné solitaria, callada, laboriosa” ... “libros viejos, libros muertos, libros enterrados” ... “Capitu reflexionaba, reflexionaba, reflexionaba” ... -- y así por el estilo.

Peregrino explica que esa tendencia quizá tenga una relación con la enfermedad que sufría el novelista. Sería el símbolo de las tres fases típicas de la crisis epiléptica: el aura, el ictus y la convulsión. Todo eso, sin embargo, me parece más literatura – y literatura de ficción – que ciencia.

Machado de Assis escribió una parábola en la cual esté tal vez la clave de uno de sus muchos secretos. Es aquella en que Asverus, el judío errante, pide a Dios que le mate, puesto que odia la vida, los hombres y está cansado de sus interminables andanzas. Pero cuando la muerte se aproxima, él alza los ojos al cielo y grita al Creador que todavía quiere vivir. Machado pone en la boca de un personaje estas palabras finales y reveladoras: “El odiaba tanto la vida porque la amaba mucho”.

43

Machado de Assis pasó su vida hablando con amargura de la vida. Pero poco antes de morir dijo a un amigo con una sonrisa triste: “La vida es buena.”

Braz Cubas termina sus memorias con estas palabras terribles: “No tuve hijos, no transmití a nadie el legado de nuestra miseria.”

Pero Joaquím Maria Machado de Assis sí dejó a su país y al mundo un legado maravilloso, que es su gran obra literaria y el ejemplo de una vida fecunda y respetable.

Pero el enigma permanece. Críticos, psicólogos, psiquiatras y legos, continuarán tratando de descifrar la esfinge. Mi esperanza es que cuando todo esté dicho y hecho sobre ese fabuloso escritor, aún quedará el misterio. Porque el día en que el misterio desapareciera del universo, no habría más arte ni más artistas.

## Reflexões sobre um enigma literário: Machado de Assis

(Tradução do espanhol)

Em um determinado dia do ano de 1912, um menino brasileiro que mal começava a aprender a ler e escrever, retirou um volume da biblioteca de seu pai, abriu-o, folheou-o, leu algumas linhas e, após sérias reflexões, escreveu a lápis na margem de uma das páginas: “Este livro não vale nada. Não tem gravuras.” E corajosamente assinou seu nome. O garoto era eu; o livro, *Dom Casmurro*; o autor, Machado de Assis.

44 Naquela época, eu vivia em viagens maravilhosas por terras exploradas e inexploradas, através dos romances de Júlio Verne. Desci ao centro da terra, atravessei a África em um balão, dei com Phileas Fogg uma volta ao mundo em oitenta dias e compartilhei as aventuras do capitão Nemo em vinte mil léguas de viagens submarinas. Mais tarde, minha adolescência me levou a outros livros e outros autores. Nos romances realistas de Zola e Eça de Queiroz, obtive meu certificado de masculinidade. Quando tinha sete anos, a estante de livros de meu pai parecia muito alta. Eu precisava subir numa cadeira para alcançar certos volumes. Agora que crescera, tinha apenas que levantar o braço para chegar a última fileira de livros. Peguei outra vez um romance de Machado de Assis, folheei-o com um ar um tanto superior, possivelmente alisando o buço, e, não sei como, me surpreendi interessado na história. O título do livro? *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. O autor? Aquele mesmo sujeito sobre cuja obra prima, dez anos antes, eu me manifestara de maneira tão decidida e desfavorável. Bem. Esse senhor não escreve nada mal, refleti. Tinha, claro, certas peculiaridades de estilo, a mania de cortar o fio da história simplesmente para conversar com o leitor ou fazer divagações que não tinham nada a ver com a intriga. Sem grandes

entusiasmos, li o livro inteiro e, quando meu pai me perguntou se eu havia gostado, respondi encolhendo os ombros: “Mais ou menos ...” E voltei a outros autores e outros interesses extraliterários.

Cinco anos mais tarde, tornei a me encontrar com Machado de Assis. Àquela altura, começava a fazer minha própria literaturazinha, e o trato com Ibsen, Balzac, Tolstói e Flaubert me havia dado uma consciência muito aguda da minha pequenez intelectual e consequente sentimento de humildade. Por outro lado, a leitura de humoristas ingleses havia me preparado para compreender melhor Machado de Assis. A verdade é que devorei avidamente a obra desse escritor brasileiro e, desde então, o autor de *Dom Casmurro* tem sido uma das minhas mais profundas paixões literárias, sem que isso signifique uma traição de minha parte a Eça de Queiroz, um amor mais antigo.

Dizer que esses dois romancistas estão em polos opostos não seria apenas um lugar comum, mas também um exagero. No entanto, a verdade é que, de muitas maneiras, um é a antítese do outro. O português é dionisíaco; o brasileiro, apolíneo. Eça de Queiroz era um extrovertido; Machado, um introvertido. O estilo do lusitano é pulposo, sanguíneo, oleoso, rico em cores; o do brasileiro é descarnado, seco, sóbrio, exato. Ambos amavam a vida, mas cada um à sua maneira. Eça abraçava e beijava a vida, tratando-a com uma intimidade ruidosa; Machado limitava-se a cumprimentá-la de longe, com desconfiança e sem familiaridade, mirando-a sempre com um olho analítico implacável, menos interessado no que ela lhe ensinava do que no que lhe escondia.

O português, cidadão do mundo, tinha sua pátria espiritual na França e considerava o francês sua segunda língua, motivo pelo qual nunca lhe pareceu errado usar galicismos em sua prosa. O brasileiro nunca viajou para o estrangeiro, raramente saía do Rio de Janeiro, e os pudores que tanto o inibiam quando lidava com questões sexuais em seus livros também regiam a sua linguagem,

tornando-o um purista. Os romances de Eça de Queiroz, geralmente mais volumosos que os de seu colega de ultramar, estão cheios de descrições de paisagens, indumentárias e interiores. Os romances de Machado, pelo contrário, são “sem mobília”, são sucintos nas descrições, a paisagem quase sempre está ausente. (Um escritor do meu país afirmou que “a casa de Machado não tem pátio”. E uma senhora me confessou que, quando lê os romances do mestre, sente falta de ar.) A ironia do português é amável, zombeteira e seus dardos raramente penetram fundo na carne. A ironia do brasileiro é amarga e às vezes cáustica, seu bisturi penetra friamente até a alma. Quando se termina a leitura de um romance de Eça de Queiroz, conclui-se que, com todos os seus contrastes de luz e sombra, de felicidade e infortúnio, a vida, ao fim e ao cabo, é boa e digna de se viver. Os romances de Machado nos deixam um ressaibo de fel e infectam nosso espírito com o micróbio da dúvida, contra o qual, na minha opinião, até hoje nenhum antibiótico infalível foi descoberto.

46

A vida do homem sobre quem lhes estou falando pode ser resumida em poucas palavras. Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em um subúrbio do Rio de Janeiro, no ano de 1838, filho de um pintor de paredes e de uma lavadeira. Teve uma infância pobre, apagada e triste. Quando não andava pelas ruas da cidade vendendo numa cesta os doces que sua mãe fazia, ficava nos cantos da casa lendo, pois a literatura era sua paixão dominante. Conseguiu um emprego como tipógrafo em um jornal e depois foi revisor de provas. Aos vinte anos, publicou sua primeira obra literária. Até os trinta, não produziu nada verdadeiramente notável. Dos anos 30 aos 40, escreveu poemas, peças teatrais, crônicas e alguns romances, que hoje em dia são considerados a parte menos importante de sua obra. Somente aos quarenta ele deu o salto que o levou ao cume em que se encontra seu nome. (Tenho a impressão de que, com o passar do tempo, a reputação de Machado de Assis não só se manteve, mas aumentou).

E aquele garoto nascido em um bairro miserável, e que a duas penas abriu seu caminho na vida social e literária de seu país, chegando a tornar-se presidente da Academia Brasileira de Letras, morreu quase aos setenta anos de idade, cercado pela admiração e a estima de seus contemporâneos, que o consideravam a figura mais alta da literatura brasileira, e talvez um dos mais consumados cultores da língua portuguesa de todos os tempos.

Uma “história de sucesso»? Não. Muito mais que isso: um enigma. Mas onde está o mistério?

O escritor brasileiro Graça Aranha, referindo-se a Machado de Assis, pergunta: «De onde lhe vem esse agudo senso de vida? Que legado de gênio ou imaginação recebeu? Ninguém sabe. De onde essa amargura e desilusão? De onde aquele riso cansado? De onde a doçura? A voluptuosidade? O pudor? De onde esse tédio aos humanos? Essas qualidades e esses defeitos estão no sangue, não são adquiridos pela cultura individual. »

No sangue? Demasiado vago. Os escritores geralmente tentam resolver problemas de psicologia e genética com imagens literárias. (Devo confessar que não escapo à regra.)

47

Mas voltemos ao enigma ou, melhor dizendo, ao sangue. Machado de Assis tinha sangue negro nas veias. Era mulato, o que constituía um sério estorvo à sua carreira social e literária. Essa, no entanto, não foi sua única cruz. Também era pobre, feio, magro, gago e, como se não bastassem todas essas dificuldades, sentia de vez em quando «umas coisas estranhas» que, posteriormente agravadas, ficaram claras: eram ataques epiléticos.

Os que estudam a psicologia e o comportamento social do mulato são unânimes em reconhecer nesse tipo de mestiço uma tendência ao pedantismo e exibicionismo, uma sensualidade agudizada, uma vaidade excessiva e até uma certa fraqueza de caráter. Discreto, retraído, moderado e austero, Machado de Assis foi a negação de tudo isso. Ele trouxe uma sobriedade digna a uma literatura em geral

declamatória e ditirâmbica, e deu profundidade a uma novelística bidimensional que até então não havia feito nada além de refletir palidamente primeiro romantismo e depois o naturalismo europeu.

Mas que mão misteriosa empurrou o jovem Machado à companhia de autores britânicos como Sterne, Swift, Thackeray e Dickens, em um país e em um momento em que a maioria dos intelectuais ainda lia Chateaubriand, Victor Hugo, Fenimore Cooper, e apenas pouquíssimos ensaiavam a leitura de Flaubert e Zola? É claro que a pureza do estilo do mestre se deve ao estudo dos clássicos portugueses, especialmente Garrett; mas parece ter sido inglesa a semente que produziu no espírito do antigo tipógrafo a rara e estranha flor do humorismo. Porque o humor não é apenas uma reação ou uma atitude filosófica em relação à vida; também pode ser, como no caso de Machado, uma emanção da própria forma literária e, às vezes, inclusive do arranjo tipográfico dos períodos e capítulos.

48 Há algo que me seduz e ao mesmo tempo me assusta naquele prodigioso mergulhador de almas. É sua quase mágica intuição, que de certa forma - de uma maneira literária, meio vaga e sempre moderada, como convinha ao seu temperamento - fez dele um precursor de Freud, Proust e Kafka. Numa época em que as personagens romanescas apareciam psicologicamente como feitas de uma só peça, sempre coerentes consigo mesmas, Machado escreveu: "Não faltará quem afirme que a alma desse homem é uma colcha de retalhos. Pode ser. Moralmente as colchas de uma só peça são tão raras! O principal é que as cores não desmintam umas às outras, quando não conseguem obedecer à simetria e à regularidade. Foi o caso do nosso homem. Parecia uma mescla à primeira vista; mas quando olhado atentamente, por mais opostos que fossem os matizes, podia-se ver a unidade moral da pessoa." Analisando a sinceridade de uma de suas heroínas, cujas ações parecem contraditórias ao leitor, o autor conclui que ela foi sincera «quando se casou, quando traiu o marido e quando chorou sua a morte». Em outro livro, afirma que



“o homem é uma errata ambulante. Cada estação da vida é uma edição que corrige a anterior, e que será corrigida também até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes”. Existem pessoas - até o cético afirma - que são «boas por apatia», uma vez que «a preguiça amamenta muita virtude». «E o que é o vício? O vício, responde o romancista através de uma de suas personagens, é o «estrumo da virtude».

Contam que Machado de Assis assistiu indiferente a libertação dos escravos e a proclamação da República. Tal atitude, especialmente em nosso tempo de literatura politicamente «interessada», é considerada por alguns críticos e leitores como um feio pecado. Sim, como bem observou o agudo ensaísta brasileiro Augusto Meyer, Machado de Assis «foi o grande ausente». Braz Cubas, uma personagem que parece refletir o pensamento do autor, fala da «afirmação desdenhosa de nossa liberdade espiritual» e, em suas memórias póstumas, escreve: «O voluptuoso, o esquisito, é insular-se o homem no meio de um mar de gestos e palavras, de nervos e paixões, decretar-se alheado, inacessível, ausente.” Imagino que Machado devia pensar como aquela personagem de *Notas do Subsolo*, de Dostoiévski, que declarou «uma inércia consciente» como a melhor coisa do mundo.

49

Tudo certo! Talvez possamos chamar Machado de Assis o «homem do subsolo». Em cartas a amigos próximos, ele mesmo costumava chamar-se de «caramujo». E não será natural para um homem que se sabe feio, que gagueja e que de vez em quando tem ataques epilépticos, tentar se esconder pelo menos psicologicamente em um subterrâneo?

Eça de Queiroz parecia iludir-se com as aparências do mundo. Uma paisagem, um pedaço de céu azul, uma curva de rio, uma árvore ou uma rosa o faziam feliz. Deliciava-se com a descrição de comidas e bebidas, e o leitor tem a impressão de *ver* os olhos do autor brilharem com malícia, alegria e desejo toda vez que descreve uma mulher bonita. Eça tinha prazer de viver. Com Machado, a coisa

era diferente. A paisagem o deixava frio, as pessoas o aborreciam. Parecia não ter o dom da simpatia humana que faz um romancista como Balzac se identificar com uma *concierge* estupidíssima ou com um avaro. Machado mantinha uma distância cautelosa entre ele e suas personagens, que, no fundo, também não deixava de ser uma forma de ausência. É como se, ao contrário de Eça de Queiroz, ele descrevesse a vida de fora para dentro - afirmação essa aparentemente paradoxal, pois poucos autores conseguirão penetrar em suas personagens tão profundamente quanto Machado de Assis.

Sua vida intelectual é um permanente solilóquio. O que mais o homem do subsolo poderia fazer, se não falasse consigo mesmo e com seus fantasmas? Como uma espécie de deus cruel, ele parece criar suas personagens apenas depois para dissecá-las sem piedade, como o herói sinistro de um de seus contos, que torturava animais e pessoas pelo simples prazer de vê-los sofrer. Mas afirmar que Machado de Assis era um sádico seria uma solução demasiado fácil e barata, além de ofensiva.

50 A verdade é que esse romancista cético, que nunca se contentava com um vislumbre das consciências alheias, mas queria ver tudo o que encerravam, esse caçador de almas, nunca se entregava ao leitor, apesar de sempre o tratar com cortesia. O que temos de sua alma são fragmentos capturados aqui e ali em sua obra, nas palavras, gestos ou reflexões de suas personagens. E se descobrimos contradições é porque, como disse Mme. Rémusat,<sup>2</sup> “nunca se é apenas aquilo que se é sobretudo”.

O tom predominante nesse escritor e em suas personagens quase autobiográficas é ironia ou tédio. Um de seus heróis fala da “volúpia do aborrecimento”. Em outra página de sua obra, o mestre

---

2 Claire Élisabeth Jeanne Gravier de Vergennes de Rémusat (1780 –1821) foi uma destacada escritora francesa no período napoleônico, de grande capacidade intelectual. Casada aos dezesseis anos, foi dama de corte da Imperatriz Josephine em 1802. Escreveu um célebre *Essai sur l'éducation des femmes*.

sugere que rir é uma maneira de chorar ou gritar. Como Augusto Meyer observou, “o humorismo transcendente ignora as limitações do mundo ético, está muito além do mal e do bem, porque rompeu os laços que o prendiam à solidariedade humana”.

O trabalho de Machado me parece uma tentativa de revelar o avesso das coisas, dos rostos e das almas. O autor declarou guerra de morte à ilusão. Tudo - ele parece insinuar - não passa de aparência. Nada é sagrado. E não adianta gritar ou chorar. Estamos condenados. É melhor rir. A vantagem que nós humanos temos sobre os animais é a capacidade de rir.

E ele riu. Riu seu riso amarelo, sardônico e alheado. Não admira que em um de seus livros mais discutidos e pessoais - *Memórias Pós-tumas de Braz Cubas* - o mestre ponha o autor imaginário escrevendo suas memórias no outro mundo. Acaso não era essa a posição que ele mais desejava: a do observador que está fora do tempo, além do bem, do mal e das vaidades humanas, distante, superior, esquecido de seus defeitos físicos, da cor de sua epiderme, de sua gagueira, de tudo? (Machado encontrou compensação por sua gagueira em um estilo fluido, puro e claro.) Diz o defunto-autor que escreve aquele livro para se distrair da eternidade. Machado escrevia para se distrair do tempo. Era no tempo que estavam suas dores e angústias. A eternidade era o esquecimento, um enorme bocejo, o nada.

Recorro novamente ao meu amigo Meyer para citar o que ele escreveu sobre a feroz «autofagia psicológica» de Machado de Assis. Ele era como esses analistas que se «desumanizaram lentamente, devorados pela lepra das ideias, suicidas monstruosos que cultivam a angústia sistemática e que, deitados em uma cama de pregos, abrem seu próprio ventre com a mesma avidez das crianças que esventram seus bonecos». É que o velho Machado, ao contrário de Eça de Queiroz, só sabia encarar a vida «sub specie mortis».

Mas o enigma continua. Temos muitas pecinhas do quebra-cabeça. Tratamos de combiná-las para formar um desenho signi-

ficativo... Inútil. O que conseguimos é muito pouco.

Como se explica que esse misantropo, que esse «carrasco de si mesmo» fosse na vida um homem de comportamento *tão* exemplar, funcionário público pontual e escrupuloso, marido fiel e amoroso, amigo terno e dedicado? Como você explica que esse realista sem ilusões acreditasse na Academia Brasileira de Letras com toda sua pompa, formalismo e ritual? Além disso, como se explica que, tendo sido tão feliz no casamento, tendo encontrado uma companheira tão doce, virtuosa e delicada quanto sua Carolina, tenha pintado em seus romances uma galeria de mulheres falsas, hipócritas e adúlteras, como essa perturbadora Capitu, a «cigana dos olhos oblíquos e dissimulados»?

Passemos a outro capítulo. Façamos um resumo do único livro que até hoje *tratou* de estudar o «caso Machado de Assis» do ponto de vista médico. Refiro-me ao trabalho do Dr. Peregrino Junior, *Doença e Constituição de Machado de Assis*.<sup>3</sup> Não creio que neste ensaio se encontre a chave do enigma, mas acho-o fascinante pela nova luz que lança sobre esse território misterioso que é a obra de Machado de Assis.

52

Querem ouvir, em termos gerais, o que Peregrino Junior diz? Bem.

Se aceitarmos a teoria unitária e correlacional da psicologia, deve haver uma relação entre a constituição de um autor e sua obra. Machado tinha convulsões epiléticas frequentes e, como Flaubert, que sofria do mesmo mal, evitava mencionar a palavra amaldiçoada. Ele a usou apenas uma vez em um livro no qual descreveu uma personagem «rolando no chão, epilética...» Nas edições subsequentes, a palavra *epilética* foi substituída por *convulsa*.

Machado de Assis era um esquizoide, um introvertido? Ao contrário dos ciclotímicos, que são simples, adaptáveis e superfi-

---

3 João Peregrino Júnior da Rocha Fagundes (1898-1983), jornalista, médico, contista e ensaísta, foi membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Nacional de Medicina. Seu livro sobre Machado data de 1938.

ciais, os esquizoides são difíceis, rebeldes e profundos, sujeitos a variações e surpresas. Dom Quixote era um esquizotímico; Sancho Panza um ciclotímico. Ciclotímicos também parecem ter sido São Tomás de Aquino, Kant, Espinosa, Goethe e Byron. E registrados como exemplos ilustres de tipos esquizotímicos estão Dante, Pascal, Nietzsche e Shelley.

Estudando escritores e artistas, Kretschmer<sup>4</sup> concluiu que o expressionismo é uma forma de arte puramente esquizotímica.

Faço um parêntese aqui para falar sobre algumas pinturas feitas por loucos e que me foram mostradas por um psiquiatra. Percebi que certos esquizoides têm uma tendência muito acentuada à estilização extrema. São cubistas. Outros tendem a exagerar as cores, distorcer os traços de pessoas e coisas. São caricaturistas. (Um crítico um dia me classificou como esquizoide. Respondi: «Você se engana, amigo. Posso ser louco, sim, mas de uma outra categoria».) Entre os quadros produzidos pelos pacientes do meu amigo, o psiquiatra, os mais interessantes eram os dos artistas que, recusando-se a aceitar a realidade, a transformavam completamente.

Mas voltemos a Machado de Assis. De acordo com a Mme. Minkowska<sup>5</sup>, os epiléticos são tímidos, metódicos, afetuosos, fiéis aos amigos, hesitantes, escrupulosos, corteses, obsequiosos, preocupados com o acessório, apegados a hábitos, lugares e coisas; são também dominados por um instinto de morte e revelam uma tendência reiterativa, isto é, um retorno obstinado a certos temas

53

---

4 Ernst Kretschmer (1888 – 1964), foi um psiquiatra que pesquisou a constituição humana, classificando-a por tipos físicos. Foi o primeiro a descrever o estado vegetativo persistente, também conhecido como Síndrome de Kretschmer. Entre 1915 e 1921 desenvolveu o diagnóstico diferencial entre esquizofrenia e psicose maniaco-depressiva.

5 Françoise Minkowska-Brokman (1882 –1950), psiquiatra judia francesa, nascida na Polônia, estudou com Eugen Bleuler e associou-se ao trabalho de Hermann Rorschach, outro dos discípulos de Bleuler.

e ideias; ainda mais: seu espírito está impregnado de imagens e representações, como nos sonhos.

Descobre Peregrino Junior na vida e na obra do velho Machado, frases, cenas, intenções e atitudes que revelam todas as tendências listadas por Mme. Minkowska, que confesso não ser pessoa de minhas relações.

Machado era afetivo, dedicado aos amigos, aos quais mantinha uma fidelidade inalterável. Era cortês e atento a ponto de se tornar cerimonioso. Tinha grande apego à sua terra; raramente ou nunca deixava o Rio de Janeiro; era homem de hábitos arraigados, andava sempre pelas mesmas ruas, ia em certos dias e horas aos mesmos lugares: a livraria Garnier, a redação do *Marmota*, a Academia ...

Era também conservador no domínio das ideias. Na opinião de Graça Aranha: Machado era o mais livre dos escritores e o mais conservador dos homens. Ele admirava a Inglaterra por sua “ordem social e solidez majestática». Recomendava ordem na vida pública e nunca se fez o paladino de nenhum movimento revolucionário, pois acaso não é a revolução um rompimento da ordem, da paz, dos hábitos?

54

Apesar de sua aparência calma, de seus modos de homem bem-educado, Machado era impulsivo. Conta-se que, tendo sido apresentado um dia a uma atriz famosa, esta, quando o ouviu falar fluentemente, disse: «Mas, Sr. Machado, me haviam dito que o senhor era muito gago, mas agora vejo que não é tanto como dizem». E o escritor, irritado, respondeu: “Calúnias, senhora, calúnias. A mim me disseram que a senhora era muito estúpida, mas agora vejo que não é tanto como dizem”.

Peregrino Junior estuda o caráter ambivalente de Machado de Assis, pretendendo provar que era a um tempo ambicioso e modesto, pois tendo feito um tremendo esforço, no início de sua vida, para fugir do bairro miserável onde morava, para criar um nome literário e ascender socialmente - uma vez alcançados seus objetivos,

parou e passou a detestar as honras, ficando até irritado quando o elogiavam em sua presença.

Essa observação não me parece boa. Não creio que nesse caso haja uma antinomia. Qualquer espírito moderadamente cultivado, ou melhor, qualquer pessoa normal capaz de distinguir entre a miséria e o conforto, as vantagens físicas e espirituais que o plano humano oferece sobre o plano animal - qualquer pessoa nessas condições, repito, faria o que Machado fez: lutaria por uma vida melhor e mais bela. O fato de ter permanecido voluntariamente em um determinado nível social significa que, homem equilibrado, considerava seu objetivo cumprido e começou a se dedicar a coisas mais importantes, como sua esposa e sua obra. E não creio que jamais, nem mesmo por amor à sua imagem literária, Machado tenha manifestado arrependimento por ter fugido do mundo sombrio de sua infância.

Mas reconheço que há passagens na obra do mestre em que, através de seu estilo ou do pensamento e ação de suas personagens, ele revelou uma tendência ambivalente. Sua própria forma literária às vezes é um modelo de ambivalência, pois ora afirma, ora nega, avança aqui para mais adiante recuar. Não apenas o estilo, mas também as ideias. (Nós, os escritores leigos, damos ao que os psicólogos chamam de *ambivalência* o antigo nome de *dúvida*.) As personagens de Machado também são ambivalentes. Uma delas, Jacobina, acredita que “cada ser humano traz consigo duas almas: uma que olha de dentro para fora e outra que olha de fora para dentro”.

Nas *Memórias Póstumas de Braz Cubas*, há uma cena que vale a pena reproduzir aqui, não apenas pelo que revela como caso típico de ambivalência, mas também como exemplo do tipo de raciocínio cínico do autor. É o caso de um almocreve que salva a vida do narrador, e este relata: “Resolvi dar-lhe três moedas de ouro das cinco que trazia comigo; não porque fosse o preço da minha vida, pois essa era inestimável, mas porque era uma recompensa

digna da dedicação com que ele me salvou. Está dito; dou-lhe três moedas.” Segue um rápido diálogo entre o condutor e o autor, e finalmente ele se aproxima dos alforjes, onde estavam as moedas, e pensa se três moedas não serão uma gratificação excessiva. Talvez bastassem duas. Mesmo uma... Examinou o traje do almocreve. Era um pobre diabo que talvez jamais tivesse visto uma moeda de ouro. Portanto iria dar-lhe apenas uma moeda... Ele riu, hesitou e acabou colocando uma moedinha de prata na mão do homem. Montou seu jumento e seguiu a trote longo, um pouco vexado ou, melhor dizendo, um pouco incerto sobre o efeito da pratinha. E o narrador termina a cena: “mas, a alguns metros de distância, olhei para trás, o almocreve fazia-me grandes cortesias, com evidentes mostras de contentamento. Adverti que devia ser assim mesmo; eu pagara-lhe bem; pagara-lhe talvez demais. Meti os dedos no bolso do colete que trazia no corpo e senti umas moedas de cobre: eram os vinténs que eu deveria ter dado ao almocreve em lugar do cruzado em prata. [...] Fiquei desconsolado com essa reflexão, chamei-me de pródigo, lancei o cruzado à conta das minhas dissipações antigas; e tive (por que não direi tudo?), tive remorsos.”

Descrevendo-se, Braz Cubas se autodenomina «ambicioso e retraído, vaidoso e displicente, apaixonado e indiferente». E afirma que ele próprio fora «um tablado em que se deram peças de todo gênero, o drama sacro, o austero, o piegas, a comédia louçã, a farsa desgrenhada, os autos as bufonérias».

Referindo-se a uma personagem feminina, diz que tinha «um pedaço de pampa e outro pedaço de pampeiro<sup>6</sup>». Era uma mulher divorciada, cujo marido estava combatendo no sul do país. Insinuou ao homem que a amava que fosse ao teatro de operações, matasse o competidor e voltasse para desposá-la. Ele obedeceu, matou o marido e voltou com a cabeleira que cortara do cadáver. Transcrevo as palavras do autor: “quando lhe mostrei os cabelos do marido,

6 Vento frio característico do pampa platino.



ela se jogou sobre eles, os recebeu, os beijou, chorando, chorando, chorando ...” E então disse ao pretendente: “O senhor entende que não posso aceitar a mão do homem que, embora legalmente, matou meu marido”.

Outra característica do epileptoide encontrada na obra de Machado é sua tendência a explicar. Em *Memórias Póstumas*, o leitor às vezes se cansa e até se irrita com as constantes partes e digressões do autor, que parecem estar mais preocupadas em explicar as coisas para o leitor do que em contar-lhe uma história. Há capítulos inteiros que são puros parênteses.

O Dr. Peregrino Junior também estuda a repetição de temas e imagens sensuais na obra de Machado. Este é um ponto que, com o devido respeito ao Dr. Kinsey, gostaria de discutir em maior profundidade ou, pelo menos, mais largamente. Por desgracia, não tenho tempo para isso (a hora já está avançada), tempo e competência, principalmente competência. O ensaísta mostra com que frequência o mestre fala sobre os olhos, cabelos e braços de suas mulheres, principalmente sobre os braços. Para nós, que vivemos no século de Marilyn Monroe, não há nada mais inocente em um autor do que mencionar aquelas partes respeitáveis do corpo de suas personagens femininas. Estou convencido de que, se havia sensualidade no velho Machado, essa era uma sensualidade tímida e reservada. Não há em toda a sua vasta obra uma página sequer verdadeiramente erótica onde palpita o desejo carnal. Braz Cubas um dia exclamou: «Grande lascivo, espero a voluptuosidade do nada!» Isso parece confirmar minha suspeita de que a sensualidade do autor pertencia mais ao domínio do espírito do que ao do corpo. O exercício da análise psicológica e o puro jogo das ideias talvez chegassem a produzir-lhe uma espécie de orgasmo.

Machado também gostava de imagens zoomórficas, uma tendência comum aos bêbados inveterados. Isso parece indicar - escreve Peregrino Junior - a existência, entre os antepassados de Machado,

de pessoas dedicadas ao alcoolismo. (Esses médicos!) Muitas vezes, imagens zoológicas surgem na obra do mestre. Agora compara o espírito com um pássaro; logo depois fala de uma borboleta com asas de ouro e olhos de diamante que voava em seu cérebro. «O que os gaviões diriam de nós» - ele pergunta em outra página - “se Buffon tivesse nascido gavião?»

Creio que essa relação entre zoomorfia e alcoolismo é pura fantasia. Todas as crianças sem distinção, gostam de imagens zoológicas e histórias de bichos. Podemos afirmar, só por isso, que todas as crianças têm antepassados bêbados?

Machado se preocupava muito com o tempo. Seu conceito de tempo era bergsoniano, embora o romancista brasileiro anteceda o filósofo francês. Machado aceitava a irreversibilidade do tempo e acreditava que o tempo tinha o poder de modificar as sensações. Uma carta de amor que ontem nos parecia sublime, hoje nos parece ridícula. «O passado ainda é a melhor parte do presente» - escreveu a um amigo. E em um de seus livros faz esta reflexão: “Matamos o tempo; o tempo nos enterra. « Como Proust, tinha nostalgia do tempo perdido.

58

Um dos capítulos mais interessantes da obra de Peregrino Junior é aquele em que estuda o «instinto de morte» em Machado de Assis.

Schilder<sup>7</sup> fala da “ausência” epiléptica, na predominância das representações de destruição e renascimento, que são caracterizadas por duas fases distintas: uma de destruição, outra de renovação.

---

7 Paul Ferdinand Schilder (1886- 1940), psiquiatra e psicanalista austríaco, além de pesquisador médico, envolveu-se com a psicanálise por meio de sua pesquisa em neurologia, aliada a seu interesse pela filosofia. Foi membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, fundada por Sigmund Freud, embora nunca tenha se analisado. Desviou-se da doutrina psicanalítica (recusando o impulso de morte) e começou a integrar a psicanálise à psiquiatria, sendo tido como um dos fundadores da psicoterapia de grupo. Também introduziu o conceito de imagem corporal, que se tornou uma contribuição duradoura para o pensamento médico e psicológico.

Ambas às vezes surgem na forma de “fantasias cósmicas”. (A famosa página antológica de Machado, descrevendo o delírio de Braz Cubas, é um exemplo de fantasia cósmica.) O epilético está um pouco mais próximo do esquizofrênico na fuga do mundo externo, na intensa repercussão dos eventos internos e também na tendência ao narcisismo. Para os epiléticos, a morte é anterior à vida. Há algo que impulsiona o que está vivo para a morte. É verdade que, na obra de Machado, nota-se a obsessão do autor pela ideia de morte, destruição, aniquilação. Braz Cubas declara que seu livro é «aborrecido, cheira a túmulo e traz certa contração cadavérica».

No entanto, tenho a impressão de que o velho Machado superou o medo da morte, não com a ajuda da fé em Deus e da esperança na vida eterna, como costuma acontecer, mas com as armas frias do humor e da ironia... Quando a morte chegou, Machado a esperava com uma tranquilidade resignada e triste em sua casa então deserta da presença de sua amada Carolina, que havia morrido antes dele. Já em seu leito de agonia, quando um amigo perguntou se ele queria ver um sacerdote, o escritor respondeu: «Melhor não... seria hipocrisia».

Quanto ao estilo de Machado, Peregrino Junior observa que há nele um ritmo de repetição ternária. Aqui vão alguns exemplos: «Será sempre a mesma coisa, sempre a mesma coisa, sempre a mesma coisa»... «Eu me inclinei sozinha, calada, laboriosa»... «livros antigos, livros mortos, livros enterrados» ... «Capitu refletia, refletia, refletia»... - e assim por diante.

Peregrino explica que essa tendência pode estar relacionada à enfermidade sofrida pelo romancista. Seria o símbolo das três fases típicas da crise epiléptica: a aura, o derrame e a convulsão. Tudo isso, no entanto, me parece mais literatura - e literatura ficcional - do que ciência.

Machado de Assis escreveu uma parábola na qual talvez seja a chave para um de seus muitos segredos. É aquela em que Asverus, o judeu errante, pede a Deus para matá-lo, pois odeia a vida, os ho-

mens e está cansado de suas intermináveis andanças. Mas quando a morte se aproxima, ele alça os olhos ao céu e grita ao Criador que ainda quer viver. Machado coloca na boca de uma personagem essas palavras finais e reveladoras: «Ele odiava muito a vida porque a amava muito».

Machado de Assis passou a vida falando amargamente sobre a vida. Mas pouco antes de morrer, ele disse a um amigo com um sorriso triste: «A vida é boa».

Braz Cubas termina suas memórias com estas palavras terríveis: «Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria».

Mas Joaquim Maria Machado de Assis sim deixou a seu país e ao mundo um legado maravilhoso, que é sua grande obra literária e o exemplo de uma vida fértil e respeitável.

60 Mas o enigma permanece. Críticos, psicólogos, psiquiatras e leigos continuarão tentando decifrar a esfinge. Minha esperança é que, quando tudo estiver dito e feito sobre esse escritor fabuloso, o mistério permaneça. Porque no dia em que o mistério desaparecesse do universo, não haveria mais arte nem mais artistas.

## Reflexions on a literary enigma: Machado de Assis

One day in the year 1912, a Brazilian lad who was just learning to read and write took a book from his father's library, opened it, leafed through it, read a few lines, and, after grave reflection, wrote in pencil in the margin of one of the pages: "This book is no good. It doesn't have any pictures." And he boldly signed his name. That name was mine; the book was *Dom Casmurro*; and its author, Machado de Assis.

At that time, my life was one of amazing trips to lands both known and unknown, *via* the novels of Jules Verne. I descended to the center of the earth; I crossed Africa in a balloon; on a trip around the world in eighty days I encountered Phileas Fogg; I shared the adventures of Captain Nemo as we sailed for twenty thousand leagues under the sea. Later, adolescence led me to other books and other authors. I reached manhood in the realistic novels of Zola and Eça de Queiroz. When I was seven years old, my father's bookshelves seemed very high to me: I had to climb on a chair to get at some of the volumes. Having grown up, however, I had only to raise my arm to reach the topmost shelf. Once again I took down a novel by Machado de Assis; I flipped through it with a somewhat superior air; and to my surprise I found myself interested in the story. What was the book? *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, "Posthumous Memoire of Brás Cubas," or, as it was a few years ago published in English translation, "Epitaph of a Small Winner." And who was the author? The same fellow upon whose masterpiece I had passed such strongly unfavorable judgment ten years earlier. Well now, this gentleman doesn't write so badly, I reflected. To be sure, he has certain peculiarities of style – a mania for interrupting the thread of the story simply to chat with the reader, or to indulge

in digressions which have no connection whatever with the plot. Without much enthusiasm, I read the book from cover to cover, and when my father asked how I had found it, I said, with a shrug of my shoulders, “oh, so-so...” And I went back to other writers and to other – and non-literary – interests.

Five years later I once more encountered Machado de Assis. By that time I was beginning to do some writing myself, and acquaintance with Ibsen, Balzac, Tolstoy, and Flaubert had made me acutely aware of my intellectual insignificance, imbuing me in consequence with a sense of humility. Furthermore, a reading of the English humorists had prepared me for a better understanding of Machado de Assis. In all truth, I avidly devoured his works; and, ever since, the author of *Dom Casmurro* has been the object of one of my deepest literary passions. This has not signified, however, any unfaithfulness on my part toward Eça de Queiroz, an earlier love.

62 To say that these two writers are at opposite poles from one another would be not merely a commonplace but also an exaggeration. However, it is true that in many respects one is the antithesis of the other. The Portuguese writer is a Dionysiac; the Brazilian, an Apollonian. Eça de Queiroz is an extrovert; Machado, an introvert. The style of the Lusitanian is opulent, juicy, and colorful; that of the Brazilian is spare, dry, sober, and precise. Both loved life, but each in his own fashion. Eça welcomed life with open arms, treating it with boisterous intimacy; Machado merely nodded to it from a distance, distrustfully, and without familiarity. He viewed it at all times with an implacably analytic eye, interested less in what it revealed than in what it concealed. The Portuguese author was a citizen of the world: France was his spiritual home. Holding French to be his second language, he never thought it improper to employ Gallicisms in his writing. The Brazilian never travelled abroad – indeed he rarely left Rio de Janeiro – and the sense of decorum which so greatly inhibited him in treating of sexual matters

likewise exercised its influence upon his style, making of him a purist. The novels of Eça de Queiroz, as a rule longer than those of his transatlantic peer, are full of descriptions of landscape, interiors, and clothing. Machado's novels, on the contrary, are *démeublés*: the descriptions are succinct and landscape is almost always lacking. (A fellow-writer in my country has said that "Machado's house has no yard." And a lady once told me that when she reads his novels she feels a lack of fresh air.) The irony of the Portuguese writer is amiable and bantering; his barbs rarely penetrate deeply into the flesh. The irony of the Brazilian is bitter, and at times caustic; his cold scalpel goes to the very soul. At the end of a novel by Eça de Queiroz, one comes to the conclusion that, despite vicissitudes of light and darkness, of happiness and misfortune, in the long run life is good, and worth living. Machado's novels leave an aftertaste of gall in our mouths; they infect our spirit with the germ of doubt, to counteract which, so far as I can see, no infallible antibiotic has as yet been discovered.

The life of Joaquim Maria Machado de Assis can be told in a few words. He was born in a suburb of Rio de Janeiro in 1838, the son of a housepainter and a laundress. His childhood was spent in poverty, obscurity, and sadness. When he wasn't going around the streets with a basket selling the sweets which his stepmother made, he was off in some corner of the house reading, since literature was his reigning passion. He got a job as a typesetter with a newspaper; later he became a proofreader. At the age of twenty he published his first literary work, but he produced nothing worthy of note until he was thirty. Between the ages of thirty and forty he wrote poems, plays, magazine articles, and a few novels, today considered the least important part of his work. Only when forty did he make the leap which brought him to the heights where now he stands. (It is my impression that with the passage of time Machado's reputation has not merely been maintained, but has actually increased.)

The boy who had been born “on the wrong side of the railroad tracks,” and who only with the greatest of effort made his way in the literary and social life of his country, came eventually to be President of the Brazilian Academy of Letters, dying, when nearly seventy, amid the admiration and esteem of his contemporaries. These considered him the culminating figure in Brazilian literature, and, perhaps, one of the most finished writers in Portuguese of all time.

Is this a success story? No, it is much more than that: it is an enigma. But, then, wherein lies the mystery?

The Brazilian writer Graça Aranha, referring to Machado de Assis, inquires: “whence came his acute feeling for life? From whom did he inherit his genius or imagination? No one knows. Whence came his bitterness and disillusionment? Whence his weary laughter? Whence his gentleness? His sensuousness? His sense of decorum? His boredom with mankind? These virtues and these defects were in his blood: they are not to be acquired by individual cultivation.”

64 In his blood? This is too vague an explanation. Writers in general try to resolve problems of psychology and genetics by figures of speech – and I confess I am no exception to the rule.

Let us come back to the enigma, or rather to the matter of heredity. Machado de Assis had negro blood in his veins. He was a mulatto, and that constituted a serious obstacle to his social and literary career. It was not the only cross he had to bear, however. He was, in addition, poor and ugly; he was never strong and he had a stammer. As if all these complications were not enough, from time to time he had “some queer feelings” which later, in aggravated state, proved to be attacks of epilepsy.

Those who have studied the psychology and social conduct of mulattoes are unanimous in finding in this mestizo type a tendency to pedantry and exhibitionism, a heightened sensuality, an unbridled vanity, and even a certain weakness of character. Discreet,



retiring, modest, and austere, Machado de Assis was the negation of all this. He brought a dignified sobriety to a literature which had generally been declamatory and dithyrambic, and he gave depth to a two-dimensional tradition of novel-writing which had previously been but a pale reflection of European Romanticism and Naturalism.

What mysterious hand can have led the young Machado into the company of British authors such as Sterne, Swift, Thackeray, and Dickens, at a time, and in a country, in which the majority of intellectuals were still reading Chateaubriand, Victor Hugo, and James Fenimore Cooper, and only a very few were venturing into Flaubert and Zola? It is obvious that the purity of Machado's style stems from his study of the Portuguese classics, especially Almeida Garret; however, the seed of the rare and exotic flower of humor which blossomed in the spirit of the ex-typographer appears to have had an English source. For humor is not merely a reaction or a philosophical attitude toward life; it can also be, as in Machado's case, an emanation from literary form. At times it may even result from the mere typographical arrangement of sentences and chapters.

There is something which both seduces and frightens me in this prodigious prober into souls: his all but magic intuition, which in a certain fashion – a literary fashion, rather vague and always moderate in degree – has made of him a precursor of Freud, Proust, and Kafka. At a period in which novel characters appeared psychologically all of a piece, always consistent with themselves, Machado wrote: "There will be no lack of persons to say that the soul of this man is a patchwork quilt. That may well be. Morally speaking, quilts all of one piece are so rare! The important thing is that the colors should not clash, if regularity and symmetry cannot be preserved. Such was the case with our men. He had a motley appearance at first view, but if one looked carefully, despite the differences in hue, one could note the moral unity of his person." Analyzing the sincerity of one of his heroines, whose actions seem to the reader contradictory,

the author concludes that she was sincere “when she married, when she betrayed her husband, and when she bewailed his death”. In another book, he asserted that “man is a thinking misprint. Each period in his life is an edition which corrects the preceding one, and which will be corrected in turn, until the definitive edition is reached – the one which the editor distributes gratis to the worms.” There are persons, the skeptic asserts further, who are “good out of apathy,” since “laziness is the nurse of much virtue.” And what is vice? Vice, the novelist replies through the mouth of one of his characters, is the “fertilizer of virtue.”

66 It is said that Machado de Assis witnessed the emancipation of the slaves and the proclamation of the republic in Brazil with indifference. This attitude, especially in our period of literature with a political purpose, has been considered by some readers and critics a heinous sin. Indeed, as the penetrating Brazilian essayist Augusto Meyer has so well observed, Machado de Assis was “the great indifferent.” Brás Cubas, a character who seems to reflect the author’s thought, speaks of the “disdainful affirmation of our spiritual liberty,” and writes in his posthumous memories: “It is a voluptuous and exquisite pleasure for man to isolate himself in the midst of a sea of acts and words, nerves and passions, and to proclaim himself foreign thereto, inaccessible, and absent.” I imagine that Machado must have felt like that character in Dostoyevsky’s *Letters from the Underworld*, who declared that “a conscious inertia” was the best thing in the world.

Perhaps we could call Machado de Assis “a subterranean man.” In letters to intimate friends, he often called himself a “hermit crab.” Would it not be natural for a man who knew himself to be ugly, a stammerer, and an occasional victim of epileptic attacks to try to take refuge, at least psychologically, deep below the surface of things?

Eça de Queiroz seemed to find escape in the outer world. A landscape, a bit of blue sky, the bend of a river, a tree, or a rose

could render him happy. He delighted in the description of food and drink, and the reader can fairly *see* the author's eyes sparkle with mischief, joy, and desire every time that he describes a pretty woman. Eça enjoyed life. With Machado it was a different matter. Landscapes left him cold; people bored him. He seemed to lack that gift of human understanding which enabled a novelist like Balzac to identify himself with a dull-witted *concierge* or a miser. Machado preserved a cautious distance between his own person and that of his characters, and this too, at bottom, was a form of "indifference." It was as if, quite the opposite of Eça de Queiroz, he described life from the outside in. This assertion would appear to be a paradox, for few authors have succeeded in penetrating so deeply into their characters as Machado de Assis.

His intellectual life was a perpetual soliloquy. What else could a subterranean man do but talk with himself and the phantoms of his own creation? Like a sort of cruel god, he appeared to create his characters only to dissect them afterwards without pity, like the sinister hero of one of his tales who tortured animals and people for the sheer pleasure of seeing them suffer. However, to assert that Machado de Assis was a sadist would be too easy and cheap a solution, and an insult as well.

67

The truth is that this hunter of souls, this skeptical novelist, who was never content merely to peep into other people's consciences, but wished to see the whole of what lay therein, never surrendered himself to his readers, though he always treated them with courtesy. What we possess of his soul are fragments captured here and there in his work, in the words, gestures, or reflections of his characters. And if we discover contradictions, that is because, as Mme. Rémusat once remarked, "One is never exclusively what one is primarily."

The tone which predominates in this writer and his almost autobiographical characters is that of irony and tedium. One of his

heroes speaks of the “voluptuousness of boredom.” On another page of his work the author suggests that laughter is a form of weeping or crying out. As Augusto Meyer has observed, “transcendent humor does not know the limitations of the ethical world. It is far beyond good and evil, since it is no longer limited by feeling of human sympathy.”

Machado’s work seems to me to be an attempt to show the seamy side of faces, souls, and things. The author has declared a war to the death upon illusion. Everything, he seems to insinuate, is merely appearance. Nothing is sacred. Weeping and wailing are of no avail. We are damned. The best thing to do is to laugh. The advantage we humans have over animals is our ability to laugh.

68 And laugh Machado did – laugh in his own bitter, sardonic, distant manner. It is not surprising that in one of his most widely discussed and highly personal books, *The Epitaph of a Small Winner*, he has the imaginary author writing his memoirs in the other world. Was not that perhaps the situation Machado most desired – that of an observer located outside of time, beyond good, evil, and human vanity, distant, superior, unmindful of his physical defects, the color of his skin, his stammer, and everything else? (Machado compensated for this stammering by a clear, pure, fluent style.) The deceased author declares that he is writing his book to while away eternity. Machado wrote to while away time. It was in time that his griefs and anguishes had their existence. Eternity was oblivion, an immense yawn, nothingness.

Once again I shall have recourse to Meyer, and cite what he wrote regarding the ferocious way in which, psychologically speaking, Machado indulged in self-cannibalism. He was as it were “one of those analysts who little by little become dehumanized, eaten away by the leprosy of ideas, monstrous suicides who systematically cultivate anguish, and, reclining upon a bed of spikes, rip open their own bellies with the avidity of a child dismembering a

doll.” Machado, unlike Eça de Queiroz, could see life only *sub specie mortis* – with the eye of death.

But the enigma still remains. We have a number of little pieces of the jig-saw puzzle. If we try to put them together so as to form a meaningful picture, it is no use: we get very little in the way of results.

How do you explain that this misanthrope, that this “executioner of himself” was in his life a man of exemplary behavior, a punctual and scrupulous civil servant, a faithful and loving husband, a tender and dedicated friend? How do you explain that this realist without illusions believed in the Brazilian Academy of Letters with all its pomp, formalism and ritual? Furthermore, how do you explain that, having been as happy in marriage, having found a partner as sweet, virtuous and delicate as his Carolina, he painted in his novels a gallery of false, hypocritical and adulterous women, like that disturbing Capitu, the “gypsy with oblique and concealed eyes”?

Let us move on to another chapter. Let’s summarize the only book that has tried to study the “Machado de Assis case” from a medical point of view. I refer to the work of Dr. Peregrino Junior, *Disease and Constitution of Machado de Assis*. I don’t think the key to the enigma is found in this essay, but at times it throws fascinating light upon shadowy regions in Machado’s work.

69

Most of this theorizing is based upon the psychological concept that everything pertaining to an individual forms part of an interrelated whole, hence there is an intimate connection between an author’s work and his physical and spiritual make-up. Now Machado had frequent attacks of epilepsy, and, like Flaubert, who suffered from the same affliction, he avoided mentioning the accursed word. Upon only one occasion did he use it in a book, in which he described a character “rolling on the floor, in an epileptic fit.” In later editions this was changed to read “in convulsions.”

According to students of the disease such as Mme. Minkowska, epileptics are timid, methodical, affectionate, faithful in friendship,

hesitant, scrupulous, courteous, obliging, preoccupied with details, strongly attached to habits, places, and things. They are also dominated by an awareness of death, and evidence a repetitive tendency, that is, an obstinate return to specific themes and ideas. Furthermore, their minds are filled with images or pictures, as it were dreams.

Peregrino and others have found in Machado's life and work phrases, scenes, meanings, and attitudes which reveal all the tendencies I have just enumerated.

Machado was affectionate; he was devoted to his friends and to them he remained ever faithful. He was courteous and deferent to the point of being ceremonious. He was strongly attached to his home city: he almost never left Rio de Janeiro. He was a man of firmly established habits; he always walked along the same streets, and went on certain days at certain hours to the same places – the Garnier bookstore, the editorial offices of *A Marmota*, or the Brazilian Academy.

70 He was also conservative in the field of ideas. In Graça Aranha's opinion: Machado was the freest of writers and the most conservative of men. He admired England for its "social order and solidity management". Did he recommend order in public life and never became a defender of any revolutionary movement, because the revolution is not a breach of order, of peace, of habits?

Despite his calm appearance, in his polite manner, Machado was impulsive. Tell yourself that, having been introduced to a famous actress one day, she heard you speak fluently and said: "But, Mr. Machado, I was told that you stuttered a lot, but now I see that is not what they say". The angry writer replied: "Slander, lady, slander. I was told that you were very stupid, but now I see that it is not as much as they say.

Peregrino Junior studies the ambivalent character of Machado de Assis, intending to prove that he was in an ambitious and modest moment, having, at the beginning of his life, made a tremendous

effort to escape the poor neighborhood where he lived, create a literary name and ascend socially - when he reached his goals, he stopped and began detested honors, even going so far as to be annoyed when people praised him to his face.

The observation does not seem valid to me. I do not think that there is any contradiction in this case. Any person of an average degree of culture, or rather any person normally capable of distinguishing between poverty and comfort, of nothing the physical and spiritual advantages of human living as opposed to animal existence, any such person, I repeat, would do as Machado did: struggle for a better and more attractive existence. The fact that he remained voluntarily on a certain step in the social scale means that, as a man of balanced judgment, he considered that his objective had been achieved, and he turned his attention to more important things, such as his wife and his work. I do not believe that Machado would ever, even for the sake of a literary image, have shown regret at his escape from the somber world of his childhood.

However, I recognize that there are passages in the master's work in which, in his mode of expression or in the thoughts or acts of his characters, he has revealed a certain tendency to ambivalence. His literary manner itself is at times a model of vacillation, since first he affirms and then he denies, and if he advances it is only to retreat later on. This is true not only of his style but of his ideas. (We lay writers give to what psychologists call "ambivalence" the old name of "doubt.") Machado's characters are also ambivalent. One of them, Jacobina, believes that "every human being possesses two souls, one which looks from the inside out and one which looks from the outside in." In *Epitaph of a Small Winner*, there is a scene worth citing here not only as a typical case of ambivalence but also as an example of the author's cynical sort of reasoning. A muleteer has just saved the life of the narrator, who relates: "I decide to give him three of the five gold pieces I had on me; not because that was

the price of my life – which was after all of inestimable value – - but because it was a reward worthy of the dedication with which he had saved me. It is resolved; I give you three coins.” He follows a quick dialogue between the driver and the author, and finally approaches the saddlebags, where the coins were, and wonders if three coins are not an excessive bonus. Perhaps two were enough. Even one ... He examined the driver’s suit. He was a poor devil who may never have seen a gold coin. So I was going to give him just one coin ... He laughed, hesitated and ended up putting a silver coin in his hand. He rode his donkey and followed the long run, a little irritated or, rather, a little uncertain about the effect of the small plate. And the narrator ends the scene: “But, a few meters away, I turned my head back and heard the driver bowing towards me, with obvious signs of satisfaction. I understood that it must be so; I paid him well; maybe I paid too much. I put my fingers in my vest pocket and felt some copper coins: they were the pennies I should have given the driver instead of the silver peace. This reflection left me disconsolate. I told myself I was a spendthrift; I charged the silver piece up to my former dissipations; and why not admit the whole truth? – I was sorry.”

72

Describing himself, Brás Cubas says he was “ambitious and retiring, vain and peevish, passionate and indifferent.” And he declares that he was “a stage for the performance of dramas of all types – scared, serious, and sentimental, wild comedy, utter farce, miracle plays and slapstick.”

Referring to a female character, he says that she was “part pampa, part pampa wind.” She had been separated from her husband, who was engaged in a war of rebellion in the southern part of the country. She hinted to the man who loved her that he should go to the theatre of operations, kill his rival, and come back and marry her. He obeyed, dispatching the husband and returning with the hair which he had cut from his head. I now quote the author’s words: “When I showed her her husband’s hair, she threw herself upon



it, taking it in her hands, kissing it, and weeping endlessly...” And afterwards she said to her suiter: “You realize that I cannot accept the hand of the man who killed my husband, even though it was in a legal combat.”

Another supposed characteristic of the epileptic to be found in Machado’s work is his proneness to explain things. In *Epitaph of a Small Winner*, the reader is at times wearied and even annoyed by the constant asides and digressions of the author, who seems more concerned with giving explanations to the reader than with telling him a story. There are whole chapters which belong in parentheses.

Much has been made of the repetition of sensual themes and images in Machado’s work. This is a question which, with all due respect to Dr. Kinsey, I should like to consider more deeply, or at least at great length. Unfortunately I lack both the time and the competence to discuss the matter – particularly the competence. Attention has been called to the frequency with which Machado speaks of the eyes, hair, and arms of his female, especially their arms. For us today, living in the era of burlesque houses and Bikini bathing suits, nothing could be more innocent than for an author to refer to such eminently respectable parts of the female anatomy. I am convinced that if there was any sensuality in old Machado, it was of a timid and reserved nature. In all of his vast work, there is not one truly erotic page, where one can feel the palpitation of carnal desire. Brás Cubas exclaimed one day: “Great lecher that you are; await the voluptuousness of non-existence!” This would seem to confirm my suspicions that the author’s sensuality belonged more to the realm of the spirit than to that of the flesh. The exercise of psychological analysis and the unsullied interplay of ideas may have given him a sort of orgasm.

Machado also had a taste for zoomorphic images – supposedly a common tendency in confirmed drunkards. This would seem to indicate, according to Peregrino Júnior, the existence of alcoholics

among Machado's ancestors. Animal figures appear in the master's work quite frequently. Now he compares the spirit to a bird; a little later he speaks of a golden-winged, diamond-eyed butterfly flitting about in his head. At another point he writes: "What would hawks have to say of us if Buffon had been born one of them?"

I think the relationship between zoomorphism and alcoholism is sheer fantasy. All children, without exception, like animal images and animal stories. Can one assert, solely on this basis, that all children have alcoholic ancestors?

Machado was greatly concerned with time. His concept of time was that of Bergson, although the Brazilian writer came earlier than the French philosopher. Machado accepted the irreversibility of time; he believed that time had the power to change feelings. A love letter, which yesterday seemed to us sublime, today appears ridiculous. "The past is still the best part of the present," he once wrote to a friend. And in one of his books he makes this reflection: "We kill time; time buries us." As in the case of Proust, the remembrance of things past filled him with nostalgia.

74

One can hardly read a work of Machado without being struck by his constant awareness of death. In treating of artistic creations by epileptics, Schilder notes a frequent recurrence of scenes of extinction and rebirth, of destruction and renovation. These appear in the form of so-called cosmic fantasies, an example of which is the famous passage, often included in anthologies, in which Machado describes the final delirium of Brás Cubas. The epileptic resembles to some degree the schizophrenic in his flight from the outer world, in the intense repercussion upon him of inner events, and also in a tendency to narcissism. For the epileptic, death is anterior to life. There is something which impels the living to death. Certainly, in the work of Machado de Assis, one notes the author's obsession with the idea of death, destruction, and annihilation. Brás Cubas declares that his book

is “wearisome, smelling of the grave, and characterized by a certain cadaveric contraction.”

Nevertheless, I have the impression that Machado overcame the fear of death, not with the aid of faith in God and hope in the life eternal, as is wont to happen, but with the cold steal of humor and irony. When death came, Machado was waiting for it, in sad and resigned tranquility, in the house which seemed so empty without his beloved Carolina, who had gone to the grave before him. On his deathbed, when a friend inquired whether he wished to see a priest, the writer replied: “I would rather not: it would be hypocrisy.”

With regard to Machado’s style, critics have observed a rhythm of threefold repetition. Here are a few examples:

“You will always be the same, always the same, always the same.” “I bent over, alone, silent, industrious.” “Old books, dead books, buried books.” “Capitu thought and thought and thought.” And so on.

Peregrino explains that there is perhaps a relationship between this tendency and the affliction from which the novelist suffered. It could be a symbol of the three typical phases of an epileptic attack: the aura, the ictus, and the convulsion. However, this all seems to me not so much science as literature – literature of the fictional type.

75

Machado de Assis once wrote a parable which perhaps contains the key to one of his many secrets. In it Ahasuerus, the Wandering Jew, asks God to do away with him, since he hates life and men and is weary of his interminable peregrinations. But when death draws nigh, he raises his eyes to heaven and cries out to the Creator that he still wishes to live. Machado puts into the mouth of another character these final and revealing words: “He hated life so much because he loved it so greatly.”

Machado de Assis spent his existence speaking bitterly of life. But shortly before dying, he said to a friend, with a sad smile: “Life is good.”

Much has been said and written about the life of Machado

de Assis. Literary critics and psychoanalysts examine the novels of this extraordinary creator of characters but without succeeding in deciphering the enigma. For when all is said and done, the mystery still will remain. And the day that mystery disappears from the face of the earth, there will be no more art or artists.

## Reflexões sobre um enigma literário: Machado de Assis

(Tradução do inglês)

Um dia no ano de 1912, um menino brasileiro que estava recém aprendendo a ler e escrever pegou um livro da biblioteca de seu pai, abriu-o, folheou-o, leu algumas linhas e, após uma séria reflexão, escreveu a lápis na margem de uma das páginas: “Este livro não é bom. Não tem figuras. E corajosamente assinou seu nome. Aquele era o meu nome; o livro era *Dom Casmurro*; e seu autor, Machado de Assis.

Naquela época, minha vida era de incríveis viagens a terras conhecidas e desconhecidas, através dos romances de Júlio Verne. Desci ao centro da terra; atravessei a África em um balão; em uma viagem ao redor do mundo em oitenta dias, encontrei Phileas Fogg; fiz parte das aventuras do capitão Nemo enquanto navegávamos por vinte mil léguas no fundo do mar. Mais tarde, a adolescência me levou a outros livros e outros autores. Atingi a masculinidade nos romances realistas de Zola e Eça de Queiroz. Quando tinha sete anos, as estantes de livros de meu pai me pareciam muito altas: tinha que subir em uma cadeira para pegar alguns dos volumes. Agora crescido, no entanto, tinha apenas que levantar o braço para alcançar a prateleira mais alta. Mais uma vez tirei um romance de Machado de Assis; folheei-o com um ar um pouco superior; e, para minha surpresa, me vi interessado na história. Qual era o livro? *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ou, como foi publicado há alguns anos na tradução para o inglês “Epitáfio de um Pequeno Vencedor”. E quem era o autor? O mesmo sujeito sobre cuja obra-prima eu havia manifestado um julgamento tão desfavorável dez anos antes. Bem, esse senhor não escreve tão mal, refleti. Na verdade, ele tem certas peculiaridades de estilo - uma mania de interromper o fio da história

simplesmente para conversar com o leitor, ou fazer digressões que não têm nenhuma conexão com o enredo. Sem muito entusiasmo, li o livro de capa a capa e, quando meu pai perguntou o que achara, disse, com um encolher de ombros, “mais ou menos ...” E voltei a outros escritores e a outros interesses – não literários.

Cinco anos mais tarde, encontrei outra vez Machado de Assis. Naquela época, eu estava começando a escrever minha própria literatura, e a familiaridade com Ibsen, Balzac, Tolstói e Flaubert havia me tornado agudamente ciente de minha insignificância intelectual, imbuindo-me em consequência de um senso de humildade. Além disso, uma leitura dos humoristas ingleses me preparara para uma melhor compreensão de Machado de Assis. Na verdade, eu devorei avidamente suas obras; e, desde então, o autor de *Dom Casmurro* tem sido objeto de uma das minhas mais profundas paixões literárias. Isso não significou, no entanto, nenhuma infidelidade de minha parte em relação a Eça de Queiroz, um amor mais antigo.

78

Dizer que esses dois escritores estão em polos opostos um do outro não seria apenas um lugar-comum, mas também um exagero. Contudo, é verdade que em muitos aspectos um é a antítese do outro. O escritor português é um dionísíaco; o brasileiro, um apolíneo. Eça de Queiroz é um extrovertido; Machado, um introvertido. O estilo do lusitano é opulento, suculento e colorido; o brasileiro é econômico, seco, sóbrio e preciso. Ambos amavam a vida, mas cada um à sua maneira. Eça acolheu a vida de braços abertos, tratando-a com uma intimidade ruidosa; Machado apenas lhe acenou à distância, desconfiado e sem familiaridade. Ele a via o tempo todo com um olhar analítico implacável, interessado menos no que revelava do que no que escondia. O autor português era um cidadão do mundo: a França era seu lar espiritual. Considerando o francês como sua segunda língua, nunca achou impróprio empregar galicismos em seus escritos. O brasileiro nunca viajou ao exterior - na verdade, raramente saiu do Rio de Janeiro - e o senso de decoro que tanto o inibiu no

tratamento de assuntos sexuais também exerceu influência sobre seu estilo, fazendo dele um purista. Os romances de Eça de Queiroz, em regra mais longos que os de seu colega transatlântico, estão cheios de descrições de paisagem, interiores e vestimentas. Os romances de Machado, pelo contrário, são desmobiados: as descrições são sucintas e quase sempre falta paisagem. (Um colega escritor do meu país disse que “a casa de Machado não tem quintal”. E uma senhora uma vez me disse que, quando lê seus romances, sente falta de ar fresco.) A ironia do escritor português é amável e zombeteira; suas farpas raramente penetram fundo na carne. A ironia do brasileiro é amarga e, às vezes, cáustica; seu frio bisturi vai à própria alma. No final de um romance de Eça de Queiroz, conclui-se que, apesar das vicissitudes da luz e das trevas, da felicidade e do infortúnio, a longo prazo, a vida é boa e vale a pena ser vivida. Os romances de Machado deixam um ressaibo de bÍlis em nossas bocas; infectam nosso espírito com o germe da dúvida, e para neutralizá-lo, até onde posso ver, nenhum antibiótico infalível foi descoberto até agora.

A vida de Joaquim Maria Machado de Assis pode ser contada em poucas palavras. Nasceu em um subúrbio do Rio de Janeiro em 1838, filho de um pintor de casas e uma lavadeira. Passou sua infância na pobreza, obscuridade e tristeza. Quando não estava andando pelas ruas com uma cesta vendendo os doces que sua madrastra fazia, ficava em algum canto da casa lendo, pois a literatura era sua paixão soberana. Conseguiu um emprego como tipógrafo em um jornal; depois ele se tornou um revisor de provas. Aos vinte anos, publicou sua primeira obra literária, mas não produziu nada notável até os trinta. Entre os trinta e os quarenta anos, escreveu poemas, peças de teatro, artigos de revistas e alguns romances, hoje considerado a parte menos importante de sua obra. Somente aos quarenta deu o salto que o levou às alturas, onde agora ele está. (Tenho a impressão de que, com o passar do tempo, a reputação de Machado não tem sido apenas mantida, mas ampliada.)

O garoto que nascera “do lado errado dos trilhos” e que apenas com o maior esforço fez o seu caminho na vida literária e social de seu país, acabou por ser presidente da Academia Brasileira de Letras, morrendo com quase setenta, em meio à admiração e estima de seus contemporâneos. Estes o consideraram a figura culminante da literatura brasileira e, talvez, um dos escritores mais refinados em português de todos os tempos.

Esta é uma história de sucesso? Não, é muito mais do que isso: é um enigma. Mas então, onde está o mistério?

O escritor brasileiro Graça Aranha, referindo-se a Machado de Assis, pergunta: “De onde veio seu agudo sentimento pela vida? De quem herdou sua genialidade ou imaginação? Ninguém sabe. De onde veio sua amargura e desilusão? O seu riso cansado? De onde sua gentileza? Sua sensualidade? Seu senso de decoro? Seu tédio com a humanidade? Essas virtudes e esses defeitos estavam em seu sangue: não são obtidos pelo cultivo individual. ”

80 No seu sangue? Essa é uma explicação muito vaga. Os escritores em geral tentam resolver problemas de psicologia e genética por figuras de linguagem - e confesso que não sou uma exceção à regra.

Voltemos ao enigma, ou melhor, à questão da hereditariedade. Machado de Assis tinha sangue negro nas veias. Era mulato e isso constituía um sério obstáculo à sua carreira social e literária. Porém, não era a única cruz que tinha de carregar. Além disso, era pobre e feio; ele nunca foi forte e gaguejava. Como se todas essas complicações não fossem suficientes, de tempos em tempos tinha «algumas sensações esquisitas» que mais tarde, em estado agravado, provaram ser ataques de epilepsia.

Os que estudaram a psicologia e a conduta social dos mulatos são unânimes em encontrar nesse tipo mestiço uma tendência ao pedantismo e ao exibicionismo, uma sensualidade elevada, uma vaidade desenfreada e até uma certa fraqueza de caráter. Discreto, retraído, modesto e austero, Machado de Assis foi a negação de tudo



isso. Trouxe uma sobriedade digna a uma literatura que geralmente era declamatória e ditirâmica, e deu profundidade a uma tradição bidimensional na escrita de romances que antes fora apenas um reflexo pálido do Romantismo e Naturalismo europeu.

Que mão misteriosa pode ter levado o jovem Machado à companhia de autores britânicos como Sterne, Swift, Thackeray, and Dickens, num tempo e num país em que a maioria dos intelectuais ainda lia Chateaubriand, Victor Hugo, e James Fenimore Cooper, e apenas poucos se aventuravam em Flaubert e Zola? É óbvio que a pureza do estilo de Machado vem de seu estudo dos clássicos portugueses, especialmente Almeida Garret; no entanto, a semente da rara e exótica flor de humor que floresceu no espírito do ex-tipógrafo parece ter uma fonte inglesa. Pois o humor não é meramente uma reação ou uma atitude filosófica em relação à vida; também pode ser, como no caso de Machado, uma emanção da própria forma literária. Às vezes, pode até resultar do mero arranjo tipográfico de frases e capítulos.

Há algo que ao mesmo tempo me seduz e me atemoriza nesse prodigioso investigador de almas: sua quase mágica intuição, que de certa forma - de uma forma literária, meio vaga e sempre em grau moderado, - fez dele um precursor de Freud, Proust e Kafka. Numa época em que as personagens romanescas apareciam psicologicamente feitas de uma só peça, sempre coerentes consigo mesmas, Machado escreveu: “Não faltará quem afirme que a alma desse homem é uma colcha de retalhos. Pode ser. Moralmente falando, colchas de uma só peça são tão raras! O principal é que as cores não colidam, se a simetria e a regularidade não puderem ser preservadas. Foi o caso do nosso homem. Possuía uma aparência multicolor à primeira vista; mas quando olhado atentamente, apesar das diferenças dos matizes, podia-se ver a unidade moral da pessoa”. Analisando a sinceridade de uma de suas heroínas, cujas ações parecem contraditórias ao leitor, o autor conclui que ela foi sincera «quando se casou, quando

traiu o marido e quando chorou sua a morte». Em outro livro, afirma que “o homem é uma errata ambulante. Cada estação da vida é uma edição que corrige a anterior, e que será corrigida também até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes” Existem pessoas, o cético afirma mais adiante, que são «boas por apatia», uma vez que «a preguiça amamenta muita virtude». E o que é o vício? O vício, responde o romancista através de uma de suas personagens, é o «fertilizante da virtude».

Dizem que Machado de Assis testemunhou a emancipação dos escravos e a proclamação da república no Brasil com indiferença. Essa atitude, especialmente em nosso período da literatura de propósito político, foi considerada por alguns leitores e críticos um pecado hediondo. Realmente, como o penetrante ensaísta brasileiro Augusto Meyer observou tão bem, Machado de Assis era «o grande indiferente». Brás Cubas, uma personagem que parece refletir o pensamento do autor, fala da «afirmação desdenhosa de nossa liberdade espiritual» e escreve em suas memórias póstumas: “O voluptuoso, o esquisito, é insular-se o homem no meio de um mar de gestos e palavras, de nervos e paixões, decretar-se alheado, inacessível, ausente.”. Imagino que Machado deve ter se sentido como aquela personagem de *Notas do Subsolo*, de Dostoiévski, que declarou ser «uma inércia consciente» a melhor coisa do mundo.

82

Talvez possamos chamar Machado de Assis de «homem subterrâneo». Nas cartas para amigos íntimos, ele costumava se chamar de “caranguejo eremita”. Não seria natural que um homem que se considerava feio, gago e vítima ocasional de ataques epiléticos tentasse se refugiar, pelo menos psicologicamente, bem abaixo da superfície das coisas?

Eça de Queiroz parecia encontrar uma fuga no mundo exterior. Uma paisagem, um pouco de céu azul, a curva de um rio, uma árvore ou uma rosa poderiam deixá-lo feliz. Deleitava-se com a descrição de comida e bebida, e o leitor pode mesmo *ver* os olhos

do autor brilhando de malícia, alegria e desejo toda vez que descreve uma mulher bonita. Eça aproveitava a vida. Com Machado a questão era diferente. Paisagens o deixaram frio; as pessoas o entediavam. Ele parecia não ter o dom da compreensão humana que permitia a um romancista como Balzac se identificar com uma tola *concierge* ou com um avarento. Machado preservava uma distância cautelosa entre sua própria pessoa e a de suas personagens, e isso também, no fundo, era uma forma de “indiferença”. Era como se, ao contrário de Eça de Queiroz, ele descrevesse a vida de fora para dentro. Essa afirmação parece um paradoxo, pois poucos autores conseguiram penetrar tão profundamente em suas personagens como Machado de Assis.

Sua vida intelectual foi um perpétuo solilóquio. O que mais um homem subterrâneo poderia fazer senão falar consigo mesmo e com os fantasmas de sua própria criação? Como uma espécie de deus cruel, parecia criar suas personagens apenas para dissecá-las depois sem piedade, como o herói sinistro de um de seus contos que torturava animais e pessoas pelo puro prazer de vê-los sofrer. Contudo, afirmar que Machado de Assis era um sádico seria uma solução fácil e barata demais, bem como um insulto.

A verdade é que esse caçador de almas, esse romancista cético, que nunca se contentou apenas em espiar a consciência dos outros, mas desejava ver tudo o que havia ali, nunca se rendeu aos leitores, embora sempre os tratasse com cortesia. O que possuímos de sua alma são fragmentos capturados aqui e ali em sua obra, nas palavras, gestos ou reflexões de suas personagens. E se descobrimos contradições, é porque, como a Mme. Rémusat observou certa vez: «Nunca se é exclusivamente o que se é principalmente».

O tom que predomina nesse escritor e em suas personagens quase autobiográficas é o da ironia e do tédio. Um de seus heróis fala da “voluptuosidade do tédio”. Em outra página de sua obra, o autor sugere que o riso é uma forma de chorar ou gritar. Como observou

Augusto Meyer, “o humor transcendente não conhece as limitações do mundo ético. Está muito além do bem e do mal, já que não é mais limitado pelo sentimento de simpatia humana”.

A obra de Machado me parece uma tentativa de mostrar o lado sórdido de rostos, almas e coisas. O autor declarou guerra até a morte à ilusão. Tudo, parece insinuar, é apenas aparência. Nada é sagrado. Chorar e lamentar são inúteis. Nós somos amaldiçoados. A melhor coisa a fazer é rir. A vantagem que os humanos têm sobre os animais é nossa capacidade de rir.

84 E Machado riu - riu de uma maneira amarga, sardônica e distante. Não é de surpreender que em um de seus livros mais amplamente discutidos e altamente pessoais, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ele faz o autor imaginário escrever suas memórias no outro mundo. Talvez não fosse essa a situação que Machado mais desejava - a de um observador localizado fora do tempo, além do bem, do mal e da vaidade humana, distante, superior, indiferente a seus defeitos físicos, à cor de sua pele, à gagueira e tudo mais? (Machado compensou essa gagueira com um estilo claro, puro e fluente.) O defunto autor declara que está escrevendo seu livro para fazer passar a eternidade. Machado escreveu para fazer passar o tempo. As suas mágoas e angústias existiam no tempo. A eternidade era esquecimento, um imenso bocejo, nada.

Mais uma vez recorrerei a Meyer, citando o que escreveu sobre a maneira feroz pela qual Machado, psicologicamente falando, se entregou ao autocanibalismo. Era “um daqueles analistas que pouco a pouco se desumanizam, devorados pela lepra de ideias, suicidas monstruosos que cultivam sistematicamente a angústia e, reclinados em uma cama de pregos, abrem suas próprias barrigas com a avidez de uma criança desmembrando uma boneca”. Machado, ao contrário de Eça de Queiroz, podia ver a vida apenas *sub specie mortis* - com o olho da morte.

Mas o enigma ainda permanece. Temos várias pecinhas do quebra-cabeça. Se tentarmos reuni-las para formar uma imagem significativa, não adianta: ficamos com muito pouco em termos de resultados.

Como se explica que esse misantropo, que esse “carrasco de si mesmo” fosse na vida um homem de comportamento exemplar, funcionário público pontual e escrupuloso, marido fiel e amoroso, amigo terno e dedicado? Como se explica que esse realista sem ilusões acreditava na Academia Brasileira de Letras com toda sua pompa, formalismo e ritual? Além disso, como se explica que, tendo sido tão feliz no casamento, tendo encontrado uma parceira tão doce, virtuosa e delicada quanto sua Carolina, pintou em seus romances uma galeria de mulheres falsas, hipócritas e adúlteras, como aquela perturbadora Capitu, a “cigana dos olhos oblíquos e dissimulados”?

Passemos a outro capítulo. Vamos resumir o único livro que até hoje tentou estudar o “caso Machado de Assis” do ponto de vista médico. Refiro-me ao trabalho do Dr. Peregrino Junior, Doença e Constituição de Machado de Assis. Não acho que neste ensaio encontra-se a chave do enigma, mas por vezes lança uma luz fascinante naquelas regiões obscuras da obra de Machado de Assis.

85

A maior parte da teorização é baseada no conceito psicológico de que tudo que pertence a um indivíduo faz parte de um todo inter-relacionado, portanto, há uma conexão íntima entre a obra de um autor e a sua composição física e espiritual. Machado tinha frequentes ataques de epilepsia e, como Flaubert, que sofria da mesma aflição, evitava mencionar a palavra amaldiçoada. Em apenas uma ocasião, ele a usou em um livro, no qual descreveu uma personagem “rolando no chão, em um ataque epilético”. Em edições posteriores, isso foi alterado para “em convulsões”.

De acordo com especialistas nesta doença, como Mme. Minkowska, os epiléticos são tímidos, metódicos, afetuosos, fiéis na amizade, hesitantes, escrupulosos, corteses, generosos, preocupados

com detalhes, fortemente apegados a hábitos, lugares e coisas. São também dominados pela consciência da morte e evidenciam uma tendência repetitiva, isto é, um retorno obstinado a temas e ideias específicos. Além disso, suas mentes estão cheias de imagens ou representações, como se fossem sonhos.

Peregrino e outros encontraram na vida e na obra de Machado frases, cenas, significados e atitudes que revelam todas as tendências que acabei de enumerar.

Machado era carinhoso; era dedicado a seus amigos e a eles permaneceu sempre fiel. Foi cortês e deferente ao ponto de ser cerimonioso. Era fortemente apegado à sua cidade natal: quase nunca saía do Rio de Janeiro. Era um homem de hábitos firmemente estabelecidos; sempre andava pelas mesmas ruas e passava certos dias, em determinadas horas, nos mesmos lugares - a livraria Garnier, a redação de *A Marmota* ou a Academia Brasileira.

86 Era também conservador no domínio das ideias. Na opinião de Graça Aranha: Machado era o mais livre dos escritores e o mais conservador dos homens. Ele admirava a Inglaterra por sua “ordem social e administração sólida». Recomendava a ordem na vida pública e nunca se tornou defensor de nenhum movimento revolucionário, pois não é a revolução uma quebra de ordem, de paz, de hábitos?

Apesar de sua aparência calma, de sua maneira educada, Machado era impulsivo. Contam que, tendo sido apresentado um dia a uma atriz famosa, ela o ouviu falar fluentemente e disse: «Mas, Sr. Machado, me disseram que gaguejava muito, mas agora vejo que não é o que dizem». O escritor irritado respondeu: “Calúnia, senhora, calúnia. Disseram-me que a senhora era muito estúpida, mas agora vejo que não é tanto quanto dizem. ”

Peregrino Junior estuda o caráter ambivalente de Machado de Assis, pretendendo provar que estava num momento ambicioso e modesto, tendo, no início da vida, feito um tremendo esforço para fugir do bairro miserável onde morava, criar um nome literário e

ascender socialmente - quando alcançou seus objetivos, parou e detestou as honras, ficando até irritado quando o elogiavam pessoalmente.

A observação não me parece válida. Não acho que exista contradição neste caso. Qualquer pessoa com um nível médio de cultura, ou melhor, qualquer pessoa normalmente capaz de distinguir entre pobreza e conforto, de notar as vantagens físicas e espirituais da vida humana em oposição à existência animal, repito, qualquer pessoa assim faria como Machado fez: lutar por uma existência melhor e mais atraente. O fato de ter permanecido voluntariamente em um determinado degrau na escala social significa que, como homem de julgamento equilibrado, considerou que seu objetivo havia sido alcançado e voltou sua atenção para coisas mais importantes, como sua esposa e sua obra. Não creio que Machado jamais, mesmo a bem de uma imagem literária, tenha se arrependido de ter escapado do mundo sombrio de sua infância.

No entanto, reconheço que há passagens na obra do mestre nas quais, em seu modo de expressão ou nos pensamentos ou atos de suas personagens, ele revelou uma certa tendência à ambivalência. Sua própria maneira literária é, às vezes, um modelo de vacilação, já que primeiro afirma e depois nega, e, se avança, é só para recuar mais tarde. Isso vale não apenas para seu estilo, mas também para suas ideias. (Nós, os escritores leigos, damos ao que os psicólogos chamam de “ambivalência” o antigo nome de “dúvida”). As personagens de Machado também são ambivalentes. Uma delas, Jacobina, acredita que “todo ser humano possui duas almas, uma que olha de dentro para fora e outra que olha de fora para dentro”. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, há uma cena que vale a pena citar aqui, não apenas como um caso típico de ambivalência, mas também como um exemplo do tipo de raciocínio cínico do autor. Um almocreve acabou de salvar a vida do narrador, que conta: “Resolvi dar-lhe três moedas de ouro das cinco que trazia comigo; não porque tal

fosse o preço da minha vida, - que afinal era de valor inestimável - mas porque era uma recompensa digna da dedicação com que ele me salvou. Está dito; dou-lhe as três moedas”. Segue-se um rápido diálogo entre o almocreve e o autor, e ele finalmente se aproxima dos alforjes, onde estavam as moedas, e pensa se três moedas não serão uma gratificação excessiva. Talvez duas fossem suficientes. Mesmo uma... Ele examinou o traje do almocreve. Era um pobre diabo que talvez nunca tivesse visto uma moeda de ouro. Portanto, eu ia dar a ele apenas uma moeda... Riu, hesitou e acabou colocando uma moeda de prata na mão dele. Ele montou seu jumento e seguiu adiante, um pouco irritado ou, melhor dizendo, um pouco incerto sobre o efeito da pratinha. E o narrador termina a cena: “Mas, a algumas braças de distância, olhei para trás, o almocreve fazia-me grandes cortesias, com evidentes mostras de contentamento. Adverti que devia ser assim mesmo; eu pagara-lhe bem; pagara-lhe talvez demais. Meti os dedos no bolso do colete que trazia ao corpo e senti umas moedas de cobre: eram os vinténs que eu deveria ter dado ao almocreve em lugar do cruzado de prata. [...] Fiquei desconsolado com essa reflexão. Chamei-me de pródigo; lancei o cruzado à conta de minhas antigas dissipações antigas; tive (porque não direi tudo?) tive remorsos”.

Descrevendo-se, Brás Cubas diz que era “ambicioso e reservado, vaidoso e irritante, apaixonado e indiferente”. E declara que era “um tablado em que se deram peças de todo gênero, o drama sacro, o austero, o piegas, a comédia louçã, a desgrenhada farsa, os autos, as bufonérias”.

Referindo-se a uma personagem feminina, ele diz que ela era “parte pampa, parte pampeiro”<sup>8</sup>. Ela fora separada do marido, que estava em guerra a uma revolta no sul do país. Sugeriu ao homem que a amava que ele deveria ir ao teatro de operações, matar seu rival, voltar e casar com ela. Ele a obedeceu, acabou com o marido

---

8 Vento típico do pampa.



e voltou com o cabelo que havia cortado da cabeça dele. Agora cito as palavras do autor: “Quando mostrei o cabelo do marido, ela se jogou sobre ele, pegando-o nas mãos, beijando-o e chorando sem parar...” E depois disse ao seu pretendente: “Você percebe que não posso aceitar a mão do homem que matou meu marido, mesmo que tenha sido em um combate legal.”

Outra suposta característica do epilético encontrada na obra de Machado é sua propensão a explicar as coisas. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o leitor às vezes se cansa e até se incomoda com as constantes apartes e digressões do autor, que parece mais preocupado em dar explicações ao leitor do que em lhe contar uma história. Há capítulos inteiros que estão entre parênteses.

Muito se falou da repetição de temas e de imagens sensuais na obra de Machado. Esta é uma questão que, com todo o respeito ao Dr. Kinsey, eu gostaria de considerar mais a fundo, ou pelo menos em maior extensão. Infelizmente, não tenho tempo nem competência para discutir o assunto - particularmente a competência. Chama-se atenção à frequência com que Machado fala dos olhos, dos cabelos e dos braços de suas mulheres, especialmente os braços delas. Para nós hoje, vivendo na era dos teatros burlescos e dos biquínis, nada poderia ser mais inocente do que um autor se referir a essas partes eminentemente respeitáveis da anatomia feminina. Estou convencido de que, se havia alguma sensualidade no velho Machado, era de natureza tímida e reservada. Em toda a sua vasta obra, não há uma página verdadeiramente erótica, em que se possa sentir a palpitação do desejo carnal. Brás Cubas exclamou um dia: “Grande lascivo você é; aguarde a voluptuosidade da inexistência!” Isso parece confirmar minhas suspeitas de que a sensualidade do autor pertencia mais ao reino do espírito do que ao da carne. O exercício da análise psicológica e o jogo imaculado de ideias podem ter lhe dado uma espécie de orgasmo.

Machado também gostava de imagens zoomórficas - supostamente uma tendência comum em bêbados confirmados. Isso pare-

ceria indicar, segundo Peregrino Júnior, a existência de alcoólatras entre os ancestrais de Machado. Figuras de animais aparecem na obra do mestre com bastante frequência. Eis que compara o espírito a um pássaro; um pouco depois, fala de uma borboleta de asas douradas e olhos de diamante esvoaçando em sua cabeça. Em outro momento, escreve: «O que os falcões teriam a dizer de nós se Buffon tivesse nascido um deles?»

Penso que a relação entre zoomorfismo e alcoolismo é pura fantasia. Todas as crianças, sem exceção, gostam de imagens e histórias de animais. Pode-se afirmar, unicamente com base nisso, que todas as crianças têm antepassados alcoolistas?

Machado era muito preocupado com o tempo. Seu conceito de tempo era o de Bergson, embora o escritor brasileiro seja anterior ao filósofo francês. Machado aceitava a irreversibilidade do tempo; acreditava que o tempo tinha o poder de mudar os sentimentos. Uma carta de amor, que ontem nos parecia sublime, hoje parece ridícula. «O passado ainda é a melhor parte do presente», escreveu certa vez a um amigo. E em um de seus livros ele faz esta reflexão: 90 “Matamos o tempo; o tempo nos enterra.” Como no caso de Proust, a lembrança das coisas passadas o enchia de nostalgia.

Difícilmente se pode ler uma obra de Machado sem se impressionar com sua constante consciência da morte. Em criações artísticas de epiléticos, Schilder observa uma frequente recorrência de cenas de extinção e renascimento, de destruição e renovação. Elas aparecem na forma das chamadas fantasias cósmicas, cujo exemplo é a famosa passagem, muitas vezes incluída nas antologias, nas quais Machado descreve o delírio final de Brás Cubas. O epilético se assemelha até certo ponto ao esquizofrênico em sua fuga do mundo exterior, na intensa repercussão sobre ele de eventos internos e também em uma tendência ao narcisismo. Para os epiléticos, a morte é anterior à vida. Há algo que impele os vivos à morte. Certamente, na obra de Machado de Assis, nota-se a obsessão do autor com a ideia de morte, destruição

e aniquilação. Brás Cubas declara que seu livro é “cansativo, com cheiro de túmulo e caracterizado por uma certa contração cadavérica”.

No entanto, tenho a impressão de que Machado venceu o medo da morte, não com a ajuda da fé em Deus e da esperança na vida eterna, como costuma acontecer, mas com o aço frio do humor e da ironia. Quando a morte chegou, Machado estava esperando por ela, numa triste e resignada tranquilidade, na casa que parecia tão vazia sem sua amada Carolina, que morrera antes dele. No leito de morte, quando um amigo perguntou se ele queria ver um padre, o escritor respondeu: «Prefiro que não: seria hipocrisia».

No que diz respeito ao estilo de Machado, os críticos observaram um ritmo de repetição tríplice. Aqui estão alguns exemplos: “Você sempre será o mesmo, sempre o mesmo, sempre o mesmo.” “Eu me inclinei sozinho, silencioso, industrioso.” “Livros antigos, livros mortos, livros enterrados.” “Capitu pensou e pensou e pensou.” E assim por diante.

Peregrino explica que talvez exista uma relação entre essa tendência e a aflição de que o romancista sofria. Poderia ser um símbolo das três fases típicas de um ataque epilético: a aura, o ictus e a convulsão. No entanto, tudo isso me parece não tanto ciência como literatura - literatura do tipo ficcional.

91

Machado de Assis uma vez escreveu uma parábola que talvez contenha a chave de um de seus muitos segredos. Nele, Assuero, o judeu errante, pede a Deus que lhe dê um fim, pois odeia a vida e os homens e está cansado de suas intermináveis peregrinações. Mas quando a morte se aproxima, ele levanta os olhos ao céu e clama ao Criador que ainda deseja viver. Machado coloca na boca de outra personagem estas palavras finais e reveladoras: «Ele odiava tanto a vida porque a amava muito».

Machado de Assis passou sua existência falando amargamente da vida. Mas pouco antes de morrer, disse a um amigo, com um sorriso triste: «A vida é boa».

Muito tem sido dito e escrito sobre a vida de Machado de Assis. Críticos literários e psicanalistas examinam os romances desse extraordinário criador de personagens, mas sem conseguir decifrar o enigma. Pois quando tudo estiver dito e feito, o mistério ainda permanecerá. E no dia em que o mistério desaparecer da face da terra, não haverá mais arte ou artistas.

## **Address to the X Inter-American Conference of 1954 in Caracas:**

### **What has the OAS been doing along practical lines in the sixty-five years of its existence?9**

Conferences, with their resolutions, recommendations, declarations, treaties and agreements are doubtless all very fine, but unless something is done between meetings about the policies approved thereat, the delegates have labored but in vain. Just what has the Organization been doing along practical lines in the sixty-five years of its existence?

You will recall that the First Conference established a permanent office in Washington, the “Commercial Bureau of the American Republics,” with a view to improving inter-American relations via trade channels, the Bureau being given the function of collecting and publishing information pertaining to commerce and industry. This is an important service of the Pan American Union even today, but almost from the start additional duties were assigned to the central office, so that the Second Conference deemed it advisable to rechristen it with the more general name of “International Bureau of American Republics.” Activities tended for long to be of a purely informational character, however, and were very largely confined to headquarters.

93

With the acquisition of a permanent home in 1910, the Pan American Union became something of a center for social, intellectual, and artistic events. Lectures were given, concerts were offered, and art exhibits organized from time to time. The Union was going through what my predecessor, Dr. Lima, once called its “decorative period”.

After the First World War, however, with the increasing emphasis on international organization and cooperation, the Pan-

---

9 Pronunciamento de Erico Verissimo na X Conferência Interamericana em Caracas, em 1º. março de 1954. [N.do Org.]

American Union assumed more and more technical functions. The employees grew in number correspondingly: some of the great ceremonial rooms had to be cut up into offices, and desks appeared in the corridors. Physical expansion was an obvious necessity, but construction of our so-called Administration Building was long blocked by that picturesque figure Secretary of the Interior Ickes. His claim that the building on Constitution Avenue would spoil his view gives me pause: just *why* should he have wished to gaze upon the factory-like lines of the old Navy Department, on the other side of the street?

The general reorganization of the secretariat which, like the new building, came at the end of the 1940's, has left us with three substantive departments: that of International Law, that of Economic and Social Affairs, and my own Department of Cultural Affairs. As this last includes work in education, the sciences, letters, philosophy and the arts, you can see that the Organization is now concerned with nearly all phases of human endeavor.

94 I cannot begin to tell you of all the activities in which we are engaged: the Secretary General's annual report occupies a sizeable volume. I can only give you a few samples, and hope that those of my colleagues whose projects I fail to mention will still be willing to speak to me tomorrow!

The Department of International Law is, as you might suppose, very largely concerned with the conferences and congress I have mentioned earlier: editing and publishing the proceedings, registering and keeping record of treaties, etc. If any of you are thinking of going into business in Latin America, you may be interested to know that authoritative digests have been made of the laws affecting commerce and industry in the various countries. A compilation of another type is one of the laws governing copyright in the American nations. And so on.

Turning to the Department of Economic and Social Affairs, you may be surprised to learn that we have a Travel Division. This

not only attempts to acquaint the public with the tourist attractions of the Americas, and provide information on highway conditions, transportation and lodging facilities; it has also carried out a campaign for making travel simpler within the Hemisphere. As a result, Bolivia and Chile have eliminated visa requirements for United States citizens, and Argentina has done the same for citizens of all the American nations. Colombia has instituted the use of a tourist card. The Travel Division is, of course, the office most closely concerned with the Pan American Highway. Many of you may have motored down the section to Mexico City, and as missing links are filled in, chiefly in Central America and northern South America, it will eventually be possible for you to get in your cars and drive to any or all of the other American capitals. Do not forget, incidentally, that there is more to travel than sight-seeing and good will. Many countries suffer from "dollar shortages." Money spent by tourists enables them to buy more from this country. This in turn permits more United States citizens to travel abroad... You see, not all circles are vicious!

If you were surprised that we have a Travel Division, you will probably be amazed to know that we recently did away with our Division of Agriculture! After all, the American republics below the Rio Grande are overwhelmingly agricultural in character, and even in the United States the importance of farming can scarcely be overrated. As it happens, precisely in view of this situation, it was felt that more was needed than could be supplied by a mere technical office, and consequently a whole Institute of Agricultural Sciences was set up at Turrialba in Costa Rica, as one of the Inter-American Specialized Organizations, to carry out research, teaching and extension activities in the theory and practice of agriculture and related fields. Improved breeds of plants and methods of tilling the soil are being developed, the need for which is paramount: in countries in which over half the population is engaged in agriculture, often not enough food is grown to meet all the nation's needs. I recall

what happened when the late war cut off Brazil's wheat imports: people lined up in the early hours of dawn for a loaf of bread, and housewives everywhere were comparing notes on possible substitutes for wheat flour. There was quite a boom in arrowroot cakes for a while!

96 The social field provides excellent examples of the way in which the Organization is developing its activities away from headquarters, out among the people of the Member States. Three regional seminars on social affairs have been held – in Quito, San Salvador, and my home town of Porto Alegre – with the express idea of simulating the organized and intelligent participation of the people of the Americas in the activities of their communities. Set up in the form of round tables, the meetings discussed cooperatives, housing and city planning, social work, and workers' education. They gave great impetus to national programs in each of the fields mentioned, and the exchange of technicians has been notably increased since. Furthermore, as a result of recommendations made at the seminars, a series of training centers for directors of the cooperative movement were established, first at the University of Puerto Rico and then at the universities in Bogotá and Santiago de Chile. Specialists from the Pan American Union have been sent from time to time to give courses for social workers, organized under government auspices; and, as for the subject of housing and planning, a whole division has been created to render consulting services to the member governments and their technical agencies. Specialists advised the Municipality of San José, Costa Rica, in establishing a master plan for that city, and the Government of El Salvador in preparing a plan for the whole country. Other experts assisted in the reconstruction of the town of Pelileo in Ecuador, which had been utterly destroyed by a disastrous earthquake. Our most notable activity, however, has been the establishment in Bogotá of the Inter-American Housing Center. Trainees arrive there from all parts of the Americas for intensive



postgraduate study, and a research program has been instituted to develop new techniques for application to low-cost dwellings. The need in this field is, of course, enormous. If the late President Roosevelt found one-third of his nation “ill-housed,” you can imagine what the situation must be in countries of less favorable economic situation. The famous *favelas* – hillside shanty-towns – of Rio, for example, may produce catchy carnival tunes, but they also breed catching diseases and are in all respects a blight upon urban life.

The housing center and the training centers for directors of the cooperative movement which I mentioned earlier form part of one of the Organization’s most ambitious undertakings – our Program of Technical Cooperation. Basically, there is nothing new in the idea: we have been engaged in activities of this nature ever since our beginning. A special program, however, has been in effect since 1950. Dr. Lleras, our former Secretary General, described it thus:

It is essentially an educational plan. We do not try to furnish direct technical aid to the governments, as the United Nations does; nor do we attempt any complex operations like those the Institute of Inter-American Affairs of the United States Government has been carrying on.

97

*Such is the Program* of Technical Education for the Improvement of Agriculture and Rural Life. A related, but more specialized project, is that of the Pan American Aftosa Center, established in Brazil, to combat hoof-and-mouth disease. I do not wish to raise false hopes in anyone, but I cannot resist telling you that there is a possibility – *just* a possibility – that the basic research on viruses being done there may eventually lead to a cure for that universal affliction, the common cold.

Other projects have led to the establishment of *the Pan American Sanitary Organization, that deals with Public Health issues, and an Inter-American Training Center for the Evaluation of Natural Resources, at the Rural University in Brazil, and of an Inter-American Training*

Center for Economic and Financial Statistics, in Santiago de Chile. This last mentioned has been organized with the collaboration of the Inter-American Statistical Institute. The Institute is a curious anomaly in several respects: Canada, though not a member of the OAS, is represented; and, although the Institute functions here at our headquarters, it is not one of the Inter-American Specialized Organizations – it is merely “coordinated” with the OAS. But then statisticians are something of a race apart. One of my friends has observed that a statistician differs from the average man in having a *head* for figures, instead of just an eye for them. As for the value of their work, a statistician has himself observed that statistics are like bikini bathing suits: what they reveal is interesting, but what they conceal is vital! Joking aside, however, there can be no doubt that there is a crying need for trained statisticians throughout Latin America. Until the governments know at what rate population and agricultural production are increasing, what the national income is, and countless other matters of this nature, there can be no adequate planning for the future.

98 I have mentioned the Inter-American Specialized Organizations, and this might be the place to say a word about them. Two I have already described – the Institute of Agricultural Sciences, and the Pan American Sanitary Organization. The name of the American International Institute for the Protection of Childhood is, by itself, sufficient to indicate its nature. The same is doubtless true of the Pan American Institute of Geography and History. Since 1929 it has served as an organ of cooperation between geographic and historical societies; it coordinates cooperative investigations; and has collected and published much valuable material in the fields of its competence. The Inter-American Indian Institute constitutes recognition of the special problem posed by the large masses of Indians in many of the American countries – in some cases well over half the population – who have not as yet been incorporated into national life. Their values must be preserved, yet at the same time

they must be given the means of making their proper contribution to the community and receiving their due benefits therefrom.

The last, but by no means the least, of the specialized organizations is the Inter-American Commission of Women, with headquarters here in Washington. Its concern is with all problems affecting American women; it advises governments on proposed legislation regarding them, and seeks the repeals of laws of a discriminatory nature. Its work has been effective: only recently, for instance, voting rights have been won for women in Haiti, Colombia, and Mexico. Incidentally, Mrs. Amalia Castillo de Ledón, the former Chairman of the Inter-American Commission of Women, is now Mexico's minister to Sweden. I do not know whether this is the first instance, but it is certainly one of the rare cases in which a Latin American woman has headed a diplomatic mission abroad.

I trust that you will attribute to a proper sense of modesty my reserving an account of our cultural activities until last. Some of these are carried out by agencies I have already mentioned – the Pan American Institute of Geography and History and the Inter-American Rural Normal School, for instance. Most, however, fall within the province of the Department of Cultural Affairs.

99

The oldest part of the Department is what is now entitled the Columbus Memorial Library. The collection, currently numbering some 300.000 items, is outstanding in the Latin American field. Besides the usual library services to the Organization itself and to the Washington public, the Columbus Memorial Library offers a number of others which are perhaps unique. Important Latin American periodical articles are indexed, and the information is published monthly. A training program is maintained both for librarians from Latin America and for United States librarians who wish to work “south of the border”; and exchange of the librarians is actively promoted. A major undertaking at the present time is the translation into Spanish of the Dewey Decimal Classification System,

with which all of you, I am sure, are acquainted. As it embraces all fields of human knowledge, you can appreciate the magnitude of the task. The finished work will be exceedingly useful. Libraries in Latin America tend to be characterized by lack of system: I recall visiting ones in which books were placed on the shelves in order of acquisition, so that a volume of poems might stand between a work on contagious diseases and a government report on mining industries.

The tradition of concerts and art exhibits has been continued by our present Sections of Music and Visual Arts. The concerts, sometimes in the Hall of the Americas, sometimes outside in the Aztec Garden, feature music of the New World, from folk songs to symphonic compositions, and often serve to introduce promising young Latin American artists to the United States. On other occasions the artists are already world-famous: the Argentine violinist Ricardo Odnoposoff, the Cuban guitarist Rey de la Torre, the Chilean pianist Claudio Arrau, to name but a few.

100 Our exhibitions touch on all aspects of art in the Americas, though emphasis tends to be on contemporary painters. Some of these you have undoubtedly heard of, such as the Mexican Rufino Tamayo. I am particularly gratified, however, by cases such as that of Tamayo's young compatriot José Luis Cuevas. Completely unknown in this country until the show at the Pan American Union last year, his work caused a sensation: there was a constant stream of visitors to the gallery: pictures were bought by the Museum of Modern Art in New York and the Fine Arts Museum of Dallas, not to speak of private individuals; and *Time* magazine wrote the exhibit up in the most enthusiastic of terms. This it seems to me is a real example of cultural interchange and the promotion of art in our Hemisphere. I hope you may have attended some of the concerts and exhibits and that you may also have seen some of our film cycles, featuring the cinematographic production of Mexico, Brazil, and other Latin

American countries. These have been so successful that one of our local theaters now carries Spanish language films two days a week!

It is perhaps more difficult to dramatize the work of the Division of Philosophy, Letters and Sciences, although I am sure all of you can appreciate the importance for intellectual progress of the interchange of ideas. The Sections of Philosophy and Letters are constantly bringing out short anthologies, widely used in university classes, and work is currently being advanced on a great *Dictionary of Latin American Literature*, in which distinguished scholars from all parts of the Hemisphere are collaborating. It will cover all writers and movements of any importance and should fill an urgent need. Moreover, in conjunction with the UNESCO, we have undertaken the publication in English and French translation of classics of Latin American writing. I forget who it was who once said despairingly that "Portuguese is the tomb of thought." Spanish may be in a somewhat better case, but it will certainly permit a much wider appreciation of the literature of the other American republics to have representative samples available in languages of world-wide currency.

In the social science field we have reversed the process, putting important research tools into Spanish. The translation of Murdock's *Outline of Cultural Materials*, though published only last year, is already being used by researchers and students, in classrooms, libraries, and in the field, throughout Latin America. In conjunction with the UNESCO again, we are sponsoring round tables on the teaching of the social sciences, the first last year in San Jose, Costa Rica; the second this year, probably in Lima. An unusual activity of the Section of Science and Technology consists in a monthly science news service to leading dailies throughout the Hemisphere.

I have mentioned round tables in Latin America: we have others, here in the United States. Since the spring of 1952 we have been getting university specialists of different regions together to discuss teaching problems in the field of Latin American studies. We started

out modestly here in Washington, with our six local institutions, and followed it up with meetings at Columbia University, for the Northeast, Duke University, for the Southeast, and the University of New Mexico for the Rocky Mountain area. Later this spring there will be a Pacific Coast meeting at the University of California at Los Angeles. The consensus has been that the discussions have been most fruitful, and as a result the various groups have chosen, of their own volition, to hold subsequent meetings, and some have gone so far as to form permanent organizations, with a view to a possible national association of Latin Americanists. Moreover, groups here and in the New York area have formed inter-university seminars for the discussion of research in various areas of Latin American studies. We of the Pan American Union cannot do everything, but we perform an important function if we serve as a catalytic agent setting other forces into action.

102 Mention of seminars, however, leads me naturally to a consideration of those organized by our Division of Education. These have been inter-American in character, and the aim has been the analysis and solution of problems affecting education in Latin America and the improvement of teaching methods. The first seminar met in Caracas in 1948. It took up what has been termed “fundamental education” – education for better living, not mere instruction in reading and writing. Literacy and adult education were the concerns of the seminar which met at Petrópolis, Brazil, the following year; primary education was the topic discussed at Montevideo in 1950. A seminar on vocational education was held at our nearby University of Maryland in 1952, and just this last January one on secondary education met in Santiago de Chile. As these were mount-long meetings, you can see that there was plentiful opportunity for learning, and for the exchange of ideas and information. Moreover, the published papers of the seminars are valuable handbooks for teachers throughout Latin America.

To further the campaign against illiteracy, we have cooperated with the UNESCO in a training center for leaders of the movement at Pátzcuaro, Mexico. We are also publishing here a series of primers – illustrated, and with simple vocabularies – which impart not only the rudiments of reading and writing but also elements of hygiene, civics, conservation, and so on. Mass-produced for use in all the Spanish-speaking countries, they can be used widespread at a cost of a few cents each. There is even a plan by which interested individuals can make gifts of sets to one or another of the communities in which they are so sorely needed.

Another important educational activity is encouragement of the exchange of persons. We not only have our own training program for foreign service personnel of the Member States; we also offer guidance to students coming to this country and going abroad. In fact, we publish yearly a booklet entitled *Opportunities for Summer Study in Latin America*, for the benefit of teachers and students in this country.

Pan-Americanism, or any other movement, is effective only to the extent that men of vision believe in it and bend all their energies to promote it. Such indeed was the man who for a quarter of a century served as Director General of the Pan American Union. To me, and I dare say to many of you, Dr. Leo S. Rowe *was* Pan Americanism. I need not rehearse details of his career; but I should like to tell you of the measures he took to prolong his work after he himself had passed from the scene. If Dr. Rowe was a man of vision, he was not a “visionary” in the sense of impracticalness usually associated with that term. On the contrary, he amassed a very sizeable personal fortune – something over half a million dollars. By the terms of his will, the bulk of this was left to the Council of the Organization, to be operated as a revolving fund, providing interest-free loans to Latin Americans for study in the United States, with the sole proviso that they take the knowledge acquired back to their native lands, that benefit may accrue to the entire community. Since 1948, about four

hundred fifty students have been helped. Could any finer monument stand, either to a man, or to a cause?

I think that here I have touched upon a fact of fundamental significance: Pan- Americanism is of importance, not as an abstract ideal, or as an intergovernmental organization, but as a living force in men and women throughout the Americas. I have talked to you chiefly about the OAS, because that is the aspect of Pan Americanism with which I am now best acquainted, but there are countless others. Some are of major proportions. The First Inter-American Investment Conference, for instance, was held a few weeks ago in New Orleans. A completely private gathering, it was attended by about one thousand business men from North, South, and Middle America, who met and established contacts which should lead to many new and profitable commercial relations. Pan Americanism is also embodied in numerous societies, throughout the length and breadth of our Hemisphere. It finds expression in scholarships for students from our sister republics established by universities and clubs; it is manifested in countless acts of kindness of which I have been the object, simply because I am a Brazilian, here in the United States.

Neither Pan-Americanism nor the Organization of American States has ever had a formal motto, but it seems to me that the aims and purposes of both may well be expressed by two devices, which appear on the arms of your country and of mine. The founders of the United States, looking toward a closer association among the thirteen colonies, chose the Latin words “E pluribus unum – many, united as one. Those who established the republic in Brazil, facing a different problem, took the words “Ordem e progresso” – order and progress. Union, order, and progress: it seems to me that these are the aims of society itself, and that in promoting them, our American republics have represented, as Dr. Alberto Lleras once said, “humanity’s most extraordinary and successful experiment by a group of nations living together in dignity and peace”.



## **Discurso na X Conferência Interamericana de 1954 em Caracas:**

### **O que a OEA tem feito na prática nos sessenta e cinco anos de sua existência?**

**(Tradução do inglês)**

As conferências, com suas resoluções, recomendações, declarações, tratados e acordos, sem dúvida, são excelentes, mas, a menos que algo seja feito entre as reuniões sobre as políticas ali aprovadas, os delegados terão trabalhado em vão. Exatamente o que a Organização tem feito em linhas práticas nos sessenta e cinco anos de sua existência?

Devem se lembrar que a Primeira Conferência estabeleceu um escritório permanente em Washington, o “Departamento Comercial das Repúblicas Americanas”, com o objetivo de melhorar as relações interamericanas por meio de canais comerciais, cabendo à Repartição a função de coletar e publicar informações relativas a comércio e indústria. Este é um serviço importante da União Pan-Americana ainda hoje, mas quase desde o início foram atribuídas funções adicionais ao escritório central, de modo que a Segunda Conferência considerou aconselhável rebatizá-lo com o nome mais geral de “Secretaria Internacional das Repúblicas Americanas.” As atividades, porém, tenderam por muito tempo a ser de caráter puramente informativo e estavam em grande parte confinadas à sede.

105

Com a aquisição de um lar permanente em 1910, a União Pan-Americana tornou-se algo como um centro de eventos sociais, intelectuais e artísticos. Foram ministradas palestras, ofereceram-se concertos e exposições de arte foram organizadas de tempos em tempos. A União estava passando pelo que meu predecessor, o Dr.

Lima<sup>10</sup>, certa vez chamou de seu “período decorativo”.

Após a Primeira Guerra Mundial, no entanto, com a crescente ênfase na organização e cooperação internacionais, a União Pan-Americana assumiu cada vez mais funções técnicas. Os funcionários cresceram em número correspondente; algumas das grandes salas cerimoniais tiveram que ser recortadas em escritórios, e mesas apareceram nos corredores. A expansão física era uma necessidade óbvia, mas a construção do nosso chamado Edifício Administrativo foi muito tempo bloqueada por aquela figura pitoresca, o Secretário do Interior Ickes<sup>11</sup>. Sua reclamação de que o prédio na Constitution Avenue estragaria sua vista me faz parar: por que ele desejaria contemplar as linhas fabris do antigo Departamento da Marinha, no outro lado da rua?

A reorganização geral da secretaria que, como o novo prédio, surgiu no final da década de 1940, nos deixou com três departamentos essenciais: o de Direito Internacional, o de Assuntos Econômicos e Sociais e o meu próprio Departamento de Assuntos Culturais. Como este último inclui trabalhos em educação, ciências, letras, filosofia e artes, pode-se ver que agora a Organização está preocupada com

106

quase todas as fases do esforço humano.

Não posso começar a falar sobre todas as atividades em que estamos envolvidos: o relatório anual do Secretário-Geral ocupa um volume considerável. Só posso lhes dar uns poucos exemplos, e espero que os meus colegas cujos projetos falho em mencionar ainda

---

10 Alceu Amoroso Lima, conhecido como Tristão de Athayde, fora substituído por Erico Verissimo, em 1953.

11 Harold LeClair Ickes (1874 –1952), político e administrador público, durou de 1933 a 1946 no cargo de Secretário do Interior dos Estados Unidos. Foi o responsável pela implementação de boa parte do plano do Presidente Franklin D. Roosevelt, o “New Deal”. Encarregou-se do programa de recuperação, o Public Works Administration (PWA), e dos esforços do governo federal quanto ao meio ambiente.

estejam dispostos a falar comigo amanhã!

O Departamento de Direito Internacional está, como podem supor, bastante preocupado com as conferências e congressos que mencionei anteriormente: editando e publicando os procedimentos, registrando e mantendo documentação de tratados, etc. Se alguns dos senhores estiverem pensando em negociar na América Latina, podem estar interessados em saber que foram feitos digestos autorizados das leis que afetam o comércio e a indústria nos vários países. Uma compilação de outro tipo é a das leis que regem os direitos autorais nos países americanos. E assim por diante.

Voltando ao Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais, ficarão surpresos ao saber que temos uma Divisão de Viagens. Esta não apenas tenta familiarizar o público com as atrações turísticas das Américas e fornecer informações sobre as condições das rodovias, os meios de transporte e hospedagem; também realizou uma campanha para simplificar as viagens no Hemisfério. Como resultado, a Bolívia e o Chile eliminaram os requisitos de visto para os cidadãos dos Estados Unidos, e a Argentina fez o mesmo para os cidadãos de todas as nações americanas. A Colômbia instituiu o uso de um cartão de turista. A Divisão de Viagens é, por óbvio, o escritório mais estreitamente preocupado com a Rodovia Pan-Americana. Muitos dos senhores podem ter viajado de carro pela seção até a Cidade do México e, à medida que as ligações ausentes forem preenchidas, principalmente na América Central e no norte da América do Sul, será possível entrar em seus carros e dirigir até qualquer uma ou todas as outras capitais americanas. Não se esqueçam, aliás, de que há mais nas viagens que passeios e boa vontade. Muitos países sofrem de «escassez de dólares». O dinheiro gasto pelos turistas lhes permite comprar mais deste país. Isso, por sua vez, permite que mais cidadãos dos Estados Unidos viajem para o exterior... Sabem, nem todos os círculos são viciosos!

Se ficaram surpresos por termos uma Divisão de Viagens, provavelmente se espantarão ao saber que recentemente acabamos com nossa Divisão de Agricultura! Afinal, as repúblicas americanas abaixo do Rio Grande são de caráter predominantemente agrícola, e mesmo nos Estados Unidos a importância da agricultura dificilmente pode ser superestimada. Por acaso, precisamente diante dessa situação, sentiu-se que era necessário mais do que poderia ser fornecido por um mero escritório técnico e, por conseguinte, todo um Instituto de Ciências Agrícolas foi criado em Turrialba, na Costa Rica, como uma das Organizações Interamericanas Especializadas, para realizar atividades de pesquisa, ensino e extensão na teoria e prática da agricultura e áreas afins. Estão sendo desenvolvidas castas aprimoradas de plantas e métodos de cultivo do solo, cuja necessidade é primordial: em países nos quais mais da metade da população está envolvida na agricultura, muitas vezes não se planta comida suficiente para atender a todas as necessidades da nação. Lembro-me do que aconteceu quando o final da última guerra cortou as importações de trigo do Brasil: as pessoas faziam fila nas primeiras horas do amanhecer por um pão, e as donas de casa em todos os lugares comparavam notas sobre possíveis substitutos para a farinha de trigo. Houve um *boom* nos bolos de araruta por um tempo!

108

O campo social fornece excelentes exemplos de como a Organização está desenvolvendo suas atividades fora da sede, entre os povos dos Estados Membros. Foram realizados três seminários regionais sobre assuntos sociais - em Quito, San Salvador, e em minha cidade natal, Porto Alegre - com a ideia expressa de simular a participação organizada e inteligente dos povos das Américas nas atividades de suas comunidades. Organizadas na forma de mesas-redondas, as reuniões discutiram cooperativas, habitação e urbanismo, assistência social e educação dos trabalhadores. Deram um grande impulso aos programas nacionais em cada um dos campos

mencionados, e o intercâmbio de técnicos aumentou notavelmente desde então. Além disso, como resultado das recomendações feitas nos seminários, foi estabelecida uma série de centros de treinamento para diretores do movimento cooperativista, primeiro na Universidade de Porto Rico e depois nas universidades de Bogotá e Santiago do Chile. De tempos em tempos, especialistas da União Pan-Americana têm sido enviados para ministrar cursos a assistentes sociais, organizados sob os auspícios do governo; e, em matéria de moradia e planejamento, foi criada uma divisão inteira para prestar serviços de consultoria aos governos membros e suas agências técnicas. Especialistas assessoraram a Municipalidade de San José, Costa Rica, no estabelecimento de um plano diretor para essa cidade, e o Governo de El Salvador na preparação de um plano para todo o país. Outros especialistas ajudaram na reconstrução da cidade de Pelileo, no Equador, que havia sido totalmente destruída por um terremoto desastroso. Nossa atividade mais notável, no entanto, foi o estabelecimento em Bogotá do Centro Interamericano de Habitação. Os estagiários chegam ali de todas as partes das Américas para estudos intensivos de pós-graduação, e um programa de pesquisa foi instituído a fim de desenvolver novas técnicas para aplicação em residências de baixo custo. A necessidade neste campo é, obviamente, enorme. Se o falecido presidente Roosevelt considerou um terço de sua nação “mal abrigada”, pode-se imaginar qual deve ser a situação em países de situação econômica menos favorável. As famosas favelas - nas encostas do Rio -, por exemplo, podem produzir melodias cativantes de carnaval, mas também geram doenças contagiosas e são, em todos os aspectos, uma praga na vida urbana.

O centro habitacional e os centros de treinamento para diretores do movimento cooperativista que mencionei antes fazem parte de um dos empreendimentos mais ambiciosos da Organização - nosso Programa de Cooperação Técnica. Basicamente, não há nada de novo na ideia: estivemos envolvidos em atividades dessa natureza desde

o início. Um programa especial, no entanto, está em vigor desde 1950. O Dr. Lleras<sup>12</sup>, nosso ex-Secretário Geral, descreveu-o assim:

É essencialmente um plano educacional. Não tentamos fornecer ajuda técnica direta aos governos, como fazem as Nações Unidas; nem tentamos operações complexas como as que o Instituto de Assuntos Interamericanos do Governo dos Estados Unidos vem realizando.

Trata-se do Programa de Educação Técnica para o Aperfeiçoamento da Agricultura e da Vida Rural. Um projeto relacionado, mas mais especializado, é o do Centro Pan-Americano da Aftosa, estabelecido no Brasil, para combater a febre aftosa. Não desejo suscitar falsas esperanças em ninguém, mas não resisto a dizer que há uma possibilidade - *apenas* uma possibilidade - de que a pesquisa básica sobre vírus que está sendo feita lá possa levar à cura dessa aflição universal, o resfriado comum.

Outros projetos levaram ao estabelecimento da Organização Sanitária Pan-Americana, que lida com assuntos de Saúde Pública, e de um Centro Interamericano de Treinamento em Avaliação de Recursos Naturais, na Universidade Rural do Brasil, e de um Centro Interamericano de Treinamento em Estatística Econômica e Financeira, em Santiago do Chile. Este último foi organizado com a colaboração do Instituto Interamericano de Estatística. O Instituto é uma anomalia curiosa em vários aspectos: o Canadá, embora não seja membro da OEA, está representado; e, embora o Instituto funcione aqui em nossa sede, não é uma das Organizações Especializadas Interamericanas - é apenas “coordenado” com a OEA. Mas os estatísticos são uma espécie de raça à parte. Um de meus amigos observou que um estatístico difere do homem comum por ter uma

---

12 Alberto Lleras Camargo (1906 -1990) foi um importante diplomata e destacada figura política. Membro do Partido Liberal da Colômbia, congressista (entre 1931 e 1935), ministro da Educação e presidente de seu país em duas ocasiões: entre 1945 e 1946, e de 1958 a 1962, entre 1948 e 1954 foi secretário geral da OEA.

*cabeça* para números, em vez de apenas um olho para eles. Quanto ao valor de seu trabalho, um deles observou que as estatísticas são como trajes de banho de biquíni: o que eles revelam é interessante, mas o que ocultam é vital! Brincadeiras à parte, no entanto, não há dúvida de que há uma necessidade gritante de estatísticos treinados em toda a América Latina. Até que os governos saibam a que taxa a população e a produção agrícola estão aumentando, qual é a renda nacional e inúmeras outras questões dessa natureza, não poderá haver um planejamento adequado para o futuro.

Mencionei as Organizações Especializadas Interamericanas e talvez este seja o lugar para falar algo sobre elas. Duas eu já descrevi - o Instituto de Ciências Agrícolas e a Organização Sanitária Pan-Americana. O nome do Instituto Internacional Americano para a Proteção da Infância é, por si mesmo, suficiente para indicar sua natureza. O mesmo vale sem dúvida para o Instituto Pan-Americano de Geografia e História. Desde 1929, atua como um órgão de cooperação entre sociedades geográficas e históricas; coordena investigações cooperativas; e coletou e publicou muito material valioso nos campos de sua competência. O Instituto Interamericano do Índio constitui o reconhecimento do problema especial levantado pelas grandes massas de indígenas em muitos países americanos - em alguns casos mais da metade da população - que ainda não foram incorporados à vida nacional. Seus valores devem ser preservados, mas, ao mesmo tempo, devem lhes ser proporcionados os meios de darem a sua própria contribuição à comunidade e assim receberem seus devidos benefícios.

A última, mas não menos importante, das organizações especializadas é a Comissão Interamericana de Mulheres, com sede aqui em Washington. Sua preocupação é com todos os problemas que afetam as mulheres americanas; aconselha os governos sobre a legislação proposta em relação a elas e busca a revogação de leis de natureza discriminatória. Seu trabalho tem sido eficaz: apenas

recentemente, por exemplo, foram conquistados direitos de voto para mulheres no Haiti, Colômbia e México. Aliás, a senhora Amalia Castillo de Ledón, ex-presidente da Comissão Interamericana de Mulheres, é agora ministra do México na Suécia. Não sei se esse é um primeiro exemplo, mas é certamente um dos raros casos em que uma mulher latino-americana encabeçou uma missão diplomática no exterior.

Confio em que atribuirão a um senso adequado de modéstia o fato de eu reservar o relatório de nossas atividades culturais por último. Algumas delas são realizadas por agências que já mencionei - o Instituto Pan-Americano de Geografia e História e a Escola Interamericana Normal Rural, por exemplo. A maioria, no entanto, pertence à província do Departamento de Assuntos Culturais.

112 A parte mais antiga do departamento é agora denominada Columbus Memorial Library. A coleção, atualmente com cerca de 300.000 itens, é destaque no campo latino-americano. Além dos serviços usuais de biblioteca para a própria Organização e para o público de Washington, a Biblioteca Memorial Colombo oferece vários outros que talvez sejam únicos. Artigos de periódicos importantes da América Latina são indexados e as informações são publicadas mensalmente. Um programa de treinamento é mantido tanto para bibliotecários da América Latina quanto para bibliotecários dos Estados Unidos que desejam trabalhar «ao sul da fronteira»; e o intercâmbio de bibliotecários é promovido ativamente. No presente, um grande empreendimento é a tradução para o espanhol do Sistema de Classificação Decimal de Dewey, com a qual todos os senhores, certamente, estão familiarizados. Como abrange todos os campos do conhecimento humano, pode-se apreciar a magnitude da tarefa. O trabalho final será extremamente útil. As bibliotecas da América Latina tendem a ser caracterizadas pela falta de sistema: lembro-me de visitar algumas em que os livros eram colocados nas prateleiras em ordem de aquisição, de modo



que um volume de poemas poderia ficar entre um trabalho sobre doenças contagiosas e um relatório do governo sobre indústrias de mineração.

A tradição de concertos e exposições de arte foi continuada por nossas seções atuais de Música e Artes Visuais. As apresentações, às vezes no Salão das Américas, às vezes no Jardim Asteca, mostram a música do Novo Mundo, de canções folclóricas a composições sinfônicas, e costumam servir de introdução de jovens artistas latino-americanos promissores nos Estados Unidos. Em outras ocasiões, os artistas já são mundialmente famosos: o violinista argentino Ricardo Odnoposoff<sup>13</sup>, o guitarrista cubano Rey de la Torre<sup>14</sup>, o pianista chileno Claudio Arrau<sup>15</sup>, entre outros.

Nossas exposições abordam todos os aspectos da arte nas Américas, embora a ênfase tenda a ser aos pintores contemporâneos. De alguns deles, sem dúvida, os senhores ouviram falar, como o mexicano Rufino Tamayo.<sup>16</sup> Fico particularmente gratificado, no en-

13 Ricardo Odnoposoff (1914 –2004) foi um violinista judeu-argentino austríaco-americano. Antes mestre de concertos da Vienna State Opera and Vienna Philharmonic, foi demitido em 1938 por não conseguir obter um certificado ariano.

14 José Rey de la Torre (1917 –1994), conhecido pelo seu nome de palco Rey de la Torre, foi um dos mais destacados guitarristas clássicos da metade do século XX. É considerado por muitos como o pai da «moderna técnica de guitarra clássica».

15 Claudio Arrau León (1903 - 1991) foi um pianista chileno. Em 1912 foi para Berlim estudar com Krause e firmou-se como um dos principais pianistas de sua geração. Ganhou o Primeiro Prêmio do Concurso da Casa Rudolph Ibach e a Medalha Gustav Holländer. É célebre pela vastidão do seu repertório, centrado em Beethoven, nos românticos e nos impressionistas.

16 Rufino Tamayo (1899 – 1991) foi um pintor mexicano, que se colocou contra o pitoresco dos muralistas. Colecionador de arte pré-hispânica, em 1965, doou sua coleção à cidade de Oaxaca, para formar o Museu de Arte Pre-hispânica do México Rufino Tamayo. Sua produção é marcada pela arte pré-hispânica. O museu que leva seu nome, na Cidade do México, inaugurado em 1981, é um dos centros de arte contemporânea mais modernos do mundo, onde se encontram obras de mais de 150 artistas internacionais.

tanto, por casos como o do jovem compatriota de Tamayo, José Luis Cuevas<sup>17</sup>. Completamente desconhecido neste país até a exposição na União Pan-Americana no ano passado, sua obra causou sensação: houve um fluxo constante de visitantes na galeria: quadros foram comprados pelo Museu de Arte Moderna de Nova York e pelo Museu de Belas Artes de Dallas, para não falar de indivíduos particulares; e a revista *Time* descreveu a exposição nos termos mais entusiasmados. Parece-me um exemplo real de intercâmbio cultural e de promoção da arte em nosso Hemisfério. Espero que tenham participado de alguns concertos e exposições e que também tenham visto alguns de nossos ciclos de filmes, apresentando a produção cinematográfica do México, Brasil e outros países da América Latina. Estes foram tão bem-sucedidos que um de nossos cinemas locais agora exhibe filmes em espanhol dois dias por semana!

114 Talvez seja mais difícil dramatizar o trabalho da Divisão de Filosofia, Letras e Ciências, embora eu esteja certo de que todos os senhores possam apreciar a importância do progresso intelectual do intercâmbio de ideias. As Seções de Filosofia e Letras estão constantemente lançando antologias curtas, amplamente usadas em aulas universitárias, e agora estão sendo desenvolvidos trabalhos em um grande *Dicionário de Literatura Latino-Americana*, com o qual colaboram distinguidos acadêmicos de todas as partes do Hemisfério. Abrangerá todos os escritores e movimentos de alguma importância e deve preencher uma necessidade urgente. Além disso, em conjunto com a UNESCO, empreendemos a publicação da tradução em inglês e francês de clássicos da escrita latino-americana. Esqueço quem foi que certa vez disse desesperadamente que “o Português é o túmulo

---

17 José Luis Cuevas (1934 –2017) foi um proeminente membro da Geração da Ruptura, um dos primeiros oponentes do movimento mexicano muralista então dominante. Autodidata, voltou-se ao lado negro da vida, com figuras distorcidas e o rebaixamento da humanidade. Continuou controverso ao longo da carreira, não só por suas imagens chocantes, mas por sua oposição aos escritores e pintores que acreditava corromperem a arte por dinheiro.

do pensamento». O Espanhol pode estar em um caso um pouco melhor, mas ter amostras representativas disponíveis em idiomas de circulação mundial certamente permitirá uma apreciação muito mais ampla da literatura das outras repúblicas americanas.

No campo das ciências sociais, revertemos o processo, colocando importantes ferramentas de pesquisa em espanhol. A tradução do *Esboço dos Materiais Culturais*, de Murdock,<sup>18</sup> embora publicada apenas no ano passado, já está sendo usada por pesquisadores e estudantes, em salas de aula, bibliotecas e em campo, em toda a América Latina. Em conjunto com a UNESCO novamente, estamos patrocinando mesas-redondas sobre o ensino das ciências sociais, a primeira no ano passado em San Jose, Costa Rica; a segunda este ano, provavelmente em Lima. Uma atividade incomum da Seção de Ciência e Tecnologia consiste em um serviço mensal de notícias científicas para os principais jornais do Hemisfério.

Mencionei mesas-redondas na América Latina: temos outras aqui nos Estados Unidos. Desde a primavera de 1952, reunimos especialistas universitários de diferentes regiões para discutir problemas de ensino no campo dos estudos latino-americanos. Começamos modestamente aqui em Washington, com nossas seis instituições locais, e prosseguimos com reuniões na Universidade de Columbia, no Nordeste, na Duke University, no Sudeste e na Universidade do Novo México na região das Rocky Mountains. Mais tarde, nesta primavera, haverá uma reunião na Costa do Pacífico na Universidade da Califórnia em Los Angeles. O consenso foi de que as discussões têm sido mais frutíferas e, como resultado, os vários grupos escolheram, por sua própria vontade, realizar reuniões subsequentes, e alguns chegaram ao ponto de formar organizações permanentes, com vistas

115

---

18 George Peter Murdock (1897 - 1985) foi um antropólogo, lembrado por sua abordagem empírica de estudos etnológicos e por seu estudo das estruturas familiares e de parentesco entre culturas diferentes. Em 1954 publicou seu esboço das Culturas do Mundo arrolando todas as culturas conhecidas.

a uma possível associação nacional de latino-americanistas.<sup>19</sup> Além disso, grupos aqui e na área de Nova York formaram seminários interuniversidades para a discussão de pesquisas em várias áreas dos estudos latino-americanos. Nós da União Pan-Americana não podemos fazer tudo, mas desempenhamos uma função importante se servirmos como agente catalítico para pôr outras forças em ação.

A menção a seminários, no entanto, leva-me naturalmente a uma consideração daqueles organizados por nossa Divisão de Educação. Estes têm caráter interamericano, e o objetivo tem sido a análise e solução de problemas que afetam a educação na América Latina e a melhoria dos métodos de ensino. O primeiro seminário reuniu-se em Caracas, em 1948. Ele tratou do que foi denominado “educação fundamental” - educação para uma vida melhor, não mera instrução em leitura e escrita. A alfabetização e a educação de adultos foram as preocupações do seminário que se reuniu em Petrópolis, Brasil, no ano seguinte; a educação primária foi o tema discutido em Montevidéu em 1950. Em 1952, realizou-se um seminário sobre educação profissional, em 1952, na nossa vizinha Universidade de Maryland, e apenas em janeiro último, um em educação secundária se reuniu em Santiago do Chile. Como foram reuniões de longa duração, pode-se ver que houve muitas oportunidades de aprendizado e de troca de ideias e informações. Além disso, os trabalhos publicados nos seminários são manuais valiosos para professores de toda a América Latina.

Para promover a campanha contra o analfabetismo, cooperamos com a UNESCO em um centro de treinamento para líderes do movimento em Pátzcuaro, México. Também estamos publicando

---

19 A Latin American Studies Association (LASA) é hoje a maior associação profissional do mundo, congregando indivíduos e instituições envolvidos no estudo da América Latina. Possui mais de 13.000 sócios, dos quais 60% residem fora dos Estados Unidos. A LASA é a associação que reúne especialistas em América Latina de todas as disciplinas e vários campos de atuação ao redor do globo.

aqui uma série de cartilhas - ilustradas e com vocabulários simples - que transmitem não apenas os rudimentos da leitura e da escrita, mas também elementos de higiene, educação cívica, conservação e assim por diante. Produzidas em massa para uso em todos os países de língua espanhola, podem ser usadas amplamente, a um custo de poucos centavos cada. Existe até um plano pelo qual indivíduos interessados podem fazer doações de conjuntos para uma ou outra das comunidades nas quais são tão dolorosamente necessárias.

Outra atividade educacional importante é o incentivo ao intercâmbio de pessoas. Não temos apenas nosso próprio programa de treinamento para o pessoal de serviço estrangeiro dos Estados Membros; também oferecemos orientação para estudantes que vêm para este país e vão para o exterior. De fato, publicamos anualmente um livreto intitulado *Oportunidades para Estudos de Verão na América Latina*, em benefício de professores e alunos deste país.

O pan-americanismo, ou qualquer outro movimento, é eficaz apenas na medida em que homens de visão acreditem nele e redobrem todas as suas energias para promovê-lo. Esse foi o homem que de fato, por um quarto de século, serviu como Diretor Geral da União Pan-Americana. Para mim, e ousou dizer a muitos dos senhores, o Dr. Leo S. Rowe<sup>20</sup> era o pan-americanismo. Não preciso relembrar detalhes de sua carreira; mas gostaria de falar sobre as medidas que tomou para prolongar seu trabalho depois que ele próprio saiu de cena. Se o Dr. Rowe era um homem de visão, não era um “visionário” no sentido de impraticabilidade em geral associado a esse termo. Pelo contrário, ele acumulou uma fortuna pessoal muito considerável - algo acima de meio milhão de dólares. Pelos termos de seu testamento, a maior parte foi deixada ao Conselho da Organização, para ser operada como um fundo rotativo, fornecendo empréstimos

117

---

20 Leo Stanton Rowe (1871 –1946), doutor em Filosofia pela Universidade de Halle, ocupou o cargo de diretor geral da União Pan-Americana de 1920 a 1946.

sem juro a latino-americanos para estudarem nos Estados Unidos, com a única condição de que levassem o conhecimento adquirido de volta às suas terras nativas, e que esse benefício resultasse para toda a comunidade. Desde 1948, cerca de quatrocentos e cinquenta estudantes foram ajudados. Poderia erguer-se um monumento mais refinado, tanto para um homem quanto para uma causa?

Penso que aqui toquei em um fato de importância fundamental: o Pan-Americanismo é importante, não como um ideal abstrato ou como uma organização intergovernamental, mas como uma força viva em homens e mulheres nas Américas. Falei-lhes principalmente sobre a OEA, porque esse é o aspecto do Pan-Americanismo com o qual estou mais familiarizado agora, mas há inúmeros outros. Alguns são de grandes proporções. A Primeira Conferência Interamericana de Investimentos, por exemplo, foi realizada há algumas semanas em Nova Orleans. Uma reunião totalmente privada, contou com a participação de cerca de mil homens de negócios das Américas do Norte, Sul e Central, que se conheceram e estabeleceram contatos os quais deverão levar a muitas relações comerciais novas e lucrativas. O Pan-Americanismo também está incorporado em numerosas sociedades, em toda a extensão do nosso Hemisfério. Encontra expressão em bolsas de estudo para estudantes de nossas repúblicas irmãs estabelecidas por universidades e clubes; manifesta-se nos inúmeros atos de gentileza dos quais tenho sido objeto, simplesmente porque sou um brasileiro aqui nos Estados Unidos.

Nem o Pan-Americanismo nem a Organização dos Estados Americanos jamais tiveram um lema formal, mas parece-me que os objetivos e propósitos de ambos podem muito bem ser expressos por dois dispositivos, que aparecem nas armas de seu país e do meu. Os fundadores dos Estados Unidos, procurando uma associação mais estreita entre as treze colônias, escolheram as palavras latinas “E pluribus unum - muitos, unidos como um. Quem estabeleceu a república no Brasil, diante de um problema diferente, adotou as palavras

“Ordem e progresso”. União, ordem e progresso: parece-me que esses são os objetivos da própria sociedade e que, ao promovê-los, nossas repúblicas americanas representaram, como o Dr. Alberto Lleras disse uma vez, “o experimento mais extraordinário e bem-sucedido da humanidade por um grupo de nações que vivem juntas em dignidade e paz”.

## Freedom in Latin America<sup>21</sup>

FREEDOM has so many aspects that I think it will be rather reassuring to all of you (and also to myself) if I make it very clear from the beginning that I do not intend to enter the foggy and elusive realm of metaphysics and discuss man's spiritual freedom or lack of freedom with regard to God. I am a novelist, you know, and I do not believe my professional passport is properly visaed for entrance into the formidable country of philosophic speculation. And I must confess that I feel ill at ease among abstract ideas. On the other hand, as I am completely at home among human beings and live in a state of permanent fascination with the human comedy, I believe I am entitled in some degree to discuss people living in a society, especially when that society happens to be a Latin-American one.

120 I am supposed to speak up for twenty-five minutes on "Freedom in Latin America". That's a big order for such a short time. Twenty-five minutes ... How much is that, translated into Latin-American terms? You see, you must not forget that our idea of time *diverges from the usual here in the United States, which is objective and practical. Ours is more subjective, it takes place slowly and eventually out of the expected course. But I will try to risk some considerations on this complex topic without losing focus and the hour.*

Speaking abstractly, "freedom is the absence of external obstacles to the fulfillment of our desires." Within a well-organized society, laws determine the amount of social freedom a citizen can enjoy. I come from a state in Brazil where men are supposed to be tough and to love freedom. It is a state of cowboys – Gauchos they are

---

21 Conferência proferida no Hollins College em Virginia. Datada de 21 de fevereiro de 1955.



called – cattle ranches and proud people. One of our main products is revolutions. We have started the best, the most sensational revolutions in the history of the country. The gauchos are so proud and independent, that sometimes they behave as if they didn't belong to the Union. Just like your Texans. Please, don't imagine I am digressing. I want to tell you that when in one of the towns of my state the traffic department installed traffic lights at a very busy crossing in the downtown section, the local population protested, as they considered that a limitation of their freedom. "This is supposed to be a democratic country!" yelled some of them. "I'll cross the street whenever I damn please!" It took them some time to understand the spirit of the law. And, if you don't mind, I have another story from my native state that is also very representative of the old-time gaucho idea of freedom. During the first twenty-five years or so of this century, when we lived a life which resembled your American frontier days, a trigger-happy gaucho who had killed many a fellow countrymen not only in revolutions, but also in duels, abandoned Deadman Creek, his native town, to go live somewhere else. When asked why he had moved, he stroked his long, thick, black mustache, and, with a shadow of sadness in his narrow eyes, said: "Well, I'll tell you, partner, a man can't live in Deadman Creek no more. The town has gone and changed lately. If you kill a man nowadays, they print the story in the newspaper and everybody kicks up a fuss for days".

121

We all know of the limitations that the Soviet Union imposes on her citizens' freedom. In one of his admirable books Bertrand Russell tells of a Russian aristocrat who, drawing a parallel between England and Russia, said that the British didn't need, like the Russians, a physical straight-jacket because they lived permanently bound by a mental straight-jacket. But before someone in my audience raises a point of order, fearing that I have strayed from my subject, let me explain that what I mean to say with my two little gaucho stories is that Lady Freedom has a special face or different

dress not only for each separate country but sometimes even for each region inside the same country. There are nations that simply adore regimentation, and all they dream of is to be part of a platoon, a company, a regiment, an army, a party. The masculine voice of the commanding officer or of the *führer* makes their spines simply tingle and their hearts swell with pride, and they are capable of all kinds of renunciations and sacrifices of their personal liberties to make possible the maintenance of a rigidly disciplined army, party and nation.

The extreme individualism of Latin peoples, generally incapable of team-work, makes them oversensitive and highly discriminating in questions of freedom. I must confess that sometimes we Latins think that freedom is a mere question of words, and content ourselves with having a beautifully liberal constitution and a declaration of human rights without ever bothering to find out if freedom really exists in our society. But before coming back to the Latin world, allow me to offer some more considerations of a general nature on freedom.

122

It seems to this story-teller that no man can really be considered free if he is deprived of the fundamental material necessities of life, such as food, health, clothes, a home and a normal sexual life, if you don't mind my realism. We all seem to accept the idea that in modern societies all men are entitled (at least theoretically) to all these privileges and that the State is supposed either actually to provide some thereof or at least to make it possible for men to attain them.

Society may be defined as a group of individuals cooperating for the achievement of certain common aims – or am I being too pedantic? As concerns human beings, the family is the most primitive form of society. It is easier for us to satisfy our objective needs today than it was in the times when the largest social unit was the family or the tribe. In this sense, society is said to have increased our liberty,

that is, we have greater opportunities for acquiring food, clothes, shelter and social stability, and the possibilities of our being killed by our enemies have been diminished. On the surface, however, it seems that what happened was exactly the contrary: organized social life imposed on men a set of laws that in the long run impaired their freedom. I think that now we've entered the domain of semantics. (By the way, Lady Semantics is a much more confusing and sophisticated female than Lady Freedom.) What really happened was that we traded some of our personal liberties for a certain amount of social security, advantages and services. We could also say that in modern social life what seems to be a curtailment of our liberties is but an increase in our responsibilities as members of the social body.

You Americans are supposed to be a freedom-loving people, and I think you are, although in modern times you have not yet been submitted to a really severe test. I accept the general idea that you endeavor to honor your own Declaration of Independence, which states that "all men are created equal" and "that they are endowed by their Creator with certain unalienable Rights, that among these are Life, Liberty and the pursuit of Happiness," and "that to secure these rights, Governments are instituted among Men, deriving their just power from the consent of the governed." Maybe you don't observe to the letter the wise teachings embodied in your forefathers' declaration, but it is only fair to admit that nowadays the United States of America is one of the few countries in the whole world where civil liberties still exist, relatively unharmed.

123

But what is the situation in the Latin American countries? What happened to Lady Freedom down there? Have people really seen her lovely, shining face or have they been deceived all these centuries, in which so-called statesmen, *caudillos*, dictators and demagogues replaced the fair lady with an ugly rag doll whose features and dress they keep changing according to their own political or personal interests?

124 But, to begin with, what is Latin America? Now, you Americans like to save time, and for that purpose you have novels condensed to one tenth of their length or reduced to a comic strip. You dehydrate food, and I think sometimes, in the same spirit, you try to dehydrate thoughts and ideas. You love time-saving formulas. You love instant coffee and minute steaks. I am sorry, but I have no instant formula for understanding Latin America. As a matter of fact, the countries below the Rio Grande form a kind of crazy quilt. Latin America is not a cultural unit. You have, to begin with, Mexico and parts of Central America, a region where at least sixty per cent of the population has Indian blood. Then comes the Caribbean region, with Cuba, Puerto Rico, Haiti, the Dominican Republic, the Atlantic coast of Colombia, parts of Venezuela and Central America. There is a strong negro influence in that region, and you'll find, for instance, many psychological differences between a Cuban and a Mexican or between a Costa Rican and a Venezuelan. The southern coast of the Pacific, with Chile, forms a cultural region by itself. Northern Chile is brown and barren – a desert; Southern Chile is green and lush. With its emerald lakes and its snow-capped mountains, it reminds you of Switzerland. You'll find bronze-skinned Chileans with dark, slanting, Indian eyes and blond Chileans with green or blues eyes due to German and Swiss blood in their veins. The Andean region, formerly the home of the Inca civilization, and made up of Northwestern Argentina, Bolivia, Peru and Ecuador, forms another sector with strong Indian tradition and influence. There is a Colombia and a Venezuela that are very Spanish-looking (the Colombians pride themselves on speaking the purest Castilian in the Americas), and in modern Caracas you'll be surprised to witness the growing of a city with so many American characteristics that it reminds you of Los Angeles or Miami. Then there is the Gran Chaco region, with Paraguay, where more Guarany is spoken than Spanish. (Speaking of languages, please don't forget that small, colorful Haiti's official

language is French.) In the Rio de la Plata region, where Argentina and Uruguay are, you'll find a quite European-looking cultural region, with a large Italian population, with no Negro or Indian problem. And last but not least, we have Portuguese-speaking Brazil, a continent by itself, with its population of sixty million. As you see, it is impossible to speak of Latin America as a bloc, a unit, a uniform cultural region. Let the American man in the street -- the man with only an elementary education -- go on believing in the picture of Latin America that standard Hollywood movies present -- mambo dancing, *señoritas*, gay *caballeros* with big *sombreros* playing the guitar or indulging in interminable *siestas* and *fiestas*. But you, who go to college, who read and want to learn, should know better and avoid all those silly tintypes and formulas. The whole picture of Latin America is much more stimulating than the images that all the artificially fantastic CinemaScope pictures in technicolor give you of the Central and South American countries.

Since the Indian element seems to be so ponderable in Latin America, let us try to obtain a bird's eye view of the three most important Indian civilizations of America in pre-Colombian days -- Maya, Aztec and Inca -- with the main purpose of having an idea of the degree of freedom enjoyed by their respective peoples.

125

The Aztecs formed an exclusively military empire, whose monarch held absolute sway over the life and property of his subjects. He divided among the nobleman the land on which the slaves toiled. The military men constituted the dominant class. To put it mildly, those Aztec officers were the precursors of the Prussians. There was also a kind of middle class formed by farmers, merchants and public servants, who in their turn exploited the miserable rural populations. Once in a while a citizen of that romantic Aztec empire was eaten up in a public ceremony, his heart having the high privilege of being given to the gods. What about women? Well, they were a kind of commodity. They could be traded, purchased, given away.

Montezuma, the Aztec emperor, had a thousand wives or concubines. Nevertheless, the Aztecs were very clever as architects, gold and silversmiths, painters, builders of roads, and makers of textiles and ceramics. They did wonders in matters of irrigation, and they had a very clever kind of writing consisting of the pictorial representation of objects. It is very interesting to notice that it was possible for them to achieve such a high mark of material civilization without ever possessing horses and iron implements, without knowing the wheel, growing wheat or raising cattle.

What I want to emphasize is that in the Aztec empire, which occupied part of Mexico, the Indians had no freedom whatever. They lived under a hideously cruel military dictatorship.

126 When the Spanish *conquistadores* arrived in the New World, the Mayas were already a decadent people. How old was their civilization? That is another matter of speculation. Some say that its origins go back beyond the year one thousand b. C. The Mayas built large cities, roads, temples and fortresses. They were past masters in the decorative arts and architecture. Wars between their cities were very common. It was, nevertheless, a kind of religious civilization. The government was dominated by the clergy, more preoccupied with erecting monuments to their gods than with improving the living conditions of the people. The upper classes were formed of priests, military men and the nobility. (Even today, mind you, in many a Latin-American country we find roughly this same kind of set-up.) There was also a kind of middle class formed of merchants, farmers and artisans (handicraftsmen). The rest of the people? Just slaves who toiled on the land to maintain the social structure.

Now we come to the intriguing Inca empire that flourished in the lands of Peru. It was not so strongly militaristic as the Aztec empire. It was a paternalistic organization, and I can't resist the temptation of telling you that they divided people in *ayllús*, a kind of hamlets. The *ayllú* constituted the basis of the land policy of

the Incas. Each *ayllú* had a political chief. All the inhabitants were registered and divided into groups of 10, and one of these 10 took care of the remaining 9. Each 5 groups of 10 people had another superior chief. Two groups of 50 were entitled to a new leader, and 5 groups of 100 were under a captain, who took care of all 500 men, and 2 groups of 500 were under a kind of general. This was not only a political but also an economic system, according to which land was distributed. In brief, Inca society was mainly agrarian and its government definitely totalitarian. There was a tremendously numerous bureaucracy to maintain such an organization, to take care of tax-collecting, land division, the recruiting of man for the army and the selection of the women that each province was to give to the Inca and to the Sun, the symbol of the Inca religion. The empire was ruled by an aristocracy, which supplied the army with generals and whose members enjoyed certain privileges and a certain amount of freedom. These noblemen fought among themselves for control of the government, which had entire direction of the economy of the empire. The nobles were the ones who decided how and when to wage war; they were supposed to work for the grandeur of the empire and rule the conquered lands, which were many, in view of the imperialistic trends of the Incas. (Any resemblance to the Soviet Union is merely coincidence.) The Incas were not cannibals, as Communists sometimes claim you Americans are, and they were not given to the habit of sacrificing human lives to their gods. But on the occasion of the crowning of a new emperor, many boys and girls used to be buried alive in pairs with all the necessary utensils for domestic life.

127

As you have seen, under the three major Indian civilizations of pre-Colombian America, the people lived under totalitarian, despotic and cruel governments that gave them very little, if any, freedom.

What happened when the noble *conquistadores* came? It meant, in the beginning, that the Indians were killed *en masse*

and that later they were enslaved and had to toil this time not for the Emperor or for the Sun or the Moon, but for His Most Catholic Majesty the King of Spain. They rebelled, they fled to the jungles and to the mountains.

Theirs was a terrible dilemma: to stay in the villages and towns dominated by the Spaniards and to be compelled to toil without freedom, or to flee and live in a purely relative kind of liberty, subject to all the hazards and hardships of a nomadic life in the wilderness.

128 I bet those Indians were puzzled. The representatives of the Spanish Crown wanted their bodies, for work in the plantations and mines. The representatives of the Church, contending that they wanted their immortal souls, tried to take away from them all their picturesque, visible and shining gods, like the Moon and the Sun, replacing them with a Deity remote and invisible, and probably a white man like the *conquistadores*. You may say that this new god at least offered the advantage of not asking for human sacrifices, but I think that was not exactly the case, because in 1569 the Inquisition was brought to the Spanish colonies – to check the Jewish and Protestant influence in the New World – and, from that fateful date on, many Indians were tried and condemned on charges of witchcraft, blasphemy and bigamy and consequently burned alive. Those fortunate enough to escape the Inquisition and survive were frequently subjected to corporal punishments, sent to jail or to the galleys. A fine picture, indeed!

I don't want to be unfair to the Church. I believe that in thousands of cases the Catholic missionaries helped the Indians, even protected them from the cruelty of the government officials and, through patient work, converted to Indians to the Christian faith, making them conscious of their souls and of the undesirability of cannibalism, sexual promiscuity and other theological as well as social sins.

Let us now use the technique of the old popular novels and say that many, many years have elapsed. A new society was formed in the



New World. It may be described as a colorful, though rough, kind of cake, the highest layer of which was formed by the aristocracy of Spanish blood – high-ranking government officials, army officers, noblemen who were also powerful landlords. The second layer was composed of immigrants, mostly of Spanish origin, who had grown rich, members of Indian nobility who had made some sort of pact for peaceful coexistence with the Spanish Government, and a kind of middle class – if we may use this term – teeming with less wealthy Spaniards and creoles. The rest of the cake, that is, its bulkiest part, was formed by the masses: Indian, half-castes and Negroes who lived in direst poverty, ill-fed, ill-clothed, sick and constant prey to the evils of sexual promiscuity and superstition. (As a novelist I love that cake; as a man I hate it. But what can I do about the eaten cakes of yester-year?)

Anyway, that was not a happy society. At the close of the XVIII century, Latin America was divided into five vice-royalties. The viceroys were generally bad. Their government was corrupt and frequently cruel. Many social injustices were committed. The creoles were never given posts in the administration. The aristocracy lived a life of luxury and dissipation in contrast with the poverty of the people. Spain was too far away and greatly weakened by many wars and long years of bad government. The colonies were not allowed to have any direct trade with foreign countries or even with each other. The taxes were too high.

It was only natural that discontentment should grow in the colonies and that signs of revolt should appear. And then, at the beginning of the XIX century the extraordinary figure of Simon Bolívar entered upon the scene. I need not repeat what happened, because you all know. If you don't, I'm sorry, I haven't time to tell you. Now I shall take a jump in time and land exactly where I am now, on this very Monday, the 21<sup>st</sup> of February of the year 1955.

What is the situation in Latin America today? Taking into consideration all the odds against us – all the handicaps, geographic,

social and economic – we have done rather well. You'd be amazed to find down there wonderful cities like Buenos Aires, Rio de Janeiro, São Paulo, Mexico City, Santiago, Caracas, Montevideo... In many countries you'll encounter a sizeable amount of industry.

*The society constituted in this new era can also be seen as an uneven cake, presenting a superior layer, of upper class, provided with all assets and privileges, followed by a thin filling composed of a weak middle class, in a permanent state of insolvency, due to low salaries, a high cost of living, inflation and also a habit acquired these last 25 years or so of buying on the installment plan radios, refrigerators and other electrical gadgets. The thick bottom layer of the cake consists of the eternal underdogs, the unhappy throng that has its origin in colonial society and passes on from father to son a heritage of poverty and misery.*

We are discussing freedom. It will be interesting to find out how many of Roosevelt's freedoms the Latin America masses enjoy. Let's see.

130 *Freedom from want - of course they lack this freedom completely, and I need not repeat why. Freedom of cult – the Catholic Church is still powerful in Latin America, and it bitterly opposes the Protestant Church, resenting especially foreign missionaries. As regards tolerance, though, the situation has somewhat improved in recent years. Freedom of expression - unfortunately in most Latin American countries, governments, even claiming to be democratic, dislike opposition and limit free thinking, using tools of censorship to silence the press and independent writers and artists. Freedom from fear- the masses cannot live their lives without constant threat of political oppression, since governs prefer to take power rather than let it stay in the hands of the people. Totalitarian regimes are not uncommon, as are revolutions and coups.*

Yes, dictators and revolutions... I bet you don't understand why we have so many revolutions and dictators down there. I

hope that after what I have told today you'll be able to understand the situation better. As you see, the revolutions have their roots in the rather medieval set-up that still prevails in most Latin-American countries, despite the façade of culture, high-sounding constitutions and declaration of principles. We must not forget that the *caudillo* breed still exists, although it is on the decline. (And I hope it will disappear completely, as did the dinosaurs.) Illiteracy and poverty make the masses apathetic and therefore submissive. Power is disputed by a few politicians of the upper classes who have recurred so many times to the army (the only armed body capable of staging a really successful revolution) that the generals have finally reflected "Why should I start shooting people and downing governments to put some other fellow in power?" And they have thought it more logical to fight for their own personal advantage. The state of chronic insolvency of most of our countries makes for social unrest, and social unrest constitutes a very good excuse for the military men to take power on the pretext of "keeping order and maintaining the constitution." On the other hand, there is some external pressure, especially from big commercial companies and trusts that have investments in Latin America. Those companies prefer a dictator who promises to defend their properties and interests and honor their contracts to a revolutionary government that may be too jingoistic or even pink. Those who favor authoritarian governments among us are wont to say that a country of *mestizos* cannot be governed democratically. I resent that. First, the implication that a *mestizo* is an inferior being. They forget that our masses behave the way they do, not because most of them are half-caste, but because they are left in complete abandonment. Second, I sincerely believe that it is much better to have a defective democracy than a so-called benevolent dictatorship, and that the only way to achieve a perfect democracy is via the intermediary step of our present defective one.

The most important problem of the Latin America masses is that of hunger. All they need now is freedom to eat, in order to survive. There is a freedom in this country about which very few people speak, because it is taken for granted. But the day that freedom is suppressed there will be a national revolution in which even the women will go to the streets to fight for it. I mean the *freedom to buy*. Such a freedom would mean nothing to 80 per cent of our Latin-American populations, because they have no means to buy. They need medical care, schools, a piece of land and tools to till it. They are a wonderful people. They are silent, brave and kind. They have imagination and a sense of humor, even in adversity.

I don't want to give you the impression that we are all Indians, or all *mestizos*. In Argentina and Uruguay the population is said to be 90 per cent white. In my home state, almost two thirds of the population have either German or Italian blood.

132 I also understand that the problem of individual freedom is more a problem of civilized man than of the savage. We intellectuals prize highly all civil liberties and especially the freedom of expression. I personally am not willing to give it up to any dictator, no matter how great he may be.

I hope that someday we'll be able to solve most of our social problems. For that we need the help of this country – not only material help, money loans, technicians, tools, but also your understanding. The first thing that you have to realize is that you have to think twice before you call a man a Red. Many intellectuals in our countries have been labelled as Communists because they want to provide better life for the underdogs, because they spoke or wrote against dictatorship and oppression in their countries or against the pressure of foreign trusts. You have to forget immediate advantages and learn who your real friends are.

You must also understand that we are living in the midst of a great social revolution, led by clear-thinking, brave men who

champion the cause of the masses. This movement is not to be stopped by guns, bullets – or words. The problem as I see it is to achieve the desired ends without sacrificing the things that make those ends desirable. We do not wish to throw the baby out with the bath water.

I think it would be a sad mistake to have our countries follow the trail of the United States and become capitalistic. I hope that one day we may attain a kind of mild Christian socialism, with plenty of social freedom. To this end it is necessary that the happy few give up those things which constitute luxuries in order that the majority may have that which is essential. But the real goal of decent civilization will be to give to the people not only the essentials of life – food, drink, shelter, health – but even all those things that, although not essential to human survival, nevertheless make life easier, more enjoyable, and more beautiful.

Right or wrong, ladies and gentleman, that is what I think.  
Thank you!

## A Liberdade na América Latina

(Tradução do inglês)

A LIBERDADE tem tantos aspectos que penso será bastante reconfortante para todos os senhores (e também para mim) se deixar bem claro desde o início que não pretendo entrar no reino nebuloso e fugidio da metafísica e discutir a liberdade espiritual humana, ou a falta de liberdade em relação a Deus. Sou romancista, sabem, e não acredito que meu passaporte profissional tenha um visto apropriado para entrar no país formidável da especulação filosófica. E devo confessar que me sinto pouco à vontade entre as ideias abstratas. Por outro lado, como estou completamente à vontade entre os seres humanos e vivo em um estado de fascínio permanente pela comédia humana, acredito que tenho o direito de discutir, até certo ponto, as pessoas que vivem em uma sociedade, especialmente quando essa sociedade é latino-americana.

134 Eu devo falar por 25 minutos sobre “A Liberdade na América Latina”. Essa é uma grande encomenda por um período tão curto. Vinte e cinco minutos... Quanto é isso, traduzido em termos latino-americanos? *Vejam bem, não devem esquecer que nossa ideia de tempo diverge da habitual aqui nos Estados Unidos, que é objetiva e prática. A nossa é mais subjetiva, escorre com lentidão e eventualmente fora do rumo esperado. Mas tentarei arriscar algumas considerações sobre esse tema tão complexo sem perder o foco e a hora.*

Falando abstratamente, “liberdade é a ausência de obstáculos externos à realização de nossos desejos”. Dentro de uma sociedade bem organizada, as leis determinam a quantidade de liberdade social de que um cidadão pode desfrutar. Venho de um estado no Brasil onde se supõe que os homens sejam durões e amem a liberdade. É um estado de vaqueiros - são chamados gaúchos -, estâncias de gado e pessoas orgulhosas. Um dos nossos principais produtos são

revoluções. Iniciamos as melhores e mais sensacionais revoluções da história do país. Os gaúchos são tão orgulhosos e independentes que às vezes se comportam como se não pertencessem à União. Assim como os seus texanos. Por favor, não imaginem que estou divagando. Quero lhes dizer que quando em uma das cidades do meu estado o departamento de trânsito instalou semáforos em um cruzamento muito movimentado no centro da cidade, a população local protestou, pois considerava isso uma limitação de sua liberdade. “Este deveria ser um país democrático!”, gritaram alguns deles. “Vou atravessar a rua sempre que eu bem quiser!” Levou algum tempo para entenderem o espírito da lei. E, se não se importam, tenho outra história do meu estado natal que também é muito representativa da antiga ideia gaúcha de liberdade. Durante mais ou menos os primeiros vinte e cinco anos deste século, quando vivemos uma vida que lembrava os seus dias na fronteira americana, um gaúcho feliz no gatilho, que matara muitos compatriotas não apenas em revoluções, mas também em duelos, abandonou Riacho Morto, sua cidade natal, para morar em outro lugar. Quando lhe perguntaram por que havia se mudado, acariciou seu bigode longo, grosso e negro e, com uma sombra de tristeza nos olhos estreitos, disse: “Bem, vou lhe dizer, parceiro, não se pode viver mais em Riacho Morto. A cidade mudou muito recentemente. Se você mata alguém hoje em dia, eles imprimem a história no jornal e todo mundo esperneia por dias”.

135

Todos sabemos das limitações que a União Soviética impõe à liberdade de seus cidadãos. Em um de seus livros admiráveis, Bertrand Russell conta sobre um aristocrata russo que, traçando um paralelo entre a Inglaterra e a Rússia, disse que os britânicos não precisavam, como os russos, de uma camisa de força física, porque viviam permanentemente presos numa camisa de força mental. Mas antes que alguém da minha audiência levante uma questão de ordem, temendo que eu tenha me desviado do assunto, deixem-me explicar que o que quero dizer com minhas duas historinhas gaúchas é que

Dona Liberdade tem um rosto especial ou um vestido diferente, não apenas para cada país em separado, mas às vezes até para cada região dentro do mesmo país. Existem nações que simplesmente adoram a arregimentação, e tudo o que sonham é fazer parte de um pelotão, de uma companhia, de um regimento, de um exército, de um partido. A voz masculina do comandante ou do *führer* faz suas espinhas simplesmente formigarem e seus corações incharem de orgulho, e são capazes de todos os tipos de renúncias e sacrifícios de suas liberdades pessoais para possibilitar a manutenção de um exército, partido ou nação rigidamente disciplinados.

O individualismo extremo dos povos latinos, geralmente incapazes de trabalhar em equipe, os torna supersensíveis e altamente discriminadores em questões de liberdade. Devo confessar que às vezes nós, latinos, pensamos que a liberdade é uma mera questão de palavras e nos contentamos em ter uma constituição lindamente liberal e uma declaração de direitos humanos sem nos preocuparmos em descobrir se a liberdade de fato existe em nossa sociedade. Mas antes de voltar ao mundo latino, permitam-me oferecer mais algumas considerações de natureza geral sobre a liberdade.

136

Parece a esse contador de histórias que ninguém pode realmente ser considerado livre se for privado das necessidades materiais fundamentais da vida, como comida, saúde, roupas, um lar e uma vida sexual normal, se não se importam com meu realismo. Parece aceitar a ideia de que nas sociedades modernas todos os homens têm direito (pelo menos teoricamente) a todos esses privilégios e que o Estado deve de fato prover alguns deles ou pelo menos tornar possível às pessoas que os alcancem.

A sociedade pode ser definida como um grupo de indivíduos que cooperam para realizar certos objetivos comuns - ou estou sendo pedante demais? No que diz respeito aos seres humanos, a família é a forma mais primitiva da sociedade. Hoje é mais fácil satisfazer nossas necessidades objetivas do que nos tempos em que a maior



unidade social era a família ou a tribo. Nesse sentido, diz-se que a sociedade aumentou nossa liberdade, ou seja, temos maiores oportunidades de adquirir comida, roupas, abrigo e estabilidade social, e as possibilidades de sermos mortos por nossos inimigos foram diminuídas. Aparentemente, porém, parece que o que aconteceu foi exatamente o contrário: a vida social organizada impôs aos homens um conjunto de leis que, a longo prazo, prejudicaram sua liberdade. Penso que agora entramos no domínio da semântica. (A propósito, Dona Semântica é uma mulher muito mais perturbadora e sofisticada do que Dona Liberdade.) O que realmente aconteceu foi que trocamos algumas de nossas liberdades pessoais por uma certa quantia de segurança social, vantagens e serviços. Também poderíamos dizer que na vida social moderna o que parece ser uma diminuição de nossas liberdades não passa de um aumento de nossas responsabilidades como membros do corpo social.

Vocês, americanos, deveriam ser um povo que ama a liberdade, e penso que são, embora nos tempos modernos ainda não tenham sido submetidos a um teste realmente severo. Aceito a ideia geral de que se esforçam para honrar sua própria Declaração de Independência, a qual afirma que “todos os homens são criados iguais” e “que são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, entre os quais a vida, a liberdade e a busca da felicidade” e “que, para garantir esses direitos, instituem-se os governos entre os homens, derivando seu justo poder do consentimento dos governados”. Talvez não observem à risca os ensinamentos sábios incorporados na declaração de seus antepassados, mas é justo admitir que hoje em dia os Estados Unidos da América são um dos poucos países em todo o mundo onde ainda existem liberdades civis, relativamente ílesas.

Mas qual é a situação nos países latino-americanos? O que aconteceu com a Senhora Liberdade lá embaixo? As pessoas realmente viram seu rosto adorável e brilhante ou foram enganadas por todos esses séculos, em que os chamados estadistas, caudilhos,

ditadores e demagogos substituíram a bela dama por uma feia boneca de pano, cujas feições e roupas eles continuam mudando de acordo com seus interesses políticos ou pessoais?

Mas, para começar, o que é a América Latina? Ora, vocês americanos gostam de economizar tempo e, para esse fim, condensam romances a um décimo de sua extensão ou os reduzem a uma história em quadrinhos. Vocês desidratam a comida e penso que, às vezes, no mesmo espírito, tentam desidratar pensamentos e ideias. Vocês amam fórmulas que economizam tempo. Gostam de café instantâneo e bifés malpassados. Sinto muito, mas não tenho uma fórmula instantânea para entender a América Latina. De fato, os países abaixo do Rio Grande formam uma espécie de louca colcha de retalhos. A América Latina não é uma unidade cultural. Temos, para começar, o México e partes da América Central, uma região onde pelo menos sessenta por cento da população tem sangue indígena. Depois vem a região do Caribe, com Cuba, Porto Rico, Haiti, República Dominicana, a costa atlântica da Colômbia, partes da Venezuela e a América Central. Existe uma forte influência negra nessa região e encontra-  
138 rão, por exemplo, muitas diferenças psicológicas entre um cubano e um mexicano ou entre um costarriquenho e um venezuelano. A costa sul do Pacífico, com o Chile, forma uma região cultural por si só. O norte do Chile é marrom e árido - um deserto; o sul do Chile é verde e exuberante. Com seus lagos de esmeralda e montanhas cobertas de neve, lembram a Suíça. Encontrarão chilenos de pele bronzeada com olhos de indígenas escuros e oblíquos e chilenos loiros com olhos verdes ou azuis devido ao sangue alemão e suíço em suas veias. A região andina, antiga sede da civilização inca, e composta do noroeste da Argentina, Bolívia, Peru e Equador, forma outro setor com forte tradição e influência indígena. Há uma Colômbia e uma Venezuela com aparência muito espanhola (os colombianos se orgulham de falar o castelhano mais puro das Américas), e na moderna Caracas ficarão surpresos ao testemunhar o crescimento de uma cidade

com tantas características americanas que lhes lembra Los Angeles ou Miami. Depois, há a região do Grande Chaco, com o Paraguai, onde se fala mais guarani do que espanhol. (Falando em idiomas, não esqueçam que o pequeno e colorido idioma oficial do Haiti é o francês.) Na região do Rio da Prata, onde estão a Argentina e o Uruguai, encontrarão uma região cultural de aparência muito europeia, com uma grande população italiana, sem o problema negro ou indígena. E por último, mas não menos importante, temos o Brasil de língua portuguesa, um continente por si só, com sua população de sessenta milhões. Como veem, é impossível falar da América Latina como um bloco, uma unidade, uma região cultural uniforme. Que o americano das ruas - o homem de apenas educação básica - continue acreditando na imagem da América Latina que os filmes padrão de Hollywood apresentam - a dança do mambo, *señoritas*, alegres *caballeros* com grandes *sombreros* tocando violão ou desfrutando de *siestas* e *fiestas* intermináveis. Mas os senhores, que estudam na faculdade, que leem e querem aprender, deveriam conhecer melhor e evitar todos esses clichês e fórmulas tolas. A imagem inteira da América Latina é muito mais estimulante do que todas as artificiais e fantásticas imagens dos filmes tecnicolor em CinemaScope lhes dão dos países da América Central e do Sul.

139

Como o elemento indígena parece tão ponderável na América Latina, tentemos obter uma visão panorâmica das três civilizações indígenas mais importantes da América nos dias pré-colombianos - Maia, Asteca e Inca - com o objetivo principal de ter uma ideia do grau de liberdade desfrutado por seus respectivos povos.

Os astecas formaram um império exclusivamente militar, cujo monarca tinha absoluto domínio sobre a vida e a propriedade de seus súditos. Dividia entre os nobres a terra em que os escravos trabalhavam. Os militares constituíam a classe dominante. Para dizer o mínimo, aqueles oficiais astecas eram os precursores dos prussianos. Havia também um tipo de classe média formada por

agricultores, comerciantes e funcionários públicos, que por sua vez exploravam as miseráveis populações rurais. De vez em quando, um cidadão daquele romântico império asteca era devorado em uma cerimônia pública, seu coração tendo o alto privilégio de ser dado aos deuses. E as mulheres? Bem, eles eram uma espécie de mercadoria. Podiam ser negociadas, compradas, doadas. Montezuma, o imperador asteca, tinha mil esposas ou concubinas. No entanto, os astecas eram muito hábeis como arquitetos, ourives, pintores, construtores de estradas e fabricantes de têxteis e cerâmicas. Fizeram maravilhas em matéria de irrigação e tinham um tipo muito engenhoso de escrita, consistindo na representação pictórica de objetos. É muito interessante notar que foi possível alcançar uma marca tão alta de civilização material sem nunca possuírem cavalos e implementos de ferro, sem conhecerem a roda, cultivando trigo ou criando gado.

O que quero enfatizar é que no império asteca, que ocupou parte do México, os indígenas não tinham qualquer liberdade. Viviam sob uma ditadura militar terrivelmente cruel.

140 Quando os *conquistadores* espanhóis chegaram ao Novo Mundo, os maias já eram um povo decadente. Quantos anos tinha a sua civilização? Essa é outra questão de especulação. Alguns dizem que suas origens remontam ao ano mil a.C. Os maias construíram grandes cidades, estradas, templos e fortalezas. Eles foram os mestres do passado em artes decorativas e arquitetura. Guerras entre suas cidades eram muito comuns. Era, no entanto, uma espécie de civilização religiosa. O governo era dominado pelo clero, mais preocupado em erguer monumentos para seus deuses do que em melhorar as condições de vida do povo. As classes altas eram formadas por sacerdotes, militares e nobres. (Ainda hoje, lembrem-se, em muitos países latino-americanos, encontramos aproximadamente esse mesmo tipo de organização.) Havia também um tipo de classe média formada por comerciantes, agricultores e artesãos. O resto do povo? Apenas escravos que trabalhavam na terra para manter a estrutura social.

Agora chegamos ao intrigante império inca que floresceu nas terras do Peru. Não era tão fortemente militarista quanto o império asteca. Era uma organização paternalista, e não posso resistir à tentação de dizer que eles dividiram as pessoas em *ayllús*, uma espécie de aldeias. O *ayllú* constituía a base da política fundiária dos incas. Cada *ayllú* tinha um chefe político. Todos os habitantes eram registrados e divididos em grupos de 10, e um desses 10 cuidava dos 9 restantes. Cada 5 grupos de 10 pessoas tinham outro chefe superior. Dois grupos de 50 tinham direito a um novo líder, e 5 grupos de 100 ficavam sob um capitão, que cuidava de todos os 500 homens, e 2 grupos de 500 ficavam sob uma espécie de general. Este não era apenas um sistema político, mas também econômico, segundo o qual a terra era distribuída. Em resumo, a sociedade inca era principalmente agrária e seu governo definitivamente totalitário. Havia uma burocracia tremendamente numerosa para manter tal organização, cuidar da coleta de impostos, da divisão de terras, do recrutamento de homens para o exército e da seleção das mulheres que cada província deveria dar ao Inca e ao Sol, o símbolo da religião inca. O império era governado por uma aristocracia, que fornecia generais ao exército e cujos membros desfrutavam de certos privilégios e uma certa quantidade de liberdade. Esses nobres lutaram entre si pelo controle do governo, que tinha toda a direção da economia do império. Os nobres eram os que decidiam como e quando fazer a guerra; deveriam trabalhar pela grandeza do império e governar as terras conquistadas, que eram muitas, tendo em vista as tendências imperialistas dos incas. (Qualquer semelhança com a União Soviética é mera coincidência.) Os incas não eram canibais, como os comunistas às vezes afirmam que os americanos são, e não tinham o hábito de sacrificar vidas humanas a seus deuses. Mas, por ocasião da coroação de um novo imperador, muitos meninos e meninas costumavam ser enterrados vivos aos pares com todos os utensílios necessários para a vida doméstica.

Como viram, nas três principais civilizações indígenas da América pré-colombiana, o povo vivia sob governos totalitários, despóticos e cruéis, que lhes davam muito pouca ou nenhuma liberdade.

O que aconteceu quando chegaram os nobres *conquistadores*? Isso significou, no início, que os índios foram mortos em massa e que depois foram escravizados e tiveram que trabalhar desta vez não para o imperador ou para o Sol ou a Lua, mas para Sua Alta Majestade Católica, o rei da Espanha. Eles se rebelaram, fugiram para as selvas e para as montanhas.

O dilema deles era terrível: permanecerem nas aldeias e cidades dominadas pelos espanhóis e serem obrigados a trabalhar sem liberdade, ou fugir e viver em um tipo de liberdade puramente relativo, sujeitos a todos os perigos e dificuldades de uma vida nômade, na selva.

142      Aposto que esses índios ficaram intrigados. Os representantes da coroa espanhola queriam seus corpos, para trabalhar nas plantações e minas. Os representantes da Igreja, alegando que queriam suas almas imortais, tentaram tirar deles todos os seus deuses pitorescos, visíveis e brilhantes, como a Lua e o Sol, substituindo-os por uma Deidade remota e invisível, e muito provavelmente um homem branco como os *conquistadores*. Pode-se dizer que esse novo deus pelo menos oferecia a vantagem de não pedir sacrifícios humanos, mas penso que não foi exatamente o caso, porque em 1569 a Inquisição foi levada às colônias espanholas - para deter a influência judaica e protestante na Novo Mundo - e, a partir dessa data fatídica, muitos índios foram julgados e condenados por acusações de bruxaria, blasfêmia e bigamia e, conseqüentemente, queimados vivos. Os afortunados o suficiente para escapar da Inquisição e sobreviver eram frequentemente sujeitos a punições corporais, enviados à prisão ou às galés. Uma bela imagem, de fato!

Não quero ser injusto com a Igreja. Acredito que em milhares de casos os missionários católicos ajudaram os índios, até os prote-

geram da crueldade dos funcionários do governo e, através de um trabalho paciente, os converteram à fé cristã, conscientizando-os de suas almas e da indesejabilidade do canibalismo, promiscuidade sexual e outros pecados teológicos e sociais.

Vamos agora usar a técnica dos velhos romances populares e dizer que muitos, muitos anos se passaram. Uma nova sociedade se formou no Novo Mundo. Pode ser descrita como um tipo de bolo colorido, embora grosseiro, cuja camada mais alta era formada pela aristocracia de sangue espanhol - altos funcionários do governo, oficiais do exército, nobres que também eram poderosos proprietários de terras. A segunda camada era composta por imigrantes, principalmente de origem espanhola, que haviam se tornado ricos, membros da nobreza indígena que haviam feito algum tipo de pacto de convivência pacífica com o governo espanhol e uma espécie de classe média - se é que podemos usar esse termo - repleta de espanhóis e crioulos menos ricos. O restante do bolo, ou seja, sua parte mais volumosa, era formado pelas massas: índios, mestiços e negros que viviam em extrema pobreza, mal alimentados, mal-vestidos, doentes e vítimas constantes dos males da promiscuidade sexual e da superstição. (Como romancista, eu amo esse bolo; como homem, eu o odeio. Mas o que posso fazer com os bolos comidos do ano passado?)

143

De qualquer modo, não era uma sociedade feliz. No final do século XVIII, a América Latina estava dividida em cinco vice-reinados. Os vice-reis eram geralmente ruins. Seu governo era corrupto e frequentemente cruel. Muitas injustiças sociais eram cometidas. Os crioulos nunca recebiam cargos na administração. A aristocracia vivia uma vida de luxo e dissipação em contraste com a pobreza do povo. A Espanha estava muito longe e muito enfraquecida por muitas guerras e longos anos de mau governo. As colônias não tinham permissão para negociar diretamente com países estrangeiros ou mesmo entre si. Os impostos eram muito altos.

Era natural que o descontentamento crescesse nas colônias e que sinais de revolta aparecessem. E então, no início do século XIX, a figura extraordinária de Simon Bolívar entrou em cena. Não preciso repetir o que aconteceu, porque todos os senhores sabem. Se não, desculpem, não tenho tempo para lhes dizer. Agora darei um salto no tempo e aterrissarei exatamente onde estou agora, nesta mesma segunda-feira, 21 de fevereiro de 1955.

Qual é a situação na América Latina hoje? Levando em consideração todas as probabilidades contra nós - todas as desvantagens, geográficas, sociais e econômicas -, nos demos bastante bem. Os senhores ficarão surpresos ao descobrir lá embaixo cidades maravilhosas como Buenos Aires, Rio de Janeiro, São Paulo, Cidade do México, Santiago, Caracas, Montevidéu... Em muitos países, encontrarão uma quantidade considerável de indústrias.

144 *A sociedade constituída nesse novo tempo também pode ser vista como um bolo desigual, apresentando uma camada superior, de classe alta, provida de todos os bens e privilégios, seguida de um recheio fino, composto por uma classe média fraca, em permanente estado de insolvência, devido a baixos salários, alto custo de vida, inflação e também ao hábito adquirido nesses últimos 25 anos, mais ou menos, de comprar em prestações rádios, refrigeradores e outros aparelhos elétricos. A espessa camada inferior do bolo consiste nos eternos oprimidos, a multidão infeliz que tem sua origem na sociedade colonial e que passa de pai para filho uma herança de pobreza e miséria.*

Estamos discutindo liberdade. Será interessante descobrir quantas das liberdades de Roosevelt as massas da América Latina desfrutam. Vamos ver.

*Liberdade de carências* - é claro que não têm nada dessa liberdade, e não preciso repetir o porquê. *Liberdade de culto* - a Igreja Católica ainda é poderosa na América Latina e se opõe amargamente à Igreja Protestante, ressentindo-se especialmente de missionários



estrangeiros. Quanto à tolerância, porém, a situação melhorou um pouco nos anos mais recentes. *Liberdade de expressão – infelizmente, na maioria dos países latino-americanos, os governos mesmo dizendo-se democráticos, recusam a oposição e limitam o livre pensamento, usando instrumentos de censura para silenciar a imprensa e escritores e artistas independentes. Liberdade do medo – as massas não podem viver suas vidas sem a constante ameaça de opressão política, já que os governos preferem tomar o poder a deixá-lo ficar nas mãos do povo. Regimes totalitários não são incomuns, assim como revoluções e golpes de estado.*

Sim, ditadores e revoluções... aposto que não entendem por que temos tantas revoluções e ditadores lá embaixo. Espero que, depois do que contei hoje, possam entender melhor a situação. Como veem, as revoluções têm suas raízes na estrutura medieval que ainda prevalece na maioria dos países latino-americanos, apesar da fachada da cultura, das altissonantes constituições e declaração de princípios. Não devemos esquecer que a raça dos caudilhos ainda existe, embora esteja em declínio. (E espero que venha a desaparecer por completo, assim como os dinossauros.) O analfabetismo e a pobreza tornam as massas apáticas e, portanto, submissas. O poder é disputado por alguns políticos das classes altas que recorreram tantas vezes ao exército (o único corpo armado capaz de realizar uma revolução realmente bem-sucedida) que os generais por fim refletiram: “Por que eu deveria começar a atirar nas pessoas e derrubar governos para colocar outro sujeito no poder?” E acharam mais lógico lutar por sua própria vantagem pessoal. O estado de insolvência crônica da maioria de nossos países gera inquietação social, e a agitação social constitui uma desculpa muito boa para os militares tomarem o poder sob o pretexto de “manter a ordem e manter a constituição”. Por outro lado, há alguma pressão externa, principalmente de grandes empresas comerciais e trustes que têm investimentos na América Latina. Essas empresas preferem um ditador que promete

defender suas propriedades e interesses e honrar seus contratos a um governo revolucionário que pode ser muito nacionalista ou até róseo. Aqueles que favorecem governos autoritários entre nós costumam dizer que um país de *mestizos* não pode ser governado democraticamente. Eu me ressinto disso. Primeiro, da implicação de que um mestiço é um ser inferior. Esquecem que nossas massas se comportam dessa maneira, não porque a maioria seja mestiça, mas porque são deixadas em completo abandono. Segundo, acredito sinceramente que é muito melhor ter uma democracia imperfeita do que uma assim chamada ditadura benevolente, e que o único modo de alcançar uma democracia perfeita é pelo estágio intermediário da nossa atual democracia imperfeita.

146 O problema mais importante das massas da América Latina é o da fome. Tudo o que precisam agora é de liberdade para comer, a fim de sobreviver. Existe uma liberdade neste país sobre a qual poucas pessoas falam, porque é um dado adquirido. Mas no dia em que essa liberdade for suprimida, haverá uma revolução nacional em que até as mulheres sairão às ruas para lutar por ela. Quero dizer a *liberdade de comprar*. Essa liberdade não significaria nada para 80% de nossas populações latino-americanas, porque elas não têm meios para comprar. Precisam de cuidados médicos, escolas, um pedaço de terra e ferramentas para cultivá-lo. São um povo maravilhoso. São silenciosos, corajosos e gentis. Têm imaginação e senso de humor, mesmo na adversidade.

Não quero dar-lhes a impressão de que somos todos indígenas ou todos mestiços. Na Argentina e no Uruguai, diz-se que a população é 90% branca. No meu estado natal, quase dois terços da população têm sangue alemão ou italiano.

Entendo também que o problema da liberdade individual é mais um problema do homem civilizado do que do selvagem. Nós intelectuais prezamos muito todas as liberdades civis e em especial a liberdade de expressão. Pessoalmente, não estou disposto a renun-

ciar a ela para nenhum ditador, por maior que seja.

Espero que um dia possamos resolver a maioria dos nossos problemas sociais. Para isso, precisamos da ajuda deste país - não apenas ajuda material, empréstimos em dinheiro, técnicos, ferramentas, mas também sua compreensão. A primeira coisa que devem entender é que precisam pensar duas vezes antes de chamar um homem de Vermelho. Muitos intelectuais em nossos países foram rotulados de comunistas porque desejam proporcionar uma vida melhor aos menos favorecidos, porque falaram ou escreveram contra a ditadura e a opressão em seus países ou contra a pressão de trustes estrangeiros. Os senhores precisam esquecer as vantagens imediatas e aprender quem são seus verdadeiros amigos.

Também devem entender que estamos vivendo no meio de uma grande revolução social, liderada por homens corajosos e de pensamento claro que defendem a causa das massas. Este movimento não deve ser parado por armas, balas - ou palavras. O problema que vejo é alcançar os fins desejados sem sacrificar as coisas que os tornam desejáveis. Não queremos jogar o bebê fora com a água do banho.

147

Penso que seria um triste erro fazer nossos países seguirem a trilha dos Estados Unidos e se tornarem capitalistas. Espero que um dia possamos alcançar um tipo de socialismo cristão moderado, pleno de liberdade social. Para esse fim, é necessário que os raros felizes desistam daquilo que constitui luxo, para que a maioria possa ter o essencial. Mas o objetivo real de uma civilização decente será dar às pessoas não apenas os elementos essenciais da vida - comida, bebida, abrigo, saúde - mas também todas aquelas coisas que, embora não sejam essenciais para a sobrevivência humana, tornam a vida mais fácil, agradável e mais bela.

Certo ou errado, senhoras e senhores, é o que penso. Obrigado!

## **X Congreso Panamericano del Niño at Panamá<sup>22</sup>**

### **Pronunciamento de abertura**

Permitidme decir ahora algunas palabras en mi propio nombre. No hablo solamente como director del Departamento de Asuntos Culturales de la Unión Panamericana, sino también como escritor y, sobre todo, como ciudadano de América.

Profeso un cariño muy especial por los niños para los cuales he escrito muchos libros de cuentos, y cuyo bienestar y destino me inspiran un interés que nada tiene de académico, puesto que es antes que todo profundamente humano.

Lo que más me impresiona e inquieta en el escenario de la América Latina es el espectáculo de la miseria en que se debaten la mayor parte de nuestras poblaciones. Existen en nuestra América muchos millones de personas que viven – si se puede emplear este verbo – en un plano animal más que en un plano humano. Y no conozco una cruzada más noble y grandiosa para los hombres de pensamiento y de gobierno que la de arrebatar a las enfermedades,  
148 al analfabetismo y a la miseria esas inmensas masas que viven al margen de la vida, procurándoles un mundo mejor, más bello y en el que cada cual pueda tener conciencia no solamente de su cuerpo, sino también de su alma, de su derecho a la felicidad y a participar íntegramente en los beneficios de la comunidad humana.

Ese es el gran desafío que la historia hace a nuestros estadistas, a nuestros profesores, a nuestros escritores y a nuestros hombres de ciencia. ¿Aceptamos el reto y nos lanzamos de inmediato a la acción o permanecemos inactivos, tratando de justificar nuestra indiferencia con palabras y teorías de cuya validez nosotros mismos

---

22 Pronunciamento do Diretor de Assuntos Culturais da OEA – por ocasião da abertura da Conferência del Niño, na cidade do Panamá, em 1955 [manuscrito no alto do documento].

no tenemos ninguna certeza? Sí, solemos vivir para hablar, escribir e inventar teorías y sistemas, y como resultado de ese proceso muchas veces las palabras, las ideas abstractas y los libros forman como una muralla que nos impide ver la realidad viva. El hombre moderno se enorgullece de la llamada “civilización occidental” y afirma con frecuencia y en tono heroico, que está dispuesto a matar y a morir para preservarla. Por supuesto, es una civilización con muchos rasgos admirables, pero si dejando a un lado los excesos de la oratoria y de la fácil idealización, la examinamos fría y honradamente veremos que, por un lado, sus conquistas en el dominio del progreso mecánico y de la ciencia son impresionantes, pero que por otro existen todavía en nuestro “brave new world” condiciones sociales tan lamentables como las que hayan podido existir en las épocas más oscuras de la historia de la humanidad.

Leo y oigo repetidamente que una de las características principales de nuestra civilización cristiana es el respeto a la persona humana. Pero no hay que olvidar que existen dos maneras de *no* respetar a las personas. Una es la activa, la que practican los estados totalitarios donde existen campos de concentración y de trabajo forzados, donde las personas pierden el nombre y la condición humana para transformarse en números en el archivo de la policía, o en combustible para las insaciables calderas de la máquina del Estado. La otra manera de *no* respetar a la persona humana es la que encontramos en una parte de nuestro mundo occidental, y que consiste en dejar en el más completo y cruel abandono a poblaciones enteras, sin asistencia médica, sin hospitales, sin escuelas, sin nada. Sinceramente, no veo *mucha* diferencia entre una y otra forma de *irrespeto* a la persona humana.

Quiero que mi pensamiento con relación a esos problemas quede bien claro. No creo en un mundo perfecto en que todas las dificultades e inquietudes puedan ser eliminadas de la faz de la tierra y del corazón de los hombres. Pero creo, eso sí, que si empleáramos

todos los recursos de la técnica y de la ciencia con ánimo justiciero podríamos eliminar por completo calamidades sociales tan espantosas como el hambre, las enfermedades infecciosas y la miseria crónica. Es cierto que el bienestar material no es la panacea universal: estoy convencido de que el hombre una vez bien vestido, bien alimentado, con buena salud, dueño de una casa y de un empleo permanente apenas si habrá alcanzado los requisitos *preliminares* indispensables a una vida decente y digna. Es por esa razón que veo con cierta alarma la actitud de algunos de nuestros estadistas, políticos y pensadores que creen que solamente las medidas de carácter económico pueden resolver *todos* nuestros problemas. Por muy dramáticamente importantes que me parezcan las soluciones económicas, para el logro de la felicidad social, ellas jamás tendrán fuerza suficiente para resolver los demás problemas del hombre, como el de su angustia frente a la muerte y el “más allá” y su actitud respecto de Dios – para mencionar sino algunos de los problemas espirituales que no pueden ser resueltos mediante el empleo de la energía atómica, los antibióticos o las máquinas electrónicas de cálculo.

150

Lo que nos impide vivir en estado de permanente agonía frente al mundo actual es nuestra mala memoria y nuestra capacidad de autoengaño. Porque si todas las mañanas al levantarnos tuviéramos una conciencia nítida y aguda de los millones de personas que en el vasto mundo mueren de hambre o sufren injusticias de toda suerte creo que la vida se nos tornaría insoportable, nos avergonzaríamos no solamente de nuestra decantada civilización sino también de nosotros mismos, de nuestra indiferencia frente a todas esas injusticias, miserias y ultrajes.

Hace veinticinco años fueron muchos los escritores, profesores y artistas que se inclinaron hacia la izquierda atraídos por las promesas de Comunismo. Se ha dicho con una buena dosis de humor y no menor dosis de verdad, que un liberal es en última instancia “un intelectual que posee un complejo de culpa”. No es, pues, de admirar

que en nuestros países el Comunismo pueda llegar a convertirse en un mal crónico. “¿Qué tenemos que perder – se preguntarán los miserables – sino nuestras cadenas?” Porque, amigos, nos es con campos de concentración ni con la violencia policial que vamos a resolver nuestros problemas sociales. No es suficiente recitar a las poblaciones abandonadas bellas páginas sobre las maravillas de nuestra “civilización occidental”. El “bill of rights” no tiene ningún sentido para el indio descalzo, roto, hambreado y enfermo. Hay en nuestro continente millones de personas para las cuales un plato de arroz o un pedazo de carne vale más que la más hermosa de las Constituciones o de las declaraciones de derechos humanos.

El mejor modo de iniciar esta grande cruzada en pro de la recuperación de las poblaciones marginales es prestar una atención cada vez mayor a los problemas del niño. Y precisamente este Congreso – que reúne en su seno lo que nuestro Continente puede ofrecer de más selecto en los campos de la pediatría, la puericultura y la asistencia social – tiene un sentido extraordinario. Sí, salvemos a los niños de América no solamente de una muerte prematura sino también de una vida indigna y miserable que pueda conducirlos al embrutecimiento y al crimen. Y aquí resisto la tentación de hacer una observación en forma de pregunta que va dirigida no a ustedes sino a los estadistas del mundo: ¿No es absurdo salvar a los niños de hoy para dejarlos morir mañana como hombres en los campos de batalla y en las ciudades bombardeadas? Nunca como en nuestros días fue más trágica la amenaza de una guerra, porque un nuevo conflicto armado significaría probablemente la muerte de nuestra civilización y la destrucción casi completa de la humanidad.

No quiero que mis últimas palabras sean pesimistas. Deseo recordar que hace poco la Organización de los Estados Americanos dio pruebas de su eficacia como organismo destinado a mantener la paz del Continente y promover la convivencia pacífica entre las naciones y los pueblos de América. Y este Congreso, que ahora se

inicia bajo los auspicios del gobierno de Panamá, es una prueba de que la conciencia de América está despierta y que sus mejores espíritus están empeñados en la defensa de los intereses del niño.

Haciendo votos por el éxito de esta asamblea saludo a los señores Delegados con el corazón lleno de esperanza en los destinos de América y del mundo.



## **X Congresso Pan-Americano da Criança at Panamá:**

### **Pronunciamento de abertura**

#### **(Tradução do espanhol)**

Permitam-me dizer agora algumas palavras em meu próprio nome. Falo não apenas como diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, mas também como escritor e, acima de tudo, como cidadão da América.

Tenho um carinho muito especial pelas crianças, para as quais escrevi muitos livros de histórias e cujo bem-estar e destino me inspiram um interesse que nada tem de acadêmico, pois é acima de tudo profundamente humano.

O que mais me impressiona e me inquieta no cenário latino-americano é o espetáculo da miséria em que se debate a maioria de nossas populações. Existem muitos milhões de pessoas em nossa América que vivem - se esse verbo pode ser usado - em um plano animal, e não em um plano humano. E não conheço cruzada mais nobre e grandiosa para homens de pensamento e governo do que arrebatar das enfermidades, analfabetismo e miséria essas imensas massas que vivem à margem da vida, proporcionando-lhes um mundo melhor, mais belo e em que cada um possa estar ciente não apenas de seu corpo, mas também de sua alma, de seu direito à felicidade e de participar plenamente dos benefícios da comunidade humana.

Esse é o grande desafio que a história faz aos nossos estadistas, aos nossos professores, aos nossos escritores e aos nossos cientistas. Aceitamos o desafio e imediatamente entramos em ação, ou permanecemos inativos, tentando justificar nossa indiferença com palavras e teorias de cuja validade nós mesmos não temos certeza? Sim, geralmente vivemos para falar, escrever e inventar teorias e sistemas e, como resultado desse processo, muitas vezes as palavras,

as ideias abstratas e os livros formam uma espécie de muralha que nos impede de ver a realidade viva. O homem moderno se orgulha da chamada “civilização ocidental” e com frequência afirma em tom heroico que está pronto para matar e morrer para preservá-la. Certamente, é uma civilização com muitos traços admiráveis, mas se deixarmos de lado os excessos da oratória e da idealização fácil, a examinamos com frieza e honestidade, veremos que, por um lado, suas conquistas no domínio do progresso mecânico e da ciência são impressionantes, mas, por outro lado, ainda existem em nosso “admirável mundo novo” condições sociais tão lamentáveis quanto aquelas que podem ter existido nos tempos mais obscuras da história da humanidade.

154 Leio e ouço repetidamente que uma das principais características de nossa civilização cristã é o respeito pela pessoa humana. Mas não devemos esquecer que existem duas maneiras de *não* respeitar as pessoas. Uma é a ativa, a praticado por estados totalitários onde existem campos de concentração e trabalho forçado, onde as pessoas perdem seu nome e condição humana para se tornarem números no arquivo policial ou abastecem as caldeiras insaciáveis da máquina do Estado. A outra maneira de *não* respeitar a pessoa humana é a que encontramos em uma parte do nosso mundo ocidental, e consiste em deixar populações inteiras no mais completo e cruel abandono, sem assistência médica, sem hospitais, sem escolas, sem nada. Sinceramente, não vejo muita diferença entre uma e outra forma de *desrespeito* pela pessoa humana.

Quero que meu pensamento sobre esses problemas fique bem claro. Não acredito em um mundo perfeito no qual todas as dificuldades e preocupações possam ser removidas da face da terra e do coração dos homens. Mas acredito, isso sim, que, se usássemos todos os recursos da tecnologia e da ciência com um espírito de justiça, poderíamos eliminar completamente calamidades sociais como a fome, as doenças infecciosas e a miséria crônica. É verdade que o bem-estar material

não é a panaceia universal: estou convencido de que o homem, uma vez bem vestido, bem alimentado, com boa saúde, dono de uma casa e de um emprego permanente, terá apenas alcançado os requisitos *preliminares* indispensáveis para uma vida decente e digna. É por esse motivo que vejo com certo alarme a atitude de alguns de nossos estadistas, políticos e pensadores que acreditam que somente medidas de caráter econômico podem resolver *todos* os nossos problemas. Por mais que me pareçam dramaticamente importantes as soluções econômicas, para a conquista da felicidade social, elas nunca terão força suficiente para resolver os outros problemas do homem, como os de sua angústia diante da morte e o “além” e sua atitude em relação a Deus - para mencionar apenas alguns dos problemas espirituais que não podem ser resolvidos mediante o emprego da energia atômica, dos antibióticos ou das máquinas de calcular eletrônicas.

O que nos impede de viver em um estado de agonia permanente diante do mundo atual é nossa memória fraca e nossa capacidade de auto ilusão. Porque, se todas as manhãs, ao acordar, tivéssemos uma consciência nítida e aguda dos milhões de pessoas que no mundo inteiro morrem de fome ou sofrem injustiças de toda sorte, creio que a vida se tornaria insuportável, teríamos vergonha não apenas de nossa decantada civilização, mas também de nós mesmos, de nossa indiferença a todas essas injustiças, misérias e ultrajes.

Vinte e cinco anos atrás, foram muitos os escritores, professores e artistas que se inclinaram para a esquerda, atraídos pelas promessas do Comunismo. Tem-se dito, com uma boa dose de humor e não menor dose de verdade, que um liberal é em última instância “um intelectual com um complexo de culpa”. Não é, portanto, de admirar que em nossos países o Comunismo possa chegar a converter-se num mal crônico. “O que temos a perder - os miseráveis se perguntarão - a não ser nossas correntes?” Porque, amigos, não é com os campos de concentração ou com a violência policial que vamos resolver nossos problemas sociais. Não basta recitar para as

populações abandonadas belas páginas sobre as maravilhas de nossa “civilização ocidental”. A “declaração de direitos” não faz nenhum sentido para o índio descalço, esfarrapado, faminto e doente. Existem milhões de pessoas em nosso continente para quem um prato de arroz ou um pedaço de carne vale mais do que a mais bela das Constituições ou as declarações de direitos humanos.

A melhor maneira de iniciar esta grande cruzada em prol da recuperação de populações marginais é prestar uma atenção crescente aos problemas da criança. E precisamente este Congresso - que reúne em seu seio o que o nosso Continente pode oferecer de mais seletivo nos campos da pediatria, puericultura e assistência social - tem um significado extraordinário. Sim, salvemos as crianças da América não apenas de uma morte prematura, mas também de uma vida indigna e miserável que pode levá-las ao embrutecimento e ao crime. E aqui resisto à tentação de fazer uma observação em forma de uma pergunta que não é dirigida aos senhores, mas aos estadistas do mundo: não é absurdo salvar as crianças de hoje e deixá-las morrer amanhã como homens nos campos de batalha e nas cidades bombardeadas? Nunca antes a ameaça de guerra foi mais trágica do que em nossos dias, porque um novo conflito armado provavelmente significaria a morte de nossa civilização e a destruição quase completa da humanidade.

156

Não quero que minhas últimas palavras sejam pessimistas. Gostaria de lembrar que recentemente a Organização dos Estados Americanos deu provas de sua eficácia como organismo destinado a manter a paz no Continente e promover a coexistência pacífica entre as nações e povos da América. E este Congresso, que agora se inicia sob os auspícios do governo panamenho, é prova de que a consciência da América está desperta e de que seus melhores espíritos estão comprometidos em defender os interesses da criança.

Fazendo votos pelo sucesso desta assembleia, saúdo os senhores Delegados com um coração cheio de esperança pelos destinos da América e do mundo.

## Address before the Meeting of The International Institute of Ibero-American Literature at Mexico City <sup>23</sup>

Deseo presentar a ustedes, esta tarde, un breve panorama de lo que la Organización de los Estados Americanos y, sobre todo, el Departamento Cultural de la Unión Panamericana, han venido haciendo, están haciendo o proyectan hacer en el campo de la literatura; especialmente, en el de la literatura que aquí nos interesa: la literatura iberoamericana. Pero antes de ir hacia la literatura, conviene que nos volvamos, por unos instantes, hacia la historia.

Quizás no sea novedad, pero novedad poco conocida, que la Organización de los Estados Americanos es, de hecho, la más antigua de las organizaciones internacionales; que ha sido el primer ensayo de cooperación internacional destinado a asegurar la paz, promover la justicia y fortalecer los vínculos culturales y económicos entre los respectivos países. Un ensayo, muy anterior, por cierto, a la Liga de las Naciones o a las Naciones Unidas. Nuestra Organización no nació de improviso, ni surgió súbitamente, revestida con todas sus armas, de la cabeza de un Júpiter internacionalista. No nació de la guerra, sino de la paz y del sincero deseo de colaboración de un puñado de naciones de América. Es una creación histórica que ha ido desarrollándose poco a poco, desde orígenes muy humildes, hasta adquirir una fisonomía propia. Sin duda el germen inicial de una organización de los estados libres e independientes de América, estaba potencialmente contenido en la iniciativa de Bolívar, al convocar el Congreso de Panamá en 1826. Pero no adquirió concreción práctica sino mucho después, en 1889, cuando representantes de varios países americanos, a invitación del gobierno de los Estados Unidos, celebraron en

157

---

23 Discurso proferido no México em 195 [ilegível] [escrito no topo do documento].

Washington la Primera Conferencia Internacional Americana.

En aquella Conferencia (de la que José Martí fue un apasionado cronista) se decidió, entre otras cosas, organizar una Unión Internacional de Repúblicas Americanas y establecer, en Washington, una oficina de información comercial. Aquella asociación, surgida casi inadvertidamente en 1889, habría de transformarse, con el correr del tiempo, en la actual Organización de los Estados Americanos, cuya Carta de constitución definitiva fue aprobada en la Novena Conferencia Internacional Americana realizada en Bogotá en 1948. Y aquella modesta oficina de información comercial se convertiría, con los años, en la actual Unión Panamericana, sede del secretariado y de las oficinas técnicas de la Organización.

158 En el comienzo, los objetivos primordiales de esta organización de repúblicas americanas parecían ser exclusivamente de orden económico y político. Así se explica que el primer paso fuera instalar una oficina de información comercial. Sin embargo, la conciencia de que también era necesario estimular y proteger las actividades culturales, existió desde un principio. Ya en la conferencia de 1889 se hicieron recomendaciones acerca de los tratados de propiedad literaria y artística y se resolvió crear en Washington, con la contribución de todos los Gobiernos, una Biblioteca Latinoamericana, que habría de convertirse, más tarde, en la biblioteca de la Unión Panamericana. Resoluciones y recomendaciones destinadas a promover el intercambio y fortalecer los vínculos culturales fueron tomadas luego, a lo largo de cincuenta años, en las distintas Conferencias Interamericanas y en las reuniones especializadas y congresos técnicos convocados bajo los auspicios de la Organización.

Desde 1917 funcionó en la Unión Panamericana una División de Educación la cual, al ampliar el radio de sus actividades, se convirtió en 1928 en División de Cooperación Intelectual. Esta oficina tuvo muchas iniciativas importantes, algunas de ellas relacionadas directamente con la literatura latinoamericana. A ella se debió,

por ejemplo, la organización de los concursos literarios para obras inéditas latinoamericanas que se realizaron en 1940 y 1942. Como ustedes recordarán, en el primer concurso fue premiada la novela de Ciro Alegría, *El mundo es ancho y ajeno*; en el segundo, el libro de los escritores haitianos Philippe y Pierre Thoby-Marcellin, titulado *La bête du Musseau*. La División de Cooperación Intelectual de la Unión Panamericana tuvo también participación en el amplio programa de traducciones de obras latinoamericanas emprendido, en aquellos años, por editoriales privadas de los Estados Unidos, con el apoyo económico de la Oficina del Coordinador. Y, además de sus publicaciones periódicas (la antigua revista *Panorama*, *Correo y Puntos de Vista*) que difundían noticias, ensayos y artículos literarios traducidos a diferentes idiomas, la División de Cooperación Intelectual editaba antologías y repertorios bibliográficos. Entre estos, debemos mencionar la importante bibliografía de Willis Knapp Jones, que es todavía una valiosa fuente de información acerca de las obras de escritores latinoamericanos que han sido traducidas al inglés.

La importancia de la cooperación y el intercambio culturales, como medios de fortalecer las relaciones y promover la comprensión mutua entre los pueblos de América, fue reconocida y consagrada, finalmente, en la Carta de la Organización aprobada en Bogotá. La Carta de Bogotá no sólo estableció normas generales de política cultural, sino que creó los órganos que debían trazar y ejecutar los programas de cooperación e intercambio en el campo de la educación, la ciencia y la cultura. En primer lugar, el Consejo Cultural Interamericano con su comisión permanente, el Comité de Acción Cultural; en segundo término, el Departamento Cultural de la Unión Panamericana que es, a un mismo tiempo, Secretaría Ejecutiva de Consejo y del Comité. El Consejo Cultural Interamericano realizó su primera reunión aquí en México, en 1951, y aprobó innumerables recomendaciones que forman el programa cultural de la Organización. El Comité de Acción Cultural se constituyó al año siguiente, con

representantes de cinco países, y estableció su sede en esta ciudad donde, bajo la presidencia del Embajador Dr. Roberto MacEachen, se dedica a preparar importantes trabajos y documentos que habrán de ser presentados en la 2ª Reunión del Consejo que se realizará en San Pablo (Brasil) el año que viene. Por su parte, el Departamento Cultural, que es el órgano propiamente ejecutivo, tiene su asiento en Washington. Fue organizado en 1948, sobre la base de la antigua División de Cooperación Intelectual. El primer director de Departamento fué el notable historiador peruano Dr. Jorge Basadre, a quien sucedió, en 1951, el Dr. Alceu de Amoroso Lima, brillante ensayista y crítico literario brasileño, mejor conocido quizás por el seudónimo de Tristán d'Athayde.

160 Dentro del vasto programa aprobado por el Consejo Cultural Interamericano, se ha dado especial importancia a los problemas educativos. Sobre todo, a aquellos que tienen más urgencia en nuestros países de América: el analfabetismo, la educación de adultos, la enseñanza técnica. Pero no se ha descuidado ninguna de las otras manifestaciones de la cultura, desde las artes y las ciencias hasta la bibliografía y la biblioteconomía. Y, desde luego, la literatura. La literatura, especialmente la literatura iberoamericana, es uno de los aspectos que más deben interesar, desde el punto de vista de una política cultural interamericana. En primer lugar, porque la literatura constituye un medio inigualable de comprensión y acercamiento entre los pueblos. Y, luego, por la razón circunstancial, pero no menos decisiva, de que los estudios de literatura iberoamericana han alcanzado en los Estados Unidos un desarrollo extraordinario y son un vehículo excelente de difusión y aproximación culturales, entre los países de tradición ibérica y la gran nación norteamericana.

No es extraño, por eso, que uno de los primeros proyectos que se pusieran en marcha, al crearse el Departamento Cultural, fuera la publicación de dos colecciones de obras, una dedicada a la literatura y, la otra, al pensamiento de América. Creo que todos



ustedes conocen esos pequeños libros blancos de la colección “Escritores de América”. Más aún, algunos de ustedes han colaborado en la preparación de varios volúmenes. Por ejemplo, recuerdo en este momento la antología de Torres-Rioseco, titulada *Precursores del Modernismo*; el volumen de Uslar Pietri, dedicado a Juan Vicente González; o el de Andrés Bello, con una selección de prosas de José Martí.

Aunque la colección no alcanzó todo el éxito que esperábamos, los volúmenes han tenido buena acogida de la crítica y algunos títulos se han agotado. (En este momento, por ejemplo, estamos imprimiendo la segunda edición de la obra de Torres-Rioseco). En la colección dedicada al “Pensamiento de América”, han aparecido hasta ahora tres volúmenes que tienen relación, directa o indirecta, con la literatura iberoamericana. El primer volumen fue una antología de *La Filosofía Latinoamericana Contemporánea*. Aunque no todos los autores incluidos en ella pueden ser considerados escritores, en sentido estricto, la mayoría sí lo son y ocupan un lugar significativo en la historia de nuestra literatura de pensamiento. Esta obra va a aparecer en inglés, dentro de poco, editada por la Universidad de New Mexico. El segundo volumen de la colección está dedicado al grupo de ensayistas y pensadores del nordeste del Brasil, de la llamada Escuela de Recife. El último volumen aparecido es el importante estudio de José Antonio Portuondo sobre *José Martí, crítico literario*.

161

Otra actividad, relacionada con la literatura, a la que el Departamento Cultural ha dedicado siempre gran atención es la de información bibliográfica. En ese sentido no hemos hecho sino continuar la obra de la antigua oficina de Cooperación Intelectual. La Biblioteca de la Unión Panamericana, que posee una buena colección de obras literarias de América Latina, en constante crecimiento, viene publicando desde hace muchos años una “Serie Bibliográfica” de la que han aparecido treinta y ocho números. Estas bibliografías

se ocupan, en general, de temas técnicos, jurídicos, económicos, educativos o de bibliotecología. Pero algunas de ellas se refieren a temas literarios, o que interesan a la literatura. El último volumen publicado es la pequeña bibliografía de la poesía modernista, de la cual ustedes ya tienen un ejemplar, o deben tenerlo, puesto que se ha distribuido a todos los presentes. Además está en la imprenta, en estos momentos, un volumen de gran interés para el Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana porque contiene los índices, ordenados por autores y materias, de la *Revista Iberoamericana* y de las Memorias de los Congresos organizados hasta ahora por el Instituto. Estos índices han sido preparados por el profesor Angel Flores. Yo hubiera deseado traer conmigo ejemplares de esta publicación, como un homenaje, como una prueba de la estimación en que tenemos la obra fecunda de este Instituto. Desgraciadamente, hasta el momento de salir de Washington, no se había terminado de imprimir. Esperamos publicar pronto, también, otros dos volúmenes, preparados asimismo por Angel Flores, con los índices de las revistas *Atenea* y *Sur*. El personal de la biblioteca está haciendo en estos momentos la revisión y el cotejo de los materiales. Por su parte, la División de Filosofía, Letras y Ciencias publicaba en años anteriores dos series, ahora interrumpidas, que se titulaban “Monografías bibliográficas” y “Semblanzas literarias”. De la primera, aparecieron varios títulos: *Latin American Through Drama in English*, *Historias de la literatura americana* y *Antologías del Cuento Hispanoamericano*. De la serie de “Semblanzas Literarias”, se publicaron tres números conteniendo estudios bio-bibliográficos sobre Cecilio Acosta, Horacio Quiroga y Sinclair Lewis.

162

La actividad bibliográfica principal del Departamento está concentrada, sin embargo, en la *Revista Interamericana de Bibliografía* que edita la División de Filosofía, Letras y Ciencias. Es una publicación única en su género, que tiene corresponsales y colaboradores en 43 países, dentro y fuera del Continente, y que cuenta,

además, con la ayuda de los especialistas de la Unión Panamericana y con la generosa cooperación de la Fundación Hispánica de la Biblioteca del Congreso de los Estados Unidos. Sin descuidar los otros campos de la actividad bibliográfica en los países de América, la *Revista Interamericana de Bibliografía* trata de dar una visión, lo más completa posible, de la producción literaria latinoamericana, tanto en sus aspectos creativos como en sus aspectos críticos.

Dos proyectos de gran alcance concentran hoy buena parte de los esfuerzos de la División de Filosofía, Letras y Ciencias de nuestro Departamento. Se trata, en el primer caso, de una empresa ambiciosa, pero que puede llegar a constituir una de las contribuciones más valiosas que se hayan hecho a los estudios literarios de América Latina. Me refiero a nuestro proyecto de *Diccionario de la Literatura Latinoamericana*, que se halla apenas en su etapa inicial, y que sólo podrá ser realizado si obtenemos, como es de esperar, la ayuda de todos ustedes. En ese sentido, debo reconocer que la idea ha tenido buena acogida y que hemos contado, salvo pocas excepciones, con la colaboración desinteresada y entusiasta de los especialistas a quienes hemos consultado, hasta ahora, acerca de las características y detalles de la obra. Más aún, tratamos de constituir un cuerpo de asesores permanentes, en que estén representados todos los países, y creo que lo vamos logrando. Pero para la redacción de los artículos, al menos de muchos de los artículos, necesitaremos la cooperación de todos. El *Diccionario* incluirá, primordialmente, artículos referentes a autores, con una breve reseña biográfico-crítica y con los datos bibliográficos indispensables. Comprenderá autores de todos los países latinoamericanos, incluso Puerto Rico. No se limitará, naturalmente, a los escritores nacidos en América, sino que abarcará a todos aquellos que, por razón de su residencia, de su idioma y del carácter de su obra, estén vinculados a la historia o a la vida de nuestros países. El *Diccionario*, tal como lo concebimos, deberá llevar también dos apéndices: uno, dedicado a la literatura

en lenguas indígenas y, el otro, a diferentes materias, tales como corrientes literarias, periódicos, revistas, sociedades y academias, etc. Finalmente, irá acompañado de dos índices: de seudónimos y de autores por países. En estos momentos, el personal de la Sección de Letras de la División está preparando la lista de autores y materias que deben figurar en el *Diccionario* y que serán sometidas, oportunamente, para su aprobación, a los asesores.

El otro proyecto, en el que tenemos puestas grandes esperanzas, es un programa de traducción de clásicos iberoamericanos en cooperación con la UNESCO. Como ustedes saben, la UNESCO ha venido ejecutando, desde hace varios años, un programa de traducción, al inglés y al francés, de obras representativas de la literatura iberoamericana. De acuerdo con ese programa, han aparecido ya, en francés, dos volúmenes: el *Enriquillo* de Galván y una *Antología de la Poesía Mexicana*. Hay en prensa, además, un tercer volumen, que contiene una selección de escritos de Martí. Y también están listos para la imprenta los textos, en traducción inglesa, de estas tres obras. Como resultado de la reunión de coordinación entre la Organización de los Estados Americanos y la UNESCO, celebrada en Washington en el mes de febrero del corriente año, este plan de traducciones será ejecutado y financiado, en adelante, por las dos organizaciones. Con ese motivo el Departamento Cultural de la Unión Panamericana se ha hecho cargo de las gestiones pertinentes para la publicación en los Estados Unidos de los tres referidos volúmenes y ha iniciado ya negociaciones con varias editoriales universitarias de ese país. Por otra parte, cumpliendo con los términos del acuerdo, ha presentado a la UNESCO una lista de la cual deberán elegirse los títulos futuros. Una copia de esa lista ya ha sido distribuida a ustedes. Es el texto original, en inglés. Hubiéramos querido entregarles una versión en castellano, pero no hubo tiempo de prepararla. De todos modos, me interesaría conocer la opinión de ustedes acerca de las obras que figuran en ella.

Gracias a este acuerdo de la Organización de los Estados Americanos y la UNESCO, tengo la impresión de que el programa de traducciones avanzará rápidamente en el futuro.

El Departamento Cultural contribuye a divulgar el conocimiento de la literatura iberoamericana entre el público culto, pero no especializado, a través de su revista *Panorama*, publicación trimestral que reproduce algunos de los artículos y ensayos más interesantes que vayan apareciendo en revistas y periódicos de todo el Continente. Por ejemplo, el número cuatro, que se ha distribuido a ustedes, trae un original ensayo de uno de los críticos literarios más finos del Brasil, Antonio Candido, y un estudio sobre Sarmiento del conocido escritor argentino Ezequiel Martínez Estrada. Por su parte, la revista *Américas* es uno de los vehículos más eficaces para difundir el conocimiento de nuestra literatura. Su gran tiraje, en tres diferentes idiomas, le permite llegar a un público muy vasto. *Américas*, a pesar de su tono popular, ha publicado interesantes artículos y notas bibliográficas, entre otros autores, de Abreu Gómez, Anderson-Imbert, Salvador Bueno, Díez de Medina, Gastón Figueira, Angel Flores, Lucia Miguel Pereira, José Antonio Portuondo.

165

No quiero detenerme en otros aspectos de la labor del Departamento Cultural como son el servicio de consultas y de asesoramiento a autores, editores, estudiantes y público general interesado en nuestra literatura; o la serie de Reuniones de Mesa Redonda convocadas para discutir los estudios latinoamericanos en los Estados Unidos y en los cuales se han tratado problemas relacionados con la enseñanza de las lenguas y de la literatura; o la tarea de acercamiento cultural que realizan los miembros de nuestro Departamento dictando cursos o conferencias en universidades y colegios, dentro y fuera de los Estados Unidos. Pero antes de terminar, sí deseo recordar el papel que nuestra Organización ha desempeñado por muchos años en la elaboración de un régimen internacional que asegure y proteja el derecho de autor en nuestro Continente. Es un asunto

que interesa más a los escritores que a los profesores de literatura, pero en el cual le ha cabido a nuestra Organización una participación decisiva. Es un asunto que tiene, además, una larga historia; una historia que comienza en la Segunda Conferencia Internacional Americana realizada en México en 1902 y que termina medio siglo después, con la inclusión, a propuesta de los países americanos, de un artículo especial en la Convención Universal de Derecho de Autor que patrocina la UNESCO. Aunque no todos los tratados han sido ratificados por la totalidad de los países, el sistema interamericano de derecho de autor ofrece excelentes bases jurídicas para proteger la creación intelectual en nuestro Continente.

166 Uno de los espectáculos más originales de nuestra época es la prodigiosa floración de organizaciones internacionales. No cabe duda de que vivimos en la era de la organización internacional. Pero sólo estamos al principio de la era. No debe extrañarnos, por eso, que la labor de las organizaciones internacionales no esté siempre a la altura de las esperanzas que han puesto y siguen poniendo, en ellas, los hombres de buena voluntad. Nos falta experiencia y madurez. Yo creo, sin embargo, que la tarea que esas organizaciones realizan, día a día, elaborando los textos de los futuros tratados y convenciones internacionales; preparando estudios y proyectos; publicando informes, folletos, guías, revistas, libros; organizando seminarios e centros de estudio e investigación; facilitando el intercambio de especialistas, profesores y estudiantes; asesorando a los gobiernos sobre las más diversas materias; difundiendo noticias; orientando al público acerca de los problemas urgentes que afectan a todos los pueblos y todos los países; esa labor técnica, en muchos casos oscura e ignorada, será, al cabo, más que las grandes fórmulas jurídicas y políticas, la mejor justificación de su existencia. Al menos debe serlo en el campo de la cultura, de la ciencia y de la educación, que es el que a nosotros nos interesa más de cerca.

## **Pronunciamento na Reunião Do Instituto Internacional de Literatura Ibero-Americana na Cidade do México**

**(Tradução do espanhol)**

Desejo apresentar aos senhores, nesta tarde, um breve panorama do que a Organização dos Estados Americanos e, acima de tudo, o Departamento Cultural da União Pan-Americana, têm feito, estão fazendo, ou planejam fazer no campo da literatura; especialmente no da literatura que nos interessa aqui: a literatura ibero-americana. Mas antes de ir à literatura, convém que nos voltemos, por alguns instantes, para a história.

Talvez não seja uma novidade, mas uma novidade pouco conhecida, que a Organização dos Estados Americanos seja, de fato, a mais antiga das organizações internacionais; que foi o primeiro teste de cooperação internacional destinado a garantir a paz, promover a justiça e fortalecer os laços culturais e econômicos entre os respectivos países. Um ensaio, muito anterior, aliás, à Liga das Nações ou às Nações Unidas. Nossa organização não nasceu de improviso, nem surgiu de repente, revestida com todas as suas armas, da cabeça de um Júpiter internacionalista. Não nasceu da guerra, mas da paz e do desejo sincero de colaboração de um punhado de nações na América. É uma criação histórica que tem se desenvolvido pouco a pouco, desde origens muito humildes, até adquirir uma fisionomia própria. Sem dúvida, o germe inicial de uma organização dos estados livres e independentes da América estava potencialmente contido na iniciativa de Bolívar, quando convocou o Congresso do Panamá em 1826. Mas não se concretizou na prática senão muito mais tarde, em 1889, quando representantes de vários países americanos, a convite do governo dos Estados Unidos, realizaram a Primeira Conferência Internacional Americana em Washington.

Naquela conferência (da qual José Martí<sup>24</sup> foi um cronista apaixonado), foi decidido, entre outras coisas, organizar uma União Internacional das Repúblicas Americanas e estabelecer, em Washington, um escritório de informações comerciais. Essa associação, que surgiu quase inadvertidamente em 1889, se tornaria, com o tempo, a atual Organização dos Estados Americanos, cuja Carta de constituição definitiva foi aprovada na Nona Conferência Internacional Americana realizada em Bogotá em 1948. E aquele modesto escritório de informações comerciais se converteria, ao longo dos anos, na atual União Pan-Americana, a sede do secretariado e dos escritórios técnicos da Organização.

168 No início, os objetivos principais dessa organização das repúblicas americanas pareciam ser exclusivamente de natureza econômica e política. Assim se explica por que o primeiro passo foi instalar um escritório de informações comerciais. No entanto, a consciência de que também era necessário estimular e proteger as atividades culturais existiu desde o início. Já na conferência de 1889 foram feitas recomendações sobre tratados de propriedade literária e artística e foi decidido criar em Washington, com a contribuição de todos os governos, uma Biblioteca da América Latina, que se converteria, mais tarde, a biblioteca do União Pan-Americana. As resoluções e recomendações destinadas a promover o intercâmbio e o fortalecimento dos laços culturais logo foram tomadas, durante cinquenta anos, nas várias Conferências Interamericanas e nas reuniões especializadas e congressos técnicos convocados sob os auspícios da Organização.

Desde 1917, uma Divisão de Educação operava na União Pan-Americana que, expandindo o escopo de suas atividades, tornou-se

---

24 José Julián Martí Pérez (1853 - 1895) foi um político nacionalista, intelectual, jornalista, filósofo e poeta cubano, fundador do Partido Revolucionário Cubano (PRC). Seu pensamento transcendeu as fronteiras de sua Cuba natal para adquirir um caráter universal.



em 1928 uma Divisão de Cooperação Intelectual. Esse escritório teve muitas iniciativas importantes, algumas delas diretamente relacionadas à literatura latino-americana. A ela se deveu, por exemplo, a organização de concursos literários para obras latino-americanas inéditas, realizados em 1940 e 1942. Como os senhores devem se lembrar, no primeiro concurso foi premiado o romance de Ciro Alegria: *Grande e estranho é o mundo*<sup>25</sup>; no segundo, o livro dos escritores haitianos Philippe e Pierre Thoby-Marcellin, intitulado *La bête du Musseau*.<sup>26</sup> A Divisão de Cooperação Intelectual da União Pan-Americana também participou do extenso programa de traduções de obras latino-americanas realizado, naqueles anos, por editoras privadas nos Estados Unidos, com o apoio financeiro do Escritório do Coordenador. Além de seus periódicos (a antiga revista *Panorama*, *Correo* e *Pontos de Vista*) que divulgam notícias, ensaios e artigos literários traduzidos para diferentes idiomas, a Divisão de Cooperação Intelectual publicou antologias e repertórios bibliográficos. Entre eles, devemos mencionar a importante bibliografia de Willis Knapp Jones,<sup>27</sup> que ainda é uma fonte valiosa de informações sobre as obras de escritores latino-americanos que foram traduzidas para o inglês.

169

A importância da cooperação e do intercâmbio cultural, como meios de fortalecer as relações e promover o entendimento

---

25 Ciro Alegria Bazan (1909-1967), escritor, político e jornalista peruano, distinguiu-se pela luta por tornar conhecida a opressão dos indígenas, sendo um dos representantes máximos da literatura indianista. O romance citado é sua obra prima e tornou-se dos mais notáveis da literatura hispano-americana, com inúmeras edições e traduções.

26 Philippe Thoby-Marcelin (1904-1975), foi um poeta, romancista, jornalista, folclorista e político haitiano. Foi colaborador da União Pan-Americana como tradutor. Com seu irmão Pierre publicou várias obras, entre elas *A Besta de Musseau*. Recebeu o Prêmio Literário da América Latina.

27 Willis Knapp Jones (1895-1982), ficcionista e bibliógrafo, foi pioneiro no estudo e divulgação da literatura latino-americana nos Estados Unidos, por meio de sua fértil pesquisa bibliográfica.

mútuo entre os povos da América, foi finalmente reconhecida e consagrada na Carta da Organização aprovada em Bogotá. A Carta de Bogotá não apenas estabeleceu normas gerais de política cultural, mas também criou os órgãos que deveriam elaborar e executar programas de cooperação e intercâmbio no campo da educação, da ciência e da cultura. Primeiro, o Conselho Cultural Interamericano, com sua comissão permanente, a Comissão de Ação Cultural; segundo, o Departamento Cultural da União Pan-Americana, que é, ao mesmo tempo, a Secretaria Executiva do Conselho e do Comitê. O Conselho Cultural Interamericano realizou sua primeira reunião aqui no México, em 1951, e aprovou inúmeras recomendações que compõem o programa cultural da Organização. O Comitê de Ação Cultural foi constituído no ano seguinte, com representantes de cinco países, e estabeleceu sua sede nesta cidade onde, sob a presidência do Embaixador Dr. Roberto MacEachen,<sup>28</sup> dedica-se a preparar importantes obras e documentos a serem apresentados na 2ª reunião do Conselho a ser realizada em São Paulo (Brasil) no próximo ano. Por sua vez, o Departamento Cultural, que é o órgão propriamente executivo, tem sede em Washington. Foi organizado em 1948, com base na antiga Divisão de Cooperação Intelectual. O primeiro diretor do Departamento foi o notável historiador peruano Dr. Jorge Basadre<sup>29</sup>, que foi sucedido em 1951 pelo Dr. Alceu de Amoroso Lima, um brilhante ensaísta e crítico literário brasileiro, mais conhecido talvez pelo pseudônimo de Tristão de Athayde.

170

Dentro do vasto programa aprovado pelo Conselho Cultural Interamericano, deu-se importância especial aos problemas educa-

---

28 Roberto MacEachen, diplomata e advogado uruguaio, foi presidente da Comissão de Ação Cultural da OEA no México.

29 Jorge Basadre Grohmann ( 1903 - 1980) foi ilustre historiador e Ministro da Educação do Peru. Em 1943, foi eleito diretor da Biblioteca Nacional do Peru. Dirigiu o Departamento Cultural da União Pan-Americana de 1948 a 1951.

cionais. Acima de tudo, aqueles que são mais urgentes em nossos países na América: analfabetismo, educação de adultos, educação técnica. Mas nenhuma das outras manifestações da cultura foi negligenciada, das artes e ciências à bibliografia e biblioteconomia. E, claro, a literatura. A literatura, especialmente a literatura ibero-americana, é um dos aspectos mais interessantes do ponto de vista de uma política cultural interamericana. Em primeiro lugar, porque a literatura constitui um meio incomparável de entendimento e aproximação entre os povos. E, logo, pela razão circunstancial, mas não menos decisiva, que os estudos da literatura ibero-americana alcançaram um desenvolvimento extraordinário nos Estados Unidos e são um excelente veículo de divulgação e aproximação cultural entre os países de tradição ibérica e os grandes nação norte-americana.

Não é de surpreender, portanto, que um dos primeiros projetos a serem lançados, quando o Departamento Cultural foi criado, tenha sido a publicação de duas coleções de obras, uma dedicada à literatura e outra ao pensamento da América. Creio que todos os senhores conhecem esses pequenos livros brancos da coleção “Escritores da América”. Ademais, alguns dos senhores colaboraram na preparação de vários volumes. Por exemplo, lembro-me, neste momento, da antologia de Torres-Rioseco<sup>30</sup>, intitulada *Precursores do Modernismo*; o volume de Uslar Pietri<sup>31</sup>, dedicado a Juan Vicente

171

---

30 Arturo Torres Rioseco (1897-1971), professor e crítico chileno, foi um dos fundadores do Instituto Internacional de Literatura Ibero-americana e ex-diretor da Revista Iberoamericana. Sua produção crítica abarca todo o panorama da literatura da Ibero-América, períodos, épocas e movimentos, a história literária dos países, estudos sobre autores e livros, aspectos destacados da cultura latino-americana e suas relações com outras culturas. *Precursores del modernismo* foi publicado em 1925.

31 Arturo Uslar Pietri (1906-2001), foi advogado, jornalista, filósofo, escritor, produtor de televisão e político venezuelano. Tem sido considerado em seu país uma dos intelectuais mais importantes do século XX.

González<sup>32</sup>; ou o de Andrés Iduarte<sup>33</sup>, com uma seleção de prosa de José Martí.

Embora a coleção não tenha sido tão bem-sucedida como esperávamos, os volumes foram bem recebidos pelos críticos e alguns títulos se esgotaram. (Neste momento, por exemplo, estamos imprimindo a segunda edição da obra de Torres-Rioseco). Na coleção dedicada ao “Pensamento da América”, apareceram até agora três volumes que têm uma relação direta ou indireta com a literatura ibero-americana. O primeiro volume foi uma antologia, *Filosofia Latino-Americana Contemporânea*. Embora nem todos os autores nela incluídos possam ser considerados escritores, a rigor, a maioria é e ocupa um lugar significativo na história de nossa literatura de pensamento. Esta obra será publicada em breve em inglês, editado pela Universidade do Novo México. O segundo volume da coleção é dedicado ao grupo de ensaístas e pensadores do Nordeste do Brasil, da chamada Escola do Recife. O último volume publicado é o importante estudo de José Antonio Portuondo <sup>34</sup>sobre *José Martí, crítico literário*.

172

---

32 Juan Vicente González (1810 - 1866), escritor e jornalista venezuelano, é considerado como o primeiro escritor romântico da Venezuela no século XIX.

33 Andrés Iduarte Foucher (1907 – 1984) foi distinto ensaísta mexicano, membro correspondente da Academia Mexicana da Língua em Nova York. Em 1939, tornou-se Professor de Literatura Hispano-Americana na Columbia University, permanecendo ali até 1952. Nesse ano, foi designado Diretor Geral do Instituto Nacional de Bellas Artes, no México, tendo sido demitido pelo presidente Adolfo Ruíz Cortines, por permitir que a bandeira soviética fosse desfraldada sobre o féretro de Frida Kahlo, como esta desejava.

34 José Antonio Portuondo Valdor (1911 - 1996) foi um crítico, ensaísta e historiador literário cubano. Sua obra estuda principalmente questões de poética e estética, de literatura social e de história da literatura cubana do ponto de vista marxista-leninista. O Instituto de Literatura e Linguística de Cuba traz seu nome em sua honra.

Outra atividade, relacionada à literatura, à qual o Departamento Cultural sempre dedicou grande atenção é a da informação bibliográfica. Nesse sentido, só continuamos o trabalho do antigo escritório de Cooperação Intelectual. A Biblioteca da União Pan-Americana, que tem uma boa coleção de obras literárias da América Latina, em constante crescimento, publica uma “Série Bibliográfica” há muitos anos, das quais trinta e oito números foram publicados. Essas bibliografias geralmente se referem a tópicos técnicos, jurídicos, econômicos, educacionais ou de biblioteconomia. Mas alguns deles se referem a temas literários ou que interessam à literatura. O último volume publicado é a pequena bibliografia da poesia modernista, da qual os senhores já têm um exemplar, ou deveriam tê-lo, uma vez que foi distribuído a todos os presentes. Além disso, atualmente está sendo impresso um volume de grande interesse para o Instituto Internacional de Literatura Ibero-Americana, pois contém os índices, ordenados por autores e matérias, da *Revista Ibero-Americana* e das Memórias de Congressos organizados até o momento pelo Instituto. Esses índices foram elaborados pelo professor Angel Flores.<sup>35</sup> Gostaria de ter trazido comigo exemplares desta publicação, como uma homenagem, como prova da estima em que temos o trabalho frutífero deste Instituto. Infelizmente, até o momento de deixar Washington, a impressão ainda não havia sido concluída. Também esperamos publicar em breve outros dois volumes, também elaborados por Angel Flores, com os índices das revistas *Atenea* e *Sur*. Os funcionários da biblioteca estão atualmente revisando e cotejando as matérias. Por seu lado, a Divisão de

173

---

35 Angel Flores (1900-1992) foi crítico literário, professor, tradutor e editor. Teria sido dos primeiros a usar o termo “realismo mágico” em literatura. Lecionou na Universidade de Cornell nos anos 30 e fundou, com o suporte desta, a Dragon Press. Passou os anos 40 em Washington D.C., trabalhando para a União Pan-Americana. Ali, sua atuação levou ao estabelecimento dos Estudos Latino-Americanos como disciplina acadêmica.

Filosofia, Letras e Ciências publicou em anos anteriores duas séries, agora interrompidas, intituladas “Monografias Bibliográficas” e “Semelhanças Literárias”. Da primeira, apareceram vários títulos: *Latin-American through Drama in English*, *Histórias da Literatura Americana* e *Antologias do Conto Hispano-Americano*. Da série de “Semelhanças Literárias”, três números foram publicados contendo estudos biobibliográficos sobre Cecilio Acosta, Horacio Quiroga e Sinclair Lewis.

A principal atividade bibliográfica do Departamento está concentrada, no entanto, na *Revista Interamericana de Bibliografía*, publicada pela Divisão de Filosofia, Letras e Ciências. É uma publicação única do gênero, que possui correspondentes e colaboradores em 43 países, dentro e fora do continente, e que também conta com a ajuda de especialistas da União Pan-Americana e a generosa cooperação da Fundação Hispânica da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. Sem descurar os outros campos de atividade bibliográfica dos países das Américas, a *Revista Interamericana de Bibliografía* tenta dar uma visão, o mais completa possível, da produção literária latino-americana, tanto em seus aspectos criativos quanto críticos.

174

Hoje, dois projetos de larga escala concentram boa parte dos esforços da Divisão de Filosofia, Letras e Ciências de nosso Departamento. É, no primeiro caso, um empreendimento ambicioso, mas que pode se tornar uma das mais valiosas contribuições já feitas aos estudos literários da América Latina. Refiro-me ao nosso projeto de *Dicionário de Literatura Latino-Americana*, que está apenas em seu estágio inicial e que só poderá ser realizado se obtivermos, como esperado, a ajuda de todos os senhores. Nesse sentido, devo admitir que a ideia foi bem recebida e que tivemos, salvo poucas exceções, a colaboração desinteressada e entusiástica dos especialistas a quem consultamos até agora sobre as características e detalhes da obra. Além disso, tratamos de estabelecer um corpo de consultores permanentes, no qual todos os países estão representados, e acredito que

estamos tendo sucesso. Mas para a redação dos artigos, pelo menos de muitos deles, precisaremos da cooperação de todos. O *Dicionário* incluirá, principalmente, artigos referentes aos autores, com uma breve resenha biográfico-crítica e com os dados bibliográficos essenciais. Incluirá autores de todos os países da América Latina, incluindo Porto Rico. Não se limitará, é claro, a escritores nascidos na América, mas abrangerá todos aqueles que, devido à sua residência, idioma e caráter de sua obra, estejam vinculados à história ou à vida de nossos países. O *Dicionário*, como o concebemos, também deverá receber dois apêndices: um dedicado à literatura em línguas indígenas e outro a diferentes assuntos, como correntes literárias, jornais, revistas, sociedades e academias, etc. Por fim, será acompanhado por dois índices: de pseudônimos e de autores por país. No momento, o pessoal da Seção de Letras da Divisão está preparando a lista de autores e assuntos que devem constar no *Dicionário* e que será submetida, para aprovação, aos assessores em devido tempo.

O outro projeto, no qual temos grandes esperanças, é um programa de tradução de clássicos latino-americanos em cooperação com a UNESCO. Como sabem, a UNESCO realiza, há vários anos, um programa de tradução para inglês e francês de obras representativas da literatura ibero-americana. Segundo este programa, dois volumes já foram publicados, em francês: o *Enriquillo* de Galván<sup>36</sup> e uma *Antologia da Poesia Mexicana*. Há também um terceiro volume no prelo, contendo uma seleção dos escritos de Martí. E também estão prontos para impressão os textos, em tradução para o inglês, dessas três obras. Como resultado da reunião de coordenação entre a Organização dos Estados Americanos e a UNESCO, realizada em Washington em fevereiro deste ano, esse plano de traduções será executado e financiado, a partir de agora, pelas duas organizações.

175

---

36 *Enriquillo* é um romance histórico dominicano escrito por Manuel de Jesús Galván e publicado entre 1879 e 1882. Passado no século XVI, narra o levante do cacique taíno Enriquillo contra os espanhóis.

Por esse motivo, o Departamento Cultural da União Pan-Americana se encarregou das gestões pertinentes para a publicação nos Estados Unidos dos três volumes referidos e já iniciou negociações com vários editores universitários naquele país. Além disso, em conformidade com os termos do acordo, submeteu à UNESCO uma lista da qual os futuros títulos devem ser escolhidos. Uma cópia dessa lista já foi distribuída aos senhores. É o texto original, em inglês. Gostaríamos de lhes entregar uma versão em espanhol, mas não houve tempo para prepará-la. Enfim, gostaria de saber sua opinião sobre as obras que nela figuram.

Graças a este acordo da Organização dos Estados Americanos e da UNESCO, tenho a impressão de que o programa de tradução avançará rapidamente no futuro.

176 O Departamento Cultural contribui para disseminar o conhecimento da literatura ibero-americana ao público educado, mas não especializado, por meio de sua revista *Panorama*, uma publicação trimestral que reproduz alguns dos artigos e ensaios mais interessantes que aparecem em revistas e jornais de todo o mundo Continente. Por exemplo, o número quatro, que lhes foi distribuído, traz um ensaio original de um dos melhores críticos literários do Brasil, Antonio Candido, e um estudo sobre Sarmiento do conhecido escritor argentino Ezequiel Martínez Estrada.<sup>37</sup> Por seu lado, a revista *Américas* é um dos veículos mais eficazes para disseminar o conhecimento de nossa literatura. Sua grande tiragem, em três idiomas diferentes, permite atingir um vasto público. *Américas*, apesar de seu tom popular, tem publicado artigos interessantes e notas bibliográficas, entre outros autores, de Abreu Gómez, Anderson-Imbert, Salvador

---

37 Ezequiel Martínez Estrada (1895 - 1964) foi um escritor, poeta, ensaísta, crítico literário e biógrafo argentino. Recebeu duas vezes o Prêmio Nacional de Literatura, em 1933 por sua obra poética e em 1937 pelo ensaio «Radiografia do Pampa». Foi presidente da Sociedade Argentina de Escritores de 1933 a 1934 e de 1942 a 1946. Seu livro *Sarmiento* foi publicado em 1946.



Bueno, Díez de Medina, Gastón Figueira, Angel Flores, Lucia Miguel Pereira, José Antônio Portuondo.

Não quero me debruçar sobre outros aspectos do trabalho do Departamento Cultural, como o serviço de consultoria e aconselhamento para autores, editores, estudantes e o público em geral interessado em nossa literatura; ou a série de reuniões de mesa-redonda convocadas para discutir estudos latino-americanos nos Estados Unidos e nas quais foram abordados problemas relacionados ao ensino de línguas e literatura; ou a tarefa de aproximação cultural realizada pelos membros do nosso Departamento, ministrando cursos ou conferências em universidades e faculdades, dentro e fora dos Estados Unidos. Antes de concluir, porém, desejo recordar o papel que nossa Organização desempenhou por muitos anos na elaboração de um regime internacional que garanta e proteja os direitos autorais em nosso continente. É uma questão que interessa mais aos escritores do que aos professores de literatura, mas na qual coube a nossa organização participação decisiva. É uma questão que também tem uma longa história; uma história que começa na Segunda Conferência Internacional Americana realizada no México em 1902 e termina meio século depois, com a inclusão, por proposta dos países americanos, de um artigo especial na Convenção Universal de Direitos Autorais patrocinada pela UNESCO. Embora nem todos os tratados tenham sido ratificados por todos os países, o sistema interamericano de direitos autorais oferece excelentes bases legais para proteger a criação intelectual em nosso continente.

177

Um dos espetáculos mais originais do nosso tempo é o prodigioso florescimento de organizações internacionais. Não há dúvida de que vivemos na era da organização internacional. Mas estamos apenas no começo da era. Portanto, não é de surpreender que o trabalho de organizações internacionais nem sempre corresponda às esperanças que os homens de boa vontade tenham depositado e continuam a depositar nelas. Falta-nos experiência e maturidade.

Acredito, no entanto, que a tarefa que essas organizações realizam, dia após dia, na preparação dos textos de futuros tratados e convenções internacionais; na elaboração de estudos e projetos; na publicação de relatórios, brochuras, guias, revistas, livros; na organização de seminários e centros de estudo e pesquisa; facilitando o intercâmbio de especialistas, professores e alunos; assessorando os governos sobre os mais diversos assuntos; espalhando notícias; orientando o público sobre os problemas urgentes que afetam todos os povos e todos os países; esse trabalho técnico, em muitos casos obscuro e ignorado, será, afinal, mais do que as grandes fórmulas jurídicas e políticas, a melhor justificativa para sua existência. Pelo menos deveria ser no campo da cultura, ciência e educação, que é o que mais de perto nos interessa.

## Pan-americanism: it works<sup>38</sup>

One of the secretaries in my Department is a charming young lady from Peru, who always looks as if she had just stepped from the pages of *Vogue* or *Harper's Bazaar*. She was greatly taken aback, therefore, shortly after her arrival in this country, when one of her newly made acquaintances asked her, in all seriousness, whether in her native country she had dressed in feathers! Remarks such as this, while they may bring a smile, are also a source of dismay to those, like myself, who have long had a personal or professional interest in furthering better relations among the peoples of this our Hemisphere or of the world as a whole. It would almost seem as if one of the commonest of all our denominators is a colossal ignorance of those who live beyond our own national borders – even our nearest neighbors.

Yet sometimes I wonder whether that ignorance is not to be preferred to the little we do know. What is the United States to the average Latin American? The land of gangsters, divorce and Hollywood musicals. And how is Latin America summed up for the *North American*? *For him, the image of Latin America is the one that the Hollywood films present to him - the mambo, señoritas, cheerful caballeros with big sombreros doing serenades or enjoying siestas and fiestas.*

179

If these images do not correspond to reality, it also makes no sense to force a definitive knowledge of the two Americas. I'm sorry, but I don't have an explanation that covers all of Latin America, any more than I can think of the United States as a uniform country. In the same way as the United States, Latin America is not a unit, it has very different peoples, traditions and beliefs, with a strong Iberian heritage, instead of Anglo-Saxon, but also indigenous and black.

---

38 Conferência proferida no University Women's Club, em Washington, D.C., datada de 04 de abril de 1955.

Unifying the thinking of the Americas, given its diversity of cultures and interests, is not a possibility. However, the aspiration for freedom in relation to the respective metropolises is a common link that provided a certain opening for this impasse. The older American Revolution, and the revolutions against Spain and Portugal, which followed, at different times depending on the country, gave the impression that there was a sense of an independent American community, which allows for approximation - not without conflicts, it is obvious - from all countries. And the decisive step was taken with a man whose position is unique in world history, in that he is regarded as a national hero not only in his native Venezuela but also in lands far beyond its borders. I refer, of course, to Simón Bolívar.

On June 12, 1818, Bolívar, then engaged in liberating northern South America from the yoke of Spain, wrote to his opposite number in Argentina – a man who bore the magnificent title of Supreme Director of the United Provinces of the River Plate – in these terms:

180                   ...we, for our part, shall hasten with the most lively interest to initiate consideration of an America pact, which, forming all our republics into a single body politic, will present America to the world in an aspect of majesty and grandeur unexampled among the nations of antiquity. America thus unified, if Heaven grant our desire, may be called the queen of nations and the mother of republics.

Bolívar had some reason to believe in the effectiveness of inter-American cooperation. In 1815, in his darkest hour, when all seemed lost and he had to flee his native shores, he took refuge in the little Negro republic of Haiti, the first American country after the United States to win its independence, and it was only with aid received there that he was able to resume his struggle.

In 1826, victorious in his efforts, he called an inter-American congress, to meet appropriately in Panama City. Only Bolívar's own Great Colombia (present-day Colombia, Venezuela, Ecuador and

Panama), the united republic of Central America, Peru, and Mexico were represented, however. Other countries expressed their interest but failed to take effective action. My native Brazil, then a newly-proclaimed Empire, appointed a delegate, but failed to dispatch him. Henry Clay, at that time the United States Secretary of State, waxed most enthusiastic about the meeting. He expressed his belief that it would “form a new epoch in human affairs,” and that it would “not fail to challenge the attention of the present generation of the civilized world and to command that of posterity.” He succeeded in having two delegates named, but one died *en route* and the other arrived after the meeting had adjourned.

Despite the limited participation, the Congress of Panama was not without importance. It produced a treaty which contained, among other provisions, ones for the peaceful settlement of disputes and the maintenance of territorial integrity – two cardinal principles of our inter-American system ever since. Furthermore, as a meeting of states to discuss common interests and to establish rules to govern their foreign relations, it was a precedent not only for later meetings of the Organization of American States but also for the Hague conference, the League of Nations, and the present-day United Nations.

181

The middle years of the nineteenth century were not very fruitful ones for the inter-American unity: Bolívar’s Great Colombia and the Central American Republic split up into eight independent republics and there were even – I regret to say – several wars between nations of our hemisphere. There were a few conferences of an inconclusive nature which did however lay basic principles of future inter-American cooperation, namely: the idea of a league of sister nations, united for common defense; a method of cooperative consultation, through an assembly of representatives; mutual obligations for defense, the peaceful settlement of disputes, and respect for the territorial integrity and political independence of each state.

As the century drew to a close, however, events took a new turn. This time, inspiration came from the North. On October 2, 1889, there met here in the city of Washington, at the instigation of the United States Secretary of State, James G. Blaine, a somewhat redundantly named International American Conference, at which all the then existing states of the Hemisphere were represented, save for the Dominican Republic. It lasted till April 19 of the following year, and was quite an affair! In addition to the formal meetings, the delegates were taken on a six-week tour of the United States in a special train, the Pullman coaches of which were finished in Brazilian rosewood and equipped with the latest American gadget: adjustable reading lights in each berth. The delegates were wined and dined at the Union League Club in New York; they witnessed dances by the Winnebago Indians, and were presented with gold timepieces by the Elgin Watch Company.

182 *At that conference, it was decided to organize an International Union of American Republics and to establish, in Washington, a commercial information office. This association, which appeared in 1889, would, in time, become the current Organization of American States, whose charter was finally approved at the Ninth American International Conference held in Bogotá in 1948.* This was the nucleus of the present Pan American Union, the General Secretariat of the Organization of American States.

Incidentally, it is the anniversary of the date on which the International Union of American Republics was created, April 14, 1890, which for the last 25 years has been celebrated throughout the Hemisphere as “Pan American Day”.

In view of the success of the Washington meeting, three others followed during the first decade of the present century. The rather narrow, commercial purpose of the organization were almost immediately broadened. The conference at Mexico City in 1902 authorized the creation of the Pan American Sanitary Bureau,

which, ever since, has rendered invaluable service in preventing the introduction and spread of disease, stimulating and aiding local health authorities throughout the Hemisphere, and promoting cooperative relations in the field of sanitation. It currently serves as the regional office of WHO, the World Health Organization.

The Third Conference, held at Rio de Janeiro in 1906, was the first at which the two youngest of the American Republics were represented – Cuba and Panama, which had attained independence in 1902 and 1903 respectively. Among some of the new topics approved for cooperative action were patent protection, a Pan American Railway (now superseded by the Pan American Highway), and – not surprisingly for a meeting held in Brazil – a coffee conference. Among new duties assigned to the office here in Washington was the collection and exchange of information on education. This is of special interest to me, for it is from this beginning that there has grown the present Department of Cultural Affairs, which it is my honor to direct.

Nineteen-ten was a red-letter year for the growing organization. The Fourth International Conference of American States met in Buenos Aires, and made recommendations, not only in the usual legal and commercial fields, but also for the exchange of university professors and students and other means of intellectual cooperation. Pan Americanism was beginning to descend from the lofty inter-governmental level to that of individual men and women. A few months before the conference, the organization had gained a permanent home. Through the generosity of the philanthropist Andrew Carnegie, the beautiful building at Constitution Avenue and 17<sup>th</sup> Street was provided which, with its tropical patio and gaudy, squawking macaws, is one of the sights of Washington today. It is, however, much more than a tourist attraction. It has, I think I may say, fulfilled the hopes that the Union States Secretary of State, Elihu Root, expressed at its dedication: that it might stand “as the

visible evidence of mutual respect, esteem, appreciation, and kindly feeling between the peoples of all the Republics,” and that all the Americas might “come to feel that for them this place is home”. If I may anticipate my story somewhat, I will inform you that, since the International Immunities Act of 1945, the building has indeed belonged to all the Americas: the ground on which it stands is international territory, and we who work upon the premises every day must cross a frontier. Fortunately, there are neither customs inspectors nor immigration authorities to bar our way!

It was thirteen years before the American nations again met in assembly – World War I turned their attention more toward Europe than toward each other – but I should like to recall a Pan-American meeting of another type which did take place in the interval. In late 1915 and early 1916 the Second Pan American Scientific Congress met here in Washington, and along with it there was organized a so-called “Women’s Auxiliary Conference”, the first inter-American assembly of women to discuss education, child welfare, and other matters in fields in which women had a special interest. Reporting  
184 on this meeting, the Secretary observed:

There was an eagerness to give and receive, a desire to learn how the women of other countries deal with problems common to all, to understand questions peculiar to the different countries, and to form a deeper friendship which will draw the Americas into closer harmony and cooperation in the higher things of life.

With the end of the conflict in Europe, the work of strengthening bonds within the Hemisphere was resumed.

In 1920 the Pan American Postal Union was founded for the improvement of our mail services. Rates were standardized, and in many cases decidedly lowered. This was a great contribution to economic and cultural cooperation. Service became prompter and more frequent and the cost of books and magazines printed in other American countries was materially reduced for students and the



reading public in general. All this notably facilitated the exchange of ideas.

The series of International Conferences of American States, broken off by the World War, was resumed in 1923 with a meeting in Santiago, Chile. This was followed by a sixth conference at Havana, in 1928; a seventh, at Montevideo, in 1933; and an eight, at Lima, in 1938. These gatherings considered an ever increasing number of fields for Inter-American cooperation – public health, agriculture, communications, census, the improvement of the status of women, cultural interchange. A code of private international law – the so-called Bustamante Code – was approved, as was a convention on the rights and duties of states, which contained an important article on non-intervention by one nation in the internal or external affairs of another.

Two important declarations stemmed from the Eight Conference. The first, the so-called Declaration of Lima, affirmed the intention of the American States to maintain their solidarity against all foreign intervention and to consult together to take joint action in case the peace and security of any was threatened. The other, known as the Declaration of American Principles, asserted the value which the American nations attribute to peace, international law and order, intellectual cooperation, and economic reconstruction.

Outstanding during this period was the concern with peace and measures to preserve it. This led to two special meetings: a conference on conciliation and arbitration, held here in Washington at the end of 1928, and a Conference for the Maintenance of Peace, held at Buenos Aires in 1936. The latter meeting took a very broad view of the question, and, realizing that one of the best measures for ensuring better relations among nations is increased contact among their citizens, it produced, as one of its achievements, the so-called Buenos Aires Convention for the exchange of students and professors. The value of this last measure was recognized by *what*

*it contributed to mutual understanding in the Americas, especially at the academic level.*

*The evolution of the facts, however, was not the happiest since the beginning of the 1940's. The principle of solidarity, ringingly proclaimed at Lima, was put to the test. The Ministers of Foreign Affairs of the America thrice met in consultation to meet various crises: the outbreak of war in 1939, the fall of France the following year, and the attack on Pearl Harbor. Measures were adopted for the protection of our continents and for cooperation in defense and in economic solidarity. The Inter-American Defense Board, with headquarters in Washington, was established in 1942. Eventually all twenty-one of the American Republics found themselves united as allies in the struggle against what was deemed a common foe.*

186 Even before the end of the conflict, the American nations were preparing for the peace that was to follow. A Conference on the Problems of War and Peace met in Mexico City early in 1945. It not only produced the Act of Chapultepec providing for joint defense of all the states in case of aggression against any one; it also proceeded to reorganize the Inter-American system, increasing the authority and responsibility of the Governing Board of the Pan American Union, creating an Economic and Social Council, and issuing an economic charter covering readjustments in the post-war era.

You will doubtless recall that 1945 was also the year of the San Francisco Conference at which the Charter of the United Nations was drawn up. In the course of those discussions, some persons advanced the idea that there was no longer any need for regional organizations of the type which had grown up here in the Americas: all countries would be united in a single, world-wide organization. Other minds, however, were not so persuaded of the desirability of exchanging a well-domesticated and productive fowl in hand for a problematical bird of paradise in the bush. Eventually, a formula was evolved whereby regional associations were given status within the framework

of the larger organization. This relationship is recognized in the first article of the Charter of the OAS, which declares: “Within the United Nations, the Organization of American States is a regional agency.”

Mention of our Charter, however, brings me to the very important Ninth International Conference of American State, held at Bogotá, Colombia, in 1948. Ever since the meeting in Lima, ten years before, the need had been felt for making the “inter-American system” a little more *systematic*.

You will recall that the First Conference in 1889 had provided no basic constitution for the organization there created, and, like the British Empire, the organization had got along without one ever since. A number of specialized agencies of varying character had grown up, and there was fear that they might begin to work at cross purposes with one another.

The delegates at Bogotá proceeded very wisely in their work. Instead of ignoring all that had been done before, and starting from scratch, as was done in the case of the United Nations, the delegates realized that they had a going concern which merely required a little re-ordering and remodeling, and a formal restatement of the principles for which it stood. Thus the great international conferences, henceforth to be called Inter-American Conferences, were recognized as the supreme organ of the new organization; the Pan American Union became the General Secretariat and its former Governing Board was transformed into a permanent directive council of ambassadors. The Economic and Social Council was retained, and similar councils were established for the juridical and cultural fields. Provision was made for Meetings of Consultation of Ministers of Foreign Affairs in times of crisis, as well as for specialized conferences of various types. Finally, the various specialized organizations, such as the Sanitary Bureau I mentioned earlier, were given their place within the system. Dr. Alberto Lleras, then Secretary General of the OAS, reporting on the meeting shortly after, summed it up thus:

I can tell you of a duly established Organization of American States with a Charter that already is largely in operation and that now confirms the legal existence of a *de facto* system that has been functioning since the First International Conference of American States, which met at Washington fifty-eight years ago. From one point of view then, this is the most enduring, earnest and effective arrangement of its kind the world has ever known. At the same time it is the newest since its Charter was signed barely a month ago.

Another fundamental document produced at the Conference was the so-called Pact of Bogotá, whose nature is probably rendered clear by its official title: The American Treaty on Pacific Settlement. The third and final basic instrument of the Organization, likewise explained by its title, is the Inter-American Treaty of Reciprocal Assistance, which had resulted from the Conference for the Maintenance of Continental Peace and Security held the year previous in Rio de Janeiro. It was this latter treaty which was invoked in the Guatemalan crisis of last summer, since it was felt that influence being exerted by the Iron Curtain countries constituted a  
188 threat to the security of the Hemisphere.

As you might expect, after the era of change and reorganization, there came a period of relative calm and consolidation. We may note, however, a meeting of foreign ministers in 1951 and Inter-American Conference – the Tenth – in Caracas a year ago. At both of these gatherings, the topic of discussion which attracted most attention, at least in this country, was the “aggressive policy of international communism.” My personal feeling is that, while the political declarations may have won most of the headlines space, of much greater importance at Caracas were measures discussed in the economic, social and cultural committees, aimed at combating illiteracy, poverty, and diseases, which are the true roots of Marxism.

## Pan-americanismo: Ele funciona (Tradução do inglês)

Uma das secretárias do meu Departamento é uma jovem encantadora do Peru, que sempre parece ter acabado de sair das páginas da *Vogue* ou do *Harper's Bazaar*. Ela ficou muito surpresa, portanto, logo após sua chegada a este país, quando um de seus conhecidos recentes perguntou a ela, com toda a seriedade, se em seu país natal ela vestia penas! Observações como essa, embora possam trazer um sorriso, também são uma fonte de consternação para aqueles, como eu, que há muito tempo têm um interesse pessoal ou profissional em promover melhores relações entre os povos deste nosso Hemisfério ou do mundo como um todo. Quase pareceria que um dos mais comuns de todos os nossos denominadores é uma ignorância colossal daqueles que vivem além de nossas próprias fronteiras nacionais - até mesmo de nossos vizinhos mais próximos.

Contudo, às vezes me pergunto se essa ignorância não deve ser preferida ao pouco que sabemos. O que são os Estados Unidos para o latino-americano médio? A terra dos bandidos, do divórcio e dos musicais de Hollywood. E como a América Latina é resumida para o homem *norte-americano*? *Para ele, a imagem da América Latina é a que os filmes de Hollywood lhe apresentam – o mambo, señoritas, caballeros com grandes sombreros fazendo serenatas ou desfrutando de siestas e fiestas.*

Se essas imagens não correspondem à realidade, também não faz sentido forçar um conhecimento definitivo das duas Américas. Sinto muito, mas não tenho uma explicação que compreenda toda a América Latina, assim como não consigo pensar os Estados Unidos como uniforme. Da mesma maneira como os Estados Unidos, a América Latina não é uma unidade, possui povos, tradições e crenças muito diversos, com forte herança ibérica, ao invés de anglo-saxã,

mas também indígena e negra. Unificar o pensamento das Américas, dada sua diversidade de culturas e interesses, não é uma possibilidade. Todavia, a aspiração pela liberdade em relação às respectivas metrópoles é um elo comum que proporcionou certa abertura para esse impasse. A Revolução Americana, mais antiga, e as revoluções contra a Espanha e Portugal, que se seguiram, em momentos diferentes conforme os países, deram a nota para que houvesse um senso de comunidade americana independente, o qual permite a aproximação – não sem conflitos, é óbvio - de todos os países. E o passo decisivo foi dado por um homem cuja posição é única na história mundial, na medida em que é considerado um herói nacional não apenas em sua terra natal, a Venezuela, mas também em terras muito além de suas fronteiras. Refiro-me, é claro, a Simón Bolívar.

Em 12 de junho de 1818, Bolívar, então empenhado em libertar o Norte da América do Sul do jugo da Espanha, escreveu para seu número oposto na Argentina - um homem que levava o magnífico título de Diretor Supremo das Províncias Unidas do Rio da Prata - nestes termos:

190

... nós, por nossa parte, nos apressaremos com o interesse mais vívido a iniciar a consideração de um pacto americano, que, transformando todas as nossas repúblicas em um único corpo político, apresentará a América ao mundo em um aspecto de majestade e grandeza sem exemplo entre as nações da antiguidade. A América assim unificada, se o Céu conceder o nosso desejo, pode ser chamada de rainha das nações e mãe das repúblicas.

Bolívar tinha alguns motivos para acreditar na eficácia da cooperação interamericana. Em 1815, em sua hora mais sombria, quando tudo parecia perdido e ele tivera que fugir de suas praias nativas, refugiou-se na pequena república negra do Haiti, o primeiro país americano depois dos Estados Unidos a conquistar sua independência, e foi apenas com a ajuda recebida lá que foi capaz de retomar sua luta.

Em 1826, vitorioso em seus esforços, convocou um congresso interamericano para se reunir adequadamente na Cidade do Panamá. Somente a Grande Colômbia de Bolívar (atual Colômbia, Venezuela, Equador e Panamá). No entanto, somente a Grande Colômbia de Bolívar (atual Colômbia, Venezuela, Equador e Panamá), a República Unida da América Central, o Peru e o México estavam representados. Outros países manifestaram interesse, mas falharam em tomar medidas efetivas. Meu Brasil natal, então um recém-proclamado Império, nomeou um delegado, mas não conseguiu despachá-lo. Henry Clay, na época o Secretário de Estado dos Estados Unidos, ficou muito entusiasmado com a reunião. Expressou sua crença de que “formaria uma nova época nos assuntos humanos” e que “não deixaria de desafiar a atenção da atual geração do mundo civilizado e de comandar a da posteridade”. Conseguiu nomear dois delegados, mas um morreu no caminho e o outro chegou após o término da reunião.

Apesar da participação limitada, o Congresso do Panamá não deixou de ser importante. Produziu um tratado que continha, entre outras provisões, disposições para a solução pacífica de controvérsias e a manutenção da integridade territorial - dois princípios fundamentais de nosso sistema interamericano desde então. Além disso, como reunião de Estados para discutir interesses comuns e estabelecer regras para governar suas relações externas, era um precedente não apenas para reuniões posteriores da Organização dos Estados Americanos, mas também para a conferência de Haia, a Liga das Nações e a atual Nações Unidas.

Os anos intermediários do século XIX não foram muito frutíferos para a unidade interamericana: a Grande Colômbia de Bolívar e a República Centro-Americana se dividiram em oito repúblicas independentes e houve até - lamento dizer - várias guerras entre nações do nosso hemisfério. Houve algumas conferências de natureza inconclusiva que, no entanto, estabeleceram princípios básicos

da futura cooperação interamericana, a saber: a ideia de uma liga de nações irmãs, unida pela defesa comum; um método de consulta cooperativa, através de uma assembleia de representantes; obrigações mútuas de defesa, solução pacífica de controvérsias e respeito pela integridade territorial e independência política de cada Estado.

À medida que o século chegava ao fim, no entanto, os eventos tomaram uma nova direção. Desta vez, a inspiração veio do Norte. Em 2 de outubro de 1889, reuniu-se aqui na cidade de Washington, por instigação do Secretário de Estado dos Estados Unidos, James G. Blaine, uma Conferência Internacional Americana, de certa forma redundante, na qual todos os estados do Hemisfério então existentes eram representados, exceto a República Dominicana. Durou até 19 de abril do ano seguinte e foi um caso e tanto! Além das reuniões formais, os delegados foram levados em uma excursão de seis semanas pelos Estados Unidos em um trem especial, cujos carros Pullman tinham sido revestidos de pau-rosa brasileiro e equipados com a mais recente engenhoca americana: luzes de leitura ajustáveis em cada beliche. Os delegados beberam e jantaram no Union League Club, em Nova York; assistiram a danças dos índios Winnebago e foram presenteados com relógios de ouro pela Elgin Watch Company.

192

*Naquela conferência, decidiu-se organizar uma União Internacional das Repúblicas Americanas e estabelecer, em Washington, um escritório de informações comerciais. Essa associação, que surgiu em 1889, se tornaria, com o tempo, a atual Organização dos Estados Americanos, cuja Carta de constituição definitiva foi aprovada na Nona Conferência Internacional Americana realizada em Bogotá em 1948. Este foi o núcleo da atual União Pan-Americana, secretariado geral da Organização dos Estados Americanos.*

Aliás, é o aniversário da data em que a União Internacional das Repúblicas Americanas foi criada, 14 de abril de 1890, que durante os últimos 25 anos foi comemorada em todo o Hemisfério como “Dia Pan-Americano”.



Em vista do sucesso da reunião em Washington, outros três se seguiram durante a primeira década do século atual. O objetivo comercial bastante restrito da organização foi quase imediatamente ampliado. A conferência na Cidade do México, em 1902, autorizou a criação da Repartição Sanitária Pan-Americana, que desde então presta serviços inestimáveis na prevenção da introdução e disseminação de doenças, estimulando e auxiliando as autoridades locais de saúde em todo o Hemisfério e promovendo relações de cooperação no campo do saneamento. Atualmente, atua como escritório regional da OMS, Organização Mundial da Saúde.

A Terceira Conferência, realizada no Rio de Janeiro em 1906, foi a primeira na qual as duas mais jovens repúblicas americanas estavam representadas - Cuba e Panamá, que haviam alcançado a independência em 1902 e 1903, respectivamente. Entre alguns dos novos tópicos aprovados para ação cooperativa estavam a proteção de patentes, uma Ferrovia Pan-Americana (agora substituída pela Rodovia Pan-Americana) e - não surpreendentemente para uma reunião realizada no Brasil - uma conferência sobre café. Entre os novos deveres atribuídos ao escritório aqui em Washington estava a coleta e o intercâmbio de informações sobre educação. Isso é de especial interesse para mim, pois é desse início que cresceu o atual Departamento de Assuntos Culturais, que é minha honra dirigir.

O ano de mil novecentos e dez foi memorável para a organização em crescimento. A Quarta Conferência Internacional dos Estados Americanos se reuniu em Buenos Aires e fez recomendações, não apenas nas áreas jurídicas e comerciais usuais, mas também para o intercâmbio de professores e estudantes universitários e outros meios de cooperação intelectual. O pan-americanismo estava começando a descer do elevado nível intergovernamental para o de homens e mulheres individuais. Alguns meses antes da conferência, a organização ganhou um lar permanente. Por meio da generosidade do filantropo Andrew Carnegie, proveu-se o belo edifício na

Constitution Avenue com a 17th Street que, com seu pátio tropical e araras espalhafatosas e berrantes, é hoje um dos pontos turísticos de Washington. É, no entanto, muito mais que uma atração turística. Acho que posso dizer que cumpriu as esperanças que o Secretário de Estado dos Estados da União, Elihu Root, expressou em sua dedicatória: que possa permanecer “como evidência visível de respeito mútuo, estima, apreço e gentileza entre os povos de todas as repúblicas” e que todas as Américas“ possam sentir que para elas esse lugar é o lar”. Se eu puder antecipar um pouco a minha história, informarei que, desde a Lei de Imunidades Internacionais de 1945, o prédio realmente pertence a todas as Américas: o terreno em que está é território internacional, e nós que trabalhamos nas instalações todos os dias devemos atravessar uma fronteira. Felizmente, não há inspetores aduaneiros nem autoridades de imigração para barrar nosso caminho!

194 Passaram-se treze anos antes que as nações americanas se reunissem novamente em assembleia - a Primeira Guerra Mundial voltou sua atenção mais para a Europa do que de uma para a outra -, mas gostaria de recordar uma reunião pan-americana de outro tipo que ocorreu no intervalo. No final de 1915 e início de 1916, o Segundo Congresso Científico Pan-Americano se reuniu aqui em Washington e, juntamente com ele, foi organizada a chamada “Conferência Auxiliar das Mulheres”, a primeira assembleia interamericana de mulheres a discutir educação, bem-estar infantil e outros assuntos em áreas em que as mulheres tinham um interesse especial. Relatando sobre esta reunião, o Secretário observou:

Havia um desejo de dar e receber, um desejo de aprender como as mulheres de outros países lidam com problemas comuns a todos, de entender questões peculiares aos diferentes países e de formar uma amizade mais profunda, que levará as Américas a uma harmonia e cooperação nas coisas mais elevadas da vida.

Com o fim do conflito na Europa, o trabalho de fortalecimento dos vínculos no Hemisfério foi retomado.

Em 1920, a União Postal Pan-Americana foi fundada para melhorar nossos serviços de correio. As taxas foram padronizadas e, em muitos casos, decididamente diminuídas. Essa foi uma grande contribuição para a cooperação econômica e cultural. O serviço tornou-se mais rápido e mais frequente, e o custo de livros e revistas impressos em outros países americanos foi substancialmente reduzido para estudantes e o público em geral. Tudo isso facilitou notavelmente a troca de ideias.

A série de Conferências Internacionais dos Estados Americanos, interrompida pela Guerra Mundial, foi retomada em 1923 com uma reunião em Santiago, Chile. Foi seguida por uma sexta conferência em Havana, em 1928; uma sétima, em Montevideú, em 1933; e uma oitava, em Lima, em 1938. Essas reuniões consideravam um número cada vez maior de campos para a cooperação interamericana - saúde pública, agricultura, comunicação, censo, melhoria do status da mulher, intercâmbio cultural. Foi aprovado o código de direito internacional privado - o chamado Código Bustamante -, assim como uma convenção sobre os direitos e deveres dos Estados, que continha um artigo importante sobre a não-intervenção de uma nação nos assuntos internos ou externos de outra.

195

Duas declarações importantes surgiram da Oitava Conferência. A primeira, a chamada Declaração de Lima, afirmou a intenção dos Estados americanos de manter sua solidariedade contra toda intervenção estrangeira e de se consultarem para tomar medidas conjuntas caso a paz e a segurança de qualquer uma fossem ameaçadas. A outra, conhecida como Declaração dos Princípios Americanos, afirmou o valor que as nações americanas atribuem à paz, lei e ordem internacional, cooperação intelectual e reconstrução econômica.

Destacou-se durante esse período a preocupação com a paz e as medidas para preservá-la. Isso levou a duas reuniões especiais:

uma conferência sobre conciliação e arbitragem, realizada aqui em Washington no final de 1928, e uma conferência para a manutenção da paz, realizada em Buenos Aires em 1936. A última reunião teve uma visão muito ampla da questão e, percebendo que uma das melhores medidas para garantir melhores relações entre as nações é o aumento do contato entre seus cidadãos, produziu, como uma de suas realizações, a chamada Convenção de Buenos Aires para o intercâmbio de estudantes e professores. O valor desta última medida foi reconhecido pelo muito *que contribuiu para o entendimento mútuo nas Américas, em especial no plano acadêmico.*

196 *A evolução dos fatos, porém, não foi das mais felizes desde o início dos anos 40. O princípio da solidariedade, proclamado em Lima, foi posto à prova. Os Ministros das Relações Exteriores da América se reuniram três vezes em consulta para enfrentar várias crises: a eclosão da guerra em 1939, a queda da França no ano seguinte e o ataque a Pearl Harbor. Foram adotadas medidas para a proteção de nossos continentes e para a cooperação na defesa e na solidariedade econômica. A Junta Interamericana de Defesa, com sede em Washington, foi fundada em 1942. Eventualmente, todas as 21 repúblicas americanas se viram unidas como aliadas na luta contra o que era considerado um inimigo comum.*

Mesmo antes do fim do conflito, as nações americanas estavam se preparando para a paz que se seguiria. Uma Conferência sobre os Problemas de Guerra e Paz se reuniu na Cidade do México no início de 1945. Não somente produziu o Ato de Chapultepec, que prevê a defesa conjunta de todos os estados em caso de agressão a qualquer um; também procedeu à reorganização do sistema interamericano, aumentando a autoridade e a responsabilidade do Conselho de Administração da União Pan-Americana, criando um Conselho Econômico e Social e emitindo uma carta econômica cobrindo reajustes no período pós-guerra.

Os senhores devem se lembrar, sem dúvida, que 1945 tam-

bém foi o ano da Conferência de São Francisco, na qual a Carta das Nações Unidas foi redigida. No decorrer daquelas discussões, algumas pessoas avançaram a ideia de que não havia mais necessidade de organizações regionais do tipo que havia crescido aqui nas Américas: todos os países se uniriam em uma única organização mundial. Outras mentes, no entanto, não estavam tão convencidas da conveniência de trocar uma ave bem domesticada e produtiva na mão por uma problemática ave do paraíso no mato. Eventualmente, desenvolveu-se uma fórmula pela qual as associações regionais receberam status dentro da estrutura da organização maior. Essa relação é reconhecida no primeiro artigo da Carta da OEA, que declara: “Nas Nações Unidas, a Organização dos Estados Americanos é uma agência regional”.

A menção de nossa Carta, contudo, leva-me à muito importante Nona Conferência Internacional dos Estados Americanos, realizada em Bogotá, Colômbia, em 1948. Desde a reunião em Lima, dez anos antes, sentiu-se a necessidade de fazer o “sistema interamericano” um pouco mais *sistemático*.

Os senhores devem lembrar que a Primeira Conferência, em 1889, não forneceu nenhuma constituição básica para a organização ali criada e, como o Império Britânico, a organização se deu bem sem nenhuma desde então. Um número de agências especializadas de caráter variado havia crescido, e temia-se que elas pudessem começar a trabalhar de maneira contrária umas às outras.

Os delegados em Bogotá procederam com muita sabedoria em seu trabalho. Em vez de ignorar tudo o que havia sido feito antes, e começar do zero, como foi feito no caso das Nações Unidas, os delegados perceberam que tinham uma preocupação permanente que exigia apenas um pouco de reorganização e remodelação e uma reformulação formal dos princípios que sustentava. Assim, as grandes conferências internacionais, doravante denominadas Conferências Interamericanas, foram reconhecidas como o órgão supremo da nova

organização; a União Pan-Americana tornou-se a Secretaria Geral e seu antigo Conselho Diretor foi transformado em um conselho diretivo permanente de embaixadores. O Conselho Econômico e Social foi mantido, e conselhos semelhantes foram estabelecidos para os campos jurídico e cultural. Providenciaram-se reuniões de consulta de ministros das Relações Exteriores em tempos de crise, bem como conferências especializadas de vários tipos. Finalmente, as várias organizações especializadas, como a Repartição Sanitária que mencionei anteriormente, receberam seu lugar no sistema. O Dr. Alberto Lleras, então Secretário Geral da OEA, relatando a reunião logo depois, resumiu:

Posso falar sobre uma Organização dos Estados Americanos devidamente estabelecida, com uma Carta que já está amplamente em operação e que agora confirma a existência legal de um sistema de fato que está em funcionamento desde a Primeira Conferência Internacional dos Estados Americanos, que se reuniu em Washington. cinquenta e oito anos atrás. De um ponto de vista, então, esse é o arranjo mais duradouro, sério e eficaz que o mundo já conheceu. Ao mesmo tempo, é o mais novo já que sua Carta foi assinada há apenas um mês.

198

Outro documento fundamental produzido na Conferência foi o chamado Pacto de Bogotá, cuja natureza provavelmente se torna clara por seu título oficial: o Tratado Americano de Soluções Pacíficas. O terceiro e último instrumento básico da Organização, igualmente explicado por seu título, é o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, resultante da Conferência para a Manutenção da Paz e Segurança Continental, realizada no ano anterior no Rio de Janeiro. Foi esse último tratado que foi invocado na crise guatemalteca do verão passado, pois considerou que a influência exercida pelos países da Cortina de Ferro constituía uma ameaça à segurança do Hemisfério.

Como seria de esperar, após a era da mudança e reorganiza-

ção, houve um período de relativa calma e consolidação. Podemos registrar, no entanto, uma reunião de ministros das Relações Exteriores em 1951 e a Conferência Interamericana - a Décima - em Caracas, um ano atrás. Em ambas as reuniões, o tópico de discussão que atraiu mais atenção, pelo menos neste país, foi a “política agressiva do comunismo internacional”. Meu sentimento pessoal é que, embora as declarações políticas tenham conquistado a maior parte do espaço das manchetes, de muito maior importância em Caracas foram medidas discutidas nos comitês econômico, social e cultural, destinadas a combater o analfabetismo, a pobreza e as doenças, que são as verdadeiras raízes do marxismo.

## South America and The American South<sup>39</sup>

I think it somewhat of a presumption that I, a mere storyteller, should have a voice at a meeting of this type, attended by so many, and so distinguished teachers and scholars. This paper of mine – which properly should bear the subtitle “an impression” – is little more than evidence of my desire to link with this important gathering the name of the Pan American Union, and, more particularly, that of its Department of Cultural Affairs, which I have the honor to direct.

The Pan American Union, the permanent secretariat of the Organization of American States, is deeply interested in all aspects of New World civilization, and in means of promoting greater cultural interchange, particularly in the field of education. We have, indeed, a specialized Division of Education, largely concerned with raising the level of instruction in Latin America and in extending its benefits to a greater part of the population there. In addition to mass-producing primers for use in the campaigns against illiteracy, it has sponsored,  
<sup>200</sup> in the course of the last seven years, a series of five inter-American seminars on various aspects of education – fundamental, adult, elementary, vocational, and secondary. These month-long meetings have brought together specialists from all parts of our hemisphere for discussions of a singularly fruitful nature.

But, in truth, all the divisions of my department perform an educational mission. Whether it be the Library, aiding scholars by preparing specialized bibliographies, or putting the Dewey Decimal Classification System into Spanish; whether it be the Section of Music and Visual Arts, disseminating news of events in those fields through their bulletin, and making the work of American artists

---

39 Conferência datada de abril de 1955, na Universidade da Geórgia, no evento denominado 2nd SE Round Table, conforme indica o cabeçalho do documento. [N.da Org.]



better known through concerts and exhibitions at our headquarters in Washington; whether it be the Section of Letters preparing a great Dictionary of Latin American Literature, in which some of you may have been asked to collaborate; whether it be the Section of Science and Technology sending specially prepared articles on recent advances to leading newspapers in Latin America; whether it be the Section of Social Science preparing a seminar on the teaching of that subject in South America, or issuing a Spanish version of Murdock's *Outline of Cultural Materials* – which, in a few months, has been put to use everywhere from the Museu do Índio in Rio to the sites of field investigation in Mexico – all of these divisions and sections are carrying forth important programs aimed at furthering the increase and spread of knowledge among the peoples of the Americas. These very round tables which we have been sponsoring in different parts of the United States are but an additional activity directed toward the same goal.

Turning, however, to the scheduled topic of my remarks, “South America and the America South,” when we seek to establish a parallel between Latin Americans and the people of the United States, as a rule the first things that occur to us are differences, contrasts, and antagonisms. It is only natural that we should fall into commonplaces, and that the question should be simplified to stock formulas, which, by dint of repetition, come to be taken for truths.

For instance, it is commonly said that the North American is blond, whereas the Latin is dark; that the “Gringo” is quick and active, while his brother from beyond the Rio Grande is slow-moving and apathetic; that one is emotionally cold, and the other profoundly sentimental ... and so on. There are those who claim that there is no possible basis of understanding between Anglo-Americans and Ibero-Americans, since those two human blocks are separated by insuperable barriers of historic, economic, racial, and temperamental nature.

But to what point is this true? To what extent is understanding possible?

I have noted that there are many people who, for political reasons, find it to their interest that a *rapprochement* should never take place. I refer to those who would prefer that the whole world live in the shadow of the Soviet Union. On the other hand, there can be found in Latin American countries a strong current in favor of an ever-closer link with Europe. You all know that, up to the generation that came of age in 1930, the strongest artistic, literary, and spiritual influence in South America was that of France. It is only natural that, for reasons of a linguistic nature, the Latin Americans should feel a powerful attraction for Spain, Portugal, France, and Italy. There are other reasons too, stronger, and extra-philological. I have no need to rehearse what Spain represented, both by its presence and by its influence, in the Hispano-American countries up to the early years of the last century, or what Portugal meant for Brazil up to 1822.

202      Until recently, in Brazil, anything and everything American met with the ill-will of the Catholics, for whom “Yankee” was in some degree a synonym of “Protestant.” Only now are our peoples beginning to observe the power and the importance of the Catholic Church in the United States.

Although the study of English has been compulsory in the high schools of a majority of Latin-American countries since the beginning of this century, until the thirties there were few among us who actually *spoke* English, whereas it was quite common to find people who spoke and read French as a second mother-tongue. Linguistic differences, then, were further barrier to hemispheric unity. Today, however, bi-national institutes are scattered throughout the length and breadth of Latin America, drawing thousands of students from all walks of life to the study of English. The number of teachers, scholars, and members of the

liberal professions who come to the United States on pleasure trips or for purposes of study is enormous already, and constantly on the increase.

For fifty years or so, this country has been exporting to the rest of the world, along with its cars, refrigerators, electrical appliances, and other creations of its fabulous industrial set-up, many of its customs and ways of life. The presence of the United States makes itself felt in Latin America *via* Hollywood films, the products of Detroit automobile plants and Texas petroleum refineries, and a series of gadgets, all invariably stamped “Made in USA”.

Yet, despite their avid acceptance, it is common to read or hear expressions such as “Go home, Americans,” or “Yankee imperialism,” and “the Wall Street octopus.” Writers strive to show, in newspaper articles, that we Latin Americans have nothing in common with the “Gringos.” What connection can be found between Don Quixote and Buffalo Bill? Between Babbitt and Cantinflas? Between a Chicago businessman and a Peruvian Indian? These contrasts show perfectly the dangers of generalization. I might ask with equal justice and appropriateness what similarity there is between a Hollywood producer and an Alabama sharecropper, or what resemblance can be found between a professor from Princeton and a professional gambler in Las Vegas.

203

For Latins, the most characteristic feature of the “Gringo” is the pace at which he lives, his haste, his preoccupation with success, his practical, unromantic view of life. In the last analysis, it is a question of values. We South Americans have always been intrigued by the frequency with which Yankees employ in everyday speech terms taken from commercial life. When they wish to convince someone of something, they say that they wish to “sell” him an idea. “Sell” is an important verb in their business-like world. The salesman is a sort of folk hero, and salesmanship is a quality which is highly esteemed. Similarly, a man will exclaim: “I feel like

*a million dollars.*” (Or “like *two cents...*”), “That idea is good, *for my money*”, “Crime doesn’t *pay*” ... Always and forever the idea of money, of profit, of commerce. For us, money is first and foremost “filthy lucre.” We like the idea that we scorn money, that it is dirty, vile, base. This makes us nobler in our own eyes. Yet, as I see it, this is a mere surface truth, a mere veneer. At heart we are no less fond of money than the Yankees. Some have seen in the American concept of the value of work and success a Calvinistic influence, whereas our mental attitude is supposedly Catholic. This is just another over-simplification.

I should like to know precisely what percentage of the population of the United States actually does live in a continual rush, pursuing success, and worshipping the machine. As for all the pretended differences separating Anglo and Latin Americans, I think that, particularly if we compare the South of the United States with South America, we shall note, with surprise, that we have many points of contact, many ideals, habits, and idiosyncrasies in common.

204 I do not propose to offer a scientific, or even semi-scientific study of the matter, complete and well-ordered in every respect. I shall proceed, rather, as a novelist – a hasty, somewhat anarchical novelist – calling attention here and there to similarities and coincidences.

I believe it was German Arciniegas who said, with humorous propriety, that South America begins at the Mason and Dixon Line. The foreign visitor who enters the United States through the South will note little difference, if any, between the cities of that region and Latin-American ones. He finds the same leisurely, languid air; the same sweet, tropical odors; the same mild climate, generally on the warm side; a suggestion of drama, of emotion, in every house, in every street, in every soul, in every face. Ah, those faces! Here in the South they seem to express greater feeling than in any other part of the United States. In some cities of New England or of the

North, better still of the Middle West and Far West, there is a certain uniformity of human types, the result in part of industrial mass production (since the price of progress, ladies and gentleman, is monotony). There is a uniformity of dress, of gesture and mode of speech; there is a uniformity of taste -- likewise the work of industry, aided and abetted by large-scale advertising. It seems as if there were a tacit understanding among the people of those regions that drama is to be suppressed, and pain overcome. This latter is to be achieved either by the discovery of sure-fire cures, or simply by avoiding all mention of the matter! It would seem also that those people have reached the conclusion that there is no problem for which one cannot find a practical solution, and that in a majority of cases it will, of necessity, be a mechanical one. "Keep your chin up! Keep smiling!" they say, and they form "Optimists Clubs." Then they throw themselves into their work, pushing, with a display of powerful muscles, all obstacles from their path.

Obviously, I too am generalizing, doing what I ought not to do, since no one more than a novelist should preserve a sense of nuance, of shading. And yet I do note in the inhabitants of the East Coast more wiliness and greater sophistication than in the case of the Westerners, who seem to me more juvenile and ingenuous. I recall that one of the mayors of San Francisco wore exceedingly loud neckties, because "that display of color made him and people about him more cheerful." The mayor of Tucson, Arizona, whom I met at a gathering in Milwaukee, told me that he was traditionally supposed to wear a ten-gallon cowboy hat on all occasions, so as not to disappoint the voters.

Now we Latin Americans, excessively self-conscious, criticize greatly all these juvenile expressions of Yankee life: cemeteries with no touch whatever of the macabre, colorful clothing, informality of manners, the passion for show, the weakness for parades, uniforms, and conventions. We prefer to think, in some degree at least, that life

is a serious drama rather than a musical comedy. We never forget the invisible presence of Death. Death is as it were our sweetheart, the inspiration of our poets and artists, an ever-present topic in our conversation. How well I remember those evenings at home in which the family circle would tell tales of ghosts, haunted houses, and graveyards at the witching hour of midnight! And when our female acquaintances get on the subject of their ailments and afflictions, there is absolutely no stopping them! We lick our sores in a delirium of self-pity, whereas the Yankee from the North or the West seeks a cure for them. It is in all these matters that I find the South of the United States rather more like South America.

Take a typical Southern author: William Faulkner. Compare his somber heroes with the genteel characters that inhabit the novel of J. P. Marquand, and you discover two entirely different worlds. Set Erskine Caldwell's social underdogs against Sinclair Lewis's *Babbitt*, and two diametrically opposed human types present themselves to your eyes.

206 What makes the South of the United States so similar to South America is the presence of the Negro. Anyone who reads *The Master and the Slaves* of Gilberto Freyre will perceive at once the striking similarity between northern Brazil and the American South. There arose on the "bulge" of Brazil, even as here in this region, a "society agrarian in structure, slave-holding in its technique of economic exploitation." Taking this as a point of departure, we could draw a number of parallels, beginning with that between the manor house of the *senhor de engenho* and the mansion of the Southern plantation owner. We could study, comparatively, the influence of the Negro as a field hand, as a nursemaid, as a healer, as a childhood companion, as a cook, and even, in many cases, as an advisor. I trust the Southerners will forgive me, should I offend them by saying that it seems to me the presence of the Negro has given to the life, customs, and speech of this region a sugary element (if a novelist

may be permitted such an expression) which makes existence here more human, interesting, and colorful than in other parts of the country. Obviously, one cannot always have the better of two worlds. So-called romantic or picturesque societies pay a heavy tribute for the privilege of appearing so, and highly industrialized and “progressive” societies lose in moonlight and roses what they gain in the way of material advance, order, comfort, and wealth.

Portuguese as spoken in parts of Brazil in which the Negro element is dominant is to the Portuguese of Portugal as English of the American South is to that of England. In both of the regions in which the Negro influence is strong, there is a tendency as it were to swallow consonants and to transform vowels into a sort of mush. Nor is it surprising that the most savory examples of African cooking are of a mushy nature, as for instance the delicious *vatapá* which is eaten in Bahia. The Spanish of the Caribbean area is also soft and mushy: it seems to run like a sweet syrup from the lips of those who speak it. Sweet too are Negro voices – voices like honey, soft as velvet. And not only in speech has the Negro influenced the white man, but also in a leisureliness of movement and of life in general. All this brings the American South closer both to South America and to the Caribbean republics.

207

What further points of contact can one find? I believe that a major one is the concept of time. Do you recall that famous painting of Salvador Dali in which there appear two limp watches, dripping over the edge of a table? Well, a limp watch is the best symbol I can think of for the Latin-American idea of time. In this regard the South of the United States shows a certain resemblance to us. We act as if we had all of eternity before us. P.M. for a Latin American means “poco más o menos”. Or, as a distinguished Mexican said upon arriving an hour and a half late for a meeting which he himself had set for two p.m.: “punctualidad mexicana.” For a typical Yankee, “time is money.” He tries to get ahead of time. His newspaper endeavors to

give tomorrow's news today. The magazines for August are all sold out in July. Our Latin sense of time, I guess, is that which prevailed in the Garden of Eden, before clocks were ever invented. (That may indeed have been one of the things that made it a Paradise...) What is the consequence of our Latin-American sense of time? Good times, "Holly Monday" after holiday weekends, and poverty. And what is the result of the Yankee's fast pace of life? Progress, ninety-mile-an-hour death on the highways, and stomach ulcers.

Yet I think we might also consider "ulcers of the soul." These are the product of another kind of worries than those caused by external pressure, by a preoccupation with beating the clock, with making new production records, with becoming a success. Our leisure hours give us time to worry about spiritual problems. Furthermore, we are poor people, and I believe that there are different sets of diseases which attack the rich and which attack the poor. The development of industry in the American South and in South America may bring a cure for the moral ills -- moodiness, and pessimism, resulting from bad health -- but I fear that it may also  
 208 bring infection with those ills which attack societies built upon the machine. But I am digressing...

The idea that we Latin Americans are more aware of the dramatic side of life, simply because we are in the majority Catholics, holds no validity, for the American South, where something of that same awareness prevails, is strongly Protestant. Can climate explain the temperament of a people? Winter -- hard winter, that is, with temperatures well below freezing and howling blizzards -- is almost as unknown in the South as in most parts of South America. Maybe we have something there....

I find many points of comparison and contrast between the peoples of our respective parts of the Hemisphere, but I think I can sum up the latter in this little formula: Latin Americans are creatures of passion; the people of the United States are for the most part



men of action. For “Gringos,” what counts is *doing*; for Latins, the important thing is *being*. I believe the Southerner in this country is also more concerned with being than with doing. I would again call your attention to the characters of Faulkner, and the problems that haunt them. Now Faulkner’s books are not best-sellers in this country, at least not in the same sense and degree as *The View from Pompey’s Head*. Nor is the work of Truman Capote. (Of course, this is not all of Southern Literature: I seem to recall that a book entitled *Gone with the Wind* met with a fair degree of acceptance a few years ago...) The success-seeking Yankee, the optimistic go-getter, has no use for novels the characters of which are frustrated. That is the main reason why the works of Faulkner and Capote, and all the Latin-American novels published in English in this country do not make the *New York Times* weekly list. They tell sad stories about unhappy people. Their pace is slow.

But times change, and people sometimes change with the times. Look at what industry is doing for the South! Your magnolia-scented, romantic atmosphere in a few more years will be a thing of the past. Look at Atlanta, at Dallas, Houston, New Orleans.... But look also at Caracas, Rio de Janeiro, Santiago, and specially São Paulo. Their progress is phenomenal, and in many cases the people, the street scenes, and the pace of life begin to remind you of New York and Chicago. In Caracas, the old Spanish town, charring, but uncomfortable and unhygienic, is being utterly demolished to make room for a modern metropolis or megalopolis in which Yankee influence is strong. São Paulo has nothing to suggest the tropical charm of Brazil: no palm trees, no caballeros singing serenades in the moonlight, no languid senhoritas peeping modestly through shuttered windows....

Tradition everywhere is being killed off. I honestly do not know whether I am glad or sorry. I hate to see the national characteristics of each of our Latin-American countries blotted out, to be replaced

by poor imitations of things in the United States – chain stores, blue jeans, Coca-Cola, filling stations, and functional building. At the same time, I know the high cost of the picturesque, in terms of poverty, social injustice, and contagious disease.

But I fear I have digressed again. What I have been attempting to convey to you is my feeling that the differences between the United States and Latin America are not so sharp or so irreconcilable as they may appear at first sight, and that, through industry and progress, we are growing *more* alike, rather than *less* so. In any case, the American South occupies a strategic position between extremes, spiritually as well as physically. I sincerely trust that it may never be a battlefield, but rather that it may form a bridge, a middle ground, a common meeting place, where, in part through meeting such as the recent trade conference in New Orleans and the gathering here today, bonds of understanding and friendship may be established between Americans of the North and of the South -- Argentines, Chileans, Brazilians, Mexicans, men of the Andes and men of the Caribbean, dwellers in Paraguay and inhabitants of the United States: Americans all.

## **A América do Sul e o Sul Americano**

### **(Tradução do inglês)**

Penso que é uma certa presunção que eu, um mero contador de histórias, tenha voz em uma reunião desse tipo, com a participação de tantos professores e acadêmicos tão distintos. Este meu artigo - que propriamente deveria conter o subtítulo “uma impressão” - é pouco mais que evidência de meu desejo de vincular a esse importante encontro o nome da União Pan-Americana e, mais particularmente, o de seu Departamento de Assuntos Culturais, que tenho a honra de dirigir.

A União Pan-Americana, secretariado permanente da Organização dos Estados Americanos, está profundamente interessada em todos os aspectos da civilização do Novo Mundo e nos meios de promover um maior intercâmbio cultural, em particular no campo da educação. Temos, de fato, uma Divisão de Educação especializada, em grande parte preocupada em elevar o nível de instrução na América Latina e em estender seus benefícios a uma maior parte da população local. Além de produzir cartilhas de produção em massa para uso nas campanhas contra o analfabetismo, patrocinou, nos últimos sete anos, uma série de cinco seminários interamericanos sobre vários aspectos da educação - fundamental, adulta, elementar, vocacional e secundário. Essas reuniões de um mês reuniram especialistas de todas as partes do nosso hemisfério para discussões de natureza singularmente fecunda.

211

Mas, na verdade, todas as divisões do meu departamento realizam uma missão educacional. Seja a Biblioteca, ajudando os estudiosos a preparar bibliografias especializadas ou a pôr o Sistema de Classificação Decimal de Dewey em espanhol; seja a Seção de Música e Artes Visuais, divulgando notícias de eventos nesses campos por meio de seu boletim e tornando o trabalho de artistas

americanos mais conhecido por meio de concertos e exposições em nossa sede em Washington; seja a Seção de Letras que prepara um grande Dicionário de Literatura Latino-Americana, no qual alguns dos senhores podem ter sido solicitados a colaborar; seja a Seção de Ciência e Tecnologia que envia artigos especialmente preparados sobre avanços recentes para os principais jornais da América Latina; seja a Seção de Ciências Sociais que prepara um seminário sobre o ensino dessa matéria na América do Sul ou publica uma versão em espanhol do *Esboço de Materiais Culturais* de Murdock <sup>40</sup>- que, em poucos meses, foi usado em todo lugar, do Museu do Índio no Rio aos locais de investigação de campo no México - todas essas divisões e seções estão realizando importantes programas que visam promover o aumento e a disseminação do conhecimento entre os povos das Américas. Essas próprias mesas redondas que patrocinamos em diferentes partes dos Estados Unidos são apenas uma atividade adicional direcionada para o mesmo objetivo.

212

Voltando, no entanto, ao tópico programado de minhas observações, “A América do Sul e o Sul Americano”, quando procuramos estabelecer um paralelo entre latino-americanos e o povo dos Estados Unidos, via de regra, as primeiras coisas que nos ocorrem são diferenças, contrastes e antagonismos. É natural que caiemos em lugares comuns e que a questão seja simplificada em fórmulas padrão, que, por força da repetição, passem a ser consideradas verdadeiras.

Por exemplo, é comum dizer que o norte-americano é loiro, enquanto o latino é moreno; que o “Gringo” é rápido e ativo, enquanto seu irmão do outro lado do Rio Grande é lento e apático; que aquele é emocionalmente frio e o outro profundamente sentimental ... e assim por diante. Há quem afirme que não há base de entendi-

---

40 George Peter Murdock (1897 - 1985), foi um antropólogo, conhecido por sua abordagem empírica de estudos etnológicos e seu estudo das estruturas familiares e de parentesco entre culturas diferentes.

mento possível entre anglo-americanos e ibero-americanos, uma vez que esses dois blocos humanos são separados por barreiras insuperáveis de natureza histórica, econômica, racial e de temperamento.

Mas até onde isso é verdade? Até que ponto o entendimento é possível?

Observei haver muitos que, por razões políticas, acham interessante que uma reaproximação nunca ocorra. Refiro-me àqueles que prefeririam que o mundo inteiro vivesse à sombra da União Soviética. Por outro lado, pode-se encontrar nos países latino-americanos uma forte corrente a favor de um vínculo cada vez mais próximo com a Europa. Todos os senhores sabem que, até a geração que atingiu a maioria em 1930, a mais forte influência artística, literária e espiritual da América do Sul foi a da França. É natural que, por razões de natureza linguística, os latino-americanos sintam uma forte atração pela Espanha, Portugal, França e Itália. Existem outras razões também, mais fortes e extra filológicas. Não preciso repetir o que a Espanha representou, tanto por sua presença quanto por sua influência, nos países hispano-americanos até os primeiros anos do século passado, ou o que Portugal significava para o Brasil até 1822.

213

Até recentemente, no Brasil, toda e qualquer coisa americana defrontava-se com a má vontade dos católicos, para quem “ianque” era, em certo grau, sinônimo de “protestante”. Somente agora nossos povos começam a observar o poder e a importância da Igreja Católica nos Estados Unidos.

Embora o estudo do inglês tenha sido obrigatório nas escolas secundárias da maioria dos países latino-americanos desde o início deste século, até os anos trinta havia poucos entre nós que realmente *falavam* inglês, ao passo que era bastante comum encontrar pessoas que falavam e liam o francês como segunda língua materna. As diferenças linguísticas, portanto, eram mais uma barreira à unidade hemisférica. Hoje, no entanto, institutos binacionais estão espalhados por toda a extensão da América Latina, atraindo milhares

de estudantes de todas as esferas da vida para o estudo do inglês. O número de professores, acadêmicos e membros das profissões liberais que chegam aos Estados Unidos em viagens de lazer ou para fins de estudo já é enorme e aumenta constantemente.

Por mais de cinquenta anos, este país exporta para o resto do mundo, junto com seus carros, geladeiras, eletrodomésticos e outras criações de sua fabulosa estrutura industrial, muitos de seus costumes e modos de vida. A presença dos Estados Unidos se faz sentir na América Latina através de filmes de Hollywood, produtos de fábricas de automóveis de Detroit e refinarias de petróleo do Texas e uma série de aparelhos, todos carimbados invariavelmente como “Made in USA”.

214 No entanto, apesar de sua aceitação ávida, é comum ler ou ouvir expressões como “Vão para casa, americanos” ou “imperialismo ianque” e “o polvo de Wall Street”. Os escritores se esforçam por mostrar, em artigos de jornal, que nós latino-americanos não temos nada em comum com os “Gringos”. Que conexão pode ser encontrada entre Don Quixote e Buffalo Bill? Entre Babbitt e Cantinflas? Entre um empresário de Chicago e um indígena peruano? Esses contrastes mostram perfeitamente os perigos da generalização. Eu poderia perguntar com igual justiça e adequação que semelhança existe entre um produtor de Hollywood e um meeiro do Alabama, ou que semelhança pode ser encontrada entre um professor de Princeton e um jogador profissional em Las Vegas.

Para os latinos, a característica mais característica do “Gringo” é o ritmo em que ele vive, sua pressa, sua preocupação com o sucesso, sua visão prática e pouco romântica da vida. Em última análise, é uma questão de valores. Nós, sul-americanos, sempre ficamos intrigados com a frequência com que os ianques empregam no discurso cotidiano termos retirados da vida comercial. Quando desejam convencer alguém de alguma coisa, dizem que desejam “vender-lhe” uma ideia. “Vender” é um verbo importante em seu mundo de negócios. O ven-

dedor é uma espécie de herói popular, e a habilidade de vendas é uma qualidade altamente apreciada. Da mesma forma, exclama-se: “Eu me sinto como *um milhão de dólares*”. (Ou “como *dois centavos...*”), “Essa ideia é boa, *por meu dinheiro*”, “O crime não *paga*”... Sempre e para sempre a ideia de dinheiro, de lucro, de comércio. Para nós, o dinheiro é antes de mais nada “lucro imundo”. Gostamos da ideia de desprezar o dinheiro, que é sujo, vil, desprezível. Isso nos torna mais nobres aos nossos próprios olhos. No entanto, a meu ver, isso é uma mera verdade superficial, um mero verniz. No fundo, não gostamos menos de dinheiro do que os ianques. Alguns viram no conceito americano de valor do trabalho e do sucesso uma influência calvinista, enquanto nossa atitude mental é supostamente católica. Esta é apenas mais uma simplificação excessiva.

Gostaria de saber exatamente qual porcentagem da população dos Estados Unidos de fato vive em uma pressa contínua, buscando o sucesso e adorando a máquina. Quanto a todas as pretensas diferenças que separam os anglo- e latino-americanos, penso que, principalmente se compararmos o sul dos Estados Unidos com a América do Sul, notaremos, com surpresa, que temos muitos pontos de contato, muitos ideais, hábitos, e idiossincrasias em comum.

215

Não proponho oferecer um estudo científico ou mesmo semi-científico do assunto, completo e bem organizado em todos os aspectos. Vou prosseguir, antes, como romancista – um romancista apressado e um tanto anárquico - chamando a atenção aqui e ali para semelhanças e coincidências.

Acredito que foi Germán Arciniegas<sup>41</sup> que disse, com propriedade humorística, que a América do Sul começa na linha Mason e

---

41 Germán Arciniegas ( 1900 – 1999) foi um escritor, ensaísta, diplomata e historiador colombiano. Ocupou diversos cargos públicos tais como ministro de Educação da Colômbia, embaixador da Colômbia na Itália, Venezuela, Israel e na Santa Sé. Escreveu mais de 50 livros.

Dixon.<sup>42</sup> O visitante estrangeiro que entra nos Estados Unidos pelo Sul notará pouca diferença, se houver, entre as cidades daquela região e as latino-americanas. Encontra o mesmo ar calmo e lânguido; os mesmos odores doces e tropicais; o mesmo clima ameno, geralmente para o lado do quente; uma sugestão de drama, de emoção, em toda casa, em toda rua, em toda alma, em todo rosto. Ah, esses rostos! Aqui no Sul, parecem expressar um sentimento maior do que em qualquer outra parte dos Estados Unidos. Em algumas cidades da Nova Inglaterra ou do Norte, melhor ainda do Meio Oeste e do Extremo Oeste, existe certa uniformidade de tipos humanos, o resultado em parte da produção industrial em massa (já que o preço do progresso, senhoras e senhores, é a monotonia). Existe uma uniformidade de vestuário, de gesto e de modo de falar; existe uma uniformidade de gosto - da mesma forma, do trabalho industrial, auxiliado e incentivado pela publicidade em larga escala. Parece ter havido como que um entendimento tácito entre as pessoas dessas regiões de que o drama deve ser suprimido e a dor superada. Esta última deve ser alcançada seja pela descoberta de curas infalíveis, ou simplesmente evitando toda menção ao assunto! Parece também que chegaram à conclusão de que não há problema para o qual não se possa encontrar uma solução prática e que, na maioria dos casos, será, necessariamente, mecânica. “Mantenha seu queixo erguido! Continue sorrindo!”, dizem, e formam “Clubes Otimistas”. Então lançam-se ao seu trabalho, empurrando, com uma exibição de músculos poderosos, todos os obstáculos de seu caminho.

Obviamente, também estou generalizando, fazendo o que não devia fazer, já que ninguém mais que um romancista deveria

---

42 A linha Mason-Dixon é tradicionalmente considerada como a divisão entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos e, antes da Guerra Civil, entre os estados escravocratas e não escravocratas. Foi, de início, traçada em 1767 por cientistas ingleses para demarcar a fronteira entre a Pensilvânia e Mariland, em virtude de uma disputa de terras entre as duas colônias. Ver: [www.wdl.org/pt/item/9573/](http://www.wdl.org/pt/item/9573/).



preservar um senso de nuance, de sombreamento. E, no entanto, noto nos habitantes da Costa Leste mais astúcia e sofisticação do que no caso dos do Oeste, que me parecem mais juvenis e ingênuos. Lembro-me de que um dos prefeitos de São Francisco usava gravatas excessivamente gritantes, porque “aquela exibição de cores o deixava e às pessoas a seu redor mais animadas”. O prefeito de Tucson, Arizona, que conheci em uma reunião em Milwaukee, disse-me que costumava usar um chapéu de vaqueiro de aba larga em todas as ocasiões, para não decepcionar os eleitores.

Ora, nós latino-americanos, excessivamente autoconscientes, criticamos muito todas essas expressões juvenis da vida ianque: cemitérios sem nenhum toque do macabro, roupas coloridas, informalidade de maneiras, paixão pelo espetáculo, fraqueza por desfiles, uniformes e convenções. Preferimos pensar, pelo menos até certo ponto, que a vida é um drama sério e não uma comédia musical. Nunca esquecemos a presença invisível da morte. A morte é como se fosse nossa namorada, a inspiração de nossos poetas e artistas, um tema sempre presente em nossa conversa. Como me lembro bem daquelas noites em casa nas quais o círculo familiar contava histórias de fantasmas, casas mal-assombradas e cemitérios na hora das bruxas à meia-noite! E quando nossas conhecidas tratam de suas doenças e aflições, não há como impedi-las! Lambemos nossas feridas em um delírio de auto piedade, enquanto os ianques do Norte ou do Oeste buscam curá-los. É em todos esses assuntos que considero o sul dos Estados Unidos um pouco mais parecido com a América do Sul.

217

Tomem um autor típico do Sul: William Faulkner. Comparem seus sombrios heróis com as personagens gentis que habitam o romance de J.P. Marquand<sup>43</sup> e descubram dois mundos comple-

---

43 John Phillips Marquand (1893 –1960), escritor norte-americano, ficou mais conhecido por suas histórias de espionagem, mas alcançou o sucesso popular e o respeito da crítica por seus romances satíricos. Recebeu o Prê-

tamente diferentes. Ponham os desfavorecidos sociais de Erskine Caldwell contra o Babbitt, de Sinclair Lewis, e dois tipos humanos diametralmente opostos se apresentam aos seus olhos.

O que torna o sul dos Estados Unidos tão semelhante à América do Sul é a presença do negro. Quem ler *Casa-Grande e Senzala* de Gilberto Freyre perceberá de imediato a notável semelhança entre o nordeste do Brasil e o sul da América. Surgiu no “bojo” do Brasil, assim como aqui nesta região, uma “sociedade de estrutura agrária, escravista em sua técnica de exploração econômica”. Tomando isso como ponto de partida, poderíamos traçar vários paralelos, começando com o entre a casa-grande do senhor de engenho e a mansão do proprietário da *plantation* sulista. Poderíamos estudar, comparativamente, a influência da mulher negra como mão de obra no campo, como babá, curandeira, companheira de infância, cozinheira e, em muitos casos, como conselheira. Confio em que os sulistas irão me perdoar, se os ofender dizendo que me parece que a presença do negro deu à vida, costumes e fala desta região um elemento açucarado (se um romancista puder se permitir tal expressão), que torna a existência aqui mais humana, interessante e colorida do que em outras partes do país. Obviamente, nem sempre se pode ter o melhor dos dois mundos. As sociedades ditas românticas ou pitorescas pagam um tributo pesado pelo privilégio de parecerem assim, e sociedades altamente industrializadas e “progressistas” perdem à luz da lua e das rosas o que ganham em termos de avanço material, ordem, conforto e riqueza.

O português falado em partes do Brasil em que o elemento negro é dominante é o português de Portugal e o inglês do sul americano é o da Inglaterra. Nas duas regiões em que a influência negra é forte, há uma tendência de engolir consoantes e transformar vogais em uma espécie de mingau. Também não é de surpreender que os

exemplos mais saborosos da culinária africana sejam de natureza mole, como por exemplo o delicioso vatapá que se come na Bahia. A área espanhola do Caribe também é macia e mole: parece escorrer como um xarope doce dos lábios de quem fala. Doces também são as vozes negras - vozes como mel, macias como veludo. E não apenas na fala o negro influenciou o homem branco, mas também numa forma pachorrenta de movimento e de vida em geral. Tudo isso aproxima o sul americano, tanto da América do Sul quanto das repúblicas do Caribe.

Que outros pontos de contato podemos encontrar? Acredito que um dos principais é o conceito de tempo. Lembram daquela famosa pintura de Salvador Dali na qual aparecem dois relógios moles, pingando sobre a borda de uma mesa? Bem, um relógio mole é o melhor símbolo que posso conceber para a ideia latino-americana de tempo. Nesse sentido, o sul dos Estados Unidos mostra uma certa semelhança conosco. Agimos como se tivéssemos toda a eternidade diante de nós. P.M.<sup>44</sup> para um latino-americano significa “poco más o menos”. Ou, como disse um distinto mexicano ao chegar uma hora e meia atrasado para uma reunião que ele mesmo havia marcado para duas horas da tarde: “Pontualidade mexicana”. Para um ianque típico, “tempo é dinheiro”. Ele tenta se antecipar ao tempo. Seu jornal se esforça para dar as notícias de amanhã hoje. As revistas de agosto estão todas esgotadas em julho. Acho que nosso senso latino de tempo é o que prevaleceu no Jardim do Éden, antes que os relógios fossem inventados. (De fato, essa pode ter sido uma das coisas que o transformavam em um Paraíso...). Qual é a consequência do nosso senso de tempo na América Latina? Bons tempos, “Holly Monday” após fins de semana de férias e pobreza. E qual é o resultado do ritmo acelerado da vida dos ianques? Progresso, morte a noventa milhas por hora nas estradas e úlceras estomacais.

219

---

44 P.M. é a abreviatura de post-meridian, depois do meio-dia.

No entanto, acho que também podemos considerar “úlceras da alma”. Estas são o produto de outro tipo de preocupação que não a pressão externa, pela preocupação de ganhar do relógio, conquistar novos recordes de produção, tornar-se um sucesso. Nossas horas de lazer nos dão tempo para nos preocuparmos com problemas espirituais. Além disso, somos pobres e acredito que existam diferentes conjuntos de doenças que atacam os ricos e que atacam os pobres. O desenvolvimento da indústria no sul americano e na América do Sul pode trazer uma cura para os males morais - mau humor e pessimismo, resultantes de problemas de saúde -, mas temo que também traga infecções com os males que atacam as sociedades construídas sobre a máquina. Mas estou divagando...

220 A ideia de que nós latino-americanos estamos mais conscientes do lado dramático da vida, simplesmente porque somos na maioria católicos, não tem validade, pois o sul americano, onde algo dessa mesma consciência prevalece, é fortemente protestante. O clima pode explicar o temperamento de um povo? O inverno - inverno rigoroso, com temperaturas bem abaixo de zero e nevascas uivantes - é quase tão desconhecido no Sul quanto na maior parte da América do Sul. Talvez tenhamos algo aí...

Encontro muitos pontos de comparação e contraste entre os povos de nossas respectivas partes do Hemisfério, mas penso que posso resumir o último nesta pequena fórmula: os latino-americanos são criaturas de paixão; o povo dos Estados Unidos é em grande parte de homens de ação. Para os “Gringos”, o que conta é *fazer*; para os latinos, o importante é *ser*. Acredito que o sul deste país também esteja mais preocupado em ser do que em fazer. Gostaria de chamar sua atenção de novo para as personagens de Faulkner e os problemas que as assombram. Ora, os livros de Faulkner não são os mais vendidos neste país, pelo menos não no mesmo sentido e grau

que *The View from Pompey's Head*.<sup>45</sup> Nem o é a obra de Truman Capote. (Obviamente, isso não é o todo da literatura do Sul: parece-me lembrar que um livro intitulado *E o Vento Levou* teve um bom grau de aceitação há alguns anos...) O ianque em busca de sucesso, o empreendedor otimista, não tem uso para romances cujas personagens são frustradas. Essa é a principal razão pela qual as obras de Faulkner e Capote e todos os romances latino-americanos publicados em inglês neste país não chegam à lista semanal do *New York Times*. Contam histórias tristes sobre pessoas infelizes. Seu ritmo é lento.

Mas os tempos mudam, e as pessoas às vezes mudam com os tempos. Vejam o que a indústria está fazendo pelo Sul! Sua atmosfera romântica, com cheiro de magnólia daqui a mais alguns anos será coisa do passado. Vejam Atlanta, Dallas, Houston, Nova Orleans... Mas vejam também Caracas, Rio de Janeiro, Santiago e, especialmente, São Paulo. Seu progresso é fenomenal e, em muitos casos, as pessoas, as cenas de rua e o ritmo da vida começam a lembrá-los de Nova York e Chicago. Em Caracas, a antiga cidade espanhola, charmosa, mas desconfortável e sem higiene, está sendo totalmente demolida para dar espaço a uma metrópole ou megalópole moderna em que a influência ianque é forte. São Paulo não tem nada a sugerir do encanto tropical do Brasil: sem palmeiras, sem cavalheiros cantando serenatas ao luar, sem senhoritas lânguidas espiando modestamente pelas janelas fechadas...

221

A tradição em toda parte está sendo exterminada. Sinceramente, não sei se estou feliz ou triste. Detesto ver as características nacionais de cada um de nossos países latino-americanos apagadas, sendo substituídas por más imitações de coisas nos Estados Unidos - cadeias de lojas, blue jeans, Coca-Cola, postos de gasolina e prédios funcionais. Ao mesmo tempo, conheço o alto custo do pitoresco, em

---

45 *The View from Pompey's Head*, romance de Hamilton Basso, foi publicado pela Doubleday em 1954. Ficou 40 semanas na lista de best-sellers do *The New York Times*.

termos de pobreza, injustiça social e doenças contagiosas.

Mas temo ter me desviado de novo. O que tenho tentado transmitir aos senhores é o meu sentimento de que as diferenças entre os Estados Unidos e a América Latina não são tão acentuadas ou tão inconciliáveis quanto podem parecer à primeira vista e que, através da indústria e do progresso, estamos ficando *mais* parecidos, em vez de *menos*. De qualquer forma, o sul americano ocupa uma posição estratégica entre extremos, tanto espiritual quanto fisicamente. Sinceramente confio que talvez nunca seja um campo de batalha, mas sim que possa formar uma ponte, um meio termo, um local de encontro comum, onde, em parte através de reuniões como a recente conferência comercial em Nova Orleans e esta reunião aqui hoje, laços de entendimento e amizade possam se estabelecer entre americanos do norte e do sul - argentinos, chilenos, brasileiros, mexicanos, homens dos Andes e homens do Caribe, moradores do Paraguai e habitantes dos Estados Unidos: todos americanos.

## UCLA Round Table on Latin American studies<sup>46</sup>

In considering this gathering of scholars at one of the lending universities of the Western Hemisphere, I was led inevitably to a number of rather perturbing reflections upon the state of the intellectual in our day.

We are undergoing a period of acute political and social crisis -- three cheers for the cliché! History has placed us under fire both from the extreme Left and the extreme Right. Like that dramatic figure described by Matthew Arnold, we find ourselves torn between a world in its death-throes and a world struggling to be born.

The worst of it is that such glimpses as we have had thus far of the "new" world are far from being attractive or reassuring. It appears that there will be no place there for freedom of thought. And in the present state of events, it would seem that we may not even look for consolation to a possible survival of the so called Western democracies, since everything indicates that, in their zeal for combating Communism, they too are beginning to adopt totalitarian methods.

223

I am referring to the somber wave of anti-intellectualism which in recent times has begun to overshadow the democratic world, threatening writers, scientists, teachers, and artists with censorship, expurgation, book-burning, character assassination and the like.

In lands which lie behind the Iron Curtain, honest intellectuals shake up the populations of prisons and concentration camps. In the world of democratic countries, they are looked upon with distrust and ill will by reactionary politicians and big businessmen, who consider them a disturbing element -- a cause of unrest and hazard

---

46 Conferência na Universidade da Califórnia, campus de Los Angeles, dada de maio de 1955.[N. da Org.]

to the nation. The promoter, the industrialist, the businessman is glorified because, as a result of the subtle out insistent influence of the very doctrine which they wish to combat and wipe from the face of the earth, the leaders of the Western world seem to have come to the conclusion that *all* human problems may be solved by economic means, that there is no social ill which cannot be cured by technical assistance, by some mechanical contraption, or by mere financial aid. Obviously, in a society of so materialistic a nature, there can be no place for men of abstract ideas.

Many are the devices to which the “pillars of society” have recourse in combating the “threat.” First, they may buy the acquiescence, or even the complicity, of the intellectuals. Again, they may effectively banish them from society by use of the “smear” technique. Another procedure, very popular to them, consist in rendering them inactive through fear.

224 Through fear! Marvelous! It is the lesson taught by Professor-emeritus Hitler, by Professor-emeritus Stalin. Let us create in our countries a Ministry of Fear; let us silence all these crackpots who do not wish to accept the obvious truth that everything that is not white in necessarily black; let us puzzle all these bothersome eggheads who complicate the political picture of the world with the annoying and erroneous idea that there are other colors, not to speak of hues and shades.

We have recently heard of the latest achievement of American ingenuity: the “music synthesizer.” Without the aid of instruments or artists, it can reproduce the sound of any instrument and play any composition of any type. We are all doubtless acquainted with the marvels of cybernetics, of the “mechanical brain.” Since the intellectual is a necessary evil, it is quite possible that the next electronic miracle will be the “synthetic author,” a sort of super-robot, capable of writing novels, essays, and poems which are in perfect accord with the interests of the ruling classes. This push-



button writer would possess, among other advantages, that of writing only when its masters so desired.

There would also be the push-button teacher, a prodigious monster, completely Communist-proof -- and rust-proof to boot! - with infallible answers for all questions. I can imagine one of these learned robots giving a lecture on *Don Quixote*, or reading in impeccable accents a selection from Góngora....

But alas! Error is a falling not only of human beings, but also of electronic devices. This is possible that some day, in our "brave, new world," we shall witness a portentous event: the investigation of a mechanical teacher, accused of subversion. In this case, of course, the investigator will be not a senator but an electronics engineer!

I would not leave with you the erroneous impression that I am an egghead who recognizes none but spiritual values, that I am a dueler in the ivory tower, with no sense of practical reality. As a novelist, I try to keep my feet firmly planted upon the ground, and in all my stories you will note my preoccupation with the underdog and the problems of his material existence. No one can, in good faith, neglect economic factors in studying social problems. Anyone taking a realistic view of the situation in Latin America cannot fail to conclude that poverty, hunger, and social injustice have done much more to swell the ranks of the Communist Party than Marx, Lenin, or Stalin, and that the peoples there can be properly understood only within the framework of their somewhat feudalistic society.

However I wish likewise to make it clear that much more than technical and financial assistance is needed to redeeming the Latin-American masses, who live -- if indeed one can use that verb - in the most sordid of poverty. The problem, then, is not merely an economic or a technological one. It is also a problem of education and social psychology. It is for this reason that the solution does not lie solely in the hands of bankers, industrialists, politicians, and promoters, out also in those of teachers, writers, and philosophers. And these

men of thought can render full and efficacious collaboration only in an atmosphere of freedom of examination and expression.

It is for this reason that I accuse the anti-intellectuals – the witch hunters, the burners of books – of wishing to set back the clock of history, carrying humanity back to the Dark Ages. In brief, I accuse them of being the true followers of the Moscow line: they are the real subversives!

I hope that it may not seem strange to you that I should have chosen this time and place to give vent to these thoughts. The whole matter is one which concerns very closely problems of teaching in the Latin-American field. Never has it been so necessary as today that ideas circulate freely and be openly discussed in all parts of our hemisphere. Your country is attacked – often slandered – in Latin America. In Latin America is neglected – frequently even scorned – here in the United States.

226 The Organization of American States is the guarantee of the political unity of the hemisphere; but who better than you of the teaching profession can promote spiritual unity and the strengthening of our relations on the cultural and human plane? This unity, this integration is not to be achieved through lies, omissions, euphemisms, or mental reservations. This is the moment to speak up, clear and plain.

What you have done and are doing in the quiet of your classrooms, teaching Spanish, Portuguese, Latin-American literature, and the history, of civilization in the countries below the Rio Grande, is a contribution of inestimable value to a closer, more intimate relation between the peoples of America.

We of the Pan American Union know full well how great this contribution is. And we are deeply grateful. For you, more than any other group, are working to instill that “respect for the cultural values of the American countries” upon which, as the Charter of our Organization states, the spiritual unity of the Hemisphere is based.

I take his occasion to express, very simply but very sincerely, our deep appreciation.

I wish moreover to give special thanks to the University of California for all that it has done to make this meeting possible. I am sure that a large measure of its success will be due to all those on the staff, beginning with Chancellor Allen, who have constantly rendered such generous and splendid collaboration.

Part of the purpose of these meeting, as far as the Pan American Union is concerned, is for us to learn what we can do to help you. A professor at a previous gathering of this nature, when asked what he considered the principal problem confronting Latin Americanists, replied succinctly: “Money!” Now despite our white marble palaces in Washington, the Pan American Union is unfortunately not in a position to underwrite research, but there are undoubtedly other ways in which we can repay some part of the debt of service we owe you.

I hope that in the course of your deliberations you will speak with the same degree of frankness as I have, whatever your opinions may be. Personally I persist in believing in a world in which the discoveries, inventions, and achievements of science and technology are placed at the service of all, that human misery and social injustice may be banished forever from the face of the earth. But as I am deeply conscious of spiritual values and of the importance of the individual, the world of my belief is one free, not merely of want, but also of fear – one in which man is at liberty to hold the views he deems right and to express those views at all times.

## **Mesa Redonda sobre Estudos Latino-Americanos na UCLA**

**(Tradução do inglês)**

Ao pensar nesse encontro de acadêmicos em uma das universidades líderes do Hemisfério Ocidental, fui inevitavelmente levado a uma série de reflexões bastante perturbadoras sobre a medida do valor dos intelectuais em nossos dias.

Estamos passando por um período de aguda crise política e social - três aplausos pelo clichê! A história nos colocou sob fogo, tanto da extrema esquerda quanto da extrema direita. Como aquela figura dramática descrita por Matthew Arnold, nos encontramos divididos entre um mundo em plena agonia e um mundo que luta por nascer.

O pior de tudo é que os vislumbres que tivemos até agora do mundo “novo” estão longe de serem atraentes ou tranquilizadores. Parece que não haverá lugar para a liberdade de pensamento. E, no estado atual dos acontecimentos, pareceria que nem sequer podemos procurar algum consolo para a possível sobrevivência das chamadas democracias ocidentais, pois tudo indica que, em seu zelo pelo combate ao comunismo, elas também estão começando a adotar métodos totalitários.

Refiro-me à escura onda de anti-intelectualismo que, nos últimos tempos, começou a inundar o mundo democrático, ameaçando escritores, cientistas, professores e artistas com censura, expurgo, queima de livros, assassinato de caráter e coisas do gênero.

Em terras situadas atrás da Cortina de Ferro, intelectuais honestos despertam as populações de prisões e campos de concentração. Nos países democráticos do mundo, são encarados com desconfiança e má vontade por políticos reacionários e grandes empresários, que os consideram um elemento perturbador - uma

causa de inquietação e risco para a nação. O empreendedor, o industrial, o empresário é glorificado porque, como resultado da sutil e insistente influência da própria doutrina que desejam combater e varrer da face da terra, os líderes do mundo ocidental parecem ter chegado à conclusão de que *todos* os problemas humanos podem ser resolvidos por meios econômicos, que não há nenhum mal social que não possa ser curado por assistência técnica, por alguma engenhoca mecânica ou por mero auxílio financeiro. Obviamente, em uma sociedade de natureza tão materialista, não pode haver lugar para homens de ideias abstratas.

Muitos são os dispositivos aos quais os “pilares da sociedade” recorrem no combate à “ameaça”. Primeiro, podem comprar a aquiescência, ou mesmo a cumplicidade, dos intelectuais. Novamente, podem efetivamente bani-los da sociedade usando a técnica de “difamação”. Outro procedimento, muito popular entre eles, consiste em torná-los inativos pelo medo.

Por meio do medo! Maravilhoso! É a lição ensinada pelo professor emérito Hitler, pelo professor emérito Stalin. Vamos criar em nossos países um Ministério do Medo; vamos silenciar todos esses malucos que não desejam aceitar a verdade óbvia de que tudo que não é branco é necessariamente preto; vamos confundir todos esses idiotas incômodos que complicam a imagem política do mundo com a ideia irritante e errônea de que existem outras cores, sem falar em tons e sombras.

Recentemente, ouvimos falar da última conquista da engenhosidade americana: o “sintetizador de música”. Sem a ajuda de instrumentos ou artistas, ele pode reproduzir o som de qualquer instrumento e tocar qualquer composição de qualquer tipo. Sem dúvida, todos estamos familiarizados com as maravilhas da cibernética, do “cérebro mecânico”. Como o intelectual é um mal necessário, é bem possível que o próximo milagre eletrônico seja o “autor sintético”, uma espécie de super-robô, capaz de escrever romances, ensaios e

poemas que estejam em perfeita sintonia com os interesses de as classes dominantes. Esse escritor ao toque de um botão possuiria, entre outras vantagens, a de escrever somente quando seus mestres assim o desejassem.

Também haveria o professor ao-toque-de-botão, um monstro prodigioso, completamente à prova de comunistas - e à prova de ferrugem para inicializar! - com respostas infalíveis para todas as perguntas. Posso imaginar um desses robôs instruídos dando uma palestra sobre *Dom Quixote*, ou lendo em sotaques impecáveis uma seleção de Góngora...

Mas aí! O erro é uma falha não apenas dos seres humanos, mas também dos dispositivos eletrônicos. É possível que um dia, em nosso “admirável mundo novo”, testemunharemos um evento portentoso: a investigação de um professor mecânico, acusado de subversão. Nesse caso, é claro, o investigador não será um senador, mas um engenheiro eletrônico!

230 Não os deixaria com a impressão errônea de que sou um alienado que não reconhece senão valores espirituais, que sou um habitante da torre de marfim, sem nenhum senso de realidade prática. Como romancista, tento manter meus pés firmemente plantados no chão, e em todas as minhas histórias notarão minha preocupação com os desprivilegiados e os problemas de sua existência material. Ninguém pode, de boa-fé, negligenciar fatores econômicos no estudo de problemas sociais. Qualquer pessoa que tenha uma visão realista da situação na América Latina não pode deixar de concluir que a pobreza, a fome e a injustiça social fizeram muito mais para inchar as fileiras do Partido Comunista do que Marx, Lênin ou Stalin, e que os povos de lá podem ser adequadamente entendidos apenas dentro da estrutura de sua sociedade um tanto feudalista.

No entanto, desejo igualmente esclarecer que é necessário muito mais do que assistência técnica e financeira para resgatar as massas latino-americanas que vivem - se é que se pode usar esse ver-

bo - na mais sórdida pobreza. O problema, então, não é meramente econômico ou tecnológico. É também um problema de educação e psicologia social. É por esse motivo que a solução não está apenas nas mãos de banqueiros, industriais, políticos e empreendedores, mas também nas de professores, escritores e filósofos. E esses homens de pensamento podem prestar uma colaboração completa e eficaz apenas em uma atmosfera de liberdade de exame e expressão.

É por essa razão que eu acuso os anti-intelectuais - os caçadores de bruxas, os incendiários de livros - de quererem atrasar o relógio da história, levando a humanidade de volta à Idade das Trevas. Em resumo, eu os acuso de serem os verdadeiros seguidores da linha de Moscou: eles são os verdadeiros subversivos!

Espero que não lhes pareça estranho que eu tenha escolhido esse horário e local para dar vazão a esses pensamentos. A questão toda é muito próxima daquela que se relaciona aos problemas do ensino no campo latino-americano. Nunca foi tão necessário como hoje que as ideias circulem livremente e sejam discutidas abertamente em todas as partes do nosso hemisfério. Seu país é atacado – muitas vezes caluniado - na América Latina. E a América Latina é negligenciada – e com frequência desdenhada - aqui nos Estados Unidos.

231

A Organização dos Estados Americanos é a garantia da unidade política do hemisfério; mas quem melhor que os senhores, da profissão docente, pode promover a unidade espiritual e o fortalecimento de nossas relações no lugar cultural e humano? Essa unidade, essa integração, não deve ser alcançada através de mentiras, omissões, eufemismos ou reservas mentais. Este é o momento de falar, claro e franco.

O que os senhores fizeram e estão fazendo na tranquilidade de suas salas de aula, ensinando espanhol, português, literatura latino-americana e história da civilização nos países abaixo do Rio Grande,

é uma contribuição de valor inestimável para uma aproximação e relação mais íntima entre os povos da América.

Nós da União Pan-Americana sabemos muito bem quão grande é essa contribuição. E somos profundamente gratos. Pois os senhores, mais do que qualquer outro grupo, estão trabalhando para incutir esse “respeito pelos valores culturais dos países americanos”, sobre o qual, como afirma a Carta de nossa Organização, se baseia a unidade espiritual do Hemisfério. Aproveito a ocasião para expressar, de maneira muito simples, mas muito sincera, nossa profunda apreciação.

Desejo, além disso, agradecer especialmente à Universidade da Califórnia por tudo o que fez para tornar essa reunião possível. Estou certo de que uma grande parte de seu sucesso será devida a todos os funcionários, começando com o Chanceler Allen<sup>47</sup>, que constantemente prestou uma colaboração tão generosa e esplêndida.

Parte do objetivo desta reunião, no que diz respeito à União Pan-Americana, é aprendermos o que podemos fazer para ajudá-los. Um professor de uma reunião anterior dessa natureza, quando questionado sobre o que considerava o principal problema enfrentado pelos latino-americanistas, respondeu sucintamente: “Dinheiro!” No momento, apesar dos nossos palácios de mármore branco em Washington, infelizmente a União Pan-Americana não está em posição de subscrever pesquisas, mas há, sem dúvida, outras maneiras pelas quais podemos pagar parte da dívida de serviço que lhes devemos.

Espero que, no curso de suas deliberações, os senhores falem com o mesmo grau de franqueza que eu, quaisquer que sejam suas opiniões. Pessoalmente, persisto em acreditar em um mundo em que as descobertas, invenções e realizações da ciência e da tecnologia

---

47 Raymond B. Allen (1902-1986) foi um médico e educador norte-americano. Foi Presidente da Universidade de Washington em Seattle de 1946 a 1951, e foi o primeiro Chanceler da Universidade da Califórnia, em Los Angeles de 1951 a 1959, onde desenvolveu a área de Medicina.



sejam colocadas a serviço de todos, em que a miséria humana e a injustiça social possam ser banidas para sempre da face da terra. Mas, como estou profundamente consciente dos valores espirituais e da importância do indivíduo, o mundo da minha crença é livre, não apenas de carências, mas também do medo - um mundo em que o homem tem liberdade para manter os pontos de vista que considera corretos e para expressá-los o tempo todo.

## **Discurso na II Reunião do Conselho Cultural Interamericano em Lima:**

**Erico Verissimo's speech<sup>48</sup>**

**(Original em português)**

Falo em nome do Senhor Secretário Geral da Organização dos Estados Americanos, Dr. José A. Nora, e em meu próprio nome, na qualidade de Secretário Executivo do Conselho Cultural Interamericano e de Diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana.

Desejo que minhas primeiras palavras sejam de cordial saudação ao governo e ao povo do Peru, e de agradecimento por sua generosa hospitalidade. Saúdo também com igual cordialidade os senhores Delegados dos Estados Membros da OEA, e os Representantes da UNESCO e outras entidades aqui congregados.

É minha intenção fazer um discurso absolutamente franco. Este é o lugar e esta a hora de falar com a sinceridade e a clareza que se espera duma Secretaria cujo objetivo é servir os países do Continente no campo das atividades culturais. É bem possível até <sup>234</sup> que os senhores Delegados, em certas passagens deste discurso, tenham a impressão de estar ouvindo a voz dum gerente comercial e não a de um diretor de Assuntos Culturais. Pouco importa: este é um risco que temos de correr todos os que vivemos nesta era tão dominada pelos formidáveis deuses econômicos.

Encontra-se aqui reunido o Conselho Cultural Interamericano, com o propósito não apenas de avaliar as passadas atividades e os estudos de sua comissão permanente de Ação Cultural, mas também de elaborar um programa fundamental e prático de co-operação cultural para os anos vindouros, com o estabelecimento

---

48 Discurso proferido na II Reunião do Conselho Cultural Interamericano, em Lima, Peru, em maio de 1956. Original em português.

de prioridades e prazos para os respectivos trabalhos dos órgãos competentes da Organização.

Como Secretária da OEA, a União Pan-Americana, através de seu Departamento de Assuntos Culturais, será incumbida de levar a cabo uma parte substancial do programa que nesta Reunião se vai traçar.

Em meu nome e em nome de meus companheiros desse departamento, quero dizer que o encargo muito nos honra e que, como sempre, estamos dispostos a servir os Estados Membros com toda a lealdade, dentro das medidas de nossas forças, de nossa habilidade... e do orçamento de que dispomos.

Orçamento... *Budget*... *Presupuesto*... *Budget*. Aqui está nas quatro línguas oficiais da Organização, a tremenda palavra, a chave mágica, o combustível sem o qual nosso carro secretarial não se poderá mover.

Tendes diante de vós, senhores Delegados, a personificação duma ambivalência. Como escritor, como artista, minha tendência natural é a de viver no mundo do sonho e da fantasia; como descendente de homens do campo, entretanto, sinto que meus antepassados gaúchos tudo fazem para que eu conserve os pés solidamente plantados na terra. Como homem de letras, sinto impulsos de pedir-vos um programa nobre, belo, vasto – total! Prefiro, porém, dar a palavra ao tropeiro, que também vos pedirá um programa nobre e belo, mas realista, rigorosamente de acordo com os recursos orçamentários de que dispusermos.

Nós, os latino-americanos, que tão bem conhecemos os horrores da inflação monetária, temos de fazer tudo para evitar agora, no campo cultural, uma inflação de recomendações, resoluções e projetos.

Perguntarei: “Com que autoridade fala este homem?” Responderei: “Com a autoridade de quem, à frente do Departamento de Assuntos Culturais, durante oito horas por dia e cinco dias por

semana vem, nestes últimos três anos, tentando cumprir um vasto e complexo programa para o qual não se votaram todas as verbas indispensáveis. É natural que, nesta altura dos acontecimentos e das decepções, nós os funcionários do Departamento Cultural saibamos o que podemos e o que *não* podemos fazer. E aqui estamos, senhores Representantes, para vos servir, para responder às vossas consultas, para vos dar as informações de que necessitardes. Vós tendes a autoridade que vos confere a vossa cultura e a qualidade de Delegados de vossos países: nós temos a experiência duma Secretaria técnica permanente.

Peço licença, senhores Representantes, para chamar vossa atenção sobre um documento que reputo da maior importância prática. É o que, sob o título de “Programa de Ação Cultural”, a Secretaria preparou para esta reunião, baseando-se na “Declaração sobre Cooperação Cultural”, formulada na Décima Conferência Interamericana. Seja também permitido a este Secretário Executivo pensar indiscretamente em voz alta, revelando algumas das coisas que nós os do Departamento de Assuntos Culturais desejamos e esperamos desta Conferência.

236

Existem na América Latina 45 milhões de pessoas que não sabem ler nem escrever, e mais 15 milhões de crianças sem escolas. Os Ministros da Educação de nossos países acham-se neste momento reunidos nesta bela e histórica cidade com o propósito de – assistidos pelos seus especialistas e à luz dos resultados da recente Conferência Regional da UNESCO – determinarem os meios e os métodos para fomentar a educação primária e, dentro dum prazo razoável, extirpar o analfabetismo de nosso Continente. Estou certo de que deste congresso de tão altas autoridades educacionais não sairá resoluções e recomendações que o Conselho Cultural incorporará ao programa que vai agora formular. Espero que desta Reunião saia decididamente amparada nossa Escola Normal Rural Interamericana que funciona em Rubio, Venezuela. Considero essa

instituição uma das realizações mais fascinantes no campo da co-  
 operação cultural interamericana. Tem ela por finalidade preparar  
 equipes de professores que possam constituir em seus respectivos  
 países o núcleo docente de uma escola rural. A manutenção dessa  
 Escola e, se possível, a ampliação de seus recursos, são duma im-  
 portância capital na campanha em prol da educação primária e da  
 extirpação do analfabetismo. Campanha é palavra que nos traz à  
 mente a ideia de guerra. Neste caso se trata dum tipo de guerra que  
 podemos e devemos provocar e fomentar sem nenhum remorso – a  
 guerra ao analfabetismo e em prol da educação das massas. Pois a  
 Escola Normal Rural de Rubio, senhores, prepara capitães para a  
 guerra! E como as batalhas mais duras da campanha se vão travar  
 nas zonas rurais, é inconcebível que se não estimule, prestigie e  
 ampare essa Escola cujos diplomados, uma vez de volta aos países  
 de origem, estarão por sua vez capacitados a preparar novas equipes  
 de professores rurais.

Quero também pedir a consideração e apoio dos senhores  
 Representantes para o nosso programa de produção de livros desti-  
 nados a formar e manter o hábito da leitura nos adultos recentemente  
 alfabetizados, estimulando ao mesmo tempo o melhoramento das  
 condições de vida de suas comunidades. Esse programa – que temos  
 todas as razões para considerar um sucesso – já se concretizou em  
 60 cartilhas magnificamente ilustradas e cujo texto, simples, claro  
 e atraente, foi cuidadosamente preparado por especialistas em  
 Educação Fundamental. Que tipo de leitura oferecem esses livros?  
 Além de abrir suavemente ao recém alfabetizado as portas do mundo  
 encantado da leitura, esse grupo de cartilhas é portador de conselhos  
 e ensinamentos básicos referentes à higiene, à agricultura, a assun-  
 tos econômicos e sociais, e oferece também biografias sintéticas de  
 homens representativos da História das Américas.

Tenciono a Divisão de Educação de nosso Departamento criar  
 em toda a América Latina o maior número possível de bibliotecas

populares que com o tempo hão de crescer em torno do núcleo inicial constituído por essas 60 cartilhas. Instalamos 500 bibliotecas na Nicarágua e outras 500 em Costa Rica e já despachamos materiais para outras tantas no Equador, na Bolívia e no país que hoje tão cavalheirescamente nos hospeda.

Esperamos, senhores Delegados, contar sempre com recursos financeiros que nos permitam não só manter como também ampliar esse magnífico projeto.

238 Como escritor e como cidadão das Américas, sempre me tem preocupado e até mesmo alarmado o desconhecimento em que vivem os povos latino-americanos uns dos outros. Em alguns casos é quase como se fôssemos antípodas. Quando não é a geografia, a distância que nos separa são fatores de ordem econômica, as dificuldades financeiras das viagens, que impedem um maior intercâmbio de pessoas. Mas, pior que tudo isso é a indiferença, que nasce do nosso desconhecimento da arte, da literatura, da história e da vida de nossos vizinhos e irmãos. As embaixadas constituem a garantia da continuidade de nossas relações políticas e diplomáticas. Os problemas econômicos são geralmente de tal natureza, que mais tarde ou mais cedo, na medida de sua gravidade ou urgência, acabam por forçar uma solução que se corporifica num convênio, num tratado ou na fundação dum Banco. Mas que dizer dos problemas culturais?

Há pouquíssimos dias realizou-se na capital de Porto Rico uma reunião de mesa redonda para discutir os meios de intensificar o conhecimento mútuo entre os países da América. A essa mesa redonda – organizada pelo nosso Departamento, sob os auspícios do Departamento de Estado de Porto Rico, com a colaboração da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos – compareceram cerca de quarenta humanistas, professores e escritores de vários países do Continente, os quais, num ambiente de camaradagem e da mais absoluta franqueza, discutiram as causas que impedem ou limitam o conhecimento mútuo dos diferentes países e culturas do Continente

e aconselharam as medidas práticas que, a seu ver, poderão resolver o problema. Creio que os resultados dessa reunião – da qual tive a honra de participar com meu companheiro de trabalho, o Dr. Aníbal Sánchez Reulet – poderão ser examinados nesta Reunião, se o Conselho assim o desejar. Acresce ainda que se encontra entre nós o Dr. Arturo Morales Carrión, Subsecretário de Estado de Porto Rico, um dos inspiradores e das principais figuras da aludida mesa redonda.

Creio firmemente que a União Pan-Americana, através de seu Departamento de Assuntos Culturais, pode ser o centro coordenador e ao mesmo tempo executor dum programa que vise aproximar todas as nações do Continente no campo das relações culturais e humanas.

Uma das divisões mais importantes de nosso Departamento é, por certo, a de Filosofia, Letras e Ciências, cujas atribuições, possibilidades e aspirações estão contidas na segunda e na terceira parte do Programa Cultural. Dentre seus projetos que eu gostaria de ver levados a cabo, dou especial relevo aos que mencionarei a seguir.

A terminação dum “Dicionário da Literatura Latino-Americana”, no qual se apresentará a história da evolução literária dos países latinos do Novo Mundo, desde os tempos coloniais até hoje. Esta obra contribuirá para eliminar o isolamento existente entre as três culturas da América Latina: a hispano-americana, a luso-americana e a franco-americana. O trabalho desse dicionário já está bastante avançado.

A continuação da série de traduções de livros representativos da literatura latino-americana, que foi iniciada, há alguns anos, sob os auspícios da UNESCO e da OEA, e que contribuirá para a difusão dessas obras em língua inglesa. Há uma dezena de obras já traduzidas, e será uma lástima que não possam ser publicadas por falta de apoio financeiro.

Ninguém ignora a importância dos estudos sociológicos e o crescente interesse que eles despertam em nossos países. A finalidade de nossa Seção de Ciências Sociais é a de estimular esses estudos,

prestando informações aos governos, às instituições culturais e a professores e estudantes, ao mesmo tempo que organiza seminários, reuniões de mesa redonda em que são discutidos problemas sociológicos e antropológicos das Américas. Entre os projetos novos dessa Seção, parecem-me de especial utilidade prática os que visam preparar especialistas e fomentar as pesquisas no campo das ciências sociais. E nós nos sentiríamos felizes se o presente Conselho, depois de examinar todos esses projetos por intermédio das comissões competentes, recomendar ao Conselho da Organização que lhes dê todo o amparo orçamentário possível.

240 Todos sabem que a liberação da energia armazenada nos núcleos atômicos determinou o começo duma nova era cuja influência na vida da humanidade será com toda a certeza mais intensa do que a exercida, em sua época, pela chamada Revolução Industrial. A energia atômica, que já mudou a face da guerra e da política internacional, dentro de pouquíssimos anos estará possivelmente revolucionando a economia e a indústria, mercê de sua aplicação a fins pacíficos e construtivos. Isso me faz pensar na valiosa contribuição que poderia prestar nossa Seção de Ciência e Tecnologia como centro coordenador e organizador da Conferência Interamericana sobre o Uso Pacífico da Energia Atômica, a qual se propõe em nosso Programa de Ação Cultural e cuja realização consideramos necessária e urgente, especialmente nos países da América Latina.

Desejo recordar-vos também que nosso Departamento conta com uma excelente biblioteca – a Biblioteca Comemorativa de Colombo – especializada em assuntos americanos e que vem prestando incalculáveis serviços à causa da aproximação cultural dos povos das Américas, bem como ao desenvolvimento da biblioteconomia em nossos países.

E agora, saltando do domínio da energia atômica e da biblioteca para o das artes – vejam os senhores Representantes o ecletismo deste Departamento – eu vos direi que não sei de terreno



mais propício para uma fraternal compreensão entre os povos do que o da música e o das artes visuais. É lamentável que as seções que tratam desses assuntos tenham de trabalhar com um tão reduzido orçamento. Necessitamos de mais recursos não só para continuar levando a Washington pintores, escultores, cantores, músicos e compositores latino-americanos, como também e principalmente para levar a cabo, no âmbito continental, um plano de intercâmbio artístico.

Por ocasião de sua primeira reunião na Cidade do México em 1951, este Conselho encarregou sua comissão permanente de estudar a conveniência de criar filmotecas circulantes e realizar exposições culturais interamericanas. Peço licença para dizer que faz muito tempo que não só estamos convencidos da necessidade desses projetos como também já temos prontos os planos para levá-los a cabo. O que nos falta – perdoai-me a insistência – é apenas amparo financeiro.

Há poucas semanas musicólogos de diversos países americanos, reunidos em Washington numa mesa redonda sob os auspícios da Seção de Música de nosso Departamento, discutiram problemas de interesse comum e, levando em consideração os artigos 5 e 6 da Resolução IX aprovada pela Primeira Reunião deste Conselho, fundaram o Centro Americano de Música, com o objetivo de, trabalhando em estreita colaboração com o Conselho Internacional de Música, coordenar as atividades musicais do Continente. Desejamos e esperamos o beneplácito deste Conselho para nova instituição.

Um dos pontos importantes da Agenda desta Segunda Reunião é, sem a menor dúvida, a avaliação dos estudos preparados pela Comissão de Ação Cultural, entre os quais avultam, pelo seu sentido prático, o que se refere à revalidação de títulos e equivalência de estudos, o que examina a conveniência ou não de ter reuniões periódicas de reitores, diretores de faculdades e professores, e o que comenta o Projeto de Convenção sobre Intercâmbio de Publicações. Mas, pelo seu alcance moral e pelo que significa como declaração de princípios,

o documento mais importante que a Comissão de Ação Cultural vos apresenta é o projeto duma Carta Cultural da América, baseada na recopilação que a Seção de Letras de nosso Departamento fez de todas as normas culturais – cerca de 3.850 - enunciadas nas convenções e nas resoluções e recomendações aprovadas nas reuniões interamericanas oficiais e semioficiais, desde 1889 até nossos dias.

Não sei de que novas tarefas este Conselho incumbirá sua Comissão Permanente, mas posso afirmar que, sejam elas quais forem, nosso Departamento considerará um privilégio e um prazer prestar serviços de secretaria aos ilustrados homens de pensamento que compõem a Comissão de Ação Cultural.

E agora, senhores Representantes, com a má consciência de quem sente que abusou de vossa tolerância, termino este discurso, pedindo-vos que leveis as minhas sugestões e pedidos aparentemente impertinentes à conta de meu desejo de bem servir à Organização dos Estados Americanos. Os problemas que temos pela frente são muito sérios e urgentes. O menos que nós, os da Secretaria Geral, podemos fazer é falar alto e claro, à luz de nossa experiência, dizendo

## Palavras pronunciadas pelo Secretário Executivo, Sr. Dr. Erico Verissimo<sup>49</sup>

Senhor Presidente do Conselho Cultural Interamericano, demais Membros da Mesa, Senhores Representantes, meus Amigos:

Falo em nome da Representação da Organização dos Estados Americanos e falarei pouco para que meus Amigos não me queiram menos.

Em primeiro lugar, quero reiterar meus agradecimentos, ao Governo do Peru, na pessoa do seu ilustre Ministro de Educação, [visto] que o Peru é um país que está hoje já firmado, arraigado na nossa geografia sentimental e eu, pessoalmente, incorporo Lima às muitas cidades que amo, na América.

Agradeço, também, aos senhores Delegados, Representantes dos países americanos dos Estados Membros, pela sua magnífica colaboração, pelo seu espírito de compreensão, que tornou possível o sucesso desta reunião e a realização dos sonhos do Secretário Executivo do Conselho Interamericano Cultural.

243

Há poucos dias, aqui nesta mesma tribuna, eu fazia um discurso um pouco histórico, em que pedia, suplicava, que não se votassem recomendações para as quais não houvesse amparo financeiro. Meus sonhos se realizaram da melhor maneira possível, o que me faz crer que todos os milagres são possíveis, nesta bela cidade de Lima.

Dentro de três meses pedirei demissão do meu cargo da União Pan-Americana e voltarei ao meu país e ao meu velho ofício de escritor. Menciono este fato, não que tenha importância

---

<sup>49</sup> Pronunciamento de Erico Verissimo na sessão de encerramento, realizada em 12 de maio de 1956. [N. da Org.]

continental nem municipal, mas porque me coloca numa posição muito favorável para dizer aos representantes o que sinto. Quero aproveitar esta grande e, talvez, única oportunidade para dizer aos representantes dos Estados Membros da Organização dos Estados Americanos que, dificilmente, se encontrará organismo nacional e internacional composto de gente mais competente, leal e dedicada que a União Pan-Americana.

Desejo, ainda, dirigir a meus companheiros do Departamento Cultural meu agradecimento. Graças a esses meus queridos Amigos a minha tarefa não só se tornou mais fácil, como, também, mais agradável. Quero, especialmente, mencionar o trabalho que realizou grande parte do meu Departamento, nesta Conferência. Claro que era essa a nossa obrigação, mas há muitas maneiras de se cumprir o dever: há a maneira do “robot”, maneira fria da máquina, e há, também, a maneira humana e afetuosa. E, com essa maneira humana e afetuosa, é que trabalharam meus companheiros.

244 Quero dirigir meus agradecimentos aos funcionários do Governo peruano, que nos ajudaram, aos funcionários desta Casa, aos tradutores, aos revisores, às taquígrafas e taquígrafos, a toda essa gente eficaz, que trabalhou, muitas vezes, mais de quinze horas por dia. Agradeço, por outro lado, a colaboração preciosa que nos deu a UNESCO, através de seus funcionários simpaticíssimos e eficientes.

Considero esta Conferência um grande sucesso. Mas, se me perguntarem qual foi a ponência mais importante que se aprovou aqui e que aqui se apresentou, eu diria que foi a ponência que não se escreveu, foi a ponência que se viveu. O mais importante, numa reunião desta natureza, é o fato de que pessoas de todos os países da América aqui se encontram, dialogam e se entendem. Portanto, como escritor, imagino essa ponência admirável, que seria assim:

CONSIDERANDO que os ideias americanos de liberdade, igualdade e fraternidade devem ser mantidos e que a crise que o

mundo atravessa não é, apenas, uma crise econômica e social, mas uma crise de bondade, amizade e beleza,

**RESOLVE:**

Que os povos da América se encontrem, se visitem, se compreendam e se ajudem mutuamente e, como resultado de tudo isso, se estimem e se amem.

Muito obrigado.

## **Speech at the U.S National Commission for Unesco at Milwaukee**

### **Dr. Verissimo's speech <sup>50</sup>**

In these post-war years, when international agencies have proliferated as never before in history, there has been serious concern in many quarters that overlapping of the various organizations would lead to a useless duplication of effort, with consequent confusion, and waste of the limited resources which the Member States are able to make available. It is with pleasure then that I am able to report on one sector in which two organizations have not merely avoided duplication, but have entered into a highly profitable relation of cooperation.

Since its inception in 1889, the Organization of American States – probably better known to most of you by former name of Pan American Union – has furthered collaboration in all fields among  
246 the twenty-one American Republics. Cultural activities have been developed especially since 1920's, when a Division of Education was established, later superseded by a Division of Intellectual Cooperation, now the Department of Cultural Affairs, which it is my honor to direct.

With the establishment of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, it became clear that, insofar as the Western Hemisphere was concerned, its activities would in large measure parallel ones carried out by the Organization of American States. The desirability of a working arrangement between the two entities was obvious, and in December 1950 an Agreement was signed at Havana, providing for mutual consultation, representation of one organization at the meetings of the other, exchange of information, and joint action with a view to attaining objects of

---

50 Dr. Verissimo's Speech before the U.S National Commission for UNESCO, Milwaukee. Presumivelmente de 1956.

common interest. As regards this last item, in February 1953 a Joint Committee of high-ranking representatives of UNESCO and the OAS met in Washington to discuss specific points at which the two organizations might enter in to active cooperation, and to suggest the means whereby such cooperation might be made effective. The recommendation stemming from this meeting covered no fewer than 48 topics!

Agreements and the recommendations of committees have an unfortunate tendency to remain on paper, however. Just what has actually come of all the good intentions, eloquently expressed?

One of the greatest problems of Latin America today – as of many other parts of the world – is that of illiteracy. It is estimated that in the countries south of the Rio Grande there are no less than 70.000.000 adults who can neither read nor write. Here in the United States, grave concern is currently expressed at overcrowding in the public schools. In Latin America, however, it is calculated that 14.000.000 children have no schools at all to attend. The problem is not one school buildings alone, but of teachers and texts as well. If some of the larger nations, such as Mexico, have initiated their own literacy campaigns, many of the smaller and poorer countries lack not only facilities but also the trained technical personnel for undertaking action of this type.

247

The attack on illiteracy is therefore an ideal field for international technical assistance, and the OAS and the UNESCO have been carrying out a joint program of impressive proportions.

With the aim for gathering indispensable information and obtaining expert opinion with regard to the various aspects of the problem, the two organizations have co-sponsored a series of inter-American education seminars, attended by representatives of nearly all the countries of our hemisphere. The first seminar was held in Caracas in 1948 and took up the question of fundamental education, that is, not merely the teaching of reading and writing,

but the imparting of basic principles of hygiene, civics, etc. A seminar on Literacy and adult education was held in Petropolis, Brazil, in 1949, and a seminar on elementary education met in Montevideo in 1950. A seminar on secondary education has been called for the end of this year in Santiago de Chile. Many monographs and studies resulting from these meeting have been published, and it is felt that the discussions have been exceedingly fruitful.

Putting into practice recommendations of the seminars, the OAS and the UNESCO established two agencies aimed respectively at teacher training and at textbook production. Their activities are oriented and supervised by a coordinating committee, representative of both organizations.

248 The Latin American Regional Center for Fundamental Education – generally known as CREFAL, from the initials of its Spanish name – was established in Pátzcuaro, Mexico, to prepare leaders for national campaigns against illiteracy. One hundred and eighteen teachers are currently in attendance. The Center has been primarily under the direction of the UNESCO, but OAS makes as annual contribution of \$40.000 to its operation. By the terms of an agreement now under discussion, that sum will henceforth be devoted to scholarships for those attending the Center.

Meanwhile, the Latin American Bureau for the Production of Fundamental Educations Materials was established at the Pan American Union in Washington. This is essentially a concern of the OAS, and its main function is the preparation of primers, filmstrips, and posters for use in the literacy campaigns being carried out in the Spanish-speaking countries. The primers are small, illustrated booklets, of carefully controlled vocabulary, dealing with such topics as tuberculosis, the care of children, the life of Simón Bolívar, cooperatives, and the legend of Quetzalcoatl. Twenty-four titles have been issued to date, and the size of the average printing in 10.000. Cooperation in other lines has included the loan to the UNESCO



of the services of a specialist in vocational education for a recent four-months project.

Collaboration between the OAS and the UNESCO has by no means been confined to the realm of education. In 1951 the two organizations sponsored a Conference on the Development of Public Library Services in Latin America, which was held in São Paulo, Brazil. It was attended by about 250 librarians from most of the Latin American countries, who discussed the main problems facing them and reached important agreements for the improvement of their services. Consultation and exchange of information in matters of library science and services have been frequent, and the UNESCO extended its collaborations to the Inter-American Meeting of Agricultural Librarians held under the auspices of the OAS last year in Turrialba, Costa Rica.

While there has been no formal arrangement for cooperation in the field of music, the former Chief of the Music Section of the Pan American Union was one of the leaders in the formation of the International Music Council, which, as you know, is subsidized by the UNESCO.

249

Our Section of Science and Technology maintains regular relations with the UNESCO's Science Cooperation Office for Latin America in Montevideo, and the two have planned to combine their directories of Latin American scientists and scientific institutions in a single, revised publication. The material of our science news service, furnished monthly to leading dailies in Latin America, has been made available to the UNESCO, which has had much of the it translated and published in 100 languages in 5000 newspapers throughout the world.

With regard to the social sciences, the OAS gathered the material corresponding to Latin America for the UNESCO's survey of research in progress in the social science field. The OAS also contributes to the Latin American section of the UNESCO's

International Social Science Bulletin. The OAS helped prepare, and participated in, the round table on the teaching of the social sciences in Latin America which was organized by the UNESCO in Costa Rica this past summer, and the UNESCO has requested that such cooperation be extended to future round tables.

In the field of *belles-lettres*, the OAS and the UNESCO have embarked upon a program of translation and publication, in English and French, of classics of Latin American literature and thought. The Division of Philosophy, Letters and Sciences of the Pan American Union drew up a list of representative works which was passed upon by a committee of experts of the UNESCO. The first three volumes of the English series are soon to be brought out by the Indiana University Press, with which a special arrangement was made for their publication. These volumes are: an anthology of Mexican poetry; selected writings of the Cuban patriot José Martí; and *The Cross and the Sword*, a Dominican historical novel the English version of which was made by the well-known writer Robert Graves. Other books of the series are in various stages of preparation.

250

Finally, the OAS and the UNESCO have collaborated in several meetings of a specialized character, such as the recent round table in São Paulo on cultural relations between the Old World and the New.

I feel that this beginning – for such it is – is one of which both the OAS and the UNESCO may well be proud, and one that augurs well for our continued joint action in the future.

In terminating these remarks, I should like to express my appreciation of one last bit of cooperation: namely, the opportunity to be present at this meeting and to address you today. Thank you very much!

# **Discurso na Comissão Nacional dos Estados Unidos para a Unesco em Milwaukee**

**Discurso do Dr. Verissimo**

**(Tradução do inglês)**

Nestes anos do pós-guerra, quando as agências internacionais proliferaram como nunca antes na história, houve uma séria preocupação em muitos setores de que a sobreposição das várias organizações levaria a uma duplicação inútil de esforços, com uma consequente confusão e desperdício de recursos limitados que os Estados-Membros possam disponibilizar. É com prazer, portanto, que posso dar conta de um setor em que duas organizações não apenas evitaram a duplicação, mas entraram em uma relação de cooperação altamente lucrativa.

Desde a sua criação em 1889, a Organização dos Estados Americanos - provavelmente mais conhecida por muitos dos senhores pelo antigo nome de União Pan-Americana - promoveu a colaboração em todos os campos entre as vinte e uma repúblicas americanas. As atividades culturais foram desenvolvidas especialmente desde a década de 1920, quando uma Divisão de Educação foi criada, posteriormente substituída por uma Divisão de Cooperação Intelectual, agora o Departamento de Assuntos Culturais, que tenho a honra de dirigir.

Com o estabelecimento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, ficou claro que, no que se refere ao Hemisfério Ocidental, suas atividades seriam em grande medida paralelas às realizadas pela Organização dos Estados Americanos. A conveniência de um acordo de trabalho entre as duas entidades era óbvia e, em dezembro de 1950, foi assinado um Acordo em Havana, proporcionando consulta mútua, representação de uma organização nas reuniões da outra, troca de informações e ação

conjunta com vistas a para alcançar objetos de interesse comum. Em relação a este último item, em fevereiro de 1953, um Comitê Conjunto de altos representantes da UNESCO e da OEA se reuniu em Washington para discutir pontos específicos nos quais as duas organizações poderiam entrar em cooperação ativa e sugerir os meios pelos quais essa cooperação poderia ser efetivada. A recomendação resultante desta reunião abrangeu nada menos do que 48 tópicos!

Os acordos e as recomendações dos comitês, no entanto, têm uma tendência infeliz de permanecer no papel. O que de fato resultou de todas as boas intenções, expressas eloquentemente?

Um dos maiores problemas da América Latina hoje - como em muitas outras partes do mundo - é o analfabetismo. Estima-se que nos países ao sul do Rio Grande não haja menos de 70.000.000 de adultos que não sabem ler nem escrever. Aqui nos Estados Unidos, atualmente se expressa grande preocupação com a superlotação nas escolas públicas. Na América Latina, no entanto, calcula-se que 14.000.000 de crianças não têm nenhuma escola para frequentar. O problema não é apenas o edifício escolar, mas também professores e textos. Se algumas das nações maiores, como o México, iniciaram suas próprias campanhas de alfabetização, muitos dos países menores e mais pobres carecem não apenas de instalações, mas também do pessoal técnico treinado para realizar ações desse tipo.

252

O ataque ao analfabetismo é, portanto, um campo ideal para a assistência técnica internacional, e a OEA e a UNESCO têm realizado um programa conjunto de proporções impressionantes.

Com o objetivo de reunir informações indispensáveis e obter a opinião de especialistas sobre os vários aspectos do problema, as duas organizações copatrocinaram uma série de seminários interamericanos sobre educação, com a participação de representantes de quase todos os países do nosso hemisfério. O primeiro seminário foi realizado em Caracas, em 1948, e abordou a questão do ensino fundamental, ou seja, não apenas o ensino da leitura e da escrita,

mas a transmissão de princípios básicos de higiene, educação cívica etc. Um seminário sobre alfabetização e educação de adultos foi realizado em Petrópolis, Brasil, em 1949, e um seminário sobre ensino fundamental se reuniu em Montevidéu, em 1950. Um seminário sobre ensino médio foi convocado para o final deste ano em Santiago do Chile. Muitas monografias e estudos resultantes dessas reuniões foram publicados e considera-se que as discussões foram extremamente proveitosas.

Pondo em prática as recomendações dos seminários, a OEA e a UNESCO estabeleceram duas agências destinadas, respectivamente, à formação de professores e à produção de livros didáticos. Suas atividades são orientadas e supervisionadas por um comitê coordenador, representante de ambas as organizações.

O Centro Regional Latino-Americano de Educação Fundamental - conhecido como CREFAL, a partir das iniciais de seu nome em espanhol - foi estabelecido em Pátzcuaro, México, a fim de preparar líderes para campanhas nacionais contra o analfabetismo. Atualmente, cento e dezoito professores estão presentes. O Centro está sob a direção da UNESCO, mas a OEA contribui anualmente com US \$ 40.000 para sua operação. Pelos termos de um contrato agora em discussão, esse montante será dedicado a bolsas de estudo para os participantes do Centro.

Enquanto isso, o Escritório Latino-Americano de Produção de Materiais para a Educação Fundamental foi estabelecido na União Pan-Americana em Washington. Isso é essencialmente uma preocupação da OEA, e sua principal função é a preparação de cartilhas, diapositivos e pôsteres para uso nas campanhas de alfabetização realizadas nos países de língua espanhola. As cartilhas são pequenos folhetos ilustrados, de vocabulário cuidadosamente controlado, que tratam de tópicos como tuberculose, cuidados com crianças, vida de Simón Bolívar, cooperativas e a lenda de Quetzalcoatl. Até a presente data, foram lançados 24 títulos e a tiragem média de impressão é

de 10.000. A cooperação em outras áreas incluiu o empréstimo à UNESCO dos serviços de um especialista em educação profissional para um projeto recente de quatro meses.

A colaboração entre a OEA e a UNESCO não se limita de maneira alguma ao campo da educação. Em 1951, as duas organizações patrocinaram uma Conferência sobre o Desenvolvimento de Serviços de Bibliotecas Públicas na América Latina, realizada em São Paulo, Brasil. Estiveram presentes cerca de 250 bibliotecários da maioria dos países da América Latina, que discutiram os principais problemas enfrentados e chegaram a importantes acordos para a melhoria de seus serviços. A consulta e o intercâmbio de informações em assuntos de biblioteconomia e serviços têm sido frequentes, e a UNESCO estendeu suas colaborações ao Encontro Interamericano de Bibliotecários Agrícolas, realizado sob os auspícios da OEA no ano passado em Turrialba, Costa Rica.

254 Embora não tenha havido um acordo formal de cooperação no campo da música, o ex-chefe da Seção de Música da União Pan-Americana foi um dos líderes na formação do Conselho Internacional de Música, que, como os senhores sabem, é subsidiado pela a UNESCO.

Nossa Seção de Ciência e Tecnologia mantém relações regulares com o Escritório de Cooperação Científica da UNESCO para a América Latina, em Montevideu, e os dois planejam combinar seus diretórios de cientistas e instituições científicas da América Latina em uma única publicação revisada. O material de nosso serviço de notícias científicas, fornecido mensalmente para os principais jornais da América Latina, foi disponibilizado à UNESCO, que teve grande parte dele traduzido e publicado em 100 idiomas em 5000 jornais em todo o mundo.

Com relação às ciências sociais, a OEA reuniu o material correspondente à América Latina para o levantamento de pesquisa da UNESCO em andamento no campo das ciências sociais. A OEA

também contribui com a seção latino-americana do Boletim Internacional de Ciências Sociais da UNESCO. A OEA ajudou a preparar e participou da mesa-redonda sobre o ensino das ciências sociais na América Latina, que foi organizada pela UNESCO na Costa Rica no verão passado, e a UNESCO solicitou que essa cooperação fosse estendida a futuras mesas-redondas.

No campo das belas artes, a OEA e a UNESCO iniciaram um programa de tradução e publicação, em inglês e francês, de clássicos da literatura e do pensamento latino-americanos. A Divisão de Filosofia, Letras e Ciências da União Pan-Americana elaborou uma lista de obras representativas que foi revista por um comitê de especialistas da UNESCO. Os três primeiros volumes da série em inglês serão lançados em breve pela Indiana University Press, com a qual foi feito um arranjo especial para sua publicação. Esses volumes são: uma antologia da poesia mexicana; escritos selecionados do patriota cubano José Martí; e *A Cruz e a Espada*, um romance histórico dominicano cuja versão em inglês foi feita pelo conhecido escritor Robert Graves. Outros livros da série estão em vários estágios de preparação.

255

Por fim, a OEA e a UNESCO colaboraram em várias reuniões de caráter especializado, como a recente mesa redonda em São Paulo sobre as relações culturais entre o Velho Mundo e o Novo.

Sinto que esse começo – pois ele o é - constitui um dos quais tanto a OEA quanto a UNESCO podem muito bem se orgulhar, e é de bom augúrio para nossa ação conjunta contínua no futuro.

Ao encerrar essas observações, gostaria de expressar minha gratidão por uma última pequena cooperação: a oportunidade de estar presente nesta reunião e dirigir-me hoje aos senhores. Muito obrigado!

